



Universidade Federal de Minas Gerais

Reitora: Prof.^a Sandra Regina Goulart Almeida

Vice-Reitor: Prof. Alessandro Fernandes Moreira

Faculdade de Letras da UFMG

Diretora: Prof.^a Sueli Maria Coelho

Vice-Diretor: Prof. Georg Otte

FuLiA/UFMG – revista sobre Futebol, Linguagem, Artes e outros Esportes

EDITORES

Gustavo Cerqueira Guimarães (FULIA-UFMG, Brasil)

Marcelino Rodrigues da Silva (UFMG, Brasil)

EDITORES DE SEÇÃO

Dossiê – OLHARES OLÍMPICOS: ESTUDOS SOBRE MÍDIA, JORNALISMO E COMUNICAÇÃO

Dr. Francisco Pinheiro (CEIS-UC, Portugal)

Dra. Rita Nunes (Comitê Olímpico de Portugal, Portugal)

CONSELHO EDITORIAL

Aldo Italo Panfichi, PUC, Peru

Álvaro do Cabo, UFRJ

Andréa Casa Nova Maia, UFRJ

Andréa Sirihal Werkema, UERJ

André Alexandre Guimarães Couto, CEFET-RJ

André Mendes Capraro, UFPR

Arlei Damo, UFRGS

Bernardo Borges Buarque de Hollanda, FGV

César Teixeira Castilho, UFMG

Cleber Dias, UFMG

Edônio Alves Nascimento, UFPB

Elcio Loureiro Cornelsen, UFMG

Euclides de Freitas Couto, UFSJ

Fabiana Lúcia Campos Baptista, Uni-BH

Fábio Franzini, UNIFESP

Flávio de Campos, USP

Francisco Ângelo Brinati, UFSJ

Francisco Pinheiro, Univ. de Coimbra, Portugal

Jorge Dorfman Knijnik, W. Sydney University, Austrália

José Carlos Marques, UNESP

José Geraldo Vinci de Moraes, USP

Leda Maria da Costa, UERJ

Leonardo Turchi Pacheco, UNIFAL-MG

Luis Maffei, UFF-RJ

Luiz Carlos Ribeiro, UFPR

Luiz Henrique de Toledo, UFSCar

Marcelino Rodrigues da Silva, UFMG

Marcel Vejmelka, Univ. de Mainz, Alemanha

Mauricio Murad, UERJ; Universo-RJ
Pablo Alabarces, UBA, Argentina
Pedro Henrique Trindade Kalil Auad
Plínio Ferreira Guimarães, IFES
Rafael Fortes Soares, UFRJ
Rodrigo Caldeira Bagni Moura, UFRJ
Sérgio Settani Giglio, UNICAMP
Silvana Vilodre Goellner, UFRGS; UFPel
Silvio Ricardo da Silva, UFMG
Tatiana Pequeno, UFF
Victor Andrade de Melo, UFRJ
Wagner Xavier de Camargo, Brasil
Wilberth Clayton Ferreira Salgueiro, UFES
Yvonne Hendrich, Univ. de Mainz, Alemanha

PARECERISTAS AD HOC

Carlos Nolasco, CES-UC/Portugal
Gustavo Cerqueira Guimarães
Irlã Simões
João Paulo Avelãs Nunes, CEIS20-UC/Portugal
João Tiago Lima, Universidade de Évora/Portugal
Joaquín Marín Montín, Univ. Sevilla/Espanha
Rita Nunes, COP/Portugal
Victor de Leonardo Figols

COORD. EDITORIAL, EDITOR DE SEÇÕES, EDITORAÇÃO ELETRÔNICA E DIAGRAMAÇÃO

Gustavo Cerqueira Guimarães

PREPARAÇÃO DE ORIGINAIS E REVISÃO

Francisco Pinheiro (CEIS-UC/Portugal)

PROJETO GRÁFICO

PeDRa LeTRa

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA EM REDES SOCIAIS

Núcleo FULIA

IMAGEM (*Favicon* do portal)

Pablo Lobato (Brasil/MG)
Um a zero #2, 2012

IMAGEM DA CAPA

Cerimônia de Abertura das Olimpíadas de Pequim, fotografia, 2008.

Fonte: *El País* [Percussionistas se apresentam durante a Cerimônia de Abertura de Pequim].

APRESENTAÇÃO

Olhares olímpicos: estudos sobre mídia, jornalismo e comunicação

Francisco Pinheiro; Rita Nunes | 3-10

DOSSIÊ

Estética de ouro: o monopólio da imagem olímpica como toque de Midas do COI

Katia Rubio; Rafael Veloso; William de Almeida | 11-29

Imprensa e olimpismo: a primeira participação portuguesa nos Jogos Olímpicos

Francisco Pinheiro; Carlos Nolasco | 30-64

Quando o olimpismo sucumbe à sedução do totalitarismo: os Jogos Olímpicos de Berlim e o cerimonial olímpico

Elcio Cornelsen | 65-87

A mulher paratleta e a cobertura jornalística dos Jogos Paralímpicos Rio 2016

Neide Carlos; José Carlos Marques | 88-115

Entre o espírito olímpico e o “Discurso Agonístico” a narrativa dos medalhistas de ouro do Brasil nos Jogos Olímpicos de Tóquio 2020

Ana Karina Oliveira; André Mendes | 116-132

Valores olímpicos: heróis e vilões no futebol através das lentes do Reddit

Manuel João Cruz | 133-166

"As mulheres estão aqui, as mulheres estão com fome": explorando articulações de empoderamento e feminismo em espaços digitais

Aneta Soldati | 167-188

Uma nova era no olimpismo? Uma análise de Paris 2024 através dos media

Joaquín Marín Montín | 189-208

PARALELAS

O espectro do hooliganismo nos estádios britânicos I: uma experiência de pesquisa

Bernardo Buarque de Hollanda | 209-235

Beleza cinética e transcendência atlética David Foster Wallace e o tênis como experiência estética, espiritual e cultural

César Teixeira Castilho | 236-249

Olhares olímpicos: estudos sobre mídia, jornalismo e comunicação

Na linha de continuidade do dossiê *Olhares olímpicos: os jogos em perspectiva pelas humanidades*, lançado pela revista **FuLiA/UFMG**, v. 9, n. 3, 2024, publicamos este novo dossiê, dedicado aos estudos sobre olimpismo, mais uma vez na sua interação com as temáticas das humanidades, nomeadamente os mídia, jornalismo e comunicação, promovendo sobretudo estudos no âmbito da lusofonia, em especial na relação luso-brasileira. Recordamos que em 2024 se realizaram os Jogos Olímpicos de Paris, precisamente num ano em que se comemorava o centenário das Olimpíadas de 1924, que tiveram um enorme impacto na imprensa internacional, contribuindo decisivamente, por exemplo, para a criação do primeiro jornal diário desportivo português, o *Diário de Sport*, nesse mesmo ano.

Mais uma vez acreditamos que dedicar uma edição da **FuLiA/UFMG** à relação entre olimpismo, mídia, jornalismo e comunicação é, em si mesmo, uma aposta ousada, sobretudo no contexto académico e científico luso-brasileiro (acentua-se no caso português), onde se revela um paradoxo: o desporto é um dos mais representativos fenómenos da cultura popular mas tem uma mitigada atenção académica, sobretudo a partir do enfoque científico das humanidades e das ciências sociais. O mesmo sucede ao nível do próprio jornalismo luso-brasileiro, em que a vertente desportiva (muitas vezes secundarizada) tem um papel hegemónico ao nível das audiências, embora de cariz enviesado, com o futebol a dominar a narrativa mediática sobre desporto. Salientamos também que do ponto de vista comemorativo se justificava esta temática nesta altura, uma vez que 2024 foi ano olímpico e ano do centenário da histórica edição dos Jogos Olímpicos de Paris de 1924, com um incontornável impacto na história dos mídia, do jornalismo e da comunicação, como referimos anteriormente.

Acentuamos, mais uma vez, que do ponto de vista científico ainda continuamos a ter uma academia herdeira da tradição dos estudos anglo-saxónicos sobre desporto, envolvendo o próprio movimento olímpico, cristalizados nas décadas de 60, 70 e 80 do século XX, acostumada a associá-lo aos conceitos de ordem, disciplina,

corpo, alienação e cultura de massas. O desporto e o olimpismo ficam, assim, alinhados epistemologicamente nos campos do lazer e do tempo livre, entendidos como temas menores, afastados das grandes temáticas e problemáticas sociais, como podem ser as dos campos da política ou da economia, por exemplo, que regem as dinâmicas internacionais e a própria ideia de tempo presente. Por outro lado, no campo ocupado pelos média, jornalismo e comunicação, assistimos a um crescimento exponencial do fenómeno desportivo ao longo dos séculos XX e XXI, com o olimpismo a desempenhar um papel fundamental nesse processo. Porém, ainda persiste um certo olhar sobre o fenómeno desportivo como um assunto secundário tematicamente, em termos informativos, quando comparado com temas considerados socialmente mais relevantes.

As extensas e imbatíveis audiências globais geradas pelos Jogos Olímpicos, cada quatro anos – e a própria massificação (popular e mediática) que lhe está associada nesse período – levou a algum afastamento da comunidade intelectual, avessa a este género de fenómenos, apelidados, tantas e tantas vezes, de forma pejorativa, como de “massas” ou de “baixa cultura” (embora termos em desuso, ainda por vezes utilizados). Porém, ao contrário do futebol, muito mais popular, o movimento olímpico beneficiou de um certo elitismo relacionando com os seus praticantes, assim como com os ideais olímpicos e as suas múltiplas dimensões políticas, económicas e sociais, analisadas à luz de disciplinas como a história, a sociologia, a filosofia, as relações internacionais, o direito, a educação física ou as ciências do desporto, entre outras.

O movimento olímpico moderno, nascido em finais do século XIX e popularizado no século XX, chegou ao novo milénio como elemento criador de modas e comportamentos à escala global, assumindo-se como um “facto social total” (na aceção de Mauss)¹ e complexo, carente de reflexão e investigação por parte das humanidades e das ciências sociais, assim como do enfoque disciplinar do jornalismo e das ciências da comunicação. O desafio deste número foi demonstrar, mais uma vez, o quanto o olimpismo pode e deve constituir-se num objeto de pesquisa e investigação

¹ MAUSS. *Ensaio sobre a dádiva*.

no âmbito académico e científico, dada a sua plasticidade social e apelo a abordagens interdisciplinaridades e/ou multidisciplinaridades.

A **FuLiA/UFMG** incluiu, deste modo, o olimpismo como tema central deste dossiê, demonstrando também ela o seu carácter vanguardista, plural e interdisciplinar – em linha com os pressupostos da instituição (UFMG) que lhe está na génese. Como se trata da segunda incursão desta revista (num tempo relativamente curto) a um tema tão complexo (relação olimpismo e humanidades), o desafio foi criar e abrir um espaço de reflexão e discussão sobre o olimpismo na sua relação com os média, jornalismo e comunicação, preferencialmente alimentado por investigações empíricas originais e inovadoras, alargadas a múltiplas visões e temas, que questionassem e pensassem o olimpismo e as suas intersecções com os média, o jornalismo e a comunicação.

No contexto de investigação português (em que se inserem os editores deste número), por exemplo, recordamos que a abordagem ao tema do olimpismo, em termos do seu papel filosófico, humanista, social e histórico, entre outros, tem várias incursões científicas e intelectuais. No âmbito da Universidade de Coimbra, mais uma vez para exemplificar, foram marcantes os contributos, nos anos 1937 e 1938, das obras *Ensaio sobre Desporto*² e *Desporto, Jogo e Arte*³ da autoria do professor universitário e intelectual Sílvio Lima. Mais especificamente nos ensaios *Desporto, guerra e pacifismo* e *Desporto e ascese* abordou as temáticas do olimpismo, a partir de diferentes enfoques e períodos históricos, incluindo a antiguidade grega. Nestes textos ensaísticos, Sílvio Lima lembrou o afastamento dos intelectuais e artistas portugueses com o desporto, sublinhando no ensaio *Arte e jogo, jogo e arte* que o poeta António Botto era, através da obra *Olympíadas* (1927), “o único trovador português da beleza desportiva”.⁴

A fechar o século XX, a temática do olimpismo seria igualmente analisada numa obra editada pela Imprensa da Universidade de Coimbra, em novembro de 2000, quando publicou *O Espírito Olímpico no novo milénio*, coordenada por Francisco Oliveira. Tratava-se de uma coletânea com 17 contributos de investigadores

² Editado em 1937 pela Livraria Sá da Costa-Editora, 1.ª ed.

³ Editado em 1938 pela Livraria Civilização, 1.ª ed.

⁴ LIMA. *Obras Completas de Sílvio Lima, Ensaio sobre o Desporto – Arte e jogo, jogo e arte* (publicado originalmente em 1937), 2002, p. 1013.

de várias universidades portuguesas e estrangeiras, de várias disciplinas, resultantes dos trabalhos apresentados no II Congresso da Associação Portuguesa de Estudos Clássicos.⁵ As temáticas do herói desportivo, da glória desportiva, da exaltação da individualidade e da história olímpica, entre outras, foram abordadas nesta obra. Mas o tema dos média, comunicação e jornalismo acabou por estar ausente deste trabalho coletivo, assumindo, por isso, este número da **FuLiA/UFMG**, um papel pioneiro no contributo para esta área de estudos. E este contributo também é importante ao nível da valorização académica e intelectual dos estudos sobre olimpismo em língua portuguesa. Cinco artigos deste Dossiê são redigidos em português, num total de sete estudos (acresce um em espanhol e outro em inglês) – este número agrega mais dois artigos (em língua portuguesa), ao nível de temáticas Paralelas. Recordamos que várias obras de referência neste campo do olimpismo, média e sociedade são omissas em termos de enquadramento científico de estudos que analisem a dimensão portuguesa ou a lusofonia, como foi o caso da obra *The Olympics, Media and Society*, coordenada em 2015 pelos norte-americanos Kim Bissell e Stephen D. Perry, e centrada exclusivamente na realidade dos EUA.

Este dossiê da **FuLiA/UFMG** foi organizado a partir de uma matriz cronológica, de forma a enquadrar temporalmente os diferentes temas e abordagens, permitindo ao leitor entender a própria evolução histórica da relação entre os temas em análise. O primeiro estudo resulta de uma parceria entre os investigadores brasileiros Katia Rubio, Rafael Campos Veloso e William Douglas de Almeida, com o título “Estética de ouro: o monopólio da imagem olímpica como toque de Midas do COI”. Este artigo recupera o diacronismo da comunicação nos Jogos Olímpicos, e o engendramento das imagens no desporto e posterior monopólio do Comité Olímpico Internacional. E como os autores afirmam, “se no princípio da história olímpica o carácter coletivo era dado na presença do público nos estádios”, essa relação alterou-se “radicalmente com a chegada dos meios de comunicação de massa”. Um artigo instigante que faz várias incursões à história dos Jogos Olímpicos, acabando numa análise ao tempo presente através do *Olympic Channel*.

⁵ Foi organizado na Universidade Católica de Viseu, de 30 a 31 de março de 2000, sob o lema “O Espírito Olímpico no início do novo milénio”.

Após este enquadramento geral da relação entre os temas em análise, segue-se o artigo “Imprensa e Olimpismo: a primeira participação portuguesa nos Jogos Olímpicos”, numa parceria entre o historiador Francisco Pinheiro e o sociólogo Carlos Nolasco. Trata-se de um contributo sobre a forma como os média (através da imprensa escrita) e o olimpismo se têm relacionado na contemporaneidade, centrando-se na primeira participação portuguesa nos Jogos Olímpicos, em Estocolmo-1912. Faz uma análise histórica à estreia olímpica de Portugal, no contexto político do pós-Revolução de 1910, através da imprensa (escrita), retratando o papel do jornalismo desportivo, do movimento olímpico e da ideia de desportista e herói nacional (centrado na figura de Francisco Lázaro) no início do século XX português.

A seguinte abordagem avança temporalmente para os conturbados anos 30 do século XX (Berlim-1936), no artigo “Quando o Olimpismo sucumbe à sedução do totalitarismo”, do investigador brasileiro Elcio Loureiro Cornelsen. Como o prestigiado autor brasileiro refere, “na história dos Jogos Olímpicos na era moderna, a 11^a edição, realizada em Berlim sob o domínio do Terceiro Reich, é o maior exemplo de como o olimpismo sucumbiu à sedução do totalitarismo”. E é aquela que “fornece uma gama de evidências concretas da ingestão de um Estado totalitário na elaboração e execução do cerimonial olímpico, para fins de propaganda ideológica”. O artigo fundamenta-se “em pesquisa de carácter bibliográfico e documental, baseada tanto em referências históricas, quanto em documentação da censura prévia e em matérias publicadas nos jornais alemães”. Aborda as temáticas da propaganda, censura, liberdade de imprensa, relação fascismo-imprensa, tendo como pano de fundo os Jogos Olímpicos da Alemanha nazi.

Em “A mulher paratleta e a cobertura jornalística dos Jogos Paralímpicos Rio 2016: uma leitura das páginas de *O Estado de S. Paulo*”, Neide Maria Carlos e José Carlos Marques analisam discursivamente a representação da mulher paratleta nos Jogos do Rio de 2016. Tendo como objeto o jornal *O Estado de S. Paulo*, um dos mais tradicionais do Brasil, o estudo articula conceitos de fotografia, corpo, gênero e discurso jornalístico, para evidenciar a insuficiente visibilidade feminina na cobertura esportiva. Amparado na análise do discurso de índole francesa, o artigo oferece uma reflexão crítica sobre os enunciados presentes nas páginas do periódico paulista.

De Rio-2016 para Tóquio-2020 (realizado em 2021, por causa da pandemia do Covid-19), através de um artigo dos investigadores brasileiros Ana Karina de Carvalho Oliveira e André Melo Mendes, com o título “Entre o espírito olímpico e o ‘Discurso Agonístico’: a narrativa dos medalhistas de ouro do Brasil nos Jogos Olímpicos de Tóquio 2020”. Este estudo analisa as declarações públicas dos atletas brasileiros que foram medalha de ouro nas Olimpíadas de Tóquio 2020, a partir de duas hipóteses: “primeiro, de que elas mantêm uma mesma estrutura discursiva; segundo, de que os valores e crenças ali expressados estariam mais próximos de um ‘Discurso Agonístico’ do que do ideal do ‘espírito olímpico’”. Nessa análise, às declarações dos atletas, identificaram-se as crenças e valores presentes e os mais recorrentes, e os autores confirmaram a estrutura discursiva comum, em que o ‘Discurso Agonístico’ predomina junto de valores como o trabalho, a família e a fé. Tem especial destaque a desistência da ginasta Simone Biles, que aparece “como marco ao pautar o debate sobre a pressão sofrida pelos atletas e evidenciar a tensão entre ideais olímpicos e valores agonísticos”.

A análise seguinte foca-se igualmente em Tóquio-2020 e no ‘espírito olímpico’, no artigo “Valores Olímpicos: heróis e vilões no futebol através das lentes do Reddit”, da autoria do sociólogo português Manuel João Cruz, que realizou “uma análise narrativa de uma rede social online – Reddit – para compreender a mediação das Olimpíadas de Tóquio 2020 por parte das comunidades internautas”. A escolha foi “uma modalidade olímpica pouco valorizada, o futebol, mas que, devido à sua popularidade e presença global constante, enquanto desporto verdadeiramente universal, tem a capacidade de manter vivos os princípios enunciados por Coubertin fora do restrito contexto dos Jogos Olímpicos”. Neste sentido, os objetivos do estudo centraram-se “em compreender como se constroem os protagonistas do futebol olímpico e em que medida essa construção confirma ou infirma os valores olímpicos”. O autor concluiu, por exemplo, que a ‘heroicização’ dos futebolistas, em contexto olímpico, “é preferencialmente coletiva e são raros os desportistas individuais que se destacam, o que se explica precisamente pela prevalência de valores e ideais olímpicos contemporâneos”.

O artigo seguinte analisa os Jogos Olímpicos de Inverno de Pequim-2022 e o papel e impacto dos mídias digitais na representação e autoapresentação das atletas femininas, da autoria da investigadora norueguesa Aneta Soldati, com o título “As mulheres estão aqui, as mulheres estão com fome’: explorando articulações de empoderamento e feminismo em espaços digitais”. Esta investigação examina a forma como “as atletas olímpicas utilizam as redes sociais para articular o feminismo e o empoderamento, desafiando os paradigmas dos meios de comunicação tradicionais no contexto do Olimpismo. Explora “a forma como as desportistas criam as suas identidades, navegam nos discursos de género e se envolvem em narrativas pós-feministas”. E as conclusões revelam que “os meios de comunicação social oferecem uma ‘faca de dois gumes’: uma plataforma para a autocapacitação e a construção da identidade, mas também um espaço onde as atletas enfrentam pressões do mercado e expectativas de género”.

A fechar o dossiê temático temos um artigo dedicado precisamente aos Jogos Olímpicos de Paris-2024, da autoria de Joaquín Marín Montín, um dos mais relevantes e citados investigadores espanhóis da área dos mídias e desporto. Com o título de “Uma nova era no olimpismo? Uma análise de Paris 2024 através dos *media*”, o docente da Universidade de Sevilha sublinha que o seu artigo tem “como principal objetivo examinar aspetos-chave sobre Paris 2024 para obter novos elementos de interpretação”. Para isso analisou cinco eixos temáticos (a eleição da sede olímpica; as mudanças climáticas; os conflitos bélicos; a paridade de género dos atletas; e os aspetos organizativos), combinando a consulta de referências académicas com a análise de notícias dos mídias digitais espanhóis. Como principais conclusões sublinhou a preocupação da opinião pública relativamente aos custos reais do megaevento olímpico, a melhoria acentuada nas questões de género e o ceticismo com a introdução de novas modalidades olímpicas como o *breaking* e a sua definição como desporto.

A seguir, na seção **Paralelas**, apresentam-se dois artigos. O primeiro inaugura a série de quatro textos de Bernardo Buarque de Hollanda, a ser publicada pela **FuLiA/UFGM**, dedicada a refletir sobre o futebol a partir de observações *in loco* em estádios e arenas, registradas em relatos de primeira mão. Em “O espectro do hooliganismo nos estádios britânicos I: uma experiência de pesquisa”, o autor contextualiza as transformações do futebol inglês nas últimas três décadas, especialmente

após a criação da Premier League, e analisa como essas mudanças repercutiram tanto na prática quanto na experiência de assistir ao espetáculo futebolístico no Reino Unido. O segundo artigo, “Beleza cinética e transcendência atlética: David Foster Wallace e o tênis como experiência estética, espiritual e cultural”, de César Castilho, examina como Wallace concebe o tênis como experiência estética, espiritual e cultural, elevando o esporte à condição de arte, introduzindo a noção de “beleza cinética” e revelando dimensões de transcendência e sentido existencial no jogo.

Por fim, em forma de síntese, este dossiê tem um arco temporal que navega entre os Jogos Olímpicos de Estocolmo-1912 e Paris-2024, abordando diferentes temáticas, complementares entre si, como a imagem em contexto olímpico, a ideia de herói, o patriotismo, o fascismo, o discurso dos atletas, os valores olímpicos, as questões de género, o papel da mulher, a opinião pública, as novas modalidades olímpicas, entre outras questões. Mais um contributo da **FuLiA/UFMG** para o debate sobre a relação entre desporto, mídia, jornalismo e comunicação.

Boa leitura!

Porto e Lisboa, 20 de setembro de 2025.

Francisco Pinheiro

Universidade de Coimbra/Portugal

Rita Nunes

Comitê Olímpico de Portugal/Portugal

Estética de ouro: o monopólio da imagem olímpica como toque de Midas do COI

Golden Aesthetics: the Monopoly of the Olympic
Image as the COI's Midas Touch

Katia Rubio

Universidade de São Paulo, São Paulo/SP, Brasil
Doutorado em Educação, USP
katrubio@usp.br

Rafael Campos Veloso

Universidade Estadual de Maringá, Maringá/PR, Brasil
Doutorado em Ciências, USP

William Douglas de Almeida

Universidade de São Paulo, São Paulo/SP, Brasil
Doutorado em Ciências, USP

RESUMO: A condição espetacular do esporte sugere que a razão de existir a competição é que ela seja compartilhada com o público. Esse é um fenômeno urbano, de massa, capaz de acionar um campo simbólico, mobilizando imaginários de onde brotam emoções de caráter individual e coletivo. Se no princípio da história olímpica o caráter coletivo era dado na presença do público nos estádios e ginásios, essa relação se alterou radicalmente com a chegada dos meios de comunicação de massa. Este artigo recupera o diacronismo da comunicação nos Jogos Olímpicos, e o engendramento das imagens no esporte e posterior monopólio do Comitê Olímpico Internacional das imagens gestadas. A análise foi sustentada a partir do conceito teórico-metodológico da tradição *mitohermenêutica* e operacionalizado pela heurística da *mitanálise*, culminando no desvelamento do conteúdo mítico-simbólico latente do Rei Midas. Produto hermenêutico-analítico que nos permite vislumbrar as linhas de força e desejo pelas imagens olímpicas e especular acerca de suas direções futuras.

PALAVRAS-CHAVE: Mídia; Televisão; Direitos de transmissão; Mitologia; Jogos Olímpicos.

ABSTRACT: The spectacular condition of sports suggests that the reason for the competition to exist is to be shared with the public. This is an urban, mass phenomenon capable of triggering a symbolic field, mobilizing imaginaries from which individual and collective emotions arise. If in the early days of Olympic history, the collective character was given by the presence of the audience in stadiums and gyms, this relationship changed radically with the advent of mass media. This article retrieves the diachronism of communication in the Olympic Games, and the engendering of images in sports and the subsequent monopoly of the International Olympic Committee over the gestated images. The analysis was supported by the theoretical-methodological concept of mytho-hermeneutics and operationalized by the heuristic of myth-analysis, culminating in the unveiling of the latent mythical-symbolic content of King Midas. A hermeneutic-analytical product that allows us to glimpse the lines of force and desire for Olympic images and speculate about their future directions.

KEYWORDS: Media; Television; Broadcasting rights; Mythology; Olympic Games.

O OURO DA IMAGEM (ENGENDRAMENTO NO IMAGINÁRIO)

A condição espetacular do esporte sugere que a razão de existir a competição é que ela seja compartilhada com o público. Isso afirma, ainda, ser esse um fenômeno urbano, de massa, capaz de acionar um campo simbólico de onde brotam emoções de caráter individual e coletivo. A trajetória olímpica da Era Moderna caminha a par e passo com o desenvolvimento dos meios de comunicação, sendo assim possível observar o paralelismo entre o desenvolvimento midiático e a espetacularização, e a massificação das competições olímpicas de verão e inverno.

Se no final do século XIX as informações circulavam por meio de telégrafo e de jornais impressos, esse cenário foi radicalmente transformado no século seguinte, com a inclusão da dimensão sonora, das imagens estáticas e em movimento, com o advento das transmissões ao vivo e em tempo real, ampliando a experiência competitiva para espectadores e torcedores. No princípio, as transmissões significaram a ampliação do alcance das performances esportivas para além dos espaços físicos onde elas aconteciam. Competir, assistir e torcer estavam circunscritos a um único lugar e momento, e cabia a quem compartilhava esse espaço a narrativa daquele feito. Algumas poucas imagens sobreviveram ao tempo como registo, muitas delas veiculadas em jornais impressos, nutridos por textos transmitidos via telex para as redações de todo o mundo. Os textos produzidos eram basicamente informativos, entretanto, quando de uma performance inédita, buscavam entre adjetivos transmitir a emoção vivida naquele momento raro.

Neste estudo abordamos a imagem não como mero produto do aparato tecnológico difundido midiaticamente, mas sob a perspectiva da filosofia do imaginário que advoga à imagem o atributo básico de mobilização do movimento humano e edificação cosmogônica. Seja a imagem situada enquanto expressão da linguagem artística (fotografia, cinema, dança, artes plásticas, gravações de feitos esportivos, etc.), seja a imagem como forma própria de nossa “função fantástica” da imaginação – como bem expressou Gilbert Durand – que será dinamizada gravitacionalmente por *clusters* estruturais do imaginário tanto individual (arquetipal), quanto

coletivo.¹ Estudos realizados na última década demonstram a dimensão mitopoética do esporte e sua potência, registrando sob o conceito-método da tradição mitohermenêutica, seja pelo engendramento da imagem, da amplificação simbólica e da expressão de conteúdos míticos da psique, conceitos esses diretores da fundação do fio narrativo dos acontecimentos em quadras, campos, piscinas, e amplamente difundidos em estética própria pelos meios de comunicação.²

O trajeto analítico percorrido neste ensaio, adiante do resgate histórico do advento tecnológico e hegemônico da transmissão dos Jogos Olímpicos, constitui-se por hermenêutica simbólica (exercício da interpretação compreensiva do imaginário) e mitohermenêutica nos termos da herança da metafísica da imaginação poética dos autores do campo dos *estudos do imaginário*. Limitamos a análise aos Jogos Olímpicos de Verão, tendo em vista que o texto é produzido a partir do Brasil, país que apesar de ter algumas participações importantes em Jogos Olímpicos de Inverno não possui uma tradição em tais disputadas, uma vez que o clima tropical não é propício para a prática de esportes de neve e gelo. Como perspectiva metodológica, optamos também por não analisar os Jogos Paralímpicos, tendo em vista que o crescimento midiático de tal evento ocorreu de maneira muito recente no Brasil, sendo que as transmissões ao vivo, até o momento, limitaram-se aos canais televisivos da cabo e às emissoras públicas de televisão, em negociações que ocorrem de maneira distinta das dos direitos de imagem dos Jogos Olímpicos, conforme apontado por Almeida e Penafort.³

No esteio de Ortiz-Osés,⁴ assumindo o conteúdo das expressões míticas como “condensação intersubjetiva da experiência humana”, vislumbramos o trabalho mitohermenêutico como um dos pressupostos teórico-metodológicos na dinâmica da “interpretação antropológica dos mitos, considerados como lugares relevantes e reveladores de uma cultura ou linguagem como uma forma de articulação da realidade vivida e conhecida”. A mitopoiesis é manifesta na socialidade ao tracionar o

¹ ALMEIDA; FREITAS; RUBIO; MENDONÇA. Following the agenda of others.

² RUBIO. O atleta e o mito do herói; RUBIO. Dos Jogos Olímpicos que temos ao espírito olímpico que queremos; VELOSO. A olimpização de modalidades esportivas; *Trajeto entre alboradas e crepúsculos: o atleta e as muitas faces do mito do herói*.

³ ALMEIDA; PENAFORT. Relato de experiência.

⁴ ORTIZ-OSÉS. Cognitio matutina e razão afetiva, p. 8.

imaginário de instituições locais e globais, como a Igreja, o Estado e o COI (Comitê Olímpico Internacional) – objeto de nossa investigação.

Ao longo do breve século XX, como conceituou Hobsbawm,⁵ os meios de comunicação causaram uma profunda transformação na forma como a sociedade tomou contato com as ocorrências políticas, econômicas e também esportivas. No princípio, os textos publicados em jornais e revistas buscavam descrever as competições olímpicas, um evento para poucos que conseguiam atravessar o planeta em busca da excitação de um encontro mobilizador, pautado em uma celebração mítica. Posteriormente, as ondas do rádio passaram a transmitir em tempo real, pela voz de locutores, a informação daquilo que se passava nas pistas, campos, quadras e piscinas. Embargada pela emoção que buscava recriar a cena imagética do feito, a voz do locutor era a tinta atlética esparsa sobre a tela em branco da cena não vista pelo ouvinte. A dinâmica de transmissão verbal de eventos e feitos esportivos exige daquele que narra o exercício mitopoético profundo, com o intuito de transpor a imagética protagonizada pelos atletas, de forma a evocar, no ouvinte, toda a sorte do inventário humano mítico e espetacular. A potência dos meios de comunicação, de penetração no imaginário social, leva a afirmar que “as metanarrativas do esporte de alto rendimento e espetacularizado os alcançam [atletas] por insistentemente ressoar ao imaginário que transforma quadras, campos, piscinas e pistas em campos de batalhas em dias de grandes competições”.⁶

Na sequência, o rádio ganhou a companhia do cinema e, posteriormente, da televisão, elevando as competições olímpicas ao patamar de maior espetáculo do planeta. Responsáveis pela massificação e popularização do esporte olímpico, os meios de comunicação deixaram de ser agentes de transmissão de um bem cultural, para se tornar uma mercadoria preciosa, fonte de renda de uma instituição sem fins lucrativos. Diante da mudança de papéis, a que assistimos no período contemporâneo, urge compreender qual o novo lugar e função desses meios, não apenas ao que se refere à transmissão das competições, mas principalmente ao monopólio das imagens e informações que acontecem em todo o ambiente chamado olímpico. A fim de operacionalizar a proposta [*mitohermenêutica*] anunciada nestas linhas

⁵ HOBBSBAWM. A produção em massa de tradições: Europa, 1870 a 1914.

⁶ VELOSO. *Trajetos entre alboradas e crepúsculos*, p. 178.

introdutórias, nos inspiramos dinamicamente – e não reproduzimos estruturalmente – na noção de *mitanálise*,⁷ que busca desvelar mitos diretores latentes que animam sociedades sob conjunturas espaciotemporais e históricas específicas. Neste exercício de inspiração *mitanalítica* – ou de hermenêutica instaurativa, como prefere Wunenburger⁸ – é evocado neste ensaio o canto mitêmico do Rei Midas, que ao longo de sua história tocou na extraordinária imagética olímpica, tornando-a desabitada da própria humanidade.

A IMAGEM DE OURO (MONOPÓLIO NO TOQUE DE MIDAS)

Falar sobre a história dos Jogos Olímpicos da Era Moderna é discorrer sobre a relação do evento com os meios de comunicação. Ainda antes da primeira edição, o Barão Pierre de Coubertin, idealizador das disputas, já sabia que a presença dos meios de comunicação era fundamental para que o Movimento Olímpico atingisse os seus objetivos. Jornalistas foram convidados desde os primórdios para acompanhar as competições e, de certo modo, o material que produziram deu sustentação, juntamente a documentos oficiais, para que hoje, mais de um século depois, saibamos detalhes sobre as edições olímpicas pioneiras. Não à toa, o relatório oficial da primeira edição olímpica, de 1896, registra a presença de onze jornalistas credenciados para acompanhar o evento.

Em mais de um século, a forma de se comunicar passou por uma série de mudanças – novos meios surgiram, e todos eles fizeram e fazem parte da história do Movimento Olímpico. Ainda na década de 1920, quando as primeiras transmissões de rádio eram realizadas na Europa e nos Estados Unidos, havia uma preocupação dos organizadores a respeito do impacto que a divulgação de informações ao vivo poderia causar no comparecimento do público.⁹ Por outro lado, o crescimento

⁷ Heurística que compõe um dos operacionais da *mitodologia* proposta por Gilbert Durand em seu trabalho em antropologia cultural de investigação e comparação das expressões míticas de diversas culturas. as propostas *mitodológicas* são destinadas à localização de mitos diretores, identificando sua tipologia, bem como aspectos de ressonância e reincidência, que permitem tornar inteligíveis as constelações e configurações de imagens próprias de criações tanto individuais, ao nível fundador, quanto de agentes sociais ou determinadas categorias sociais, aos níveis actancial e social (DURAND. Introduction à la mythodologie. Mythes et sociétés).

⁸ WUNENBURGER. *O imaginário*.

⁹ ALMEIDA ET. AL. Revisitando as transmissões radiofônicas pioneiras de Jogos Olímpicos no Brasil.

da cobertura midiática já era notável: mais de mil jornalistas participaram da cobertura dos Jogos Olímpicos de Paris, em 1924.¹⁰ Poucos anos depois, nos Jogos de Los Angeles, em 1932, o rádio deixou de ser visto como um adversário e já passou a ser utilizado como uma ferramenta estratégica, com o trabalho de radioamadores – 1,5 mil pessoas divulgaram voluntariamente informações fornecidas por membros do comitê organizador. Algumas emissoras de rádio fizeram programas especiais sobre os Jogos e houve até mesmo uma série semanal com dramatizações sobre o evento olímpico.¹¹ Apesar de a receita com a venda de ingressos ser uma das principais fontes de recursos para o COI, em 1932 cerca de dois mil assentos foram retirados do estádio olímpico para que jornalistas fossem alocados.¹² Os Jogos de Berlim, em 1936, são marcados pela entrada da televisão – foram 138 horas de cobertura em 175 eventos,¹³ sendo que a transmissão era destinada a salas de exibição. Muito além das transmissões ao vivo, esta edição olímpica foi marcada pela produção do filme *Olympia*, um marco estético que entraria para a história dos Jogos, pela forma como as imagens foram captadas e trabalhadas. Utilizados como parte da estratégia de propaganda nazista, os Jogos Olímpicos de Berlim tiveram ainda uma massiva transmissão radiofônica – por meio das ondas curtas, os programas eram produzidos na Alemanha e irradiados para todo o mundo, alguns inclusive no idioma dos países receptores.¹⁴

O hiato de 12 anos (1936-1948) entre as edições olímpicas de Berlim e Londres, devido à Segunda Guerra Mundial (1939-1945), foi um período no qual os meios de comunicação evoluíram de maneira significativa. No ano de 1948, coube à rede pública britânica BBC (British Broadcasting Corporation) o pioneirismo da transmissão olímpica para aparelhos de televisão que estavam em residências, e não apenas em salas de transmissão – a cobertura ao vivo chegava a um raio de 80 quilômetros de Londres. De acordo com Payne,¹⁵ após uma grande discussão, a BBC concordou em realizar um pagamento para transmitir os Jogos, mas devido à arrecadação acima do esperado com a venda de ingressos, os organizadores deci-

¹⁰ PHILOCREON. *A nova dinâmica da relação entre Mídia e Olimpismo*.

¹¹ GAMES. *The Games of the Xth Olympiad, Los Angeles 1932: Official Report*.

¹² ALMEIDA; NETO. Entre o direito de transmitir e o de informar.

¹³ PAYNE. *A virada olímpica: Como os Jogos Olímpicos se tornaram a marca mais valorizada do mundo*.

¹⁴ ALMEIDA ET AL. Revisitando as transmissões radiofônicas pioneiras de Jogos Olímpicos no Brasil.

¹⁵ PAYNE. *A virada olímpica*.

diram devolver o dinheiro. A cobrança não foi feita, mas o debate sobre a diferença de tratamento entre os meios de comunicação estava aberto, uma vez que a mídia impressa jamais havia sido cobrada pelo direito de cobrir os Jogos Olímpicos. Em certo sentido, a entrada da cobertura audiovisual contribuiu para uma série de mudanças no modo como enxergamos o esporte, pois conforme pontua Betti, “o esporte não teria alcançado a importância política, econômica e cultural de que desfruta hoje não fosse sua associação com a televisão”.¹⁶

Segundo Payne,¹⁷ uma das vozes mais duras contra a cobrança dos direitos de transmissão televisiva foi Roger Tartarian, da United Press Association, que chegou a enviar uma carta ao presidente do COI exigindo igualdade no tratamento aos diferentes veículos de comunicação, considerando um erro cobrar valores à televisão, justamente o veículo mais novo. Oito anos depois, durante os preparativos para os Jogos de Melbourne, as direções da BBC e da televisão norte-americana NBC lideraram um movimento pelo boicote à cobertura dos Jogos e fizeram ameaças, como a não publicação de notícias sobre o evento. Ainda assim, os organizadores dos Jogos venderam os direitos de transmissão à rede britânica Rediffusion, por 25 mil libras. Mas a pressão externa foi enorme e o acordo de exclusividade foi cancelado. Os organizadores dos Jogos decidiram ceder três minutos de cobertura diária, de maneira gratuita, aos canais internacionais.

O COI mantinha-se alheio a essa discussão, deixando o debate com os organizadores de cada edição. O então presidente da entidade, Avery Brundage, não se entusiasmava com as transmissões televisivas. Mas, apesar da antipatia do dirigente, a evolução tecnológica posicionou os Jogos cada vez mais dentro da televisão. O grande marco para a transmissão olímpica foram os Jogos realizados em Roma, em 1960. “Os direitos de transmissão foram vendidos por US\$ 1 milhão, e 18 países da Europa acompanharam ao vivo as principais competições, enquanto nos Estados Unidos, no Canadá e no Japão as imagens chegavam com algumas horas de atraso”.¹⁸ Quatro anos depois, em Tóquio, o começo das transmissões via satélite revolucionaria ainda mais o alcance das transmissões ao vivo. Os valores pagos pelos direitos de transmissão co-

¹⁶ BETTI. Esporte na mídia ou esporte da mídia, p. 1.

¹⁷ PAYNE. *A virada olímpica*.

¹⁸ PRONI ET AL. *Leitura econômica dos jogos olímpicos*, p. 10.

meçaram a subir e tornaram-se uma das principais fontes de receita do COI, mas ainda estavam longe do patamar que alcançariam tempos depois. De acordo com Fernández Peña,¹⁹ a Carta Olímpica foi modificada em 1971, incluindo um artigo no qual o COI passou a deter a exclusividade pelo direito de venda das transmissões olímpicas. Entretanto, deter apenas a exclusividade não foi a saída para os problemas financeiros da entidade. Ao final da década de 1970, o COI vivia uma grave crise, principalmente por conta do aumento dos custos para a realização de um evento que tomava proporções gigantescas. “É provável que os atuais responsáveis pela organização das Olimpíadas não se lembrem da difícil situação vivida, há três décadas, quando os cinco anéis entrelaçados não tinham o valor que têm hoje. Pelo contrário: há 30 anos o Movimento Olímpico esteve por um triz de afundar ou implodir”.²⁰

A saída da crise foi baseada num projeto de marketing, fortalecendo os patrocinadores oficiais e, principalmente, aumentando de maneira exponencial os valores cobrados como direitos de transmissão das emissoras de televisão, como revela o levantamento (Tabela 1) realizado por Philocreon”.²¹

Ano	Cidade-sede	Valor
1960	Roma	1,2
1964	Tóquio	1,6
1968	Cidade do México	9,8
1972	Munique	17,8
1976	Montreal	34,9
1980	Moscou	88
1984	Los Angeles	286,9
1988	Seul	402,6
1992	Barcelona	636,1
1996	Atlanta	898,3
2000	Sidney	1331,6
2004	Atenas	1494
2008	Pequim	1739
2012	Londres	2635,1
2016	Rio de Janeiro	2868

Tabela 1 - Valores pagos em direitos de transmissão dos Jogos Olímpicos de Verão, em milhões de dólares. Fonte: Philocreon, 2022.

¹⁹ FERNÁNDEZ PEÑA. Olympic Summer Games and broadcast rights.

²⁰ PRONI ET AL. *Leitura econômica dos jogos olímpicos*, p. 46.

²¹ PHILOCREON. *A nova dinâmica da relação entre Mídia e Olimpismo*.

As emissoras de televisão, que na década de 1950 relutaram em pagar pelos direitos de transmissão dos Jogos Olímpicos, tornaram-se, após a década de 1980, o grande financiador do Movimento Olímpico, pagando valores estratosféricos para ter o evento. Além disso, a audiência oferecida pelas emissoras de televisão, que na década de 40 era contada aos milhares, passou a ser mensurada em bilhões de pessoas. Para que a conta pudesse fechar, as emissoras de televisão contavam com um sistema de venda de cotas para os anunciantes, interessados em atrelar suas marcas aos Jogos Olímpicos e assim atingir um público enorme e diverso.

A década de 1990, porém, é marcada pelo início da popularização da internet. A página do COI foi criada em 1995. Treze anos depois, em 2008, um canal foi criado no Youtube, especialmente para a transmissão dos Jogos para 77 países da Ásia, África e Oriente Médio, onde não havia emissoras de televisão detentoras dos direitos.²² Em Londres-2012, a experiência foi repetida, mas abrangendo um número menor de países: 64. Apesar de inclusiva, a medida adotada pelo COI é paradoxal, tendo em vista que o acesso à internet de alta velocidade – necessária para o acompanhamento de vídeos ao vivo – é mais restrito em países mais pobres, justamente aqueles que receberam o sinal gratuito durante estes experimentos. O grande passo seguinte foi dado pelo COI em 2016, com a criação do *Olympic Channel*, canal oficial que exibe conteúdo relacionado aos Jogos Olímpicos. Ainda recentemente, é importante destacar o papel das redes sociais e a criação de perfis do COI em plataformas como o Instagram, Facebook e X (Twitter).²³ “Os perfis oficiais e página do Comitê são ferramentas que buscam a fidelização do público e também a busca de novos fãs e a estratégia montada passa por um rigoroso controle daquilo que é publicado, tendo sempre um caráter institucional”.²⁴

Neste sentido, é preciso recordar os apontamentos realizados por Fausto Neto.²⁵ O autor destaca que a produção de notícias sobre eventos esportivos envolve três diferentes atores: os promotores (no caso dos Jogos Olímpicos, o COI), os divulgadores (as emissoras) e, por fim, o público. Todavia, ao assumir perfis oficiais e canais próprios, o COI avança a linha e torna-se, ao mesmo tempo, promotor e di-

²² FERNANDEZ PEÑA. *Juegos Olímpicos, televisión e redes sociales*.

²³ FREITAS. O Movimento Olímpico na internet: a difícil escolha entre a visibilidade e o controle.

²⁴ ALMEIDA ET AL. Following the agenda of others.

²⁵ FAUSTO NETO. O agendamento do esporte: uma breve revisão teórica e conceitual.

vulgador do evento. Esta, porém, não é uma realidade absolutamente nova, uma vez que anteriormente, por fazerem grandes investimentos financeiros para terem os direitos de transmitir os Jogos, as emissoras de televisão já eram, de certa maneira, promotoras do evento, uma vez que davam a sustentação financeira para o mesmo. Assim, notícias negativas, mesmo com interesse público, poderiam (e podem) ficar à margem da cobertura, para não macular os interesses dos promotores.

O que se torna problemático é adoção de critérios que definem o processo de noticiabilidade, o que permite perguntar: em que medida o que preside a visibilidade de um acontecimento, na esfera da mídia, é definida por critérios explicitamente de natureza pública, aos quais o jornalismo deve estar subordinado, ou por outros critérios muitas vezes agendas em 'agendas particulares'?.²⁶

Mesmo com o crescimento da internet, a venda de direitos de transmissão para emissoras de televisão ainda é a principal fonte de recursos do COI, que mantém seus canais próprios em plataformas digitais. Mas também vende o direito de transmitir os Jogos em plataformas de *streaming*, realizando o bloqueio geográfico das transmissões de seus canais oficiais, para que não haja conflito/fuga da audiência dos financiadores do evento.

A COBERTURA SEM OS DIREITOS DE TRANSMISSÃO

Existe ainda um grande contingente de credenciados para os Jogos Olímpicos que o fazem sem pagar pelos direitos – são os profissionais que atuam em jornais impressos, fotógrafos e até mesmo alguns profissionais de emissoras de TV que não transmitem, mas fazem a cobertura noticiosa dos Jogos Olímpicos. Os credenciamentos de imprensa escrita e fotográfica são realizados pelos comitês olímpicos nacionais, enquanto o próprio COI é o responsável pelas credenciais de emissoras de televisão que não detenham os direitos de transmissão. Na edição realizada no Rio de Janeiro, em 2016, foram mais de 25 mil jornalistas credenciados,²⁷ número que representa mais que o dobro da quantidade de atletas inscritos naquela edição (11.238). O fato de haver mais que o dobro de jornalistas que atletas não garante, todavia, que todos

²⁶ FAUSTO NETO. O agendamento do esporte: uma breve revisão teórica e conceitual.

²⁷ ALMEIDA; FRANCESCHI NETO. Entre o direito de transmitir e o de informar.

aqueles que desejam realizar a cobertura do evento consigam acesso. Tavares Júnior cita, como exemplo, a cobertura realizada por jornalistas da cidade de Campo Grande, um município de 898 mil habitantes no estado de Mato Grosso do Sul, no Brasil.²⁸ O autor refere a emissora de rádio Cultura AM, que teve o credenciamento negado para os Jogos Olímpicos de 2016, e que precisou recorrer a parcerias com grandes conglomerados nacionais para manter os ouvintes informados.

A limitação de tempo e a cobrança pelo acesso às imagens dos Jogos Olímpicos gera uma situação na qual a cobertura audiovisual acaba comprometida. Ao definir qual seria o papel dos meios de comunicação durante a cobertura esportiva, Mezzaroba & Pires²⁹ detalham que é dever da imprensa permitir discussões aprofundadas e particularidades do evento, deixando claro aos espectadores a relação entre o que ocorre nas arenas esportivas e a cultura midiática com a construção de identidades, expandindo o significado para além do espetáculo. Mas como fazer isso tendo apenas três minutos diários de um evento no qual horas de conteúdo são produzidos? A resposta, talvez, passe por uma necessidade de os dirigentes tratarem as emissoras de televisão de maneira semelhante, como o fazem com as novas mídias. Ao citar o avanço do trabalho realizado pelo COI em redes sociais, Fernandez Peña cita que o ideal é buscar um equilíbrio entre a proteção aos direitos de transmissão e a necessidade de ampla divulgação.

Proteger a exclusividade dos direitos, abrindo parte do conteúdo para reelaboração e troca pela comunidade global de internautas, poderia tornar-se a melhor fórmula para manter a principal fonte de financiamento do movimento olímpico, ao mesmo tempo que envolve o maior número de jovens em seus símbolos e valores.³⁰

O caminho indicado pelo autor parece válido e deveria servir como norteador para a própria postura como o COI lida com as emissoras de televisão não credenciadas. Ao longo da história, essas emissoras ficaram limitadas a um volume ínfimo de imagens das competições. Até mesmo para a produção de filmes históricos sobre atletas ou equipes que participaram dos Jogos Olímpicos é preciso pagar para ter acesso e direito de uso de imagens olímpicas – um controle do COI que, de

²⁸ TAVARES JÚNIOR. Rio de Janeiro 2016: Olimpíadas, legados e aprendizados.

²⁹ MEZZAROBBA; PIRES. O agendamento midiático-esportivo.

³⁰ FERNANDÉZ PEÑA. *Juegos Olímpicos, televisión e redes sociales*.

certa maneira, ultrapassa os limites dos direitos de transmissão, invadindo o direito de informação – demonstrando que a discussão realizada, na década de 1950, pelos diretores da BBC e da NBC, ainda não foi totalmente superada.

ENTRE O DESEJO E A MALDIÇÃO

A busca pela fortuna parece constar do desejo humano em diferentes culturas. Se o ouro é um metal que simboliza a fartura e o sucesso, ele também pode significar a ruína daqueles que sabem lidar mal com essa dádiva. O sistema acumulador, que prevaleceu ao longo do século XX, parece ter alcançado também o Movimento Olímpico, muito embora o discurso pautado em valores seja uma das principais marcas dessa celebração. Originado em narrativas míticas, os Jogos Olímpicos da Antiguidade representavam demonstrações de excelência atlético-moral entre homens livres, cuja estética está referenciada na *areté*, a saber, o melhor de si na relação entre o bom e o belo. No contemporâneo, são competições esportivas pautadas em um modelo meritocrático, na busca da primeira posição, na superação de um adversário, muito embora haja quem pense que a frase “o importante é competir” seja de Pierre de Coubertin.³¹ No transcorrer do século XX, os chamados ideais olímpicos, discurso socialmente construído e que estrutura as competições em solo mítico,³² foram radicalmente transformados para atender aos interesses da crescente profissionalização dos atletas e também dos Jogos Olímpicos. Coincidem com essa condição as necessidades materiais impostas pelo agigantamento das competições olímpicas. Aquilo que nasceu para ser uma celebração de congraçamento entre os povos transformou-se, pouco a pouco, em um dos negócios mais rentáveis do planeta. E os anéis que, em tese, representariam o encontro entre atletas dos cinco continentes para celebrar a paz por meio de uma linguagem universal, a saber, o esporte, se tornam objeto de disputa em razão dos dividendos gerados pela venda das imagens produzidas.³³ Afinal, como no mito de Midas, em quase tudo onde a marca é usada, se transforma em ouro. Conta o mito que Midas, o rei da Frí-

³¹ RUBIO. *Medalhistas olímpicos brasileiros: Memórias, histórias e imaginário*.

³² RUBIO. *Olimpização: Notas sobre o desejo de inclusão no modelo olímpico*.

³³ ALMEIDA; FRANCESCHI NETO. *Entre o direito de transmitir e o de informar*; RUBIO. *Olimpização: Notas sobre o desejo de inclusão no modelo olímpico*.

gia, despótico e cruel, cuja corte nadava em ouro, não obstante a população vegetava na miséria, salvou Sileno, o sátiro de Dionísio. Agradecido, o Deus do Vinho prometeu acatar qualquer desejo feito pelo rei, que prontamente solicitou que tudo o que fosse tocado por ele se transformasse em ouro. E assim foi feito.

Desde que foram iniciadas as transmissões ao vivo pela TV, as competições olímpicas multiplicaram seu alcance planetário. A partir dos Jogos de Tóquio, em 1964, com as transmissões via satélite, não era necessário o deslocamento físico entre continentes para assistir aos grandes feitos de atletas de todo o mundo. A relação entre as emissoras de TV e o COI começou em um patamar de colaboração, que atendia perfeitamente ao ideário olímpico, para se tornarem quase conflituosas quando compreendidas como um jogo comercial. Pouco a pouco percebeu-se que o modelo de amadorismo, vigente nas sete primeiras décadas do século XX, era insustentável diante das demandas geradas pelo mercado de material esportivo que corrompia o sistema com contratos não publicáveis, mas de conhecimento de grande parte do sistema esportivo.³⁴ Diante disso, e das perdas milionárias vividas pelo sistema olímpico, optou-se por abraçar o profissionalismo e suas consequências.³⁵ Durante décadas, os Jogos Olímpicos foram um dos principais palcos de uma guerra dita fria, mas que subia diversos graus durante o evento esportivo, com demonstrações de forças políticas capitalistas e socialistas, por meio das habilidades de seus atletas, formados em diferentes sistemas, mas com um objetivo comum: a busca pelo ouro, que demonstraria a supremacia. Hoje definido como ferramenta de *soft power*, o esporte era o prisma pelo qual as cores do conflito, entre diferentes potências mundiais, ficavam visíveis à grande parte da população.

O ocaso da Guerra Fria coincide, não por causalidade, com duas edições olímpicas: o boicote capitalista aos Jogos de Moscou e o socialista à edição realizada em Los Angeles. Com a ruína da União Soviética, a ‘vitória’ capitalista permeia o caminho para a aceleração do processo de profissionalismo dentro do movimento olímpico. Se para os atletas e patrocinadores isso significou uma grande virada na forma de lidar com a imagem gerada pelos feitos atléticos, para os meios de comu-

³⁴ SIMSON; JENNINGS. *Os senhores dos anéis: Poder, dinheiro e drogas nas olimpíadas*.

³⁵ RUBIO. Agenda 20+20 e o fim de um ciclo para o Movimento Olímpico Internacional; RUBIO. Dos Jogos Olímpicos que temos ao espírito olímpico que queremos; RUBIO. Os Jogos Olímpicos como hierofania.

nicação isso representou a multiplicação de ganhos em escala geométrica. O leilão para comprar os direitos de imagem de transmissão mobilizou as empresas de comunicação, que passaram a investir tanto em estrutura técnica como humana para produzir inovações a cada edição olímpica. Os lares de todo o mundo passaram a receber imagens das competições, todos os dias, horas a fio. O sistema de patrocínio ganhou em volume e complexidade.

Até mesmo o cronograma de disputas olímpicas passou a ser organizado de acordo com os interesses das emissoras de televisão. Nos Jogos Olímpicos de Pequim, em 2008, as finais de natação foram disputadas pela manhã, para que fossem exibidas no horário nobre das emissoras de televisão dos Estados Unidos. Oito anos depois, com o mesmo objetivo, as finais de natação avançaram noite adentro, durante os Jogos Olímpicos realizados no Rio de Janeiro. Ou seja, a cultura esportiva e o ritmo de preparação dos atletas foi alterado – gerando impacto, inclusive, nas marcas registradas nas competições. Outros dois exemplos clássicos da interferência dos meios de comunicação no programa olímpico podem ser encontrados no vôlei e no judô. O voleibol teve uma série de regras alteradas, como o sistema de pontuação, o fim das ‘vantagens’ e do tempo técnico, alterando a dinâmica da modalidade olímpica, para que se tornasse mais palatável às emissoras de televisão, com partidas mais rápidas e de duração mais previsível. No caso do judô, um sistema centenário de pontuação, que previa pontuações intermediárias, foi eliminado – sendo simplificado para um sistema com apenas duas pontuações, o que facilitou a compreensão para parte do público que acompanha a modalidade pela televisão. Ainda nos anos 1960, Marshall McLuhan difundiu o aforismo de que “o meio é a mensagem”.³⁶ A mudança de horários de provas e dos sistemas de regras e disputas, afetando a cultura de modalidades, é um exemplo do poder televisivo. Muito mais que um “meio”, a estrutura audiovisual tornou-se a “mensagem” olímpica. As federações internacionais, responsáveis por definir e aplicar as regras de suas modalidades, o fazem a partir da ótica de atender aos interesses daqueles que ao tocarem em seus esportes os transformam em ouro: os meios de comunicação e o COI.

³⁶ BRAGA. McLuhan entre conceitos e aforismos.

Finalmente, já no século XXI, quando o COI percebeu que ele próprio poderia agir também como um meio de comunicação, pouco a pouco foi esvaziando o poder de transmissão das grandes redes e passou ele próprio a fazê-la. O projeto da construção de um canal de notícias a cabo, que fosse olímpico, foi substituído pelos projetos em *streaming*. Amparado pela Agenda 20+20, que preconizava uma aproximação maior entre o movimento olímpico e o público jovem, o COI, por meio do *Olympic Channel*, passa a ter não apenas o papel de promotor dos Jogos Olímpicos, mas assume as rédeas da principal ferramenta de divulgação. E, com toque de Midas e direito ao monopólio das imagens, passou a transformar em ouro tudo o que se passa nas arenas olímpicas.

Todavia, controlar todo este poder não é uma tarefa simples, em tempos nos quais a estrutura comunicacional é marcada por paradoxos. Poucas redes sociais (Meta – com Facebook e Instagram; Google – com o Youtube e o seu sistema de buscas; X e Tik Tok) concentram um grande volume de acessos e tornaram-se a principal fonte na qual pessoas de todo o planeta se informam. Parte do conteúdo que alimenta tais redes é feita por empresas e por organizações, como o COI, mas a essência da comunicação em redes sociais prevê a participação do público, com postagens e interações próprias, sem o necessário cuidado com a utilização de fontes ou avaliação de informações. A impressão de democratização de acesso à informação e a sensação de liberdade que as redes inicialmente proporcionaram, foram logo frustradas pela realidade. Composta por um complexo sistema de algoritmos e de vigilância, no qual apenas o COI e os veículos de comunicação detentores dos direitos de imagem detêm a permissão para veicular conteúdos olímpicos, levam ao público apenas cenas desejadas pelo sistema olímpico. Ao comprar ingressos e acessar as arenas esportivas, o público sabe que vídeos podem ser registrados, mas não divulgados nas redes sociais – caso isso ocorra, eles são imediatamente derrubados e as contas dos usuários que insistem em infringir as regras e postar conteúdos olímpicos podem ser canceladas. É curioso observar que em momentos de clímax dos Jogos Olímpicos mais recentes, parte do público olhava não para a arena de disputas, mas para os telefones móveis, onde se podia ver as imagens em *close* ou *slow motion* daquilo que não era possível enxergar das arquibancadas. Sendo assim o momento olímpico, que

deveria ser uma experiência sensorial, tornou-se uma experiência de consumo que contamina outras esferas do esporte.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a criação do *Olympic Channel*, pensou-se que o Movimento Olímpico poderia ser vivido continuamente e não apenas nos 18 dias de competições que acontecem em um modelo quadrienal. Se de um ponto de vista isso representaria um rompimento no comportamento cíclico do público e a ampliação do interesse de investidores e projetos de marketing – ativando campanhas e produtos associados à imagem de atletas vitoriosos – de outro o “antigo modelo” ainda permanece vivo e ativo. Nos países do norte global, os Jogos Olímpicos ainda são considerados um ativo digno de investimento, cuja transmissão mobiliza centenas de profissionais. Isso porque essas emissoras trazem ainda para o Movimento Olímpico um público considerável que não acompanha esportes de maneira contínua, nem por redes sociais, mas que é tocado pela “magia” olímpica, a cada quatro anos, dedicando assim horas do seu dia para acompanhar feitos extraordinários nas quadras, pistas, piscinas e ginásios. A capilaridade e o poder de atingir o grande público, que está interessado não apenas em acompanhar um evento esportivo, mas de realizar o desejo de humano com ares míticos diante da tela, e com uma capacidade de persuasão única, é inerente às televisões abertas, de amplo alcance, que são generalistas. E assim o mito se revela. Se Midas tem a capacidade de transformar tudo o que toca em ouro, ele é também responsável pela própria desgraça. Afinal, até mesmo o alimento que o sustenta e aos que o rodeiam é alterado de forma a fazê-lo passar fome. O ouro é a representação metálica da excelência e do poder. Compra muito e muitos, mas em Midas é também a razão de sua ruína.

Não se pode desprezar uma parcela considerável de apaixonados por esportes que acompanha durante todo o ciclo olímpico o que ocorre dentro das modalidades, seja em torneios continentais ou mundiais, além de conhecer detalhes das mais diversas modalidades, inclusive por acompanharem páginas oficiais, como o *Olympic Channel*. A fidelização de um público à cultura esportiva exige anos, gerações que se envolvem com o esporte, mesmo que na condição de espectador. O que

se observa nos últimos tempos é um desapego às modalidades esportivas seculares, ao decréscimo da prática esportiva e ao despertar de outros interesses, como os jogos eletrônicos, dificultando uma relação de causa e efeito imediato sobre toda essa conjuntura. Desprezar essa parcela fidelizada às transmissões das emissoras de televisão abertas, que ainda são as principais responsáveis por financiar o Movimento Olímpico, também pode significar um processo de autofagia do COI. A transição para novos meios tem sido rápida e, em alguns casos, efêmera, dificultando assim uma avaliação consistente dos novos rumos a serem tomados. Encontrar a dosimetria, com o intuito de não transformar o ouro em veneno, é um dos desafios dos gestores da comunicação olímpica.

* * *

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, W. D.; PENAFORT, J. D. Relato de experiência: Os Jogos Paralímpicos na TV Brasil. In: **Anais do V Congresso Paradesportivo Internacional**. Comitê Paralímpico Brasileiro, 2016, p. 337-42.
- ALMEIDA, W. D. & FRANCESCHI NETO, V. Entre o direito de transmitir e o de informar. In: RUBIO, K. (Org.). **Do pós ao neo olimpismo**. São Paulo: Kepos, 2019, p. 145-60.
- ALMEIDA, W. D.; FREITAS, R.; RUBIO, K.; MENDONÇA, E. Following the agenda of others: IOC communication in the Olympic postponement. **Olimpianos: Journal of Olympic Studies**, 4, p. 64-83, 2020.
- ALMEIDA, W. D.; ARAÚJO, D. G. D. N.; RUBIO, K. Revisitando as transmissões radiofônicas pioneiras de Jogos Olímpicos no Brasil. **Radiofonias: Revista de Estudos em Mídia Sonora**, 14 (1), p. 76-104, 2023.
- BETTI, M. Esporte na mídia ou esporte da mídia. **Motrivivência**, 17 (1), p. 107-11, 2001.
- BRAGA, A. McLuhan entre conceitos e aforismos. **Alceu**, 12 (24), p. 48-55, 2012.
- DURAND, G. **Introduction à la mythodologie**: Mythes et sociétés. Paris: Albin Michel, 1996.
- FAUSTO NETO, A. O agendamento do esporte: uma breve revisão teórica e conceitual. **Verso & Reverso**, 16 (34), p. 9-17, 2002.

FERNANDEZ PEÑA, E. Olympic Summer Games and broadcast rights. Evolution and challenges in the new media environment. **Revista Latina de Comunicación**, 64, 2009.

FERNANDEZ PEÑA, E. **Juegos Olímpicos, televisión e redes sociales**. Barcelona: Editora UOC, 2016.

FREITAS, R. O Movimento Olímpico na internet: a difícil escolha entre a visibilidade e o controle. In: RUBIO, K. (Org.). **Do pós ao neo Olimpismo**: Esporte e movimento olímpico no século XX. São Paulo: Laços, 2019.

GAMES, O. **The Games of the Xth Olympiad, Los Angeles 1932**: Official Report, 1933.

HOBBSAWN, E. A produção em massa de tradições: Europa, 1870 a 1914. In: HOBBSAWN, E.; RANGER, T. (Org.). **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

MEZZARROBA, C.; PIRES, G. D. L. O agendamento midiático-esportivo: Considerações a partir dos Jogos Pan-americanos Rio/2007. **Logos**, 17 (2), p. 124-36, 2010.

ORTIZ-OSÉS, A. Cognitio matutina e razão afetiva. In: FERREIRA SANTOS, M. (Org.). **Crepusculário**: Conferências sobre mitohermenêutica e educação. São Paulo: Zouk, p. 7-16, 2004.

PAYNE, M. **A virada olímpica**: Como os Jogos Olímpicos se tornaram a marca mais valorizada do mundo. Rio de Janeiro: Casa da Palavra-COB, 2006.

PRONI, M. W.; ARAUJO, L. S.; AMORIM, R. L. **Leitura econômica dos jogos olímpicos**: financiamento, organização e resultados (texto para discussão n.º 1356). Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), 2008.

PHILOCREON, T. A. D. **A nova dinâmica da relação entre Mídia e Olimpismo**: Pluralização das plataformas cibernéticas e redefinição dos Direitos de Transmissão (doctoral dissertation). Universidade de Santiago de Compostela, 2022.

RUBIO, K. **O atleta e o mito do herói**: O imaginário esportivo contemporâneo. São Paulo: Laços, 2021.

RUBIO, K. Os Jogos Olímpicos como hierofania: rito e ritual, uma tradição, mais que um campeonato. **Olympianos Journal of Olympic Studies**, 4, p. 1-15, 2020.

RUBIO, K. Olimpização: Notas sobre o desejo de inclusão no modelo olímpico. In: RUBIO, K. (Org.). **Do pós ao neo Olimpismo**: Esporte e movimento olímpico no século XX. São Paulo: Laços, 2019.

RUBIO, K. Dos Jogos Olímpicos que temos ao espírito olímpico que queremos. In: J. C. MARQUES, J. C.; ROCCO JR., A. J. (Org.). **Qual legado? Leituras e reflexões sobre os Jogos Olímpicos Rio-2018**. São Paulo: Cultura Acadêmica/Editora Unesp, 2018.

RUBIO, K. Agenda 20+20 e o fim de um ciclo para o Movimento Olímpico Internacional. **Revista USP**, 108, p. 21-8, 2016b.

RUBIO, K. **Medalhistas olímpicos brasileiros**: Memórias, histórias e imaginário. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

RUBIO, K.; VELOSO, R. C.; LEÃO, L. Between solar and lunar hero: a cartographic study of Brazilian Olympic athletes in the social imaginary. **Imago: A Journal of Social Imaginary**, 11, p. 147-62, 2018.

RUBIO, K. **O atleta e o mito do herói**: O imaginário esportivo contemporâneo. São Paulo: Laços, 2021.

SIMSON, V.; JENNINGS, A. **Os senhores dos anéis**: Poder, dinheiro e drogas nas Olimpíadas. São Paulo: Best Seller, 1992.

SMIT, B. **Invasão de campo**. São Paulo: Zahar, 2007.

TAVARES JUNIOR, C. A. Rio de Janeiro 2016: Olimpíadas, legados e aprendizados (Resumo). In: **Anais do XXII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste**. Intercom: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, Volta Redonda, Brasil, 2017.

VELOSO, R. C. A olimpização de modalidades esportivas: O caso da escalada olímpica. **Olimpianos: Journal of Olympic Studies**, 2 (2), p. 409-422, 2018.

VELOSO, R. C. **Trajetos entre alboradas e crepúsculos**: O atleta e as muitas faces do mito do herói. São Paulo: Laços, 2021.

WUNENBURGER, J. J. **O imaginário**. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

* * *

Recebido em: 30 jul. 2025.
Aprovado em: 28 ago. 2025.

Imprensa e olimpismo: A primeira participação portuguesa nos Jogos Olímpicos

Press and Olympism:
The Portuguese first participation in the Olympic Games

Francisco Pinheiro

CEIS20-Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal
Doutor em História, Universidade de Évora
franciscopinheiro72@gmail.com

Carlos Nolasco

CES-Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal
Doutor em Sociologia, Universidade de Coimbra

RESUMO: Este artigo pretende contribuir para uma reflexão sobre a forma como os *media* (através da imprensa escrita) e o olimpismo se têm relacionado na contemporaneidade, centrando-se na primeira participação portuguesa nos Jogos Olímpicos, em Estocolmo-1912. Faz uma análise histórica à estreia olímpica de Portugal, no contexto político do pós-Revolução de 1910, através da imprensa (escrita), retratando o papel do jornalismo desportivo, do movimento olímpico e da ideia de desportista e herói nacional no início do século XX português. Um retrato do Portugal contemporâneo, nos primeiros anos da I República, a partir de um dos episódios mais marcantes da história do desporto português.

PALAVRAS-CHAVE: Olimpismo; Imprensa; República; Desportista; Herói.

ABSTRACT: This article aims to contribute to a reflection on how the media (through the newspapers) and olympism have been related in contemporary times, focusing on Portugal's first participation in the Olympic Games, in Stockholm-1912. It makes a historical analysis of Portugal's Olympic debut, in the political context of the post-Revolution of 1910, through the press, portraying the role of sports journalism, the Olympic movement and the idea of the sportsman and national hero at the beginning of the Portuguese 20th century. It's a portrait of contemporary Portugal in the early years of the First Republic, based on one of the most remarkable episodes in the history of Portuguese sport.

KEYWORDS: Olympism; Press; Republic; Sportsman; Hero.

INTRODUÇÃO

Apesar dos Jogos Olímpicos modernos terem começado no final do século XIX (em Atenas-1896), somente nas últimas décadas do século XX e no início do século XXI ganharam o estatuto de “espetáculo mediático”¹ ou de “megaevento”.² Mas desde o seu início que as Olimpíadas atraíram a cobertura dos *media*, começando pelos jornais e alargando-se posteriormente à rádio, televisão e internet, passando a ser interpretado através da teoria dos *media events*.³ No contexto português, desde a edição inaugural de 1896 que os *media* passaram a noticiar os Jogos Olímpicos, numa dinâmica informativa iniciada com os jornais, seguindo uma sequência noticiosa de três momentos: os antecedentes da prova; as incidências da competição; e os pós-Jogos e legado(s). Aliando-se igualmente a exploração informativa dos denominados “super temas”,⁴ além das tradicionais temáticas relacionadas com o programa olímpico, as competições ou os resultados, por exemplo.

Neste artigo pretendemos analisar a relação entre os *media* e o olimpismo, a partir da primeira participação olímpica portuguesa, em Estocolmo-1912, e a forma como a imprensa escrita retratou esse momento marcante da história do desporto português e do Portugal contemporâneo. Vários estudos analisaram a estreia olímpica portuguesa por altura do seu centenário, em 2012, como sucedeu com as obras “*Ou ganho ou morro!*” – *Francisco Lázaro: a lenda olímpica*, de Alexandre Mestre; *Os 6 de Estocolmo*, de Rita Nunes e Francisco Pinheiro; ou *Francisco Lázaro: o homem da maratona*, de Gustavo Pires. Anos antes, em 1988, Romeu Correia tinha analisado o mesmo tema em *Portugueses na V Olimpíada*. Nestas obras, uma das principais fontes de informação e análise acabou por ser a imprensa de 1912, nomeadamente as colunas desportivas dos jornais *O Século*, *Diário de Notícias*, *A Capital*, *O Mundo*, *O Primeiro de Janeiro* e *O Comércio do Porto*. E ao nível da imprensa desportiva, que viveu entre 1911 e 1913 um período de “esperança e diversificação”,⁵ realçavam-se o

¹ LENSKEYI. *Alternative media versus the Olympic industry*, p. 205.

² MÜLLER. *What makes an event a mega-event? Definitions and sizes*, p. 628.

³ DAYAN; KATZ. *Media events: The live broadcasting of history*.

⁴ Wenner (2006) define um conjunto de “super temas” que os medias podem abordar a partir de um megaevento desportivo, como são “sexo e género”, “raça e etnicidade”, “novo e velho”, “celebridade e herói”, “massificação e fragmentação”, “nacional e global”, entre outros.

⁵ PINHEIRO. *História da imprensa desportiva em Portugal*.

jornal lisboeta *Os Sports Ilustrados* e a revista *Tiro e Sport*. Seria precisamente *Os Sports Ilustrados* a dar o “maior destaque noticioso a este momento histórico do desporto português, que pela primeira vez tinha representantes na mais importante prova desportiva mundial”.⁶ Este episódio marcante do olimpismo português (a sua estreia) e a análise da imprensa, ao nível de conteúdo e discurso,⁷ são as bases deste artigo, que pretende contribuir para uma reflexão ampla sobre a forma como os *media* e o olimpismo se têm relacionado na contemporaneidade.

CONTEXTO HISTÓRICO

Portugal esteve ausente das quatro primeiras olimpíadas (Atenas-1896, Paris-1900, Saint Louis-1904 e Londres-1908), apesar de ser uma ambição antiga do meio desportivo nacional e dos próprios jornalistas desportivos. Mas isso não significava que os melhores atletas portugueses fossem pouco competitivos ou que não existissem clubes desportivos organizados em Portugal. Ao longo da segunda metade do século XIX, vários clubes conseguiram dinamizar atividades desportivas de índole olímpica, como os casos do remo (modalidade olímpica desde 1900) e natação (uma das nove modalidades pioneiras em 1896, juntamente com o atletismo, esgrima, halterofilia, luta, tiro, ciclismo, ginástica e ténis), praticadas em diversas agremiações, como a Associação Naval de Lisboa (Lisboa, 1856), Clube Fluvial Portuense (Porto, 1876) ou Associação Naval 1º de Maio (Figueira da Foz, 1893).

No caso da ginástica, popularizou-se pela ação do Real Ginásio Clube Português (Lisboa, 1875), sendo também praticada noutras regiões, como sucedia na Figueira da Foz, através do Ginásio Clube Figueirense (criado em 1893). O ténis ganhou alento com a criação, em 1902, do Clube Internacional de Futebol (CIF), em Lisboa. Mas tal como o nome da coletividade indicava, o CIF tinha como principal objetivo promover o *football* (modalidade olímpica a partir de 1900), tornando-se, na primeira década do século XX, um dos principais clubes lisboetas de futebol, a par do Carcavellos Club (formado por trabalhadores ingleses do Cabo Submarino, em Cascais), Sport Lisboa e Benfica (1904) e Sporting Clube de Portugal (1906).

⁶ PINHEIRO. *História da imprensa desportiva em Portugal*, p. 90.

⁷ Cf. LAGO; BENETTI. *Metodologia de pesquisa em jornalismo*.

Esta dinâmica dos clubes teve os seus reflexos do ponto de vista competitivo. Vários atletas portugueses conseguiram ganhar dimensão internacional, quebrando mesmo recordes mundiais, apesar do amadorismo e da ausência de contatos internacionais que permitissem melhorar as suas performances e conhecimentos técnicos. O ciclista José Bento Pessoa foi coroado campeão de Espanha de fundo em 12 de abril de 1897, batendo nesse ano o recorde mundial de velocidade. E conseguiu a proeza de vencer cerca de 70 corridas de velocidade, superiorizando-se a todos os rivais. Notável, no início do século XX, foram também as exibições de força de Manuel da Silveira, que em 1903 (aos 36 anos) começou a praticar exercício físico, no Real Ginásio Clube Português, para enfrentar um problema de reumatismo. Em apenas dois anos, Silveira tornou-se campeão nacional de levantamento do peso (categoria de pesados), batendo todos os recordes nacionais. E numa exibição em Paris, em abril de 1909, estabeleceu três recordes do mundo. O levantamento de pesos contou com um outro recordista mundial nesta altura, o atleta algarvio Francisco Padinha. Ao serviço do Real Ginásio Clube Português, Padinha foi várias vezes campeão nacional, notabilizando-se também na luta de tração à corda. Foi um dos membros preponderantes da famosa equipa de tração à corda do Sporting Clube de Portugal, imbatível entre 1911 e 1913, dissolvendo-se sem nunca ter sofrido uma derrota. Imparável foi também a carreira de César de Melo que na primeira década do século XX dominou a luta greco-romana em Portugal (modalidade olímpica desde 1896), na categoria de médios. No campeonato da Europa de luta, em 1910, realizado em Budapeste, foi a grande figura, superiorizando-se a todos os adversários.

Estas figuras do desporto português, no início do século XX, podiam facilmente ter integrado uma comitiva olímpica, uma vez que apresentavam capacidades físicas e técnicas invejáveis, capazes de representar Portugal ao mais alto nível. O advento da República, em 1910, teve o condão de potenciar a necessidade de representatividade internacional do País. A opinião pública, em grande parte alimentada pela imprensa, começou a considerar as vitórias desportivas não só como vitórias nacionais, mas também afirmações de sucesso de um determinado país, raça ou continente. No início do século XX, as vitórias desportivas eram muito mais do que meras conquistas atléticas, individuais ou coletivas dentro do campo de jogo. Eram uma forma de construção de identidade

nacional, projeção política e coesão social.⁸ As Olimpíadas de Estocolmo, em 1912, disso viriam a ser exemplo.

Os países que eram até agora os decanos do atletismo, os Estados Unidos e a Inglaterra, são exemplos convincentes do que vale a prática do desporto e a boa preparação física. Os seus homens levaram a sua atividade, a sua expansão comercial e a influência dos seus hábitos a todo o mundo.⁹

Mas se as vitórias desportivas eram tidas como exemplos de superioridade dum povo (numa retórica que se iria acentuar nos anos 30 do século XX, com a ascensão do fascismo), a ausência de um determinado país, num evento com a dimensão dos Jogos Olímpicos, era vista na imprensa e opinião pública como um sinal de decadência, denotando um afastamento em relação à civilização europeia e ao que de mais importante sucedia no seu seio.

UNIÃO JORNALÍSTICA

Apesar da permanente instabilidade do meio desportivo, o desporto português viveu num ambiente consensual no início dos anos 1910, trabalhando em prol da denominada “causa desportiva”. Mas o Governo saído da Revolução republicana de 1910 estava “mais interessado na disciplina, na ordem e na saúde propagandeadas pela educação física do que na iniciativa, criatividade e divertimento praticados pelo desporto”.¹⁰ A ideia de desporto, enquanto “causa” social, era sobretudo uma ‘bandeira’ da imprensa desportiva, fomentando, por isso mesmo, a criação de uma associação dos jornalistas desportivos (a primeira do género em Portugal), de forma a salvaguardar os seus direitos enquanto classe profissional e o seu próprio ideário desportivo. Ganhou forma entre o final de 1910 e o início de 1911, seguindo o exemplo francês que desde 1905 contava com a Association des Journalistes Sportifs. Assim, a 31 de janeiro de 1911, nas páginas da popular revista lisboeta *Tiro e Sport*, o diretor técnico Duarte Rodrigues afirmava que a fundação de uma “organização da classe dos jornalistas desportivos”¹¹ representava a “natural sequência dos efeitos de todo o

⁸ GUTTMANN. *Games and empires: Modern sports and cultural imperialism*.

⁹ *Os Sports Ilustrados*, 20 janeiro 1912, p. 1.

¹⁰ PIRES. *Francisco Lázaro: o homem da maratona*, p. 99.

¹¹ RODRIGUES. Nada de sustos. *Tiro e Sport*, 31 janeiro 1911, p. 3.

labor principiado há anos”,¹² merecendo por isso “todo o entusiasmo”.¹³ Mas nem todas as opiniões eram favoráveis, já que alguns temiam que a associação viesse “cercear a liberdade de ação individual no campo da crítica”.¹⁴

A Associação dos Jornalistas Sportivos deu os primeiros passos em meados de 1911, agregando uma série de nomes de prestígio, quer da imprensa de especialidade, quer da generalista: Fernando Machado (secção desportiva do diário *O Mundo*), Duarte Rodrigues (*Tiro e Sport*), Soares Júnior (*Boletim da União Velocipédica Portuguesa*), Armando Machado (*O Século*), Mário Sant’Anna (*Diário de Notícias e Lucta*), José Pontes (*Os Sports Ilustrados*) e Neves Vital (*O Dia*), entre outros. A Associação consubstanciou-se graças ao facto de os jornalistas desportivos estarem “plenamente de acordo”¹⁵ em ficar “a coberto por uma disciplina conveniente e necessária para o seu bem material, contra os ataques estranhos e até prejudiciais à causa”,¹⁶ isto desde que essa “disciplina” não interferisse com a sua independência jornalística.

Era também consensual que a nova agremiação não devia limitar o seu papel apenas “à defesa de uma classe laboriosa”¹⁷ (a dos jornalistas desportivos), devendo estender a ação ao “campo da propaganda doutrinária, tornando a Associação como que numa academia de onde se faça irradiar toda a luz que a causa desportiva carece para destruir todos os vícios que a estão arruinando”.¹⁸ E, na opinião de alguns jornalistas, a Associação era a única coletividade com “a força moral e material”¹⁹ necessária para “limpar o meio desportivo dos males que o enfezam”.²⁰ Um desses ‘males’ relacionava-se, precisamente, com a constante ausência de atletas portugueses das Olimpíadas, isto numa altura em que as vitórias desportivas eram tidas como exemplos de superioridade dum povo.

¹² RODRIGUES. Nada de sustos. *Tiro e Sport*, 31 janeiro 1911, p. 3.

¹³ RODRIGUES. Nada de sustos. *Tiro e Sport*, 31 janeiro 1911, p. 3.

¹⁴ RODRIGUES. A Associação dos Jornalistas Sportivos. *Tiro e Sport*, 15 junho 1911, p. 3.

¹⁵ RODRIGUES. A Associação dos Jornalistas Sportivos. *Tiro e Sport*, 15 junho 1911, p. 3.

¹⁶ RODRIGUES. A Associação dos Jornalistas Sportivos. *Tiro e Sport*, 15 junho 1911, p. 3.

¹⁷ RODRIGUES. A Associação dos Jornalistas Sportivos. *Tiro e Sport*, 15 junho 1911, p. 3.

¹⁸ RODRIGUES. A Associação dos Jornalistas Sportivos. *Tiro e Sport*, 15 junho 1911, p. 3.

¹⁹ RODRIGUES. A Associação dos Jornalistas Sportivos. *Tiro e Sport*, 15 junho 1911, p. 3.

²⁰ RODRIGUES. A Associação dos Jornalistas Sportivos. *Tiro e Sport*, 15 junho 1911, p. 3.

OPERAÇÃO ESTOCOLMO

Em finais de 1911 passaram a ser regulares os artigos de opinião e editoriais que incentivavam a primeira participação portuguesa nos Jogos Olímpicos. Sucederam-se também as cartas dos leitores, em *O Século* e *Os Sports Ilustrados*, em que se defendia uma “cruzada” em prol da participação olímpica e a melhoria das condições de treino para os “sportsmen” portugueses. A questão do treino, ou neste caso a falta dele, era apontado como “o ponto mais fraco”²¹ do desporto português, envolvendo todas as modalidades. Era, por isso, imperativo melhorar a qualidade do treino e exigir mais “perseverança e tenacidade”²² aos atletas, pouco recetivos a “uma longa e cuidadosa preparação”.²³ Para além disso, era necessário aumentar os conhecimentos técnicos do treino desportivo e da preparação física dos atletas, através da leitura de livros e trabalhos publicados pelos principais treinadores internacionais em revistas de desporto (referindo-se habitualmente aos treinadores norte-americanos e ingleses). Finalmente, um outro problema apontado ao atleta português era a ausência de uma especialização.

O corredor da Maratona está convencido de que é um excelente corredor de 100 metros. Por cá é assim em tudo. Vivemos na terra do faz-tudo e do enciclopédico! Somos da terra onde o homem que dá pontapés numa bola se atreve a ser jornalista e dar leis, com ar de catedrático, sobre aviação, sobre futebol, sobre ginástica e sobre higiene corpórea!²⁴

A estes problemas juntava-se o facto do meio desportivo português estar numa fase inicial de estruturação e institucionalização. O futebol, por exemplo, modalidade introduzida em 1888 pela família Pinto Basto, contava unicamente (apesar dos seus 23 anos de prática) com duas associações de regionais (Lisboa, criada em 1910, e Portalegre, em 1911). E a maioria das iniciativas marcantes ligadas ao futebol, como foram o primeiro torneio interclubes (disputado em Lisboa, em 1906) ou a primeira visita a Lisboa de um clube estrangeiro (os franceses do

²¹ *Os Sports Ilustrados*, 23 dezembro 1911, p. 1.

²² *Os Sports Ilustrados*, 23 dezembro 1911, p. 1.

²³ *Os Sports Ilustrados*, 23 dezembro 1911, p. 1.

²⁴ *Os Sports Ilustrados*, 23 dezembro 1911, p. 1.

Stade Bordelais, em maio de 1911), partiram da imprensa desportiva, respetivamente da revista *Tiro e Sport* e do jornal *Os Sports Illustrados*.

Apesar desta preponderância organizativa dos jornais, que se manteve ao longo das décadas de 1910 e 1920, era consensual a ideia de que uma representação olímpica não deveria partir da imprensa, mas sim dos clubes e da Sociedade Promotora da Educação Física Nacional (SPEFN). Esta entidade, criada em 26 de outubro de 1909, era a única que tinha “por vocação coordenar a organização da educação física do país uma vez que o Estado estava completamente alheado das questões desportivas”.²⁵ Os Estatutos da SPEFN, porém, não “expressavam, nem na letra nem no espírito, qualquer tipo de preocupação relativa ao Olimpismo ou até mesmo ao desporto”, estando vocacionada para o “domínio da saúde pelo que eram os higienistas, tais como médicos, os militares e os professores de ginástica, os seus principais aderentes”.²⁶ No entanto, seriam alguns membros deste organismo, aliados à imprensa, que iriam promover a organização dos Jogos Olímpicos Nacionais, que contaria com quatro edições, entre 1910 e 1914. Na origem destes jogos esteve precisamente a necessidade de preparar atletas portugueses para uma futura participação olímpica e promover a prática desportiva popular, ideias defendidas pelos seus mentores, o Conde de Penha Garcia e Jayme Mauperrin Santos, figuras da elite lisboeta e do desporto nacional, e colaboradores regulares na imprensa.

Entre o final de 1911 e o início de 1912, o consenso sobre a necessidade de Portugal participar nos Jogos Olímpicos de Estocolmo era generalizado, mas os recursos financeiros para financiar a comitiva eram quase inexistentes, ainda não existindo oficialmente um Comité Olímpico Português. Os clubes viviam com dificuldades financeiras e estruturais, faltavam federações organizadas e a classe política estava mais preocupada com outras questões sociais, não percebendo, muitas vezes, a dimensão popular e identitária que poderia envolver uma participação olímpica.

Entre 1909 e 1911, o Ministério dos Negócios Estrangeiros foi informado, por diversas vezes, pelo comité organizador dos Jogos Olímpicos de Estocolmo-1912, sobre as provas a realizar, a data de inscrição e o calendário do evento. No entanto,

²⁵ PIRES. *Francisco Lázaro*, p. 35.

²⁶ PIRES. *Francisco Lázaro*, p. 35.

o Governo português, através da direção da Instrução Pública, embora informado, resolveu “fazer silêncio sobre o caso”.²⁷ Este silêncio seria unicamente quebrado pelos jornais, liderados por *O Século* e *Os Sports Ilustrados*, que encetaram uma campanha a favor da participação de Portugal nos Jogos Olímpicos. Os argumentos dos jornais eram simples. Portugal contava com atletas de nível internacional, capazes de competir no estrangeiro, sendo somente necessário melhorar as suas condições técnicas (intensificar e melhorar a qualidade dos treinos e organizar mais provas atléticas, promovendo uma maior competitividade interna). A figura de Francisco Lázaro era apresentada como exemplo do nível elevado dos atletas portugueses, já que o seu tempo obtido na maratona de Lisboa de 1911 era ao nível dos melhores maratonistas mundiais. Além disso, era o prestígio do País que parecia estar em causa, com a ausência de Portugal (caso se verificasse mais uma vez na V Olimpíada) a ser vista como um exemplo da desorganização nacional e do atraso estrutural do País, longe das nações modernas que habitualmente participavam nos Jogos Olímpicos. Por esta altura, o desporto era sinónimo de modernidade, produto de um processo civilizacional e de desenvolvimento político, económico e social, sendo a assunção da prática desportiva sintomática de qualquer país moderno.²⁸ Por isso, a participação em Estocolmo-1912 era vista como um exemplo de modernidade.

Andamos afastados da Europa e da sua gente civilizada e os avanços evolutivos de um sistema completo de educação são menos conhecidos em Portugal que na Oceânia. Esses ecos da civilização têm mais dificuldade em transpor os Pirenéus que atravessar o Atlântico!²⁹

Entre janeiro e fevereiro de 1912, pese a insistente campanha da imprensa, o Governo manteve-se alheado da responsabilidade de financiar uma participação olímpica. E, em 6 de fevereiro de 1912, o Ministro do Interior, numa intervenção pública no Ginásio Clube Português, anunciava oficialmente o que se antevia: o Governo não tinha recursos financeiros para auxiliar a participação de uma equipa portuguesa nos V Jogos Olímpicos, em Estocolmo. A notícia entristeceu a imprensa e o meio desportivo. Mas a reação não se fez esperar, com *O Século* e *Os Sports*

²⁷ *Os Sports Ilustrados*, 13 janeiro 1912, p. 1.

²⁸ ELIAS; DUNNING. *A busca da excitação*.

²⁹ *Os Sports Ilustrados*, 10 fevereiro 1912, p. 1.

Ilustrados a mostrarem a sua indignação pela falta de apoio político ao desporto e à participação olímpica, lembrando que os clubes, economicamente débeis, não o poderiam fazer sozinhos. O mais lamentável, segundo a imprensa, era o facto de Portugal poder “formar um *team* poderoso para nos representar na Suécia”,³⁰ contando com uma grande esperança, Francisco Lázaro, cujos tempos na maratona rivalizavam com os melhores tempos mundiais da especialidade. “O que não faria Francisco Lázaro se tivesse uma preparação cuidada? ...É que o nosso operário tem a robustez dos Hércules lá de fora e ao mesmo tempo a *alma* de um português!”.³¹

Este argumento, de Portugal contar com um “team poderoso” e por isso devia estar presente nos Jogos Olímpicos, era sustentado, em grande medida, na figura de Francisco Lázaro. Desde 1908 que Lázaro, então com 20 anos, dominava o panorama das corridas de fundo em Portugal, vencendo consecutivamente a Maratona de Lisboa de 1908 (disputada na distância de 24 km), 1910, 1911 e 1912 (em 1909 não correu por doença). As poucas provas de fundo em estrada e de corta-mato, disputadas neste período, foram igualmente conquistadas por Lázaro, que em 1911 representou o Sport Lisboa e Benfica, transitando no ano seguinte para o Lisboa Sporting Clube. Nesta agremiação encontrou melhores condições de treino e alimentação, proporcionadas pelo apoio financeiro de D. José de Mascarenhas, entusiasta do atletismo. A melhoria das condições levou Lázaro a tentar bater, em abril de 1912, o recorde do mundo da meia-hora (em corrida), detido pelo francês Jean Bouin, com a distância de 9.721 metros. Lázaro não o conseguiu bater, mas obteve a excelente marca de 8.829 metros, dando indicações da sua boa condição física. Cerca de dois meses depois, a 2 de junho, em Lisboa, Lázaro correu a Maratona de 1912, enfrentando 21 concorrentes e a dureza de um percurso com 42.800 metros. Na véspera, todos os atletas foram alvo de uma inspeção médica, obrigatoriedade introduzida nesse ano para os inscritos. Apesar da dureza da prova, unicamente desistiram quatro corredores, vencendo Lázaro com um tempo promissor de 2 horas e 52 minutos (o segundo classificado, Matias de Carvalho, fez 3h05m).

³⁰ *Os Sports Ilustrados*, 17 fevereiro 1912, p. 1.

³¹ *Os Sports Ilustrados*, 17 fevereiro 1912, p. 1.

O tempo de Lázaro na maratona passou a ser utilizado pela imprensa e meio desportivo para justificar a enorme qualidade do atleta (e dos desportistas portugueses em geral), já que era inferior ao tempo obtido pelo italiano Pietro Dorando na maratona dos Jogos Olímpicos de Londres em 1908, que cruzou a meta em primeiro lugar com um tempo de 2 horas e 54 minutos, obtido para percorrer 42.263 metros – Dorando, pasteleiro de Capri, seria desclassificado por “utilização de ajuda de estranhos” no final da prova (desfaleceu por quatro vezes), atravessando a meta com o apoio de membros da organização, entre eles Arthur Conan Doyle, criador da célebre figura de Sherlock Holmes. O ouro olímpico da maratona de 1908 seria entregue ao norte-americano John Joseph Hayes, que fez 2 horas e 55 minutos. Assim, na Maratona de Lisboa de 1912, Lázaro fez melhor tempo que Dorando (menos dois minutos) ou Hayes (menos três minutos) e numa prova mais longa (correu mais 537 metros, tendo na ponta final que subir a íngreme Calçada do Carriche). Este tempo promissor do atleta português, aliado à euforia política da época (pós-Revolução de 1910), juntamente com a necessidade de afirmar Portugal no panorama internacional, justificou em parte a campanha levada a cabo pela imprensa, profusa defensora da estreia de Portugal nos Jogos Olímpicos. Lázaro encarnava o papel do herói nacional, ao ser uma “figura central” de um tempo histórico, assumindo-se como “um protagonista qualificado que se salienta do conjunto das restantes personagens por ações excecionais, muitas vezes, difíceis de entender ou de igualar”.³²

PREPARATIVOS DA ESTREIA OLÍMPICA

A imprensa desportiva, no seu todo e graças à ação agregadora da Associação dos Jornalistas Sportivos, assumiu no início de 1912 um papel importante na consolidação da ideia de desporto em Portugal, a qual tinha como principal objetivo a estreia olímpica. A este movimento aliaram-se várias figuras da Liga Sportiva de Trabalhos Atlético (criada em 1909) e da Sociedade Promotora da Educação Física Nacional (SPEFN). Esta última elaborara, em abril de 1911, um projeto de reforma

³² REIS. *Dicionário de estudos narrativos*, p. 193.

do ensino da ginástica, a pedido da Direção-Geral de Instrução Secundária, Superior e Especial, publicado no *Diário da República* de 29 de maio de 1911. O diploma legal centrava-se essencialmente na definição profissional do professor de ginástica (estipulava a criação de um curso de professores de ginástica), estando por isso a SPEFN mais preocupada com questões que interessavam aos médicos e professores de ginástica (na linha higienista da época) do que com matérias relacionadas com o desporto, como era a participação olímpica.³³ Isso determinou que alguns dirigentes da SPEFN, mais próximos da ideia de desporto, enveredassem por um outro caminho institucional, com a criação oficial do Comité Olímpico Português³⁴ (COP), na terça-feira, 30 de abril de 1912, após a assembleia magna de clubes e jornalistas desportivos realizada no Centro Nacional de Esgrima, em Lisboa. Essa reunião determinou a eleição por unanimidade e aclamação de J. Mauperrin Santos para primeiro presidente do Comité Olímpico, definindo seis grandes objetivos,³⁵ entre os quais “fazer a propaganda dos Jogos Olímpicos Internacionais”.

Para a imprensa, a criação do COP não era uma afronta à SPEFN, mas “um poderoso auxiliar”,³⁶ contribuindo ambas para “a marcha evolutiva do nosso desporto”,³⁷ cabendo ao COP tornar “conhecidos os nossos Hércules além-fronteiras”³⁸ e à SPEFN “animar a propaganda da educação física, estreitando as relações dos clubes”.³⁹ Nas edições do mês de maio, o jornal *Os Sports Ilustrados* daria especial atenção às atividades do COP, referindo que este tinha como principal missão “zelar pelos interesses desportivos dos portugueses nas suas relações desportivas internacionais”.⁴⁰ Para isso, o Comité tinha a dupla função de preparar “equipas para concorrer às Olimpíadas” e organizar regularmente “congressos de Educação Física”. E o seu objetivo prioritário era o de “procurar recursos para enviar um grupo de atletas portugueses a Estocolmo”.⁴¹

³³ PIRES. *Francisco Lázaro*, p. 43.

³⁴ A primeira designação era de Comité Olímpico Nacional (cf. *Os Sports Ilustrados*, 27 abril 1912, p. 1).

³⁵ *Os Sports Ilustrados*, 7 maio 1912, p. 2.

³⁶ *Os Sports Ilustrados*, 25 maio 1912, p. 1.

³⁷ *Os Sports Ilustrados*, 25 maio 1912, p. 1.

³⁸ *Os Sports Ilustrados*, 25 maio 1912, p. 1.

³⁹ *Os Sports Ilustrados*, 25 maio 1912, p. 1.

⁴⁰ *Os Sports Ilustrados*, 25 maio 1912, p. 1.

⁴¹ *Os Sports Ilustrados*, 25 maio 1912, p. 1.

Nas semanas seguintes à criação, o COP reuniu regularmente, ganhando a sua ação algum consenso no meio desportivo, o que foi exaltado na imprensa. Foi sob este signo de respeitabilidade que em 21 de maio de 1912 se realizou a reunião do COP para a escolha dos atletas a enviar a Estocolmo. Avaliados os recordes e as trajetórias competitivas dos atletas, o COP pré-selecionou cinco atletas da esgrima (Fernando Correia, Mário Noronha, Sebastião Herédia, António Osório e C. Castelo Branco), um da natação (Carlos Sobral), três da luta (César de Melo, Joaquim Vital e António Pereira) e cinco do atletismo (Francisco Lázaro, António Stromp, Armando Cortesão, Correia Leal e M. Carvalho). De seguida, o COP decidiu acompanhar o treino dos atletas e garantir os melhores critérios para a seleção final dos mesmos. Em virtude da falta de treinos e de empenhamento, vários atletas seriam excluídos, enquanto outros se mostraram indisponíveis para ir a Estocolmo. Restou uma lista final de dez atletas, todos de clubes lisboetas e de perfil social diverso: 1) César de Melo – Luta greco-romana (categoria de médios). Aluno de medicina da Universidade de Coimbra, era o campeão nacional. Invencível em Portugal, ganhou prestígio no Campeonato da Europa de Luta de 1910, em Budapeste, onde venceu todos os adversários; 2) António Pereira – Luta greco-romana (categoria de levíssimos). Este topógrafo-desenhador ganhou muito prestígio durante o Campeonato da Europa de Luta de 1910, em Budapeste, onde atingiu a final, impondo-se pela forte compleição física e exuberante capacidade atlética. Na sua categoria, dominava em Portugal; 3) António Stromp – Atletismo (100 e 200 metros). Estudante dos liceus de Lisboa, era um atleta prodigioso, tanto para as provas de velocidade como para o futebol. Era o corredor mais rápido em Portugal, dando mostras de poder melhorar os seus tempos com treino específico; 4) Armando Cortesão – Atletismo (800 metros). Estudante do Instituto Superior de Agronomia, era um especialista nos 800 metros, fazendo tempos próximos dos grandes corredores internacionais da distância; 5) Correia Leal – Atletismo (400 metros). Estudante da Universidade de Lisboa, em 1912 detinha o recorde nacional dos 400 metros, apresentando tempos de nível internacional. Contava com um arranque poderoso; 6) Fernando Correia – Esgrima de espada. Empregado superior do Montepio Geral, era membro do COP, diretor de vários clubes lisboetas e jornalista. Era campeão nacional, contando com brilhantes prestações em provas

internacionais; 7) Francisco Lázaro – Atletismo (maratona). Carpinteiro numa fábrica de carroçarias automóveis, dominou as maratonas em Portugal entre 1908 e 1912, fruto de uma forte determinação e capacidade de sofrimento; 8) Joaquim Vital – Luta greco-romana (categoria de meios-médios). Empregado comercial e jornalista (na secção desportiva de *O Século* e *Os Sports Ilustrados*), era o campeão de Portugal na sua categoria; 9) Matias de Carvalho – Atletismo (1500 metros e/ou maratona). Membro da Marinha de Guerra Portuguesa, era um dos mais completos atletas portugueses, tanto em corridas de meio-fundo como de fundo. Era dominador nos 1500 metros; 10) Sebastião Herédia – Esgrima (florete). Notável esgrimista, contava com uma excelente capacidade atlética e inteligência, não se intimidando a nível internacional. No Campeonato da Europa de Esgrima de 1910, em Nice, impôs-se aos melhores mestres estrangeiros.

Escolhidos os atletas que iriam formar a comitiva portuguesa aos Jogos Olímpicos de Estocolmo de 1912, o COP tinha como missão seguinte a angariação de recursos financeiros, envidando esforços junto do Governo e de possíveis mecenas (sobretudo ‘amigos endinheirados’ dos membros do COP). Foi ainda decidida a organização de um sarau desportivo no Coliseu dos Recreios, em Lisboa, reunindo os melhores atletas portugueses amadores (o profissionalismo só muito mais tarde surgiria no desporto português), entre os dias 16 e 20 de junho. Uma subscrição pública nacional foi iniciada com uma contribuição do próprio Presidente da República, a fim de se recolher fundos, mas poucos lhe seguiram o exemplo e o montante recebido foi reduzido. O sarau de angariação de fundos no Coliseu acabaria por se realizar, afinal, num único dia, o 22 de junho, apresentando 12 espetáculos desportivos diferentes, desde ginástica infantil até à luta a cavalo, passando por combates de boxe, o jogo do pau ou levantamento do peso, entre outros. O jornal *Os Sports Ilustrados*, a fim de despertar a atenção dos espectadores, publicou o seguinte texto na edição desse dia:

No vapor Amazon deve seguir no dia 26 para Londres e dali seguirá para Estocolmo, a equipa portuguesa que concorre aos jogos da V Olimpíada Internacional. A equipa é reduzida, pois o Comité Olímpico Português não podia correr os riscos de uma grande representação, sem o subsídio do Governo e com uma atmosfera de inconsciente hostilidade, porque a maioria ainda não reconheceu o grande valor patriótico desta iniciativa. O que era

necessário era fazer representar Portugal num certame onde todas as nações do Mundo se fazem representar. Vão dois, três ou quatro dos nossos atletas; é pouco mas é o suficiente para o objetivo que se pretende obter.⁴²

Os atletas selecionados para integrar a comitiva olímpica portuguesa foram apresentados durante o sarau, que contou ainda com diversos discursos de membros do COP, que exaltaram a importância da presença de Portugal nos Jogos Olímpicos. Mas, apesar da diversidade e interesse do programa, a afluência de público foi reduzida, o que se deveu em grande medida a uma greve dos condutores de elétricos, que praticamente paralisou os transportes públicos em Lisboa. Assim, a verba angariada com a bilheteira do sarau foi escassa, o que implicou reduzir a comitiva de dez para seis atletas, o que causou tristeza e consternação entre os quatro excluídos: César de Melo, Matias de Carvalho, Correia Leal e Sebastião Herédia. Na base desta exclusão estiveram também as fracas performances desportivas destes atletas nas provas desportivas realizadas a 24 de junho, no Campo Grande, que determinaram, por exemplo, a exclusão de Matias de Carvalho e Correia Leal. A comitiva olímpica portuguesa ficou, assim, reduzida a seis atletas, representando três modalidades: Atletismo⁴³ – António Stromp, Armando Cortesão e Francisco Lázaro; Luta greco-romana – António Pereira e Joaquim Vital; Esgrima – Fernando Correia. O mais novo era António Stromp, com 18 anos e 34 dias, enquanto o lutador Joaquim Vital era o mais veterano, com 27 anos e 316 dias.

RUMO A ESTOCOLMO

Aquela que era a primeira comitiva olímpica de Portugal, formada por seis atletas, partiu de Lisboa a 26 de junho, a bordo do paquete “Astúrias”, da Mala Real Inglesa, com as passagens em primeira classe a serem oferecidas pela família Pinto Basto. Centenas de pessoas acorreram ao Cais das Colunas para se despedir dos atletas, que foram aclamados pelos populares e pelas respetivas famílias (entre as quais a mulher de Lázaro, grávida de cinco meses) na hora da despedida. A equipa olímpica era chefiada por Fernando Correia, desempenhando Joaquim Vital a função de

⁴² *Os Sports Ilustrados*, 22 junho 1912, p. 1.

⁴³ O termo utilizado na época para definir as provas de atletismo (corrida) era pedestrianismo.

treinador e massagista, não sendo o grupo acompanhado por nenhum dirigente desportivo, o que se deveu a questões económicas. Correia e Vital estavam também acreditados como jornalistas junto da organização, ao serviço respetivamente dos jornais *O Intransigente* e *Os Sports Ilustrados*, de Lisboa – no total estavam acreditados 445 jornalistas, na sua maioria suecos (186), seguindo-se alemães (42), britânicos (29), norte-americanos (28) e húngaros (27).

A comitiva lusa viria a atracar no porto de Southampton, viajando depois de comboio até à cidade portuária de Harwich, de onde atravessou o Mar do Norte e chegou a Esbjerg, na Dinamarca. Prosseguiu para Copenhaga, com diversas mudanças de transporte, entre barcos e comboios, chegando a Estocolmo a 2 de julho, após seis dias de viagem. À chegada à estação ferroviária da capital sueca, os seis atletas tinham à sua espera o vice-cônsul Adolf Lindroth, responsável por acompanhar a equipa olímpica portuguesa durante a estadia. Lindroth tinha sido enviado pelo embaixador⁴⁴ português em Estocolmo, o diplomata e poeta António Feijó, e informou os atletas que o embaixador e a mulher os aguardavam para almoçar na sua casa. Aguardava-os um almoço ‘à portuguesa’, de forma a dar algum alento aos atletas após a viagem que tinham enfrentado. Foi de forma calorosa que o embaixador António Feijó recebeu os seis atletas portugueses, entre os quais estava um primo do embaixador, Armando Cortesão, o que ajudou a estreitar os laços de amizade entre o diplomata e o grupo.

A comitiva portuguesa ficou instalada numa escola sueca, situada no número 54 da Rua Lineu, que tinha sido reconvertida temporariamente para receber atletas olímpicos (das nações com menos possibilidades financeiras). Foram montadas diversas camaratas, além de um vasto conjunto de comodidades mínimas (duches, cacifos, etc.), para que os participantes se sentissem cómodos e bem acolhidos (era um espaço bem iluminado, arejado e com um terraço adequado para o treino, como relatou a imprensa). O chefe de missão, Fernando Correia, ficou instalado no Hotel Continental, uma vez que a sua condição de líder da comitiva o obrigava a receber visitas oficiais.

⁴⁴ O cargo tinha a designação de “enviado extraordinário e ministro plenipotenciário de Portugal em Estocolmo”, encontrando-se a correspondência de António de Castro Feijó sobre a visita olímpica no Arquivo Histórico-Diplomático do Ministério dos Negócios Estrangeiros, em Lisboa (GOMES. O nosso homem na Suécia).

No primeiro dia de estadia em Estocolmo, os atletas portugueses visitaram o imponente Estádio Olímpico, acompanhados do vice-cônsul Lindroth. Passearam pelas pistas anexas ao recinto, receberam os bilhetes de identidade olímpicos, os distintivos especiais, os mapas da cidade e os programas com os horários das provas. Em comparação com as provas atléticas em Portugal, ainda muito insipientes, a organização sueca parecia impecável aos olhos dos atletas portugueses. Igualmente impressionante, para os seis atletas lusos, foi a comitiva norte-americana, que tinha um enorme paquete atracado no porto de Estocolmo, onde contavam com todas as comodidades para a prática desportiva (piscinas, pista de atletismo) e uma vasta equipa de massagistas e treinadores. A organização norte-americana, sobretudo a disciplina imposta pelo treinador-chefe, impressionou os atletas portugueses, pouco habituados àquele nível de exigência e metodologia de treino. E tal como os norte-americanos, grande parte das comitivas estava bem instalada, em bons hotéis da cidade.

Para os seis atletas portugueses, os dias passados em Estocolmo foram de grande euforia. Aproveitaram para passear e divertir-se pela cidade. Os jantares oficiais e as receções também não ajudaram à preparação física dos atletas lusos. Era de tal modo amadora a preparação do grupo português que nem sequer tinham levado consigo material para as massagens de recuperação após os treinos. O massagista improvisado era Joaquim Vital, que ao ver os restantes atletas, das outras equipas, a levarem massagens, decidiu tentar comprar numa farmácia sueca as chamadas “emborcagens” (mistura de vários líquidos, alguns de cariz alcoólico e anestésiante). O farmacêutico sueco, por inépcia ou falta de comunicação, já que Vital dominava mal o francês e não falava inglês, vendeu-lhe um frasco com um líquido transparente e incolor. Depois de um treino, Armando Cortesão foi o primeiro a ser massajado por Vital com esse líquido, perante o olhar estupefacto de um grupo de suecos, que ao ver o frasco avisou os atletas portugueses que se tratava de um remédio para os dentes. Este evento ilustra bem o grau de amadorismo que grassava entre a comitiva lusa – episódios que teriam eco na imprensa portuguesa, sobretudo nas páginas do lisboeta *Os Sports Ilustrados*, que relatou todos estes eventos.

ESTREIA OLÍMPICA

A abertura oficial dos Jogos Olímpicos de Estocolmo realizou-se a 6 de julho de 1912, naquele que era o primeiro estádio olímpico construído para acolher a competição. O recinto era magnífico, com grandes colunas e uma tribuna real que contaria regularmente com a presença da família real sueca, em especial o Rei Gustavo V, que disponibilizara os seus terrenos particulares para a construção do estádio. A tribuna de imprensa era outra das novidades (estavam acreditados 445 jornalistas), sublinhando-se também as diversas estátuas em bronze no exterior e os espaços verdes e pistas de treino à volta do recinto. Embora algo afastado do centro da cidade, o estádio contava com uma excelente rede de elétricos, reforçada durante os Jogos que se prolongariam até 22 de julho. Concebido pelo arquiteto sueco Torben Grut, o estádio oferecia cerca de 30 mil lugares sentados, merecendo grande reconhecimento internacional pela sua arquitetura e funcionalidades. Entre as inovações técnicas esteve a contagem elétrica dos tempos para apoiar os cronómetros manuais – os resultados podiam ser finalmente determinados em décimos de segundos – e no atletismo introduziu-se o “photo finish”, que seria decisivo, por exemplo, para a atribuição da medalha de prata nos 1500 metros.

Do ponto de vista das questões género, as mulheres ganharam mais representatividade no movimento olímpico e por consequência nos *media*. Depois da sua primeira participação em Paris, em 1900, em que estiveram 22 mulheres,⁴⁵ em Estocolmo participaram 48 atletas femininas, obtendo ‘autorização’ para participar em mais modalidades. Para a abertura oficial, o estádio esgotou, estando representados pela primeira vez atletas dos cinco continentes. O presidente honorário para os Jogos Olímpicos de Estocolmo, o Príncipe Gustavo Adolf, proferiu o discurso solene, cabendo ao Rei Gustavo V declarar abertos os Jogos da V Olimpíada. Seguiu-se o desfile, que contou com os 2.407 participantes (2.359 homens e 48 mulheres)⁴⁶ que competiam nos 102 eventos das 14 modalidades

⁴⁵ Devido às diferenças de números encontrados em diversas fontes, decidiu-se considerar os números oficiais do Comité Olímpico Internacional. In *Factsheet The Games of the Olympiad* (Update 2024).

⁴⁶ *Factsheet The Games of the Olympiad* (Update 2024).

presentes, representando 28 países, sendo alguns deles estreantes, como Portugal e o Japão: “Os Jogos Olímpicos foram uma colossal manifestação de *sport* e de vida”.⁴⁷

Os atletas entraram no estádio atrás da respetiva bandeira nacional, empunhada geralmente pelo atleta mais popular, e ao som do respetivo hino. Portugal entrou depois da Noruega e à frente da Rússia (os países entravam por ordem alfabética), com Francisco Lázaro como porta-bandeira, ladeado por Joaquim Vital que empunhava o letreiro indicativo da nacionalidade, seguidos pelos quatro colegas de equipa. A comitiva lusa desfilou com a nova bandeira da República Portuguesa (o azul claro monárquico fora substituído pelo encarnado e verde, que o pintor Columbano Bordalo Pinheiro concebera), mas ainda sob a música monárquica do “Hino da Carta”, que nos atos solenes no estrangeiro ainda não havia sido substituído pelas estrofes de “A Portuguesa”. Este momento simbólico foi vivido debaixo de um intenso calor, alinhando-se gradualmente cada comitiva no centro do campo, onde ficariam cerca de hora e meia ao sol.

Após o final da sessão de abertura, que contou com todo o género de evocações olímpicas, seguiram-se as primeiras eliminatórias, começando pelos 100 metros, em que estava inscrito o português António Stromp. O corredor do Sporting Clube de Portugal seria o primeiro atleta português a estreiar-se nos Jogos Olímpicos, correndo após a sessão de abertura, participando na 5.^a série dos 100 metros com mais sete concorrentes. Classificou-se em 3.^o lugar, o que lhe custou a eliminação, já que apenas passavam à fase seguinte os dois primeiros de cada série. Stromp alegou que o intenso calor sofrido durante o desfile o prejudicou bastante. Quatro dias depois, a 10 de julho, Stromp seria 4.^o classificado na 18.^a série (entre oito concorrentes) dos 200 metros, o que lhe valeu nova eliminação.

Portugal contou com outro representante no atletismo, Armando Cortesão, inscrito nas provas de 400 e 800 metros. Aos 21 anos, apresentava uma excelente condição física. A primeira prova que disputou foi a eliminatória dos 800 metros, na tarde inaugural de 6 de julho, conseguindo ficar em 2.^o lugar na 3.^a série (com um tempo de 2,02 minutos), perdendo por escassa diferença para o norte-americano J. P. Jones (2,01 minutos). Cortesão liderou a corrida, mas à viragem da última curva,

⁴⁷ FERNANDO CORREIA (chefe de missão). *Tiro e Sport*, 31 julho 1912, p. 2.

Jones acelerou o ritmo, batendo o português na reta final. A segunda posição permitiu que o atleta do CIF se apurasse para as meias-finais, para gáudio dos seus colegas, uma vez que se tratava do primeiro êxito da comitiva portuguesa. Mas na segunda meia-final, disputada no dia seguinte, uma distensão muscular obrigou-o a desistir da prova. Na eliminatória dos 400 metros, disputada na sexta-feira, 12 de julho, Cortesão ficou em 3.º lugar da 3.ª série, sendo eliminado. O atleta português obteve a excelente marca de 49,8 segundos, que seria recorde nacional em Portugal caso fosse homologado – porém, os tempos obtidos por Armando Cortesão em Estocolmo (400 metros em 49,8 segundos e 800 metros em 2,02 minutos) não foram homologados como recordes portugueses.⁴⁸

Quanto aos dois lutadores de greco-romana, António Pereira (categoria de levíssimos) e Joaquim Vital (categoria de meios-médios), entraram em prova nos dias seguintes, com desenlaces relativamente semelhantes e rápidos. António Pereira, cuja participação despertava bastante expectativa, pareceu ter encaminhado a primeira eliminatória, após vencer o primeiro assalto frente ao finlandês Haapanen, mas nos dois assaltos seguintes seria derrotado. Queixou-se de uma arbitragem injusta e do facto de Portugal não ter nenhum representante no júri da prova, para assim salvaguardar os interesses nacionais. Foi depois repescado, vencendo o inglês Mackensie, atingindo assim o 18.º lugar. Nessa altura enfrentou o sueco Anderson, com quem perdeu, acusando novamente a arbitragem de tendenciosa. Por seu lado, Joaquim Vital bateu o francês Barrier, mas foi eliminado ao perder com o italiano Carcereri, um excelente lutador que demorou apenas três minutos para derrotar o português, e com o finlandês Asikainen, que o bateu em circunstâncias bastantes duvidosas, com o lutador português a acusar a arbitragem de favorecer o atleta nórdico. A arbitragem foi acusada frequentemente de favorecer os lutadores suecos e finlandeses, registando-se um elevado número de protestos por escrito e o abandono por parte de vários lutadores. E não eram infundadas as críticas, já que todos os ouros

⁴⁸ Os tempos obtidos na Suécia perdurariam em Portugal durante anos, embora na altura não tivessem sido homologados (ainda não existia esse cruzamento de tempos, nem a aceitação de tempos obtidos no estrangeiro para constarem como recordes nacionais), sendo apenas batidos muito tempo depois: os 400 metros demorariam 33 anos a serem corridos com um tempo inferior, o que sucedeu apenas a 4 de agosto de 1945, em que Fernando Casimiro, do SL Benfica, cobriu a distância em 49,3 segundos; os 800 metros foram melhorados 26 anos depois (em 24 julho 1938) por António Calado, do União Almadense, com o tempo de 2,01 minutos.

olímpicos das categorias da luta greco-romana acabaram por ser conquistados por lutadores finlandeses (três ouros) e suecos (um ouro).

Relativamente à participação de Fernando Correia, na esgrima (variante de espada), esta apresentava um elevado grau de dificuldade, dado estarem 128 concorrentes em prova, divididos em 16 grupos de oito atiradores cada. No seu grupo, o atirador português conseguiu o apuramento para a fase seguinte, apesar das muitas peripécias envolvendo a arbitragem. No caso da esgrima, os problemas arbitrais relacionaram-se sobretudo com as dificuldades de comunicação entre os membros dos júris, formados por elementos de diferentes países, com línguas distintas. Embora apurado numa primeira fase, um protesto por parte de um esgrimista desclassificado levou o júri internacional a excluir Fernando Correia da competição, impedindo-o assim de continuar em prova. A imprensa portuguesa foi fazendo eco destes desenlaces desportivos, mantendo sempre a esperança de um bom resultado na participação do atleta mais categorizado, Francisco Lázaro. O maratonista apresentava propriedades capazes de gerarem a empatia das audiências, dada a sua condição social e formação humildes, ao contrário da generalidade dos colegas, pertencentes à elite lisboeta. Lázaro assumiu-se, desde o início da campanha olímpica, como a figura central deste momento histórico, com a sua personagem a ser nuclear na narrativa informativa.⁴⁹

MARATONA IMORTAL

Deste modo, as principais expetativas lusas de conquista de uma medalha estavam depositadas no maratonista Francisco Lázaro, que acabara a maratona de Lisboa de 1912 com um tempo promissor, sendo esta prova olímpica a mais cobiçada, já que estava associada ao princípio militarista que dominava a Europa – a distância percorrida correspondia à “marcha regular, diária, dum bom soldado”.⁵⁰ Em Portugal, o jornal *Os Sports Ilustrados* foi o que deu maior destaque noticioso a este momento histórico do desporto português e à personagem de Lázaro.

⁴⁹ PEIXINHO; SANTOS. Construção de um herói em tempo de COVID-19.

⁵⁰ *Os Sports Ilustrados*, 20 novembro 1911, p. 1.

Na véspera da maratona olímpica, a 13 de julho de 1912, todos os atletas inscritos foram chamados para uma inspeção médica, realizada por quatro médicos suecos. A equipa médica não encontrou nenhum atleta em más condições, aprovando Lázaro com nota de 'bom'. No dia da prova, o corredor português almoçou cedo e dirigiu-se de automóvel para o Estádio, acompanhado de Armando Cortesão e Fernando Correia, chegando por volta do meio-dia, com Lázaro a entrar de seguida nos vestiários, para equipar e colocar o dorsal n.º 518. Estava um domingo quente a 14 de julho de 1912, com cerca de 32 graus à sombra, motivando inclusivamente um grupo de médicos a tentar o adiamento da prova por algumas horas, de forma a salvaguardar a saúde dos atletas, o que a organização recusou. Todos os dias estiveram muito quentes durante a semana, com o sol a pôr-se por volta das 23 horas, o que é normal naquela região durante o período estival.

Poucos minutos antes da partida da maratona, marcada para as 13h45m, Francisco Lázaro tardava em aparecer na pista, onde já faziam exercícios de aquecimento os outros 67 atletas (estavam inscritos 98 maratonistas, mas 30 não compareceram à partida, na maioria dos casos por não terem podido integrar as suas comitivas, como sucedeu com o português Matias de Carvalho), que aguardavam para enfrentar os 40.200 metros da prova, a sua maioria disputada em terreno plano. A demora de Lázaro causou alguma preocupação entre os dois colegas. Armando Cortesão e Fernando Correia foram aos balneários e encontraram Lázaro a besuntar-se com sebo,⁵¹ questionando-se de imediato sobre a forma como o maratonista o tinha conseguido arranjar, já que não falava nenhuma língua estrangeira. Os dois colegas ainda tentaram que Lázaro tomasse banho, de forma a tirar o sebo da pele, mas a corrida estava prestes a começar, além de que o maratonista considerava que o sebo iria melhorar a sua performance atlética. Foi todo besuntado que Lázaro chegou à partida para a maratona, encontrando a maioria dos colegas com a cabeça coberta por bonés, boinas ou simples lenços brancos, para proteger do intenso sol. Eram poucos os maratonistas de cabeça descoberta (entre os quais os dois sul-africanos que viriam a conquistar o ouro e a prata), como sucedia com Lázaro, que recusara

⁵¹ Era costume utilizar este tipo de substâncias nas provas longas de natação em alto mar, para proteger os nadadores das temperaturas da água.

inicialmente correr com uma proteção na cabeça, afirmando mesmo que o calor não o incomodava, pelo contrário, seria benéfico para afastar alguns concorrentes, estando ele habituado ao calor tórrido do verão lisboeta – durante a prova viria a colocar um lenço branco na cabeça, como retratariam as imagens gravadas em filme da maratona olímpica de 1912.⁵²

Para apoiar Lázaro durante a corrida, os seus cinco colegas dividiram-se ao longo do trajeto, ficando António Pereira e António Stromp no quilómetro 5, que no regresso era o 35, e Joaquim Vital no quilómetro 15, que no regresso seria o 25. Quanto aos outros dois companheiros, Armando Cortesão aguardava-o nas imediações do Estádio, para o acompanhar nos quilómetros finais e Fernando Correia ficou no recinto olímpico. Logo no início da corrida, que começou com três minutos de atraso, às 13h48m, Lázaro acelerou à saída do estádio, ficando na vanguarda do grupo. Aos dois quilómetros seria fotografado⁵³ na frente da prova, ao lado de alguns dos principais favoritos. Passou pelo quilómetro 5 (primeiro posto de controlo) com cerca de 17-18 minutos, mantendo-se ainda no grupo dianteiro. Os dois colegas de equipa, que o esperavam nesse ponto, gritaram-lhe palavras de apoio. Aos 10 quilómetros, em Stocksund, Lázaro baixou para o meio do pelotão, não aparecendo nos 16 primeiros lugares, numa altura em que o finlandês Kolehmainen lançou um forte ataque na frente da corrida. Aos 15 quilómetros (no segundo posto de controlo), em Tureberg, quando passou por Joaquim Vital, Lázaro ia no 27.º lugar, aparentando capacidade para recuperar lugares nos quilómetros seguintes, utilizando assim a tática do costume, aumentando progressivamente. O ritmo frenético imposto na frente pelo finlandês Kolehmainen (que acabaria por não terminar a corrida), que tentava assim juntar o ouro da maratona ao já conquistado nos 5.000 metros, 10.000 metros e no corta-mato, acelerou a corrida, impondo uma cadência extraordinária.

⁵² Cf. Arquivo canal sueco de televisão SVT.

⁵³ A fotografia seria publicada na capa de *Os Sports Illustrados*, 10 agosto 1912, p. 1.

Por volta da zona de Sollentuna,⁵⁴ a meio do percurso, Lázaro recuperara alguns lugares, tendo já um lenço branco a proteger a cabeça do sol.⁵⁵ Aos 25 quilómetros, quando voltou a passar por Joaquim Vital, ainda não figurava nos 19 primeiros,⁵⁶ mas mostrava-se confiante, dizendo ao colega que se sentia bem, apenas com sede, bebendo água pouco depois, num dos vários pontos de abastecimento (de 500 em 500 metros criaram-se postos de abastecimento com toda a espécie de refrescos). Nos quilómetros seguintes, Francisco Lázaro seria visto a cambalear enquanto atravessava a correr a colina de Ofver-Jarva, caindo algumas vezes, mas retomando sempre a corrida, para finalmente desfalecer por volta do quilómetro 30. Foi de imediato assistido pelo médico C. R. Torrell, que se encontrava no local (durante a prova estiveram de serviço um total de 11 médicos e 32 enfermeiros), chegando pouco depois o médico de serviço no posto de Silfverdal, G. Liljenroth, e o médico do carro do diretor da prova, K. A. Fries. A prioridade foi tentar que Lázaro voltasse ao estado de consciência, aplicando-lhe gelo sobre a cabeça (para arrefecer a temperatura do corpo), mas sem efeito. Uma vez que não reagia, os médicos telefonaram para o hospital e comunicaram o caso, enviando-o imediatamente numa ambulância para o Royal Seraphim Hospital, acompanhado pelo médico K. A. Fries. Deu entrada no hospital às 17h30, mantendo-se inconsciente e sofrendo de dolorosas câibras e convulsões em todo o corpo, num estado de delírio, com febre superior a 41 graus. Os sintomas indicavam um caso grave de insolação, possivelmente fatal.

Os três companheiros, espalhados por diversos pontos do trajeto da maratona, após algum tempo de espera e face à ausência de Lázaro (que não aparecia em lado nenhum), recolheram ao Estádio Olímpico, onde se juntaram aos outros dois colegas de equipa. Seria o embaixador António Feijó a informá-los que Lázaro estava hospitalizado. No hospital, os companheiros de Lázaro, apreensivos, questionaram o chefe da equipa médica sueca, o Professor Arnold Josefsson, sobre o estado do

⁵⁴ Em 1913 seria inaugurado nesse local um monumento evocativo da Maratona de 1912, estando escrita em ambos lados do monumento a palavra Vandpunkten (volta).

⁵⁵ O canal sueco de televisão SVT conta nos seus arquivos com imagens gravadas em filme da maratona olímpica de 1912, em que se vê Francisco Lázaro a beber água no posto de abastecimento colocado a meio do trajeto, com um lenço branco a proteger a cabeça.

⁵⁶ CARDOSO. Uma tragédia olímpica, p. 34.

maratonista português, sendo informados que padecia de uma meningite declarada, com possíveis derrames nas meninges, causados por uma forte insolação. O seu estado de saúde era grave, de tal forma que o embaixador António Feijó não abandonou o hospital, o que sensibilizou muito os companheiros de Lázaro, por quem Feijó começava a ter alguma amizade, considerando-os “bons rapazes”.⁵⁷ Nessa altura, alheios a esta tragédia, quatro mil pessoas jantavam no banquete de honra oferecido ao vencedor da maratona, o sul-africano Kenneth McArthur.

Os tratamentos a Lázaro continuaram durante a noite, supervisionados por uma experiente equipa médica sueca, com o atleta a levar injeções de água salgada, com as quais pareceu melhorar, movendo as mãos ao ouvir pronunciar o seu nome pelos colegas e por uma mulher sueca que o acompanhava desde o desfalecimento. Pouco depois entraria em delírio, movendo-se como se ainda estivesse a correr a maratona. Lázaro acabaria por falecer às 6h20 da manhã do dia 15 de julho de 1912. “No momento de abandonar a terra que não mais tornaria a ver, disse a um dos seus diletos amigos, com a mesma simplicidade que foi sempre apanágio da sua vida, estas palavras: ou ganho ou morro!...”⁵⁸

A maratona, corrida sob elevadas temperaturas, determinou que dos 68 atletas ao início, apenas 34 terminaram a prova, ficando pelo caminho metade dos maratonistas (verificaram-se vários casos de insolação), entre eles Lázaro, a única vítima mortal e a primeira registada nuns Jogos Olímpicos. O vencedor da prova, o sul-africano Kenneth McArthur, que fez um tempo de 2 horas e 36 minutos, chegaria também ao fim exausto, sendo necessário segurá-lo pelos braços para receber a medalha de ouro e para tirar as fotografias da vitória. Alguns dias após a maratona, sete médicos suecos enviaram um documento ao Comité Olímpico Internacional, em que se referiram à morte de Lázaro e recomendavam que, no futuro, a maratona olímpica devia ser disputada em horas mais frescas do dia e não no pico do calor, como sucedera em Estocolmo. Na opinião dos médicos, o valor desportivo da maratona olímpica não tinha tanto peso que merecesse pôr em risco a vida dos participantes.⁵⁹ “A sua corrida foi a corrida da Morte. A sua glória

⁵⁷ GOMES. O nosso homem na Suécia, p. 37.

⁵⁸ *Os Sports Illustrados*, 20 julho 1912, p. 1.

⁵⁹ NOLASCO. A morte de Francisco Lázaro, p. 8.

alvoreceu na Morte. Todos os seus alentos se esgotaram na imensa febre patriótica do seu peito”.⁶⁰

A morte de Lázaro seria recordada como “o episódio mais dramático da nossa participação nos Jogos Olímpicos”.⁶¹ E levantaria muitas dúvidas quanto ao motivo que levou a tão trágico desfecho, gerando diversas teorias, na imprensa e na opinião pública. Houve quem afirmasse que Lázaro havia sido envenenado para não vencer a prova, enquanto outros defenderam um ataque cardíaco, causas intestinais, a má preparação atlética e o abuso da estricnina ou de alguma droga mais forte, utilizadas na preparação das emborcaduras⁶² (cocktais que misturavam vários géneros de líquidos e drogas, com o suposto objetivo de melhorar a resistência dos atletas). Mas o argumento mais defendido foi o do ensebamento do corpo (era comum na época os atletas ensebarem as articulações para as protegerem do frio na prática de algumas modalidades), que terá causado um sobreaquecimento do corpo e impedido a normal transpiração do atleta, o que aliado ao intenso calor, terá estado na origem do colapso fatal. Centenas de jornalistas questionaram insistentemente o Comité Olímpico e a organização sobre as causas da morte. A autópsia, realizada pelo médico sueco F. Hénchen, encontrou o fígado de Lázaro “completamente mirrado, do tamanho de um punho fechado e rijo”,⁶³ o que comprovava a teoria da insolação e da falta de sudção devido a ter-se untado com uma substância gorda: “Ia para vencer e foi vencido. Ia para lutar e caiu. Contudo Lázaro venceu porque deu à pátria todo o seu esforço, a sua vida”.⁶⁴

Em Estocolmo, a morte de Lázaro foi mantida em segredo durante algumas horas, o que a organização justificou com a necessidade de manter a atmosfera festiva dos Jogos.⁶⁵ No entanto, gradualmente a notícia foi-se espalhando e o constrangimento pela morte do atleta português foi tão profundo que levou o príncipe herdeiro da Suécia, Gustavo Adolfo, e o barão Pierre de Coubertin a virem

⁶⁰ *O Mundo*, 18 julho 1912, p. 1.

⁶¹ MAIA. Portugal nos Jogos Olímpicos, p. 216.

⁶² Sobre esta questão da emborcação. PIRES. *Francisco Lázaro*, p. 135-62.

⁶³ NOLASCO. A morte de Francisco Lázaro, p. 6.

⁶⁴ *Os Sports Illustrados*, 20 julho 1912, p. 1.

⁶⁵ Antes como agora, as tragédias não impedem que o “show must go on”. A tragédia no Estádio de Heysel, em 1985, ou o mortal acidente de Ayrton de Senna em 1994, não foram impedimentos para que, respetivamente, se realizasse o jogo da final da Liga dos Campeões entre o Liverpool e a Juventus, e que o Grande Prémio de San Marino continuasse.

pessoalmente dar as condolências ao chefe de equipa portuguesa, Fernando Correia, e ao embaixador português, António Feijó. O facto de Lázaro ter casado recentemente, e a mulher estar grávida, pesou muito na consciência coletiva e do movimento olímpico, mostrando-se a família real sueca muito solidária e preocupada com a tragédia e com o destino da família do atleta: “O ‘team’ português que foi a Estocolmo volta dizimado pela morte”.⁶⁶

O funeral provisório, realizado no dia seguinte, a 16 de julho, seria uma imponente manifestação de dor e tristeza, ficando o corpo de Francisco Lázaro depositado numa igreja católica sueca até ao dia da transladação para Portugal, o que só viria a suceder dois meses depois – a logística da trasladação do corpo não era simples, já que apenas por barco era possível fazer uma ligação direta entre Estocolmo e Lisboa. Os seus cinco colegas de comitiva regressaram a Lisboa desolados, desejosos de chegar a Portugal o mais rápido possível. Foi um regresso não projetado e antecipado devido à tragédia em que se viram envolvidos.

A imprensa desportiva portuguesa, que tinha acompanhado toda a participação olímpica com enorme expectativa, não tardou em elevar o nome de Lázaro ao patamar de herói nacional, numa época em que o nacionalismo se afirmava a nível europeu, apresentando o “culto do heroísmo”⁶⁷ como uma das suas principais características.⁶⁸ A jovem e periclitante República Portuguesa, que em inícios de julho de 1912 sofrera a segunda incursão monárquica liderada por Paiva Couceiro, não desaproveitou o fatídico episódio olímpico, com a imprensa a apresentar o maratonista luso como um verdadeiro exemplo de abnegação. O periódico *Os Sports Ilustrados* dedicou a capa de 20 de julho ao trágico acontecimento, publicando uma fotografia de Lázaro, em grande plano, tirada pelo fotógrafo Arnaldo Garcez,⁶⁹ durante a maratona de Lisboa, acompanhada do título

⁶⁶ *A Luta*, 16 julho 1912, p. 2.

⁶⁷ STERNHELL; SZNAJDER; ASHÉRI. *Nascimento da ideologia fascista*.

⁶⁸ Longe ainda estavam os tempos do mediatismo dos sujeitos desportistas, potenciados pelos meios de comunicação social e pelas redes sociais, revestidos de transcendência, capazes de feitos superlativos, numa narrativas que se foi adaptando aos tempos, acompanhando o processo geral da mundialização da sociedade do espetáculo (GOMES. *Ascensão e queda das celebridades desportivas*).

⁶⁹ Cobrava por fotografia (cliché era o termo usado), tendo acordado com Ruy Cunha e Alberto Totta o preço de 300 réis por fotografia publicada em *Os Sports Ilustrados*, que se vendia ao preço de 20 réis.

“O Campeão Portuguez das Maratonas”. O sentimento de heroísmo dominou as linhas escritas sobre o fatídico episódio: “Francisco Lázaro morreu como só podem fazê-lo os grandes homens da terra. Morreu com o nome do seu Portugal a extinguir-se-lhe nos lábios”.⁷⁰

O atleta interpretou o papel de herói trágico, não só entre a imprensa desportiva, mas também nas secções desportivas dos jornais generalistas, com destaque para *O Mundo* (edição de 18 de julho) e *A Luta* (16 de julho). A edição de 10 de agosto de *Os Sports Ilustrados* apresentaria na capa a única fotografia tirada a Francisco Lázaro durante a maratona de Estocolmo, numa altura em que ia no grupo da frente.

A própria imprensa sueca não ficou imune ao funesto acontecimento, com os jornais *Aya Dagligt Allehanda* e *Aftonbladet* a darem grande cobertura noticiosa à morte do português, encetando mesmo uma campanha de angariação de fundos com vista a apoiar a família de Lázaro. A opinião pública sueca, ao saber que se tratava de um simples carpinteiro e que deixava uma mulher grávida, acolheu a ideia de uma subscrição nacional. Esta iniciativa seria, no entanto, transformada pelo Príncipe Gustavo Adolfo num festival desportivo no Estádio Olímpico, revertendo a receita de bilheteira e as dádivas para a família de Lázaro. Nesse certame desportivo participaram vários atletas consagrados (muitos deles atletas olímpicos que ainda não haviam regressado a casa), em provas de atletismo, ginástica, entre outras modalidades, realizando-se um fogo de artifício no final do evento, que espalhou pelo céu as cores da bandeira portuguesa e um grande L flamejante, de Lázaro. Cerca de 32 mil pessoas assistiram ao festival, que se realizou cinco dias depois da morte do atleta, gerando uma receita líquida de 14 mil coroas,⁷¹ O valor angariado ficou numa instituição bancária sueca e parte foi aplicado num fundo ligado ao setor marítimo, recebendo anualmente os dividendos a família do atleta. Quando a filha de Lázaro atingiu a maioridade, em 1930, o dinheiro foi-lhe entregue na totalidade através da embaixada sueca em Lisboa.

⁷⁰ *Os Sports Ilustrados*, 20 julho 1912, p. 1.

⁷¹ Aproximadamente 70 mil euros (MESTRE. “*Ou ganho ou morro!*”, p. 96).

A ÚLTIMA CAMINHADA

O Comité Olímpico Português, ao tomar conhecimento da morte, convocou uma reunião para o dia 26 de agosto com os mais importantes clubes desportivos portugueses, tendo como objetivo preparar as exéquias de Lázaro. Acorreram 44 delegados, em representação da globalidade das agremiações de Lisboa e dos principais clubes do Porto, Matosinhos, Aveiro, Coimbra e Figueira da Foz. Na reunião decidiu-se organizar um cortejo fluvial que acompanharia o barco com o féretro, desde que entrasse no Tejo até à capela do Arsenal da Marinha, onde a urna ficaria depositada. Seguiria depois para o Cemitério de Benfica, acompanhada pelas diversas delegações e os muitos estandartes dos clubes. Iniciou-se também uma recolha de dádivas para preparar o funeral em Lisboa, podendo qualquer cidadão ou coletividade entregar um contributo.

As reuniões preparatórias das exéquias de Lázaro decorreram no início de setembro, com a imprensa a relatar todos os procedimentos definidos. O navio de guerra sueco “Vendsysset”, que transportou propositadamente o corpo de Lázaro desde Estocolmo, chegou a Lisboa no domingo 22 de setembro de 1912. No dia seguinte, pelas 17h00, com toda a logística preparada para receber o corpo, o navio sueco entrou no Tejo, fazendo-se de seguida o desembarque da urna, sob o olhar atento de centenas de pessoas e de vários fotógrafos (*O Século* publicaria fotografias desse momento). A urna do atleta foi transportada para terra pelas esquadrilhas dos clubes náuticos, que arvoraram remos quando o caixão foi tirado para o cais e encaminhado para a casa (forrada de panos pretos) do ministro da Marinha, no Arsenal da Marinha, onde o corpo ficou depositado nessa noite, passando no dia seguinte para a capela do Arsenal, junto ao Terreiro do Paço. Em terra, o caixão foi simbolicamente transportado por Fernando Correia (chefe de missão em Estocolmo), e por cinco outras grandes figuras do desporto português (Álvaro Lacerda, Carlos Bleck, José Pontes, Guilherme Pinto Basto e Carlos Soveral Martins). A aguardar o corpo estava a família de Lázaro e um grande número de amigos. Foram organizados turnos de duas horas, pelos delegados dos clubes, para velarem o corpo. Milhares de lisboetas prestaram-lhe a última homenagem, solidarizando-se

com a viúva de Lázaro, que recebeu do comandante sueco uma lata de terra do local onde o atleta desfaleceu e uma fotografia da igreja onde o corpo esteve depositado. No dia seguinte, a 24 de setembro, pelas 16 horas, o corpo do maratonista foi conduzido a pé ao cemitério de Benfica, num funeral que juntou representações de 78 coletividades e uma multidão de pessoas, muitas das quais operários que vieram prestar a sua última homenagem a Lázaro. Houve fábricas que interromperam os trabalhos, permitindo aos trabalhadores participar no funeral. A acompanhar a urna, que ia coberta com a jovem bandeira de Portugal, foram também quatro carretas de flores e coroas, entre elas as que enviaram o rei da Suécia e o barão Pierre de Coubertin, ao som do toque fúnebre da Banda Filarmónica da Sociedade Euterpe, de Benfica. Os principais responsáveis do COP marcaram presença, fazendo todo o trajeto a pé, apoiando a família de Lázaro, que contou também com o apoio dos membros da equipa olímpica de 1912. Era a última caminhada que juntava os atletas portugueses de Estocolmo. Estes momentos ficariam imortalizados pela câmara fotográfica de Joshua Benoliel, o mais importante fotógrafo da época, que publicaria uma extraordinária fotografia do funeral na revista *Ilustração Portuguesa* de 30 de setembro de 1912: “Foi uma imponente manifestação de dor e de solidariedade sportiva, a do funeral de Francisco Lázaro”.⁷²

Durante o trajeto organizaram-se vários turnos para transportar o caixão ao ombro, sendo o penúltimo formado pelos sócios do Lisboa Sporting Clube (a que pertencia Lázaro) e pelos seus colegas da equipa olímpica. Chegados à porta do Cemitério de Benfica, por volta das 20 horas e após um trajeto de quatro horas desde o Terreiro do Paço, o caixão foi transportado até à sacristia pelos membros do COP. Durante a cerimónia final ouviram-se três discursos: Júlio Pinheiro Santinho (representante do Lisboa Sporting Clube), Fernando Correia (chefe de missão olímpica e companheiro de Lázaro em Estocolmo) e José Pontes (em representação do Comité Olímpico de Portugal), com este último a fazer um discurso emocionado. A urna foi depois transportada em ombros pelos companheiros olímpicos de Lázaro (Fernando Correia, António Stromp, António Pereira e Joaquim Vital), que assim se despediram do corpo do maratonista, colocando-o na casa do depósito, onde ficou

⁷² *Os Sports Ilustrados*, 28 setembro 1912, p. 1.

até ao dia seguinte por ser tardia a hora para o encerramento do jazigo. Apesar de entrada a noite, dezenas de jornalistas e milhares de pessoas assistiram a estes momentos. Terminava a saga dos seis atletas olímpicos portugueses que pela primeira vez participaram nos Jogos Olímpicos.

Quero pedir a todos que aqui, neste momento em que vimos deixar o nosso infeliz companheiro no seu repouso eterno, nós gravemos no nosso espírito, bem fundo, estas duas palavras que simbolizam um caráter sportivo e que coexistiam em Francisco Lázaro: *Tenacidade e Disciplina*.⁷³

Durante os meses e anos seguintes, a opinião pública, o meio desportivo e a imprensa passaram a utilizar o nome de Francisco Lázaro como o exemplo perfeito do “novo homem português” que devia surgir com a República, assim como de uma ideia de desportista que devia crescer na sociedade portuguesa. Foi precisamente isso que sucedeu em 19 de julho de 1913, um ano depois dos trágicos acontecimentos de Estocolmo, com o boletim *A Evolução Sportiva*,⁷⁴ lançado pelo Clube Sport dos Empregados do Comércio Eborense, de Évora, a lembrar na primeira página que “a morte do destemido campeão”⁷⁵ não devia atemorizar os desportistas portugueses, mas sim “incitá-los a que continuem desenvolvendo a matéria sportiva”.⁷⁶

O nome e a figura de Lázaro perdurariam na memória coletiva nacional nas décadas seguintes, recebendo constantes referências na imprensa e na sociedade portuguesa. Em abril de 1924, o seu nome foi imortalizado pela Câmara Municipal de Lisboa, que decidiu por unanimidade trocar a designação da Travessa do Borralho, onde se encontrava instalado o Lisboa Ginásio Clube (agremiação que Lázaro representava na altura da sua morte), pelo nome de Rua Francisco Lázaro. O exemplo seguiu-se noutras localidades portuguesas, continuando-se ao longo do século XX a recordar a memória do maratonista, dos seus cinco companheiros e da primeira participação olímpica portuguesa em Estocolmo-1912.

⁷³ Palavras de Fernando Correia (chefe de missão) durante o enterro de Lázaro. *Os Sports Ilustrados*, 28 setembro 1912, p. 1.

⁷⁴ Foi um número especial, dedicado a promover o festival desportivo que ia decorrer em Évora no domingo, 27 de julho de 1913, bastando apresentar uma edição do jornal para se entrar gratuitamente no festival.

⁷⁵ CARUJO. Um estímulo. *A Evolução Sportiva*, 19 julho 1913, p. 1.

⁷⁶ CARUJO. Um estímulo. *A Evolução Sportiva*, 19 julho 1913, p. 1.

CONCLUSÃO

A imprensa desportiva portuguesa, de início do século XX, desempenhou um papel crucial na construção de uma narrativa nacionalista que vinculava o sucesso desportivo à identidade nacional. Uma narrativa que se viria a acentuar nos anos 1920, com o surgimento de elementos agregadores da identidade nacional, como a Seleção Nacional de futebol, por exemplo. Como sugere Eric Hobsbawm (1990), os eventos e elementos desportivos modernos foram utilizados para reforçar o sentimento de pertença a uma comunidade imaginada, projetando a nação como uma entidade homogénea e heroica, sendo que, como se mostrou ao longo deste artigo, o jornalismo desportivo teve um papel fundamental em veicular a imagem dessa homogeneidade e heroicidade. No caso português, a participação nos Jogos Olímpicos de Estocolmo de 1912 serviu não apenas como afirmação internacional no cenário das nações modernas, como também exaltação dos feitos desportivos nacionais e dos seus heróis desportivos.

A morte de Francisco Lázaro, amplamente coberta pela imprensa, constitui um exemplo da construção simbólica do atleta como herói trágico. Com a afirmação de “Ou ganho ou morro”, Lázaro foi transformado em ícone patriótico, reforçando o mito do atleta como um combatente que se sacrifica em prole da pátria, uma narrativa explorada em regimes políticos que buscaram legitimação por meio do desporto.⁷⁷ Por outro lado, Francisco Lázaro, membro do operariado (carpinteiro), representou o ideal de atleta olímpico amador, que pratica desporto de forma desinteressada, e que ao mesmo tempo desafiou os cânones de um desporto de elites, praticado por indivíduos provenientes de classes socialmente favorecidas. A sua história é particularmente simbólica da luta entre as elites desportivas e a emergente democratização do desporto, no início do século XX português. A primeira participação olímpica portuguesa revela muito mais do que a singela participação num evento desportivo. Simboliza uma tentativa de inserção de Portugal numa ideia de modernidade de início de novo século, utilizando o desporto como instrumento de afirmação nacional e internacional. Francisco Lázaro tornou-

⁷⁷ ELIAS; DUNNING. *A busca da excitação*.

se um símbolo da dimensão trágica e heroica que o desporto pode assumir, evidenciando como os ideais desportivos se entrelaçam com questões de identidade, poder e memória coletiva.

A história do olimpismo em Portugal inicia-se, assim, sob o signo do sacrifício, mas também da persistência, marcando para sempre a relação do País com os grandes eventos desportivos internacionais, tendo os jornalistas e respetivos órgão de comunicação social como protagonistas na produção de narrativas superlativas e imaginárias sobre um ideal de nação. Nesta linha, este artigo abre pistas de investigação sobre a relação entre *media* e olimpismo, a partir de uma perspetiva histórica, quer em termos de comparativismo com outras participações olímpicas portuguesas (noutros períodos de mudança política, por exemplo), quer ao nível do contexto internacional, comparando com outras realidades do contexto europeu, por exemplo. Abre também pistas de abordagem epistemológica sobre o papel do herói desportivo numa sociedade em transição política ou na construção de uma narrativa patriótica, e o papel desempenhado pelos *media*.

* * *

REFERÊNCIAS

- AFONSO, A.; VLADIMIRO, V. A correspondência oficial da Legação de Portugal em Londres, 1900-14. **Análise Social**, ICS, Lisboa, 18, p. 722-40, 1982.
- CARDOSO, C. P. **100 anos de olimpismo em Portugal**. Lisboa: Comité Olímpico de Portugal, 2009.
- CARDOSO, C. P. Uma tragédia olímpica. **Visão História**, 16, p. 31-4, 2012.
- COELHO, J. N.; PINHEIRO, F. **República, desporto e imprensa** – O desporto na I República em 100 primeiras páginas, 1910-26. Porto: Edições Afrontamento, 2012.
- CONSTANTINO, J. M. **Os cem anos do movimento olímpico**. Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras, 1994.
- CORREIA, R. **Portugueses na V Olimpíada** – Subsídios para a história do desporto português. Lisboa: Editorial Notícias, 1988.

- DAYAN, D.; KATZ, E. **Media events**: The live broadcasting of history. Harvard University Press, 1994.
- DIAS, M. T. O velocista estrela do futebol. **Visão História**, 16, p. 35, 2012.
- ELIAS, N.; DUNNING, E. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992.
- FEIO, N. **Desporto e política, ensaios para a sua compreensão**. Lisboa: Compendium, 1979.
- FERNANDES, A. M. **Cem anos de maratona em Portugal**. Lisboa: Xistarca, 2010.
- GOMES, R. M. Ascensão e queda das celebridades desportivas. **Mediapolis**: revista de comunicação, jornalismo e espaço público, 1, p. 54-63, 2015.
- GOMES, C. O nosso homem na Suécia. **Visão História**, 16, p. 36-7, 2012.
- GUTTMANN, A. **Games and empires**: modern sports and cultural imperialism. Nova Iorque: Columbia University Press, 1994.
- GUTTMANN, A. **The Olympics**: a history of the modern games. USA: University of Illinois Press, 2002.
- HOBBSBAWN, E. **Nations and nationalism since 1870**. Cambridge: University Press, 1992.
- BERGVALL, E. (Org.). **The fifth olympiad**: the official report of the Olympic Games of Stockholm 1912. Wahlström; Widstrand, 1913. Disponível em: <http://bit.ly/45qvEi3>.
- LAGO, C.; BENETTI, M. **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 2007.
- LENSKYI, H. J. Alternative media versus the Olympic industry. In: RANEY, A. A.; BRYANT, J. (Orgs.). **Handbook of sports and media**. USA: Lawrence E. A., 2006, p. 205-15.
- LOPES, L. **Tudo sobre Jogos Olímpicos – Atenas 1896/Pequim 2008**. Lisboa: Quidnovi, 2008.
- MAIA, F. Portugal nos Jogos Olímpicos. In: OLIVEIRA, F. (Org.). **O espírito olímpico no novo milénio**. Coimbra: Imprensa da Universidade, 2000, p. 213-23.
- MESTRE, A. M. **“Ou ganho ou morro!”** – Francisco Lázaro: a lenda olímpica. Porto: Edições Afrontamento, 2012.
- MOURA, J. V. Centenário da participação portuguesa nos Jogos Olímpicos. **Visão História**, 16, 2012, p. 5.
- MÜLLER, M. What makes an event a mega-event? Definitions and sizes. **Leisure Studies**, 34 (6), 2015, p. 627-42.
- NOLASCO, P. A morte de Francisco Lázaro. **Desporto e Sociedade**, 5. Lisboa: Direção Geral dos Desportos, 1985.
- NUNES, R.; PINHEIRO, F. **Os 6 de Estocolmo** – A primeira participação portuguesa nos Jogos Olímpicos, Estocolmo-1912. Porto: Edições Afrontamento, 2012.

- PEIXINHO, A. T.; SANTOS, C. Construção de um herói em tempo de COVID-19. **Comunicação Pública**, 18 (35), 2023.
- PEIXOTO, J. L. 1912: A meta da maratona infinita. **Visão História**, 16, 2012, p. 24-9.
- PINHEIRO, F. **A Europa e Portugal na imprensa desportiva (1873-1945)**. Coimbra: MinervaCoimbra, 2006.
- PINHEIRO, F. **História da imprensa desportiva em Portugal**. Porto: Edições Afrontamento, 2011.
- PINTO, R. **Portugal nos Jogos Olímpicos do século XX**. Lisboa: COP, 2004.
- PIRES, G. **Francisco Lázaro: o homem da maratona**. Lisboa: Prime Books, 2012.
- PONTES, J. **Corrida de maratona** – Estudo fisioterapia. Lisboa: Oficina Ilustração Portuguesa, 1912.
- REIS, C. **Dicionário de estudos narrativos**. Almedina, 2018.
- SÉRGIO, M. **Heróis olímpicos do nosso tempo**. Lisboa: Compendium, 1980.
- SERPA, H. **História do desporto em Portugal – Do século XIX à Primeira Guerra Mundial**. Lisboa: Instituto Piaget, 2007.
- SILVA, E. F. Um século de olimpismo. **A Bola**, 7 julho 2012.
- SIMÕES, A. Lázaro ou o fim dos mitos. **A Bola**, 40, 2 junho 2012.
- STERNHELL, Z.; SZNAJDER, M.; ASHÉRI, M. **Nascimento da ideologia fascista**. Venda Nova: Bertrand, 1995.
- TELO, A. J. **Decadência e queda da I República portuguesa**. Lisboa: A Regra do Jogo, 1980.
- TORRE GOMEZ, H.; SANCHEZ CERVELLO, J. **Portugal en el siglo XX**. Madrid: Istmo, 1992.
- VALENTE, V. P. **A “República Velha” (1910-1917)**. Lisboa: Gradiva, 1997.
- WENNER, L. A. Sports and media through the super glass mirror. In: RANEY, A. A.; BRYANT, J. (Orgs.). **Handbook of sports and media**. USA: Lawrence E. A., 2006, p. 45-60.

Periódicos

Tiro e Sport

O Século

Os Sports Illustrados

* * *

Recebido em: 29 jul. 2025.
Aprovado em: 28 ago. 2025.

Quando o olimpismo sucumbe à sedução do totalitarismo: os Jogos Olímpicos de Berlim e o cerimonial olímpico

When olympism succumbs to the seduction of totalitarianism:
The Berlin 1936 Olympic Games and the olympic ceremony

Elcio Loureiro Cornelsen

Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte/MG, Brasil
Doutor em Germanística, Freie Universität Berlin
emcor@uol.com.br

RESUMO: Na história dos Jogos Olímpicos na era moderna, a 11^a. edição, realizada em Berlim sob domínio do Terceiro Reich, é o maior exemplo de como o olimpismo sucumbiu à sedução do totalitarismo. Este artigo visa a uma apresentação da ingestão de Estado na elaboração e execução do cerimonial olímpico, para fins de propaganda ideológica. Trata-se de pesquisa de caráter bibliográfico e documental, baseada tanto em referências históricas, quanto em documentação referente às “instruções de imprensa” (*Presseanweisungen*) emitidas diariamente pelo Ministério de Instrução Popular e Propaganda, como instrumentos de censura prévia, e em matérias publicadas nos jornais *Der Angriff* e *Völkischer Beobachter*. O foco principal recairá sobre a corrida de revezamento com a tocha olímpica (*Fackelstaffellauf*) idealizada pelo COA (Comitê Olímpico Alemão) para aquela edição e incorporada pelo COI (Comitê Olímpico Internacional) no protocolo olímpico das edições posteriores.

PALAVRAS-CHAVE: Olimpismo; Totalitarismo; Jogos Olímpicos de Berlim; Terceiro Reich; Corrida de revezamento com a tocha.

ABSTRACT: In the history of the Olympic Games in the modern era, the 11th. edition, held in Berlin under Third Reich rule, is the greatest example of how Olympism succumbed to the seduction of totalitarianism. This article aims to present the State's involvement in the elaboration and execution of the Olympic Ceremony, for the purposes of ideological propaganda. This is a bibliographical and documentary research, based both on historical references and on documentation referring to “press instructions” (*Presseanweisungen*) issued daily by the Ministry of Popular Education and Propaganda, as instruments of prior censorship, and on published materials in the newspapers *Der Angriff* and *Völkischer Beobachter*. The main focus will be on the Olympic Torch Relay (*Fackelstaffellauf*) designed by the GOC (German Olympic Committee) for that edition and incorporated by the IOC (International Olympic Committee) into the Olympic Protocol for subsequent editions.

KEYWORDS: Olympism; Totalitarianism; Berlin 1936 Olympic Games; Third Reich; Olympic torch relay.

INTRODUÇÃO: OLIMPISMO E POLÍTICA SOB JUGO TOTALITÁRIO

Quando o assunto é a relação entre olimpismo e política, a 11^a edição dos Jogos Olímpicos de Verão, realizada de 1^o a 16 de agosto de 1936 em Berlim, então capital do Terceiro Reich, é aquela que fornece uma gama de evidências concretas da ingestão de um Estado totalitário na elaboração e execução do cerimonial olímpico, para fins de propaganda ideológica. Por assim dizer, o uso político dos Jogos é algo que se repetiu em várias edições ao longo do século XX e nas primeiras décadas do novo milênio. Todavia, nada se compara com a sistematização com que os Jogos Olímpicos de Berlim foram organizados nos mínimos detalhes, em que não faltaram instrumentos de censura prévia – as chamadas “instruções de imprensa” (*Presseanweisungen*), emitidas em boletins diários pelo Ministério do Reich para Instrução Popular e Propaganda (*Reichsministerium für Volksaufklärung und Propaganda*) – de ensaio geral possibilitado pela organização e realização da 4^a edição dos Jogos Olímpicos de Inverno na cidade de Garmisch-Partenkirchen, nos Alpes Bávaros, de 06 a 16 de fevereiro de 1936, e de elaboração do cerimonial protocolar por Carl Diem (1882-1962), Secretário Geral do Comitê de Organização dos Jogos (*Organisationskomitee*; OK).

Devemos, entretanto, considerar certas distinções existentes entre Estados tidos como autoritários ou totalitários, surgidos no período entreguerras. Como bem aponta o historiador Mauricio Drumond,

[a] utilização política do esporte foi um fator comum a diversos Estados ao longo do século XX, não se limitando a regimes autoritários (Arnaud, 2002; Holt, 2002). No entanto, o modelo de intervenção estatal no campo esportivo adotado por regimes autoritários, especialmente pela Itália de Mussolini (Teja, 1998; 2002) e pela Alemanha nazista (Kruger, 1998; 2002), tornou-se um modelo a ser adotado por diversos governos do período entreguerras que se aproximavam ideologicamente do fascismo, como a Espanha franquista (Aja, 1998; 2002) e o Estado Novo português.¹

Tal intervenção estatal visava também à propaganda ideológica e à doutrinação da população como modo de consolidação do Estado Novo português

¹ DRUMOND. Ao bem do desporto e da nação, p. 299.

(1933-1945), “como meio de produção de consenso”,² sendo que, neste estudo, o conceito de ideologia é interpretado como “sistema de valores”. E, dentre os países abordados, haveria graus distintos de intervenção estatal, conforme bem aponta o sociólogo e historiador Jordi Estivill: “Esta pretensão totalitária tem uma maior influência no nazismo alemão e é menor nos outros três países”,³ isto é, no fascismo na Itália, no salazarismo em Portugal, e no franquismo na Espanha, que seriam caracterizados por um “totalitarismo imperfeito”.⁴

Por sua vez, a busca por “criar homens novos”⁵ era um traço comum entre os regimes totalitários ou autoritários, que possuía influência direta também em políticas públicas no âmbito do esporte e do lazer: “Uma das peculiaridades, relativa, dos Estados fascistas com vocação mais ou menos totalitária é a de querer igualmente organizar e controlar este tempo que permite a recuperação física e mental da força do trabalho”.⁶

Posto isto, o presente artigo fundamenta-se em pesquisa de caráter bibliográfico e documental, baseada tanto em referências históricas, quanto em documentação da censura prévia e em matérias publicadas nos jornais alemães *Der Angriff* e *Völkischer Beobachter*. Nosso intuito é apresentar e dimensionar o grau de intervenção do Estado totalitário alemão na organização dos Jogos e, sobretudo, na elaboração e execução do cerimonial olímpico. Dentre o conjunto de cerimônias protocolares, o foco principal recairá sobre a corrida de revezamento com a tocha olímpica (*Fackelstaffellauf*) idealizada pelo OK para aquela edição, que seria incorporada pelo COI (Comitê Olímpico Internacional) no protocolo olímpico das edições posteriores.

A NOMEAÇÃO DE BERLIM COMO CIDADE SEDE E A FASE DE PREPARAÇÃO DOS JOGOS OLÍMPICOS (1931-1936)

A inscrição oficial da cidade de Berlim, então capital da República de Weimar, como candidata à sede da 11ª edição dos Jogos Olímpicos de 1936 foi anunciada na

² DRUMOND. Ao bem do desporto e da nação, p. 311.

³ ESTIVILL. *A política social nos fascismos – a Europa em trevas*, p. 36.

⁴ ESTIVILL. *A política social nos fascismos – a Europa em trevas*, p. 36.

⁵ ESTIVILL. *A política social nos fascismos – a Europa em trevas*, p. 40.

⁶ ESTIVILL. *A política social nos fascismos – a Europa em trevas*, p. 65.

abertura do 29º. Congresso do COI, realizado em 22 de maio de 1930 na *Friedrich-Wilhelm-Universität*, hoje *Humboldt-Universität*. Concorrente direta à candidatura de Berlim foi a cidade de Barcelona. Todavia, o contexto político instável na Espanha, com a demissão do ditador General Miguel Primo de Rivera (1870-1930) em 1930 e a abdicação do Rei Afonso XIII (1886-1941) em 1931 e a proclamação da Segunda República, além da fundação do “movimento falangista” em torno do nacionalista José António Primo de Rivera (1903-1936), filho do ditador, certamente pesou na decisão do COI de nomear Berlim como sede dos Jogos, ao invés da capital catalã.⁷

A nomeação da capital do Reich como sede dos 11º. Jogos Olímpicos de 1936 foi oficializada pelo COI em 13 de abril de 1931, após Berlim receber 43 de um total de 59 votos.⁸ Portanto, isso ocorreu ainda no período da República de Weimar, que, pelo menos desde 1929, enfrentava uma crise econômica, com taxas de desemprego elevadas e recrudescimento das animosidades entre as extremas políticas, representadas, por um lado, pelo KPD (*Kommunistische Partei Deutschlands*; Partido Comunista da Alemanha) e, por outro, pelo NSDAP (*Nationalsozialistische Deutscher Arbeiterpartei*; Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães; Partido Nazista). De início, a DRA (*Deutscher Reichsausschuss für Leibesübungen*; Comissão Alemã do Reich para Educação Física) desenvolveu uma intensa propaganda dos futuros Jogos, entretanto, nada comparado com o que ocorreria após 30 de janeiro de 1933, com a ascensão do Partido Nazista ao poder executivo, com a nomeação de Hitler para o cargo de Chanceler do Reich.

Todavia, antes de chegarem ao poder em 1933, dentro da pauta política de oposição à República de Weimar, as lideranças do Partido Nazista manifestaram-se contrárias à realização da Olimpíada de Berlim. O ideal olímpico de cunho humanista, defendido desde o início do movimento pelo Barão Pierre de Coubertin (1863-1937), era diametralmente oposto às manifestações ideológicas e à prática política do nazismo, baseadas no nacionalismo xenófobo, no expansionismo, no racialismo e no antissemitismo. Portanto, o olimpismo, enquanto fomentador do respeito mútuo entre os povos, que pudesse colaborar com a consolidação da paz

⁷ HOFFMANN. *Mythos Olympia*, p. 11.

⁸ HOFFMANN. *Mythos Olympia*, p. 11.

mundial, e os ideais de universalidade e de democracia tornaram-se alvos constantes de críticas na propaganda nazista, de modo que a ponte entre olimpismo e nazismo, antes de 1933, parecia intransponível.

Certamente, por ser, já naquela época, um evento internacional de ampla abrangência, a Olimpíada ofereceria uma oportunidade de a Alemanha nazista instrumentalizá-la com fins de propaganda ideológica e, ao mesmo tempo, de inserção no conjunto das nações. Deve ser ressaltado que o país se encontrava internacionalmente isolado em termos geopolíticos, de modo que os Jogos seriam uma oportunidade de legitimar o nazismo perante a opinião pública mundial, sendo que, para isso, seria necessário, pelo menos durante os Jogos, encobrir a repressão política e cultural e a política racial, além da crescente ampliação do arsenal bélico com vistas à futura política expansionista, algo que feria as cláusulas do Tratado de Versalhes. Não é por acaso que aqueles Jogos se configuraram como uma espécie de “vitrine”, suscetível a todos os meios de intervenção e ajustes para “seduzir” estrangeiros que viessem a Berlim, sejam atletas, dirigentes, jornalistas e público em geral. A imprensa alemã trataria de veicular amplamente a imagem fabricada e exposta nessa “vitrine”: uma imagem da “nova” Alemanha, bem diferente daquela vivenciada no cotidiano de um Estado totalitário.

Por sua vez, o OK, criado em 1931, ainda no período da República de Weimar, também não ficou alheio ao processo de reformulação impingido pela cúpula nazista por meio da mudança de seu estatuto em 05 de julho de 1933, que, entre outros, limitou a influência e o âmbito de atuação do Presidente do Comitê, Theodor Lewald (1860-1947), mantido no cargo.⁹ Desse modo, em 10 de outubro de 1933, durante uma audiência na Chancelaria, na qual tomaram parte Theodor Lewald, dois membros da direção do Círculo Esportivo do Reich, Hans von Tschammer und Osten (1887-1943) e Hans Pfundtner (1881-1945), e os Ministros Joseph Goebbels (1897-1945) e Wilhelm Frick (1877-1946), Hitler manifestou sua decisão em apoiar a realização dos Jogos:

⁹ BOHLEN. *Die XI Olympischen Spiele Berlin 1936, Instrument der Innen- und Außenpropaganda und Systemsicherung des faschistischen Regimes*, p. 58.

Em termos de política externa, a Alemanha se encontra em uma das situações mais difíceis e desfavoráveis. É preciso tentar ganhar a opinião pública mundial através de grandes desempenhos culturais.

Neste contexto, seria apropriado realizar os Jogos Olímpicos de 1936, do qual, provavelmente, irão participar todas as nações da terra.

Se convidarmos para um evento desses, devemos mostrar ao mundo o que a nova Alemanha produz culturalmente.¹⁰

Sem dúvida, a experiência adquirida desde meados dos anos 1920 em organizar comícios que contavam com a presença das massas fez com que a cúpula nazista reconhecesse múltiplas possibilidades de instrumentalização dos Jogos Olímpicos de Berlim. Uma delas, talvez a mais importante de todas, foi o potencial de propaganda ideológica através da associação simbólica entre a Grécia Antiga, como berço da civilização ocidental, e a “nova” Alemanha. Inúmeros aspectos dão testemunho dessa associação, dentre eles, a cerimônia de transmissão do “Fogo Olímpico” (*Olympisches Feuer*), pela primeira vez na história dos Jogos Olímpicos na era moderna, realizada por uma corrida de revezamento, iniciada no antigo santuário de Olímpia em 20 de julho de 1936, até chegar ao Estádio Olímpia (*Olympia-Stadion*) em Berlim, em 1º de agosto de 1936.¹¹ Seu idealizador foi o então Secretário Geral do OK, Carl Diem, cujo currículo atesta o longo período dedicado ao movimento olímpico, desde o início do século XX: Carl Diem iniciou sua carreira em 1896 como atleta e jornalista. Foi membro ativo de grêmios para organização olímpica desde 1903. Quando Berlim foi nomeada pela primeira vez como sede dos Jogos em 1912, que deveriam ocorrer em 1916, mas que foram suspensos em decorrência da eclosão da Primeira Guerra Mundial em agosto de 1914 e da duração do conflito bélico até 1918, Diem tornou-se Secretário Geral do OK, permanecendo Secretário Geral do DRA de 1913 a 1933. Diem também tomou parte na delegação alemã nos Jogos de Amsterdã em 1928 e de Los Angeles em 1932. Em 1922 tornou-se membro do Partido Popular Nacional Alemão (*Deutschnationale Volkspartei*,

¹⁰ Olympia-Archiv Potsdam, citado em Bohlen. *Die XI Olympischen Spiele Berlin 1936, Instrument der Innen- und Außenpropaganda und Systemsicherung des faschistischen Regimes*, p. 70. Todas as traduções do Alemão para o Português são de nossa autoria. No original: “Deutschland befindet sich außenpolitisch in einer der schwierigsten und ungünstigsten Lagen, es müsse versuchen, durch große kulturelle Leistungen die Weltmeinung für sich zu gewinnen. / In diesem Zusammenhang sei es günstig, daß 1936 die Olympischen Spiele stattfinden, an denen wohl alle Nationen der Erde teilnehmen. / Lade man zu einer solchen Veranstaltung ein, so müsse man der Welt zeigen, was das neue Deutschland kulturell leiste”.

¹¹ HOFFMANN. *Mythos Olympia*, p. 100; Kruse; Mende. *Die Chronik*, p. 13.

DNVP) e, desde o início, seguiu a tradição militarista do esporte alemão, formada, sobretudo, no século XIX com o *Turnen*, a ginástica alemã. Quando Hitler tornou-se Chanceler, Diem foi afastado do cargo. No entanto, por solicitação de Theodor Lewald, Presidente do OK, Diem foi readmitido como Secretário Geral. Até hoje, o grau de envolvimento de Diem com o Terceiro Reich permanece incerto. Por um lado, o dirigente serviu voluntariamente aos propósitos do Estado nazista, e, por outro, foi constantemente acusado pela cúpula nazista de não romper relações de amizade com judeus. Após o final da Segunda Guerra Mundial, Diem fundou em 1948 a Escola Superior de Desportos na cidade de Colônia e foi membro do Comitê Olímpico da Alemanha Ocidental de 1949 a 1962.¹²

Por ocasião da comemoração dos cem anos de seu nascimento em 1982, Carl Diem foi homenageado como “Nestor” (decano) do esporte alemão e com o título “Mr. Olympics”. Ainda hoje, é venerado como grande humanista, apesar de ter ocupado os cargos de Dirigente de Esportes do Reich (*Reichsportsführer*) e Dirigente do Setor Estrangeiro da Liga Nacional-Socialista de Educação Física (*Auslandsabteilung des NS-Reichsbundes für Leibesübungen*) durante o período nazista. O seu entusiasmo pelo esporte também se torna uma veneração ao mundo militarizado e à guerra, conforme atestam suas palavras:

[...] Corrida de assalto através da França; como sentimos o coração bater forte dentro de nós, velhos soldados, que não podemos mais participar. Perseguimos esta corrida de assalto, esta corrida para a vitória com tensão febril e crescente admiração. O entusiasmo e a alegria que sentíamos em tempos de paz, em uma disputa esportiva audaz e combativa, se elevaram à seriedade da guerra e à veneração com um íntimo tremor no coração, em que ecoa algo daquele entusiasmo e daquela alegria. Estamos admirados diante dos feitos do exército. [...] Assim foi a corrida de assalto através da Polônia, da Noruega, da Holanda, da Bélgica e da França, a corrida pela vitória em uma Europa melhor.¹³

¹² BOHLEN. *Die XI Olympischen Spiele Berlin 1936, Instrument der Innen- und Außenpropaganda und Systemsicherung des faschistischen Regimes*, p. 160; Kluge. *Olympische Sommerspiele*, p. 874-5.

¹³ DIEM. *Sturm Lauf durch Frankreich*, p. 10. No original: [...] *Sturm Lauf durch Frankreich, wie schlägt uns alten Soldaten, die wir nicht mehr dabei sein können, das Herz. Wir haben mit atemloser Spannung und steigender Bewunderung diesen Sturm Lauf, diesen Sieges Lauf, verfolgt. Die fröhliche Begeisterung, die wir in friedlichen Zeiten bei einem kühnen kämpferischen sportlichen Wettstreit empfanden, ist in die Höhenlage des kriegerischen Ernstes hinaufgestiegen, und in Ehrfurcht mit einem inneren Herzbeben, in das etwas von jener fröhlichen Begeisterung hineinklingt, stehen wir staunend vor den Taten des Heeres.* [...] So

Portanto, conforme aponta o historiador Friedrich Bohlen,¹⁴ o caso Diem comprova a continuidade da relação entre esporte e militarismo desde o Segundo Império, quando iniciou sua carreira esportiva como atleta e dirigente, até o Terceiro Reich.

Por sua vez, a cerimônia protocolar de se acender a chama olímpica, realizada pela primeira vez em 1928 na abertura dos Jogos Olímpicos de Amsterdã, ofereceu a Carl Diem a oportunidade de ampliar seu significado simbólico por meio da corrida de revezamento, transmitindo o “Fogo Eterno” (*Ewiges Feuer*) desde o originário Altar de Zeus em Olímpia até Berlim, cidade sede e capital do Terceiro Reich. Com isso, deu-se margem a uma fascinação cultualista em torno da Olimpíada, bem-vinda às pretensões nazistas em “sacralizar” os Jogos Olímpicos por meio de inúmeros símbolos, transpondo assim para o âmbito do esporte um caráter “ritualístico”. Cabe ressaltar que, fascinados pela corrida de revezamento com a tocha, que atravessou sete países e cobriu uma distância de 3.100 km, os dirigentes e delegados do COI decidiram integrá-la ao conjunto de cerimônias protocolares dos futuros Jogos Olímpicos, mesmo que esta tenha passado por uma ressignificação após a Segunda Guerra Mundial: se o interesse dos nazistas e de Diem era estabelecer uma ponte simbólica entre a Grécia Antiga e o Terceiro Reich, posteriormente, este assumiria o sentido de uma confraternização entre os povos, um gesto de paz entre as nações.

Segundo Hilmar Hoffmann,¹⁵ a utilização de símbolos construídos a partir de uma forma de linguagem clássica não provocou qualquer tipo de reação negativa na opinião pública, pois estes símbolos funcionaram como uma espécie de “linguagem universal” (*Weltsprache*), comum a todos, e não como algo específico, fundamentado em ideias racistas e darwinistas propagadas pela ditadura nazista. A seguir, tomaremos por base “instruções de imprensa” (*Presseanweisungen*) e matérias de jornais alemães, que não só documentam tal intervenção, como também colaboraram para veicular mensagens fundadas na ideologia nazista.

kam es zum Sturmloch durch Polen, Norwegen, Holland, Belgien und Frankreich, zum Sturmloch in ein besseres Europa.

¹⁴ BOHLEN. *Die XI Olympischen Spiele Berlin 1936, Instrument der Innen- und Außenpropaganda und Systemsicherung des faschistischen Regimes*, p. 136.

¹⁵ HOFFMANN. *Mythos Olympia*, p. 32.

AS “INSTRUÇÕES DE IMPRENSA” E A ORGANIZAÇÃO DOS JOGOS

Nos doze anos em que esteve sob o jugo totalitário, a imprensa alemã tornou-se “o mais importante e o mais sensível instrumento jornalístico”¹⁶ dentro da máquina de propaganda nazista. Em pouco mais de oito meses no poder, os nazistas tinham a imprensa em suas mãos. A eliminação das imprensas comunista e socialdemocrata, de cujas editoras os novos governantes se apoderaram de modo parasitário, e a conquista das editoras privadas transformaram a imprensa em um instrumento de suma importância para a propaganda totalitária.

Podemos dizer que o golpe fatal que cerceou à imprensa a liberdade e a autonomia perante o Estado nazista foi dado com a promulgação da “Lei do Redator” (*Schriftleitergesetz*) no dia 04 de outubro de 1933. Tal lei transferiu o direito de livre instrução dos jornalistas por parte do corpo editorial dos órgãos de imprensa para o Estado, que, por sua vez, passou a praticar oficialmente a pré-censura de assuntos e de temas de seu interesse a partir da centralização dos órgãos de imprensa em torno de conferências realizadas diariamente.

O sistema de pré-censura, aliado às ameaças de penalidades e às decisões dos chamados tribunais de imprensa, funcionava sem grandes dificuldades. Mesmo as redações de outros jornais importantes, que ainda hoje são reconhecidos por sua qualidade publicitária e por seu liberalismo, muitas vezes, aceitaram caladas as exigências dos nazistas. Cremos que esta postura de não-enfrentamento – pelo menos na fase inicial do regime – se devia a uma incapacidade, talvez em primeira linha, de se compreender o caráter totalitário desse movimento político que havia chegado ao poder. Além disso, se tratava de uma geração de jovens jornalistas que, na sua maioria, traziam uma formação que tinha por base valores como disciplina e lealdade e que, em muitos casos, representavam incondicionalmente a política do Governo.

A tradição autoritária de censura que remonta ao período imperial e que, de certo modo, ainda se fez presente na República de Weimar permitiu aos nazistas forjarem uma aparente continuidade. A mais importante das fontes utilizadas para a pré-censura era a Agência Alemã de Notícias (*Deutsche Nachrichtenbüro*; DNB),

¹⁶ HAGEMANN. *Publizistik im Dritten Reich*, p. 316.

agência oficial incumbida de fornecer às redações um vasto material contendo informações sobre política a serem aproveitadas no processo de elaboração e divulgação de notícias.¹⁷ O material informativo fornecido aos jornais por agências públicas, sobretudo pela DNB, era supervisionado e controlado por Otto Dietrich (1897-1952), Chefe de Imprensa do Governo e Secretário de Estado do Ministério da Propaganda, antes de ser apresentado nas conferências de imprensa. Somente nas conferências diárias é que os jornais tomavam conhecimento de como as informações selecionadas deveriam ser interditadas, destacadas ou comentadas.¹⁸

O tratamento técnico das “instruções de imprensa” foi determinado pelos órgãos oficiais de censura. A imprensa recebia diariamente instruções precisas que, às vezes, chegavam a impor até mesmo os mínimos detalhes na redação de manchetes ou no modo como um dado tema deveria ser destacado jornalisticamente. Por outro lado, exigia-se dos jornalistas novas ideias, decisões próprias e uma dinâmica que atendessem aos interesses do regime nazista. Para os detentores do poder, a norma para a técnica de propaganda no Terceiro Reich deveria ser: ao invés de “provas” (*Beweise*), “afirmações” (*Behauptungen*); ao invés de “convicção” (*Überzeugung*), “persuasão” (*Überredung*).¹⁹

A manipulação de imprensa pertencia a um dos segredos de Estado mais protegidos. Apenas pessoas de confiança da cúpula nazista tinham total acesso às diversas ramificações da organização que controlava a imprensa alemã. E mesmo os redatores que se dirigiam diariamente às conferências de imprensa não tinham uma visão do todo, pois permaneciam estritamente limitados ao setor que cuidava da divulgação e expedição das “instruções de imprensa”. Havia ainda um serviço especial formado por um círculo restrito de jornalistas simpatizantes ao regime e de altos-funcionários do Partido Nazista, que eram incumbidos de cuidar de informações ultraconfidenciais. O segredo continuou a ser o principal mandamento. Mesmo os correspondentes locais de um jornal não eram permitidos tomar conhecimento dos conteúdos das “instruções de imprensa”, e os redatores tinham de checar a legitimidade de seus relatos. Após a divulgação das normas, a

¹⁷ HAGEMANN. *Publizistik im Dritten Reich*, p. 66.

¹⁸ NOLLER; KOTZE. *Facsimile Querschnitt durch den 'Völkischen Beobachter'*, p. 12.

¹⁹ HAGEMANN. *Publizistik im Dritten Reich*, p. 155.

forma como as “instruções de imprensa” deveriam ser despachadas tornou-se o maior problema. Determinou-se que fosse usada uma carta registrada para o envio das instruções. Informações urgentes deveriam ser passadas por telefone apenas quando “estenógrafos de confiança” estivessem à disposição.²⁰

A partir de Berlim, foram transmitidas à imprensa alemã entre 50.000 e 80.000 “instruções de imprensa” até a derrocada do Terceiro Reich.²¹ Após sua instituição em outubro de 1933, o número das instruções subiu a cada ano: no segundo semestre de 1933 foram 330; no ano de 1934 foram em torno de 1.000; um ano mais tarde subiu para 1.500; no ano olímpico foram expedidas em torno de 2.500 instruções de imprensa.²² Num total de 250 dias úteis no ano de 1936, foram expedidas em média 10 instruções por dia.²³ As instruções divulgadas na conferência de imprensa em Berlim eram transmitidas por teletipo aos órgãos de propaganda espalhados pelo Reich, que, por sua vez, organizavam conferências locais e cuidavam para que a imprensa local seguisse as instruções à risca.²⁴

As “instruções de imprensa” podem ser classificadas em dois grupos distintos: em ordens e proibições. Os assuntos que surgiam diariamente eram objeto de orientação minuciosa que determinava como os jornalistas deveriam escrever sua reportagem, ou que indicava aos jornais o tratamento, o destaque e o espaço que deveria ser reservado a tais assuntos. A seguir, iremos apresentar os principais temas e episódios que geraram “instruções de imprensa”, diretamente relacionadas à organização dos 11^º. Jogos Olímpicos de Berlim.

No intuito de forjar perante a opinião pública mundial uma “bela” imagem da “nova” Alemanha – entenda-se: sob o jugo totalitário –, a cúpula nazista cuidou para que os mínimos detalhes na organização e divulgação dos Jogos Olímpicos de Berlim fossem observados à risca. Algumas “instruções de imprensa”, que transmitiam ordens e proibições tanto em relação a aspectos organizatórios quanto à maneira como os nazistas imaginavam ideologicamente o evento esportivo, documentam a preocupação de seus mentores não só diante do papel de “anfitriões” de um evento

²⁰ BOHRMANN. *NS-Presssanweisungen der Vorkriegszeit*, p. 53.

²¹ HAGEMANN. *Publizistik im Dritten Reich*, p. 67.

²² BOHRMANN. *NS-Presssanweisungen der Vorkriegszeit*, p. 13.

²³ HAGEMANN. *Publizistik im Dritten Reich*, p. 49.

²⁴ HAGEMANN. *Publizistik im Dritten Reich*, p. 318.

esportivo internacional, mas também diante do desafio de manipular e maquiar as informações de tal forma que nenhum detalhe escapasse ao processo de construção de uma imagem positiva da Alemanha nazista.

A intenção de atribuir aos Jogos Olímpicos um caráter ritualista que, ao mesmo tempo, produzisse um efeito de resgate de suas origens na Grécia Antiga e que convidasse a opinião pública mundial a partilhar de uma identificação com os primórdios da civilização ocidental fez com que os nazistas, por exemplo, cuidassem para que a “sacralização” dos Jogos fosse, primeiramente, garantida por uma linguagem que elevasse o evento esportivo e o desprendesse de representações meramente materiais. Nesse sentido, foi expedida em 03 de fevereiro de 1936 uma instrução que alertou os jornais alemães contra a “profanação” (*Profanierung*) dos termos “Olímpia, Olimpíada e olímpico” (*Olympia, Olympiade und olympisch*), os quais deveriam ser empregados somente no contexto da 4ª edição dos Jogos Olímpicos de Inverno de Garmisch-Partenkirchen e na 11ª edição dos Jogos Olímpicos de Berlim e Kiel.²⁵ A preocupação maior recaía sobre o desgaste desses termos por seu emprego indiscriminado nas seções de anúncios. Naquela oportunidade, os redatores foram lembrados de que, em 30 de novembro de 1935, uma determinação oficial do Conselho Publicitário instruíra os representantes da economia alemã sobre o cuidado no emprego dos termos *Olympia*, *Olympiade* e *olympisch* por ocasião de campanhas publicitárias no contexto dos Jogos Olímpicos:

[...] Os termos “Olímpia, Olimpíada e olímpico” não podem ser empregados no âmbito econômico para designação de um produto ou de uma empresa, ou mesmo para atender a outros objetivos que sirvam à publicidade econômica, quando o anúncio for de mau gosto ou não corresponder à dignidade e à reputação dos Jogos Olímpicos.²⁶

Ao invés disso, a meta era associar o termo “Olímpia” (*Olympia*) da Antiguidade com a “nova” Alemanha como exemplo de momentos elevados da civilização ocidental.

²⁵ BOHRMANN. *NS-Pressenanweisungen der Vorkriegszeit*, p. 109.

²⁶ BOHRMANN. *NS-Pressenanweisungen der Vorkriegszeit*, p. 110. No original:

[...] Die Worte ›Olympia‹, ›Olympiade‹ und ›olympisch‹ dürfen zur Benennung eines wirtschaftlichen Erzeugnisses oder Unternehmens oder zu sonstigen der Wirtschaftswerbung dienenden Zwecken nicht verwendet werden, wenn die Werbung geschmacklos ist oder der Würde und dem Ansehen der Olympischen Spiele nicht entspricht.

O traslado da chama olímpica do santuário de Olímpia a Berlim, num cortejo que reuniu milhares de atletas e que percorreu sete países, de acordo com três “instruções de imprensa”, deveria ser apresentado, por um lado, como um evento simbólico que contribuiu para o enaltecimento dos Jogos – entenda-se: para a encenação do caráter ritualista da Olimpíada. Por outro lado, os jornais alemães foram proibidos de destacar os incidentes de protesto contra a política nazista ocorridos durante a passagem da chama olímpica pela Áustria e pela Tchecoslováquia nos dias 29²⁷ e, respectivamente, 30 de julho de 1936.²⁸ A seguir, serão apresentados exemplos extraídos de matérias publicadas nos jornais *Völkischer Beobachter* (Observador Popular) e *Der Angriff* (O Ataque), que evidenciam a produção do caráter ritualista da cerimônia de acendimento da tocha olímpica (*Olympische Fackel*) e da corrida de revezamento (*Fackelstaffellauf*).

A TRANSMISSÃO DA TOCHA OLÍMPICA NOS JORNAIS²⁹

Os jornais *Völkischer Beobachter* e *Der Angriff* possuíam um aspecto em comum: o fato de serem órgãos de imprensa do Partido Nazista. O primeiro era o principal deles e foi fundado em 1919, em Munique, e adquirido pelo Partido Nazista em 1920.³⁰ Seu nome significa algo como “Observador Popular”, mas que engloba no termo “völkisch” um caráter ufanista e xenófobo. Já o segundo, *Der Angriff* (“O ataque”) foi fundado em 1927, em Berlim, tendo Joseph Goebbels como seu editor-chefe.³¹ Em 10 de maio de 1933, com a fundação da organização de Estado *Deutsche Arbeitsfront* (“Frente de Trabalho Alemã”), *Der Angriff* tornou-se seu órgão de imprensa.

As edições do *Völkischer Beobachter* nas duas semanas que antecederam aos Jogos Olímpicos de Berlim são marcadas por duas temáticas: de um lado, a cobertura da Guerra Civil Espanhola, deflagrada em 17 de julho 1936, e, de outro,

²⁷ BOHRMANN. *NS-Pressenanweisungen der Vorkriegszeit*, p. 726.

²⁸ BOHRMANN. *NS-Pressenanweisungen der Vorkriegszeit*, p. 821-823.

²⁹ Para o estudo, foram consultadas edições dos jornais *Völkischer Beobachter* e *Der Angriff*, disponíveis no *Mikrofilmarchiv* (arquivo de microfilmes), do *Otto-Suhr-Institut für Politikwissenschaft* (Instituto Otto Suhr de Ciências Políticas), da Freie Universität Berlin, na Alemanha.

³⁰ NOLLER; KOTZE. *Facsimile Querschnitt durch den ‘Völkischen Beobachter’*, p. 4.

³¹ KESSEMEIER. *Der Leitartikler Goebbels in den NS-Organen ‘Der Angriff’ und ‘Das Reich’*, p. 49-50.

os últimos preparativos para a Olimpíada. No caso dos Jogos Olímpicos, o jornal cobriu a cerimônia e o percurso de transmissão da chama olímpica do santuário em Olímpia à capital do *Reich*. Além disso, o jornal divulgou também matérias nas quais se veiculava juízos de valor em relação ao esporte e aos Jogos Olímpicos, no intuito de forjar uma ancoragem da Alemanha nazista na tradição esportiva da Grécia Antiga. Por se tratar de um período que antecede à cobertura dos Jogos propriamente dita, é nesta fase que os jornais estarão atendendo às determinações da pré-censura no intuito de construir a imagem de uma Alemanha que prezava a Olimpíada em seu caráter sagrado.

A edição nº 202 do *Völkischer Beobachter* foi a primeira a noticiar sobre a cerimônia de transmissão da chama olímpica para a cidade sede, conforme idealização de Carl Diem: *Das Olympische Feuer wird heute an heiliger Stätte entzündet* (“O Fogo Olímpico será aceso hoje em lugar sagrado”).³² Já a edição seguinte do *Völkischer Beobachter* destaca na primeira página o trajeto da chama olímpica, a caminho de Berlim, tendo por manchete *Die Olympische Fackel unterwegs nach Berlin* (“A Tocha Olímpica a caminho de Berlim”).³³ Ela é seguida pela matéria intitulada *Fackellauf mit dem Olympischen Feuer am Zeusaltar in Olympia begonnen* (“Começou no altar de Zeus em Olímpia a corrida com a tocha levando o Fogo Olímpico”), que apresenta um breve *lead*: *Würdige Feierstunde an heiliger Stätte – Die ersten Läufer unterwegs* (“Cerimônia digna em lugar sagrado – Os primeiros corredores a caminho”). Trata-se de matéria não assinada, elaborada por correspondentes do jornal, que estiveram presentes em Olímpia e acompanharam a cerimônia de acendimento do “Fogo Sagrado” e a corrida de revezamento com a tocha.

Na referida matéria publicada no *Völkischer Beobachter*,³⁴ são apresentados diversos detalhes da cerimônia realizada em Olímpia, entre elas, o caráter ritual assumido pelo acendimento do “Fogo Sagrado” (*Heiliges Feuer*) com o auxílio de um espelho que refletiu os raios do sol: “Todos os olhos estão voltados para o espelho e para o bastão inflamável. Formam-se os primeiros vapores e surgem as

³² Das Olympische Feuer, p. 1.

³³ Die Olympische Fackel unterwegs nach Berlin, p. 1.

³⁴ Die Olympische Fackel unterwegs nach Berlin, p. 1.

primeiras nuvenzinhas de fumaça. Primeiro um lampejo, e então ela vive: *A Chama Olímpica nascida do sol!*" (grifo no original).³⁵ O próprio santuário de Olímpia, com suas ruínas, é referenciado na matéria: o antigo estádio, o jardim sagrado do Altis, dedicado a Zeus, o Altar de Hércules, os 12 templos dos tesouros e o Templo de Hera. Esse cenário, tendo o Monte Cronos ao fundo, além de 20 jovens que figuram como sacerdotisas, criam todo caráter ritual desejado pelos organizadores, a fim de sacralizar aquela edição dos Jogos.

Por sua vez, a edição nº 204 do *Völkischer Beobachter*,³⁶ de 22 de julho de 1936, exibe na primeira página duas fotos que se referem aos Jogos Olímpicos. No centro da página, figura uma foto que apresenta uma tomada da *Unter den Linden*, uma das principais artérias da capital alemã, enfeitada com estandartes gigantes com a suástica ao centro. Já a foto no alto da página, à direita, apresenta um dos participantes da corrida com a tocha e está ancorada discursivamente pela seguinte legenda: *Der erste Olympia-Staffelläufer, der Grieche Konstantin Kondylis, in den Ruinen des antiken Olympia* ("O primeiro corredor do revezamento da tocha olímpica, o grego Konstantin Kondylis, nas ruínas da antiga Olímpia").

A edição nº 207 do *Völkischer Beobachter*,³⁷ de 25 de julho de 1936, apresenta também um caderno especial dedicado aos Jogos Olímpicos e intitulado como *Folge 1* (Sequência 1). Contendo 32 páginas, o referido caderno inclui matérias que dizem diretamente respeito aos Jogos Olímpicos e sua história, além de destacar o desempenho econômico e tecnológico da Alemanha nazista como forma de propaganda política. Além de fotos e gravuras, o caderno apresenta também textos publicitários associando serviços à realização dos Jogos Olímpicos. Em suma: trata-se de uma estratégia propagandista de apresentação de uma Alemanha nazista que pouco tem a ver com o cotidiano de um Estado totalitário, onde qualquer tipo de liberdade, seja de expressão seja de contestação, era silenciado pelos mecanismos de repressão e abafado ou difamado pelos instrumentos de propaganda.

³⁵ Die Olympische Fackel unterwegs nach Berlin, p. 1. No original:

Aller Augen sind auf den Spiegel und den Brennstab gerichtet. Die ersten Dämpfe bilden sich, erste Wölkchen steigen auf. Zuerst ein Flackern, und dann lebt sie: 'Die sonnengeborene Olympiaflamme!'

³⁶ *Völkischer Beobachter*. n. 204, p. 1.

³⁷ *Völkischer Beobachter*. n. 207, Folge I, p. 1-32.

Por sua vez, a edição nº 215 do *Völkischer Beobachter* exhibe na primeira página, em destaque, a matéria *Der Festakt im Stadion* (“A cerimônia no estádio”), não assinada.³⁸ O primeiro parágrafo evidencia o caráter ritualístico que se pretendeu atribuir àqueles Jogos como estratégia de persuasão, que não condizia com um Estado que, cada vez mais, se militarizava com vistas à futura guerra de cunho expansionista:

Ter compreendido tão profundamente a ideia moral da chama pacífica, pura, da simples coroa da honra é orgulho humilde do povo, que, hoje, passando por cima de todas as fronteiras, deixa soar o chamado do sino para a Festa da Paz. É como se esse lugar pairasse, carregado por asas prateadas de luz, elevado em uma atmosfera mais pura, lugar de festa da juventude do mundo – para que ela manifeste em beleza e força sua vontade sagrada pelo início de uma época melhor, mais decente para nossa geração.³⁹ (grifos no original)

Na mesma edição do *Völkischer Beobachter*, de 02 de agosto de 1936, a coluna *Deutsche Außenpolitik und die Welt* (“Política externa alemã e o mundo”) traz como tema principal os Jogos Olímpicos e as primeiras manifestações da opinião pública mundial em relação aos Jogos. As duas matérias que se destacam na página têm os seguintes títulos: *Olympia, Symbol internationaler Solidarität* (“Olímpia, símbolo de solidariedade internacional”); *Nie zuvor gesehene Vorbereitungen...* (“Preparativos nunca dantes vistos...”). Uma dessas notas, que tem por fonte a agência DNB, é a seguinte:

Prefeito de Pyrgos ao *Führer*

dnb, Berlim, 1º de agosto.

Esta manhã o *Führer* recebeu o seguinte telegrama do prefeito de Pyrgos (Grécia):

“Saudamos o povo alemão na sua presença pela chegada do Fogo Sagrado da nossa cidade de Olímpia ao estádio de Berlim e parabenizamos pela concretização desta ideia brilhante.

Dr. Takis Bocalopoulos, Prefeito.

O *Führer* respondeu por telegrama o seguinte:

“Na hora em que o Fogo Sagrado de Olímpia chegou a Berlim, agradeço-vos as saudações enviadas ao povo alemão e a mim, às quais respondo calorosamente.

Ass.: Adolf Hitler”.⁴⁰

³⁸ *Der Festakt im Stadion*, p. 1.

³⁹ *Der Festakt im Stadion*, p. 1.

⁴⁰ *Völkischer Beobachter*, n. 215, p. 1. No original: *Bürgermeister von Pyrgos an den Führer / dnb Berlin, 1. August. / Heute vormittag ging bei dem Führer das nachstehende Telegramm des*

Tal nota evidencia a receptividade da cerimônia de se acender a chama olímpica no santuário e transmiti-la à cidade sede dos Jogos por meio de uma corrida de revezamento. Se compararmos a corrida nos nossos dias com aquela idealizada por Carl Diem, há uma distinção fundamental: em 1936, foram percorridos apenas países que estavam no caminho entre a Grécia e Alemanha; hoje, o sentido de celebração mundial é produzido por uma corrida que percorre inúmeros países e vários continentes, não se atendo a questões geográficas envolvendo distância.

Da mesma forma como pudemos constatar em relação ao jornal *Völkischer Beobachter*, nas semanas que antecederam aos Jogos Olímpicos de Berlim as edições do jornal *Der Angriff* são marcadas por duas temáticas: os Jogos Olímpicos de Berlim e a Guerra Civil Espanhola. O destaque dado à Olimpíada cresce na medida em que se aproxima a data de abertura. A cobertura da cerimônia de transmissão da chama olímpica de Olímpia a Berlim torna-se o principal foco, de modo que cada capital alcançada ao longo do trajeto torna-se centro das atenções e ganha destaque nas páginas do *Der Angriff*.

As duas colunas centrais da primeira página da edição nº 169 do jornal *Der Angriff* exibem três matérias sobre a Olimpíada: da parte de cima até o centro da página, figura a matéria de maior destaque: *Der Fackellauf begann* (“Começou a corrida com a tocha”);⁴¹ no centro da página, figura uma matéria em destaque médio: *Olympischer Geist in Deutschland erneuert* (“Renovado o espírito olímpico na Alemanha”);⁴² por fim, na parte inferior da página, em destaque médio, aparece a matéria *Die Fackel auf der Strasse nach Athen* (“A tocha na estrada a caminho de Atenas”).⁴³

Como de costume, as matérias em questão não foram assinadas. A primeira delas exhibe abaixo do título apenas a referência de que se trata de um informe telegrafado da própria equipe de redação do jornal: *Telegraphischer Bericht der „Fliegenden Redaktion“*

Bürgermeisters von Pyrgos (Griechenland) ein: / „Zur Ankunft des Heiligen Feuers von unserer Stadt Olympia im Berliner Stadion begrüßen wir in Eurem Angesicht das deutsche Volk und gratulieren für die Verwirklichung dieser genialen Idee. / Dr. Takis Bocalopoulos, Bürgermeister.“ / Der Führer hat hierauf telegraphisch wie folgt erwidert: / „In der Stunde, da das Heilige Feuer aus Olympia in Berlin eingetroffen ist, danke ich Ihnen für die dem deutschen Volke und mir übermittelten Grüße, die ich herzlich erwidere. / gez.: Adolf Hitler.“

⁴¹ Der Fackellauf begann, p. 1.

⁴² Olympischer Geist in Deutschland erneuert, p. 1.

⁴³ Die Fackel auf der Strasse nach Athen, 1936.

(“Informe telegráfico da ‘Redação Volante’”). Entretanto, o tom de sacralização parece ainda mais intenso do que nas matérias do *Völkischer Beobachter*, com referências a Homero e à Mitologia Grega a partir de simulada poeticidade:

Diante do distrito sagrado jaz o campo das festividades olímpicas, no qual a Chama Olímpica será acesa hoje, ao meio-dia.

Quando a carruagem solar de Apolo, vinda do Oriente, entra na curva do horizonte, as fanfarras ecoam do monte Cronos, o mais cruel de todos os patriarcas dos deuses, que devorou seus próprios filhos com exceção de Zeus.⁴⁴

Inicialmente, nota-se a confluência discursiva de dois tempos e mundos: o do passado grego, berço da Olimpíada, e o do presente, construído justamente a partir de um *revival* desse passado, agora pretensamente partilhado – ou melhor, apropriado – pelos nazistas a partir do investimento em uma imensa máquina de propaganda no intuito de explorar o evento desportivo internacional para fins políticos internos e, sobretudo, externos.

Por sua vez, a segunda matéria publicada na primeira página da edição nº 169 do jornal *Der Angriff*, intitulada *Olympischer Geist in Deutschland erneuert* (“Renovado o espírito olímpico na Alemanha”)⁴⁵ guarda relações temáticas com a anterior com relação à corrida de revezamento com a tocha. Nela, nos deparamos com uma informação que se contrapõe às fontes históricas: o fato de que não teria sido Carl Diem, mas Theodor Lewald o idealizador do acendimento do “Fogo Sagrado” em Olímpia e da corrida de revezamento com a tocha:

Em maio de 1934, a Grécia teve a honra de receber o Comitê Olímpico Internacional, que realizou sua convenção anual em Atenas. Os membros do Comitê foram convidados a visitar Olímpia e algumas outras paisagens gregas onde o pensamento olímpico nasceu. Em Tegea, sob a sombra de árvores centenárias, o Presidente do Comitê Olímpico Alemão, *Dr. L e w a l d*, teve uma visão, maravilhado com o horizonte azul e com os cumes de Gortynia, cobertos de pinheiros. Diante de seu olho espiritual estava um estádio monumental e moderno. As tribunas estavam tomadas por espectadores de todo o mundo, a arena estava repleta de jovens atletas, que representam a força e o vigor de todos os

⁴⁴ Der Fackellauf begann, p. 1. No original: *Vor dem heiligen Bezirk liegt das Feld der Olympia-Feier, auf dem in den heutigen Mittagsstunden die Olympische Flamme entzündet wird. / Als der Sonnenwagen Apollo von Osten her in das Rund des Horizontes führt, ertönen vom Hügel des Kronos, des grausamsten aller Götterväter, der seine eigenen Kinder mit Ausnahme des Zeus fraß, die Fanfaren.*

⁴⁵ Olympischer Geist in Deutschland erneuert, p. 1.

povos da Terra. E o Dr. Lewald concebeu a idéia de unir ambos os lugares; como conjunção lhe ocorreu a corrida de revezamento com a tocha. Um hino, cujo título é Olímpia, e cujos versos são 3.000 corredores, e o cântico posterior: *Berlin!*⁴⁶

A referência a “Dr. Lewald”, em destaque, é a única ancoragem onomástica presente na matéria. Theodor Lewald (1860-1947) foi membro do COI entre 1924 e 1938 e Presidente do COA de 1919 a 1934,⁴⁷ e presidiu a partir de julho de 1933 o OK.⁴⁸ Na matéria, Lewald aparece como idealizador da cerimônia de transmissão da tocha olímpica de Olímpia a Berlim. Para isso, o sujeito da enunciação lança mão de um estilo metafórico ao construir a imagem de uma suposta visão que Lewald teria tido *[v]or seinem geistigen Auge* (“diante do seu olho espiritual”) ao visitar a Grécia em maio de 1934, durante a convenção anual do COI. Isso nos leva a crer que ainda paire uma dúvida quanto à autoria da cerimônia de transmissão da tocha olímpica da Grécia à Alemanha nazista. Nas fontes históricas consultadas – as obras de Hilmar Hoffmann⁴⁹ e Susan Bachrach –,⁵⁰ sempre figura o nome de Carl Diem, e não o de Lewald. Segundo Hilmar Hoffmann, Lewald era muito questionado pela cúpula nazista em suas funções, chegando a ter sido alvo de campanhas difamatórias e racistas contra sua pessoa, ao ser chamado publicamente de “*Halbjude*” (“meio judeu”).⁵¹

Passaremos, agora, à análise da última matéria selecionada sobre a transmissão da tocha olímpica da Grécia à Alemanha nazista, publicada na primeira página da edição nº 176 do jornal *Der Angriff: Zwischenfall beim Fackellauf* (“Incidente na corrida com a tocha”), com o subtítulo *geschehen aus*

⁴⁶ Olympischer Geist in Deutschland erneuert, p. 1. No original: *Im Mai 1934 hatte Griechenland die Ehre, das Internationale Olympische Komitee, das seine Jahresversammlung in Athen abhielt, zu empfangen. Die Mitglieder des Komitees wurden eingeladen, Olympia und einige andere griechische Landschaften zu besuchen, wo der olympische Gedanke geboren wurde. In Tegea, unter dem Schatten jahrhundertalter Bäume, hatte der Vorsitzende des Deutschen Olympia-Komitees, Dr. L e w a l d, eine Vision, begeistert von dem blauen Horizont und den tannenbedeckten Gipfeln Gortynias. Vor seinem geistigen Auge stand ein riesenhaftes und modernes Stadion. Die Kerkiden waren überfüllt von Zuschauern aus aller Welt, die Arena war voll von jungen Athleten, die die Kraft und die Stärke aller Völker der Erde verteten. Und Dr. Lewald faßte die Idee, die beiden Orte zu verbinden – als Bindeglied schwebte ihm der Fackel-Staffellauf vor. Eine Hymne, deren Titel O l y m p i a ist, und deren Verse 3000 Läufer sind, und der Nachgesang: B e r l i n !* (Grifos no original).

⁴⁷ BACHRACH. *The nazi olympics*, p. 13.

⁴⁸ BOHLEN. *Die XI Olympischen Spiele Berlin 1936, Instrument der Innen- und Außenpropaganda und Systemsicherung des faschistischen Regimes*, p. 200.

⁴⁹ HOFFMANN. *Mythos Olympia*, p. 100.

⁵⁰ BACHRACH. *The nazi olympics*, p. 13.

⁵¹ HOFFMANN. *Mythos Olympia*, p. 12.

Begeisterung (“Aconteceu por entusiasmo”).⁵² Como as demais matérias anteriormente analisadas, ela não foi assinada. A fonte das informações, no entanto, é indicada no *lead* da matéria como sendo *[u]nsere “Fliegende”* (“[n]ossa equipe ‘volante’”), a partir de Budapeste.

A matéria em questão apresenta a “história” de Milan, um jovem professor de aldeia que recebeu a incumbência de enfeitar sua cidade e de preparar as distâncias a serem percorridas pelos corredores, individualmente, e que acabou causando o atraso da corrida em duas horas, em relação à próxima aldeia, onde a chama olímpica também era aguardada.

Em termos analíticos, o título nos fornece alguns indícios para entender a função específica dessa matéria: *Zwischenfall beim Fackellauf*. Num primeiro momento, até mesmo pela impressão em caracteres maiores e em negrito, a matéria chama a atenção do leitor. Seu significado poderia ser considerado negativo: “Incidente na corrida com a tocha”. Porém, a possibilidade desta leitura é desfeita pelo subtítulo, publicado logo abaixo, em caracteres menores: *geschehen aus Begeisterung* (“Aconteceu por entusiasmo”). Portanto, ambos os paratextos mantêm uma relação de sentido entre si. O sentido negativo logo se dissipa pelo tom do subtítulo. Desta forma, o sentido de *Zwischenfall* (“incidente”) é automaticamente neutralizado, pois se refere ao atraso causado pelo “entusiasmado” “professor Milan”. Fato é que, no entanto, ocorreram alguns incidentes durante a corrida de revezamento com a tocha olímpica, e não aconteceram, de forma alguma, por *Begeisterung* (“entusiasmo”). Enquanto a tocha olímpica em Viena foi saudada com festa pelos “austrofascistas”, em Praga os corredores de revezamento foram hostilizados e impedidos de cumprirem seu percurso.⁵³ Em primeira linha, podemos dizer que a intenção do sujeito da enunciação em construir esta relação de sentido entre os paratextos é justamente forjar uma impressão de que a corrida com a tocha estaria transcorrendo na “maior tranquilidade e paz”, sem ser atingida por demonstrações de protesto contra o nazismo, que ocorreriam na capital tcheca, no dia seguinte. Sem dúvida, tal postura revela a influência da pré-censura, uma vez que, conforme apontamos anteriormente, havia sido emitida uma “instrução de

⁵² *Zwischenfall beim Fackellauf*, p. 1.

⁵³ HOFFMANN. *Mythos Olympia*, p. 100.

imprensa” que interditou, cabalmente, qualquer matéria que veiculasse informações sobre os distúrbios na Áustria e na Tchecoslováquia por ocasião da passagem da corrida de revezamento com a tocha olímpica.

OLIMPISMO SOB JUGO TOTALITÁRIO: À GUIA DE CONCLUSÃO

Em termos de ingestão de Estado tanto na organização da 11^a edição dos Jogos Olímpicos da Era Moderna, quanto na cobertura dos Jogos pela imprensa alemã, destacam-se as ações postas em prática no sentido de sacralizá-los a partir de uma ponte entre a Grécia Antiga e a Alemanha nazista. Tais ações envolviam o Ministério de Instrução Popular e Propaganda, responsável pelos mecanismos de pré-censura, e organizações do âmbito esportivo, como o COA, o OK e a DRA. Nestas últimas, duas personalidades se destacam: Carl Diem e, respectivamente, Theodor Lewald. A presença de ambos não parece ter causado estranhamento no COI, pelo contrário, uma vez que ambos possuíam um histórico de serviços prestados ao esporte e não eram filiados ao Partido Nazista. Entretanto, nosso estudo resultou em uma dúvida: Quem teria, de fato, idealizado a cerimônia de acendimento do “Fogo Sagrado” e a corrida de revezamento com a tocha? As pesquisas históricas realizadas por Hilmar Hoffmann e, respectivamente, Susan Bachrach apontam para Carl Diem. Já a matéria do jornal *Der Angriff* destaca Theodor Lewald como seu idealizador. Fato é que ambos integravam o OK, um como seu Presidente e o outro, como Secretário Geral.

As matérias analisadas também evidenciaram o modo como foi intensa a sacralização dos Jogos por meio de um discurso que propunha ressonâncias entre a Grécia Antiga e a Alemanha nazista, atendendo às ordens e interdições transmitidas nas “instruções de imprensa”. Não devemos desconsiderar também o fato de que ambos os jornais adotados como fontes para este estudo estavam diretamente ligados ao Partido e ao Estado nazista, e, portanto, se empenharam em atender à risca tais “instruções”.

Certamente, em 1936, membros do COI não tinham a dimensão do que estava por vir nos anos seguintes, marcados pela política expansionista e genocida posta em prática por um Estado como o do Terceiro Reich, que levaria a Alemanha a

escombros concretos e morais. Todavia, causa estranhamento que, no pós-guerra, a corrida de revezamento com a tocha tenha sido integrada ao protocolo olímpico por parte do COI, sem que se tenha feito uma análise crítica desse ato. Trata-se de um exemplo patente de como o olimpismo pôde sucumbir à sedução simbólica e discursiva do totalitarismo.

* * *

REFERÊNCIAS

BACHRACH, Susan D. **The nazi olympics**: Berlin 1936. Boston: Little, Brown and Company, 2000.

BOHLEN, Friedrich. **Die XI Olympischen Spiele Berlin 1936, Instrument der Innen- und Außenpropaganda und Systemsicherung des faschistischen Regimes**. Köln Pahl-Rugenstein, 1979.

BOHRMANN, Hans. (org.). **NS-Presseanweisungen der Vorkriegszeit**. Edition und Dokumentation. v. 4/I-II. München: K. G. Saur Verlag, 1936.

DIEM, Carl. Sturmlauf durch Frankreich. In: DIEM, Carl (org.). **Olympische Flamme**. Berlin: Deutscher Archiv-Verlag, 1942, p. 10-1.

DRUMOND, Mauricio. Ao bem do desporto e da nação: relações entre esporte e política no Estado Novo português (1933-1945). **Estudos Políticos**. Niterói-RJ, v. 4, n. 8, p. 298-318, 2013.

ESTIVILL, Jordi. **A política social nos fascismos – a Europa em trevas**. trad. Rita Custódio e Alex Tarradellas, Vila Nova Famalicão: Edições Húmus; CICS.NOVA, 2020.

HAGEMANN, Walter. **Publizistik im Dritten Reich**. Ein Beitrag zur Methodik der Massenführung. Hamburg: Hansischer Gildenverlag, 1948.

HOFFMANN, Hilmar. **Mythos Olympia**. Autonomie und Unterwerfung von Sport und Kultur. Berlin: Aufbau-Verlag, 1993.

KESSEMEIER, Carin. **Der Leitartikler Goebbels in den NS-Organen “Der Angriff” und „Das Reich“**. Münster: Verlag C.J. Fahle, 1967.

KLUGE, Volker. **Olympische Sommerspiele**. Die Chronik I: 1896-1936. Berlin: Sportverlag, 1997.

KRUSE, Britta; MENDE, Armin. **Die Chronik**: 100 Jahre Olympische Spiele 1896-1996. Gütersloh: Chronik-Verlag, 1996.

NOLLER, Sonja Griebel; KOTZE, Hildegard von (orgs.). **Facsimile Querschnitt durch den ‘Völkischen Beobachter’**. Bern: Scherz, 1967.

Documentação

Das Olympische Feuer wird heute an heiliger Stätte entzündet. **Völkischer Beobachter**. Berlin, n. 202, p. 1, 20 jul. 1936.

Die Fackel auf der Strasse nach Athen. **Der Angriff**. Berlin, n. 169, p. 1, 21 jul. 1936.

Die Olympische Fackel unterwegs nach Berlin. **Völkischer Beobachter**. Berlin, n. 203, p. 1, 21 jul. 1936.

Der Fackellauf begann. **Der Angriff**. Berlin, n. 169, p. 1, 21 jul. 1936.

Der Festakt im Stadion. **Völkischer Beobachter**. Berlin, n. 215, p. 1, 2 ago. 1936.

Olympischer Geist in Deutschland erneuert. **Der Angriff**. Berlin, n. 169, p. 1, 21 jul. 1936.

Zwischenfall beim Fackellauf. **Der Angriff**. Berlin, n. 176, p. 1, 29 jul. 1936.

* * *

Recebido em: 06 ago. 2025.
Aprovado em: 04 set. 2025.

A mulher paratleta e a cobertura jornalística dos Jogos Paralímpicos
Rio 2016: uma leitura das páginas de *O Estado de S. Paulo*

The female parathlete and the journalistic coverage of the Rio 2016
Paralympic Games: a reading of the pages of *O Estado de S. Paulo*

Neide Maria Carlos

Universidade Estadual Paulista, Bauru/SP, Brasil
Doutorado em Comunicação, Unesp
neidejornal@gmail.com

José Carlos Marques

Universidade Estadual Paulista, Bauru/SP, Brasil
Doutor em Ciências da Comunicação, USP

RESUMO: Este trabalho oferece uma análise discursiva sobre como foi representada a mulher paratleta nos Jogos Paralímpicos do Rio de Janeiro, ocorridos entre os dias 7 e 18 de setembro de 2016. Para tanto, elegemos como objeto de análise o jornal impresso *O Estado de S. Paulo* – um dos mais tradicionais e longevos do país, fundado em 1875. Confrontamos os conceitos sobre fotografia, corpo, gênero e discurso jornalístico a fim de perceber como se revela a falta de representação feminina na cobertura esportiva. A Análise do Discurso de linha francesa oferece-nos um modelo teórico-metodológico para a compreensão dos discursos presentes nos enunciados das páginas dos jornais.

PALAVRAS-CHAVE: Paralimpíadas; Fotografia; Jornalismo esportivo; Mulher; Gênero.

ABSTRACT: This paper offers a discursive analysis of how female para-athletes were represented at the Rio de Janeiro Paralympic Games, held from September 7 to 18, 2016 in Brazil. To this end, we chose the print newspaper *O Estado de S. Paulo* – one of the most traditional and long-running in Brazil, founded in 1875 – as our object of analysis. We compare concepts of photography, body, gender, and journalistic discourse to understand how the lack of female representation in sports coverage is revealed. French-style discourse analysis offers a methodological and theoretical model for understanding the discourses present in the statements on the newspapers' pages.

KEYWORDS: Paralympics; Photography; Sports journalism; Woman; Gender.

INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo analisar os discursos construídos pela imprensa a respeito da mulher paratleta durante os Jogos Paralímpicos Rio-2016, ocorridos entre os dias 7 e 18 de setembro de 2016 na cidade do Rio de Janeiro no Brasil. A partir da análise das imagens, pretende-se investigar qual olhar foi lançado por um jornal impresso brasileiro, *O Estado de S. Paulo*, a respeito das mulheres paratletas. Para tanto, recorreremos a conceitos sobre fotografia, corpo, gênero e discurso jornalístico. A Análise do Discurso de linha francesa nos auxilia como aporte teórico-metodológico para desvelar os discursos presentes nos enunciados do jornal. Ao mesmo tempo, utilizaremos os estudos interseccionais a fim de identificar formas de exclusão e opressão que ainda recaem sobre a mulher atleta com deficiência.

Segundo dados do Comitê Paralímpico Internacional, 159 países participaram dos Jogos Paralímpicos Rio 2016. Competiram 4.328 atletas, 2.657 homens e 1.671 mulheres. Ou seja, menos da metade, 38,6% do total, eram mulheres em 2016. Este artigo pretende discutir a questão da visibilidade das mulheres no espaço do paradesporto e quais olhares foram lançados pela comunicação social sobre a questão da mulher com deficiência e sua participação no esporte adaptado de alto rendimento. Buscamos, por fim, desvendar como se revela a percepção da falta de representação feminina no esporte.

A partir de fotografias da imprensa, presentes nas páginas do jornal paulistano *O Estado de S. Paulo* (também conhecido popularmente como “*Estadão*”), analisamos os significados envolvidos no discurso imagético na construção de sentidos sobre a problemática de gênero nas representações sobre a mulher no esporte e a questão do corpo feminino com deficiência. Como comunicar através das imagens de corpos com deficiência e o que se diz a respeito dos corpos femininos? Além desses questionamentos, pensamos a hipótese de que haja uma sub-representação das mulheres no espaço do esporte como um reflexo da falta de representatividade feminina em outros espaços da sociedade.

No recorte proposto para este trabalho, a escolha por um jornal impresso brasileiro de grande circulação nos ajuda a discutir o impacto da informação na construção de um imaginário coletivo nacional. Optamos ainda pela edição dos Jogos

Olímpicos do Rio de Janeiro em 2016 para perceber como um jornal brasileiro realizou a mediação desse evento para o público do próprio país que sediou a competição. Já a definição do *Estadão* como objeto de análise justifica-se pela relevância do periódico (fundado em 1875) e pelo fato de ele permanecer há décadas como um dos que tem a maior tiragem no Brasil (dados do Instituto Verificador de Comunicação de julho de 2023 mostram que, naquela altura, era o jornal brasileiro com maior circulação impressa ¹).

Uma questão que nos instiga a realizar esta pesquisa é de que forma os discursos midiáticos reafirmam as desigualdades que podem oprimir as mulheres nos espaços sociais. Como a imprensa projeta a imagem da mulher atleta com deficiência? Qual espaço midiático é dado aos feitos das mulheres que competem no esporte paralímpico? De que maneira foram descritas as atletas femininas que competiram nos Jogos do Rio, considerando que são atletas de alto rendimento? Nossa opção pela cobertura de um jornal tradicional brasileiro justifica-se também pela curiosidade acadêmica em perceber como foi feita a cobertura midiática de um evento realizado no próprio país, diante das altas expectativas suscitadas à época pela opinião pública em torno do desempenho da delegação brasileira. No paradesporto olímpico, cabe referir que o Brasil é uma das maiores potências na conquista de medalhas, tendo ficado em 7º lugar nos Jogos de Londres-2012 e em 9º lugar nos Jogos de Pequim-2008 – as duas competições anteriores aos Jogos de 2016.

A PARTICIPAÇÃO DE MULHERES NOS JOGOS PARALÍMPICOS

Em três edições dos Jogos Paralímpicos, a audiência teve um crescimento significativo com a cobertura dos diversos meios. Em termos de cobertura midiática, segundo a pesquisadora Tatiane Hilgemberg,² os Jogos de Londres (2012) bateram recorde de audiência, o que se repetiria na edição seguinte. Hilgemberg³ nos apresenta os seguintes dados: em Atenas 2004 foram 617 horas de programação transmitidas a 25 países; em Pequim 2008, houve um aumento de 200% em relação aos números

¹ IVC muda cálculo para assinaturas. **Folha de S. Paulo**. São Paulo, 24 ago. 2023. Disponível em: <https://abrir.link/RKUPB>. Acesso em: 11 fev. 2024.

² HILGEMBERG. Jogos Paralímpicos: história, mídia e estudos críticos de deficiência.

³ HILGEMBERG. Jogos Paralímpicos: história, mídia e estudos críticos de deficiência, p. 10.

da edição anterior quanto ao tempo de cobertura; na edição de Londres 2012, foi batido o recorde anterior com 100 países transmitindo os jogos. Já a edição dos Jogos Paralímpicos Rio 2016 elevou esse número a 154 países que transmitiram as Paralimpíadas. Consequentemente, em 2016, os jogos do Rio foram considerados pelo Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB) e pelo Comitê Paralímpico Internacional (ICP, na sigla em inglês) como os mais vistos na história das Paralimpíadas até então, com audiência registrada em 4,1 bilhões de pessoas. A informação a seguir é do próprio CPB:

De acordo com números da empresa Nielsen Sports, publicados para marcar os seis meses do término dos Jogos Paralímpicos, o Rio 2016 contou com um crescimento de 7% de audiência em relação a Londres 2012, quando cerca de 3,8 bilhões de pessoas assistiram à Paralimpíada.⁴

Ao mesmo tempo, em 2016, os Jogos Olímpicos venderam por volta de sete milhões de ingressos, enquanto as Paralimpíadas venderam 2,1 milhões. Este dado expressa a questão mercadológica que influencia a visibilidade dos megaeventos que envolvem jogos adaptados. Assim, também questionamos como os diversos canais midiáticos podem auxiliar na visibilidade das competições e, portanto, no reconhecimento do esporte e dos atletas em seu nível de alto rendimento.

Como destacam Gutierrez et al.,⁵ é preciso expandir o potencial mercadológico do esporte paralímpico, o que torna necessário repensar a relação da mídia com o paradesporto. Segundo estes autores, o esporte adaptado guarda valores e símbolos específicos ainda envoltos em desconhecimento do grande público. Quando a imprensa se pauta pelo sentido de superação da pessoa com deficiência, deixa de informar sobre as formas de competição do esporte adaptado e perde-se a possibilidade do público de reconhecer o sentido das Paralimpíadas e os valores que estão em jogo. Isso se reflete na própria identificação do público com o espírito paralímpico.⁶

Neste cenário, o esporte feminino é, mais uma vez, aquele que recebe menor atenção. Perguntamo-nos, assim, quais seriam os fatores de exclusão que pesam

⁴ Jogos Paralímpicos Rio 2016 quebram recordes de audiência. Site do Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB), 16 mar. 2017. Disponível em: <https://abrir.link/mclrL>. Acesso em: 25 fev. 2024.

⁵ GUTIERREZ ET AL. Mídia e o movimento paralímpico no Brasil, p. 584.

⁶ GUTIERREZ ET AL. Mídia e o movimento paralímpico no Brasil, p. 584.

mais uma vez sobre as mulheres. Considerando que estamos lidando com a hipótese de haver mais de um fator discriminatório, como gênero e deficiência, o modelo de articulação teórico que adotamos neste trabalho admite a interseccionalidade como forma para o entrecruzamento de diferentes eixos de opressão. Os estudos interseccionais reconhecem diferentes marcadores sociais (raça, classe, geração, identidade de gênero, sexualidade, etc.) como fatores que podem reforçar estereótipos, principalmente os de gênero.

A discussão proposta pela interseccionalidade responde igualmente a uma demanda da realidade vivida pelas mulheres negras em países onde a escravidão deixou marcas profundas na formação da sociedade. No Brasil, a questão racial perpassa historicamente as relações sociais. Quando a professora estadunidense Kimberlé Williams Crenshaw,⁷ representando o feminismo negro, elabora o conceito de interseccionalidade, ela busca afirmar que não é possível separar alguns eixos de opressão que influenciam a realidade das mulheres negras de forma estrutural. Mais adiante adentraremos às discussões propostas por Patrícia Hill Collins e Sirma Bilge⁸ a respeito dos estudos interseccionais.

Também contribuem para a nossa análise conceitos sobre fotografia, corpo, estudos de gênero e discurso jornalístico. A análise de fotografias de imprensa nos coloca diante do desafio de discutir a questão do uso das imagens, considerando o potencial discursivo do documento fotográfico na sociedade contemporânea. Defendemos a ideia de que, na cobertura esportiva, ainda persiste um uso pouco consciente das composições fotográficas enquanto potência comunicativa. Assim, revisar teorias e confrontar as fotografias produzidas pela imprensa auxilia-nos a desvendar o “efeito de realidade” descrito por Patrick Charaudeau⁹ como a ideia de que as imagens reportam o que está no mundo, ao mesmo tempo que poderiam revelar algo que está oculto.

Quanto ao nosso modelo analítico, recorreremos a algumas definições propostas pela Análise do Discurso em autores como Patrick Charaudeau,¹⁰ Dominique

⁷ CRENSHAW. *On Intersectionality: Essential writings*.

⁸ BILGE; COLLINS. *Interseccionalidade*.

⁹ CHARAUDEAU. O discurso político, p. 110.

¹⁰ CHARAUDEAU. O discurso político; *Discurso das Mídias*; Os estereótipos, muito bem. Os imaginários, ainda melhor.

Maingueneau¹¹ e Jean-Jacques Courtine.¹² Os três contribuem com definições sobre as características dos discursos e da interdiscursividade dos textos e das imagens. A proposta de uma análise discursiva nos leva a uma percepção sobre como circulam formas discriminatórias através do discurso jornalístico e de que maneira elas alimentam estruturas de opressão. Charaudeau, por exemplo, oferece-nos uma definição do que se pode entender como estereótipos:

Estes termos possuem certo número de traços semânticos em comum, já que dizem respeito àquilo que é dito de maneira repetitiva e que, de tal forma, termina por se sedimentar (recorrência e imutabilidade), e descreve uma caracterização julgada simplificadora e generalizante (simplificação).¹³

Dentro dessa definição, os estereótipos funcionariam, inclusive, como promotores de elos sociais pela maneira como são partilhados em determinados grupos sociais, ainda que circulem sob suspeita quanto ao seu valor de “verdade”. Ainda assim, tendem a alimentar estereótipos, clichês, chavões, lugares comuns e preconceitos.

O esporte, como toda atividade humana, carrega em si valores sociais, espelha os dilemas da sociedade e empresta sua visibilidade para questões que geram tensões nas relações em sociedade. Nossos conhecimentos sobre o mundo circulam nos espaços sociais por diferentes canais e meios de comunicação. Também é fato que a imprensa tem papel fundamental nos debates dentro das sociedades democráticas, uma vez que ela também se constitui como uma das instituições autorizadas a mediar a visão que o próprio imaginário social constrói de si mesmo.

Em perspectiva epistemológica, trata-se do relacionamento do ser humano com a realidade que o circunda, que inclui o mundo natural e a sociedade. A ideia de mediação corresponde à percepção de que não temos um conhecimento direto dessa realidade – nosso relacionamento com o “real” é sempre intermediado por um “estar na realidade” em modo situado, por um ponto de vista – que é social, cultural, psicológico. O ser humano vê o mundo pelas lentes de sua inserção histórico-cultural, por seu “momento”.¹⁴

¹¹ MAINGUENEAU. *Gênese dos discursos*.

¹² COURTINE. *Decifrar o corpo: pensar com Foucault; Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos*.

¹³ CHARAUDEAU. *Discurso das Mídias*, p. 572.

¹⁴ BRAGA. *Circuitos versus campos sociais*, p. 32.

É preciso ressaltar que confrontar os meios de comunicação em suas formas de construção de sentido através de seus discursos é um ponto central do esforço do pesquisador. No caso deste trabalho, o debate reivindica não só a delimitação de um *corpus*, primeira decisão metodológica, mas traz a tarefa de construir um referencial teórico que dê conta dos dilemas que envolvem pensar o esporte, a comunicação, o corpo com deficiência e a questão de gênero em aspectos que refletem a participação feminina nos diversos espaços sociais. Os discursos midiáticos, em todas as suas formas, são, ao mesmo tempo, produto de uma demanda social e atores que influenciam consensos e opiniões.

FOTOGRAFIA E CORPO

O pesquisador português Jorge Pedro Sousa¹⁵ enfatiza a “importância do debate ético e deontológico no campo do fotojornalismo”. Sousa¹⁶ destaca que “é bom não esquecer, como diria Cassirer, que as representações imagísticas que os seres humanos fazem deles mesmos definem antropologicamente a humanidade”. Segundo ele, destacando o exposto por Colson,¹⁷ é necessário discutir a dificuldade em se interpretar a conotação fotográfica, além de se considerar o contexto de circulação das imagens e sua interferência na interpretação do discurso fotográfico. Outro fenômeno relevante do que aponta Colson,¹⁸ segundo Sousa,¹⁹ seria uma tendência do observador de ver suas próprias projeções nas fotografias com as quais se vê confrontado.

Dominique Maingueneau,²⁰ professor e pesquisador francês responsável por novas abordagens relacionadas à Análise do Discurso de linha francesa, descreve o campo discursivo como sendo “um conjunto de formações discursivas que se encontram em concorrência, delimitam-se reciprocamente em uma região determinada do universo discursivo”. Maingueneau ressalta que essa “concorrência” deve ser entendida da maneira mais ampla; inclui tanto o confronto aberto quanto a aliança, a

¹⁵ SOUSA. *Fotojornalismo*, p. 135.

¹⁶ SOUSA. *Fotojornalismo*, p. 136.

¹⁷ COLSON. *Images that heal*.

¹⁸ COLSON. *Images that heal*.

¹⁹ SOUSA. *Fotojornalismo*.

²⁰ MAINGUENEAU. *Gênese dos discursos*, p. 36.

neutralidade aparente etc...”²¹ Esses seriam os modos como se articulam os processos de argumentação no interior dos discursos.

Avançando para o debate a respeito dos discursos das imagens, Jean-Jacques Courtine traz-nos uma aproximação da imagem com o discurso através de um modelo de interdiscursividade das imagens. Destacamos a seguinte formulação de Courtine exposta em entrevista a João Kogawa: “toda imagem é uma relação de imagens, se inscreve em rede com outras imagens, quer se trate de imagens externas ou internas ao sujeito”.²² A interdiscursividade das imagens, definida como intericonicidade por Courtine,²³ expõe a relação das imagens com aquelas que já foram produzidas e que, portanto, evocam discursos já construídos por outras imagens, direcionadas por um olhar que busca por significados já mencionados por outras fotografias. Há um resgate de discursos anteriores que voltam a ecoar significados já mencionados e que podem reforçar estereótipos, sedimentar ideias sobre o corpo feminino e sua performance no esporte. Para Courtine,²⁴ as imagens se inscrevem em uma cultura visual impregnada por uma memória das imagens. O fotojornalismo como prática de construção de discursos visuais sobre o esporte recorre a essa memória visual, por exemplo, como meio de se inscrever no gênero do fotojornalismo esportivo. Já para Nilton Milanez,²⁵ a memória discursiva estaria relacionada a uma existência histórica dos enunciados, produzindo um efeito de memória.

A intericonicidade fundamenta-se sobre a ideia de que sob uma imagem há uma rede estratificada de imagens anteriores que seriam retomadas ou reelaboradas. Nesse sentido, confrontar as imagens da imprensa em suas formas de discurso visual auxilia-nos a revelar sentidos que podem reforçar ou não formas de exclusão. Ao mesmo tempo, é necessário reconhecer a influência da mensagem verbal sobre a mensagem visual. Textos também são usados para “domar” as imagens, ancorando significados, induzindo o leitor a determinados sentidos.

²¹ MAINGUENEAU. *Gênese dos discursos*, p. 36.

²² KOGAWA. Qual via para a análise do discurso? Uma entrevista com Jean-Jacques Courtine, p. 411.

²³ COURTINE. *Decifrar o corpo: pensar com Foucault*.

²⁴ COURTINE. *Decifrar o corpo: pensar com Foucault*.

²⁵ MILANEZ. Intericonicidade: da repetição de imagens à repetição dos discursos de imagens.

Ainda segundo Jean-Jacques Courtine,²⁶ quando nos confrontamos com uma grande quantidade de documentos que queremos investigar, é preciso reconhecer que conceitos como o de interdiscurso são de grande utilidade para compreender os funcionamentos das formações discursivas. Sob a visão interseccional, a ideia de interdiscursividade torna-se muito apropriada para identificarmos como os discursos se constroem para tratar da condição das mulheres paratletas.

Fotografias são recortes que buscam revelar, sob determinado ponto de vista, certa perspectiva de um tema ou de um fato. Portanto, a superfície das imagens sustenta significados que aqui buscamos desvendar. O fotojornalismo se apropria do caráter técnico da fotografia para produzir uma linguagem própria ao gênero fotojornalístico. Para Charaudeau,²⁷ trata-se “da linguagem enquanto ato de discurso, que aponta para a maneira pela qual se organiza a circulação da fala numa comunidade social ao produzir sentido”.

A sociedade contemporânea mostra-se cada vez mais dependente das imagens e através delas também molda a sua perspectiva a respeito dos fatos do mundo. Com o auxílio das imagens se constrói todo um imaginário social. A própria natureza técnica da linguagem fotográfica cria essa ilusão de real, ainda que seja uma aparência retratada por uma construção sob determinado olhar. Ao mesmo tempo, alguns veículos de imprensa ainda empregam a imagem como ilustração para o texto, o que pode provocar efeitos de desconexão ou contradição entre mensagem visual e mensagem verbal.

Ao analisar uma imagem, buscamos desvendar os elementos composicionais como ângulo, distribuição dos elementos no espaço no fotograma, perspectiva, linhas, formas, moldura, escala entre objetos e personagens. As próprias ações, gestos e expressões dos personagens retratados são elementos essenciais para se atribuir significados ao documento fotográfico. Ainda há outros elementos que devem ser desvendados, como os efeitos, intensidade e o caráter da luz em volumes, contornos, formas e texturas. As cores também são, normalmente, escolhas bastante conscientes do fotógrafo para acrescentar sentidos à composição fotográfica. Há uma escolha

²⁶ COURTINE. *Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos*.

²⁷ CHARAUDEAU. *O discurso político*, p. 33.

consciente daqueles elementos que deverão ser destacados pelo foco, levando o olhar a ser atraído para determinados elementos dentro da imagem.

A partir dessas escolhas na produção das imagens, a pós-produção, ou seja, a edição das imagens na página de um jornal, seguirá escolhas editoriais de ordem ideológica. Como exemplo, temos: o espaço que vai ser reservado para a imagem; a posição na diagramação como forma de influenciar a leitura; a forma como os elementos verbais vão reforçar ou atribuir sentidos ao enunciado; e o corte que poderá excluir elementos de um fotograma.

IMAGENS DE ATLETAS FEMININAS NO ESTADÃO: ALGUMAS REFLEXÕES

Diversos estudos realizados no Brasil, na Espanha, em Portugal e na França têm colocado em debate o tipo de cobertura que os meios de comunicação põem em prática por ocasião dos Jogos Paralímpicos.²⁸ Tais estudos são quase unânimes em destacar as impropriedades ou desajustes praticados pelos veículos midiáticos, desacostumados com a prática cotidiana de reconstrução de eventos esportivos nos quais estão presentes pessoas com deficiência.

Por meio da análise das edições do jornal *O Estado de S. Paulo* publicadas durante os Jogos Paralímpicos do Rio, no período de 7 a 18 de setembro de 2016, procuramos verificar qual tipo de enfoque foi priorizado, como foi descrita a participação feminina nos Jogos do Rio e como a imprensa retratou as mulheres paratletas. A partir daí, questionamos quais os discursos que ecoaram através da construção de sentidos na edição das páginas do *Estadão*. Interessa-nos perceber como se deu a construção de uma opinião a respeito das mulheres atletas a partir do uso das imagens e a organização da fala com auxílio do processo de conotação entre texto e imagem. Chegamos assim a um *corpus* de análise de 13 páginas, que apresentaram 13 fotografias de mulheres paratletas. A tabela a seguir traz os números da cobertura do *Estadão* que resultou em nosso *corpus*.

²⁸ HILGEMBERG. Representação midiática do atleta com deficiência na mídia brasileira e portuguesa; NOVAIS; FIGUEIREDO. A visão bipolar do pódio; PAPPOUS et al. La representación mediática del deporte adaptado; PEREIRA et al. A visibilidade da deficiência; PAILLETTE et al. La médiatisation des Jeux Paralympiques à la télévision française.

JORNAL O ESTADO DE S. PAULO: NÚMEROS DA COBERTURA DURANTE OS JOGOS PARALÍMPICOS RIO 2016 Treze edições publicadas no período de 7 a 19 de setembro de 2016					
Nº páginas de esporte em geral	Capas que mencionam os Jogos	Matérias sobre os Jogos	Matérias sobre mulheres	Nº de fotos sobre os Jogos	Nº de fotos de mulheres paratletas
55	8	43	6	73	13

Tabela 1. Edições de *O Estado de S. Paulo* na cobertura dos Jogos Paralímpicos Rio 2016.
Fonte: Elaborado pelos autores.

Como se pode ver na Tabela 1, há um razoável número de matérias (43 no total) dedicadas aos Jogos Paralímpicos 2016 e ainda oito oportunidades em que o evento ocupou a capa do jornal. Entretanto, apenas seis matérias (14% do total) foram dedicadas a mulheres. No caso das fotografias, há um total de 73 imagens, mas apenas 13 (17,8%) retratavam mulheres. Vejamos a seguir algumas análises a propósito destas fotografias



Figura 1 - Jornal *O Estado de S. Paulo*, p. A23, Edição de 17 set; 2016.

Iniciamos pelo retrato da atleta brasileira Silvânia Costa. A composição da imagem prioriza o momento de um salto, ou seja, uma ação esportiva. A imagem (Figura 1) do jornal *O Estado de S. Paulo* está presente na edição do dia 17 de setembro de

2016. O autor, o fotógrafo Fabio Motta, congelou um instante do momento em que a atleta aterriza na areia após efetuar o salto em distância. É uma imagem com expressão e ação que remetem ao esforço do corpo da atleta. O foco no primeiro plano destaca os elementos que remetem à ação própria do esporte. O corpo em ação e a expressão da atleta destacam o esforço da busca pelo resultado. A imagem recorre à linguagem técnica da fotografia característica do fotojornalismo esportivo, plano fechado com foco na ação. A própria linguagem do corpo comunica sobre o esporte.

Abaixo, nas Figuras 2 e 3, verificamos a inserção desta imagem no enunciado da página do jornal.



Figuras 2 e 3 - Jornal *O Estado de S. Paulo*, p. A22, Edição de 17 set. 2016.

À direita, a imagem ampliada da matéria que aparece na parte inferior da página (à esq.).

A fotografia do salto de Silvânia aparece na porção inferior da página em que o destaque é dado ao atleta alemão Markus Rehm e à sua performance no salto. A imagem recortada do atleta alemão em corpo inteiro, a sua localização na página, o espaço que ocupa e a própria postura e expressão do atleta conota poder e autoridade. A matéria ressalta a performance do corpo ciborgue do atleta alemão devido ao uso de próteses tecnológicas, o que acaba potencializando o corpo humano de Markus. O título da matéria ("Um salto na história paralímpica") retrata o paratleta

alemão como um “voador do salto”; já a matéria sobre Silvânia Correa recebe o título “Amor à filha levou Silvânia Costa ao esporte”. O texto dá ênfase à questão familiar, à maternidade e à sua ligação com a filha e às dificuldades enfrentadas por questões sociais. É o oposto do que o jornal destaca no topo da página a respeito do atleta alemão, cuja performance no esporte é destacada e descrita com o reforço de elementos gráficos e imagens que ilustram a busca por resultados no esporte.

Este exemplo ilustra de forma aparente a necessidade de se debater a questão dos papéis atribuídos aos homens e mulheres por todo um imaginário social. A mulher é considerada como cuidadora, é vitimizada e descrita a partir de uma história pessoal de vulnerabilidade, ainda que estejamos diante de uma atleta de alto rendimento e que havia acabado de conquistar uma medalha de ouro em sua categoria.

A partir de um olhar interseccional é possível verificar também os marcadores sociais que aparecem narrando essa história de exclusão da atleta. Silvânia é uma mulher negra com deficiência visual, de origem social humilde e que cuidava sozinha de sua filha. Estas condições demarcam o sentido construído pelo jornal, que tece um cenário particular por meio do amor maternal, da fragilidade e dos vínculos familiares para contar a história de uma mulher.

O CAPACITISMO E O CORPO FEMININO

Como um tema recorrente, o corpo feminino por sua vez é objeto de discussões em todos os espaços sociais, incluindo o espaço do esporte e a forma como este tema ecoa pelos canais midiáticos. É recorrente que tais discussões sejam pautadas por diferentes manifestações de preconceito como, por exemplo, o capacitismo e o sexismo. Corpos são constantemente confrontados com padrões hegemônicos de corporeidade e funcionalidade. O capacitismo se manifesta em formas discriminatórias da pessoa com deficiência, como a ideia de limitação desses corpos e a recorrência à uma ideia de superação. Narrativas que focam no histórico da pessoa com a sua condição física.

A pesquisadora Anahi Guedes Mello,²⁹ em seu estudo *Deficiência, incapacidade e vulnerabilidade: do capacitismo ou a preeminência capacitista e biomédica do Comitê de Ética em Pesquisa da UFSC*, atenta para a necessidade de “desconstruir a noção de incapacidade que está intimamente entrelaçada à de deficiência”. Segundo Mello,³⁰ a postura capacitista está impregnada com a ideia de corponormatividade através do reforço de uma noção de que existem corpos “inferiores, incompletos ou passíveis de reparação/reabilitação”. Cabe ressaltar que seguir explorando, através dos discursos midiáticos, o uso de conceitos que limitam as performances do corpo pode-se incorrer na permanência de “velhos” estereótipos onde não se admite a possibilidade da diversidade de corpos.

Já a pesquisadora mexicana Hortensia Manuela Moreno Esparza, na sua obra *Orden discursivo y tecnologías de género en el boxeo*, repercute a tarefa da investigação dos aspectos sociais implicados no esporte, além do desafio de se debater as questões de gênero. Para ela, “una de las tareas principales de esta investigación es establecer los nexos que conectan la institución deportiva con el orden simbólico, la vida política, la actividad económica y el mundo social, en su dimensión de género”.³¹

O espaço do esporte reflete as relações da sociedade. Destacado este aspecto, podemos analisar as práticas sociais a partir dos discursos construídos no campo da comunicação esportiva em sua implicação na construção de uma ideia sobre a mulher, as capacidades do corpo feminino e o quanto isso impacta na nossa visão sobre os corpos com algum grau de deficiência. Segundo David Le Breton, “as qualidades morais e físicas atribuídas ao homem ou à mulher não são inerentes a atributos corporais, mas são inerentes à significação social que lhes damos e às normas de comportamento implicadas”.³²

O exemplo a seguir é de uma matéria da edição de 15 de setembro de 2016 do *Estado* e fala sobre Verônica Hipólito. Este exemplo nos ajuda a debater sobre a construção de uma imagem de fragilização de mulheres que querem ser vistas como atletas de alto rendimento.

²⁹ MELLO. Deficiência, incapacidade e vulnerabilidade, p. 3273.

³⁰ MELLO. Deficiência, incapacidade e vulnerabilidade, p. 3271.

³¹ ESPARZA. *Orden discursivo y tecnologías de género en el boxeo*, p. 6.

³² LE BRETON. *A sociologia do corpo*, p. 68.



Figura 4 - Jornal O Estado de S. Paulo, p. A22, Edição de 15 set. 2016.

A imagem fotográfica mostra a paratleta Verônica Hipólito que conquistou o bronze nos 400 metros rasos, categoria T38. Hipólito tem um histórico de conquistas de medalhas. Na imagem acima ela aparece com expressão sorridente e gestos de comemoração enquanto mostra a medalha conquistada. O título da matéria destaca em primeiro lugar a condição da atleta: "Tumor na cabeça não impede medalhas de Verônica". Aqui podemos destacar a declaração de Hipólito dada ao jornal:

Não quero ser vista como "coitadinha". Na hora da corrida, não tem muito tempo para pensar em tumor. Só em correr. Aqui, tem histórias incríveis. Se você parar para conversar na pista com qualquer pessoa, ela vai ter uma história para contar. Mas o problema vai ficar com o atleta. A adversária não vai se importar, ela quer ganhar. Na pista, todo mundo corre de igual para igual.³³

Na verdade, Verônica Hipólito comenta em seu depoimento o sentido do esporte, da competição e do jogo. Roger Caillois,³⁴ autor de *Os Jogos e os Homens* – obra lançada originalmente em 1957 – propõe quatro categorias para se pensar o jogo: *agon*, *ilinx*, *mimicry* e *alea*. O *agon* envolvendo o sentido da competição, a característica agonística do jogo que envolve o combate regulamentado entre forças diferentes. O *ilinx*, descrito como a busca da vertigem, algo muito relacionado à própria natureza humana. O *mimicry* que envolveria os jogos de imitação e representação, a simulação, por exemplo, a própria representação da vida. E a *alea*, ao contrário do jogo agonístico, envolveria os jogos de azar já que o indivíduo não responde pelo

³³ Tumor na cabeça não impede medalhas de Verônica. *O Estado de S. Paulo*, 2016, p. A 22.

³⁴ CAILLOIS. *Os Jogos e os Homens*.

resultado do jogo. Para o sentido evocado por este trabalho e pela fala da própria Verônica Hipólito, o *agon* e o *ilinx* representam o sentido do esporte e a busca dos atletas pela vertigem e pela competição. É também o esporte assegurado por uma regulamentação e com a garantia de instituições ligadas ao paradesporto, como o próprio Comitê Paralímpico Internacional (ICP).

O sentido descrito por Caillois como *ilinx* na busca pela vertigem como algo próprio do espírito humano confunde-se com a ideia de superação comumente usada para se referir aos feitos alcançados no esporte. Neste ponto, podemos demarcar uma diferença no discurso da superação quando este diz respeito ao atleta olímpico ou quando usado em referência às conquistas dos atletas do esporte adaptado. Superação é um termo comumente usado nas narrativas que contam sobre o paradesporto.

Expressão recorrente nos discursos dos meios de comunicação (exemplos do jornalismo, da publicidade e programas esportivos), a ideia de superação para o atleta olímpico é utilizada no sentido de extraordinário, daquele que ultrapassa as possibilidades do corpo através de uma alta performance. Já no discurso a respeito dos feitos de atletas paralímpicos, a questão da superação pode incorrer em capacitismo, quando aponta para aquilo que não se imaginava ser feito por um corpo com algum tipo de deficiência. Sentido que aparece na forma como se destaca em primeiro lugar a história de vida e os acontecimentos que levaram a/o atleta a determinada condição em detrimento da sua atuação enquanto atleta de alta performance.

É necessário questionar se o uso da expressão superação não é redutora da potencialidade do indivíduo enquanto atleta de alto rendimento, considerando que a técnica corporal está presente no esporte adaptado como em toda atividade humana que envolve o desenvolvimento das potencialidades do corpo. Patrick Charaudeau³⁵ destaca o uso da emoção pela instância midiática que estaria “condenada a procurar emocionar seu público, a mobilizar sua afetividade, a fim de desencadear o interesse e a paixão pela informação que lhe é transmitida”. Como consequência, torna-se constante a utilização de estratégias discursivas carregadas de estereótipos como forma de mobilização dos afetos da audiência. Exemplo de recurso discursivo usado para afetar a audiência, as narrativas contadas a partir desse viés de superação.

³⁵ CHARAUDEAU. O discurso político, p. 92.

Muitas formas de preconceitos podem estar inseridas nos discursos midiáticos. Em torno das mulheres, podem-se tecer redes de micropoderes expressos em formas de preconceitos, pela sua condição de mulher, suas características físicas, sua classe social, sua origem étnica, sua faixa etária, sua sexualidade, seu estado civil. As sociólogas Sirma Bilge e Patrícia Hill Collins, na obra *Interseccionalidade*,³⁶ mencionam o esporte, e o futebol em particular, como lugar onde pode ser utilizada a interseccionalidade como ferramenta de análise.

O uso da interseccionalidade como ferramenta analítica para examinar a Copa do Mundo da Fifa mostra como as relações de poder de raça, gênero, classe, nação e sexualidade organizam esse esporte em particular, assim como os esportes de maneira mais ampla.³⁷

As autoras destacam que tais fatores de exclusão (raça, gênero, riqueza, capacidade, origem nacional) são determinantes para oportunidades ou desvantagens no campo do esporte. As diferenças de origens nacionais se somam às diferenças raciais moldando as oportunidades para se chegar ao alto rendimento. O futebol é utilizado como exemplo por ser um esporte praticado por um número incalculável de pessoas mundo afora. Por conta disso, a Copa do Mundo FIFA nos dá uma amostra de como fatores de exclusão e relações de poder são determinantes para se chegar ao êxito no esporte, ganho em termos de resultados e ganhos financeiros com a profissionalização. Isso também se reflete em outros esportes. Mais ainda, o esporte feminino recebe menos visibilidade e o esporte adaptado ainda menos investimentos. Quadro que perpetua uma realidade mercadológica determinante para a relevância das competições paralímpicas junto à audiência.

Nesse sentido, a análise interseccional oferece a possibilidade de debater diferentes formas de exclusão, admitindo que questões como raça, sexualidade, gênero, capacidade física, nacionalidade, etnia, idade, status de cidadania, podem se impor sobre a condição da mulher e comprometer a sua participação em sociedade. Bilge e Collins³⁸ ainda concluem que “os esportes em geral, e os esportes profissionais em

³⁶ BILGE; COLLINS. *Interseccionalidade*.

³⁷ BILGE; COLLINS. *Interseccionalidade*, p. 21.

³⁸ BILGE; COLLINS. *Interseccionalidade*, p. 24.

particular, costumam oferecer mais oportunidades para os homens que para as mulheres”. A seguir, discutiremos um exemplo que compõe o nosso *corpus*.

A edição do *Estado* de 15 de setembro de 2016 trouxe a fotografia da atleta da canoagem Debora Benevides (Figura 5). O crédito na foto é de Tânia Rêgo da *Agência Brasil* e o texto assinado por Paulo Favero. Debora é chamada pelo “apelido” de Indiazinha, forma coloquial de se referir à sua origem indígena. Expressão que destaca a origem racial da atleta, mas que pode incorrer a estereótipos atribuídos aos povos indígenas.

Indiazinha vibra com sonho realizado

Atleta do Mato Grosso do Sul, Debora Benevides foi abandonada pelo pai, mas teve o apoio de duas famílias para ir longe

Paulo Favero
ENVIADO ESPECIAL / RIO

O sonho de Debora Benevides de chegar à final da categoria K1a na canoagem velocidade da Paralimpiada não se concretizou ontem, com o quinto e último lugar na segunda bateria de disputa, mas o desempenho mostrou que o caminho escolhido por Indiazinha, como é conhecida a garota por seus colegas, está no sentido certo.

Filha de índios do Mato Grosso do Sul, ela não sabe a etnia nem a aldeia de seus parentes. “Quando eu tinha 3 anos de idade, minha mãe faleceu. Depois meu pai biológico me abandonou. Ele me largou na casa de sua ex-esposa e foi embora”, conta a atleta, que a partir deste momento foi criada por uma nova família. “Meu pai biológico nunca ligou e nem quis saber dele. Me jogou na casa da ex-esposa e nunca mais voltou.”

Ela era de Água Clara, a 198 quilômetros de Campo Grande, cidade para onde foi levada. E cresceu em um lar com pai, mãe, irmã e foi nesse ambiente que tomou gosto pelo esporte. “Foi lá onde tudo começou. Eles me mostraram o esporte e foi lá que eu tive uma família de verdade”, explica.

Do pouco que consegue se lembrar, não tem memórias de vida em aldeia ou algo do tipo. Como nasceu em 1985, momento em que a urbanização já transformava a paisagem local, ela desde cedo morou em cidade. “Na verdade só sei que meus pais eram índios. A história não sei ao certo, pois não cheguei a morar em aldeia, mas tenho as características”, conta.

Durante sua adolescência na capital do Mato Grosso do Sul, começou a praticar atletismo, estimulada pela família. Mas um ano depois conheceu a canoagem e se apaixonou. “Minha técnica Marli Cassoli me apresentou o Admir Arantes, que treinava pessoal da canoagem”, explica a garota, que tinha 16 anos na época.

Com uma má formação no período que sua mãe estava em gestação, Debora nasceu com artrogripose congênita, uma doença rara. “Eu consigo mexer as pernas apenas da coxa para cima, e só para frente e para trás”, explica a atleta, que para evoluir na modalidade decidiu se mudar para o Rio de Janeiro quando tinha 18 anos.

“Vin sem condições para competir, mas meu técnico, o Jorge Souza de Freitas, me adotou como filha. Faço parte da família dele e muitos vieram ver eu competir. Estava todo mundo lá, tia, primo, avô”, conta Debora, que também recebeu o carinho de sua outra família de criação. “Depois da prova me mandaram os parabéns.”

Amanhã ela completa 21 anos e garante que sai feliz por seu desempenho na Paralimpiada. “Não saio frustrada. Com pouco tempo de treino consegui estar aqui e só lamentar não ter chegado à final. Vou rever meus erros e trabalhar mais para brigar por uma medalha em Tóquio. Nem que seja de bronze”, conclui Indiazinha, mirando um futuro promissor.

Na água. Debora Benevides chegou na quinta posição, mas espera ir mais longe na próxima edição da Paralimpiada

QUADRO DE MEDALHAS

País	ouro	prata	bronze	TOTAL
1º China	43	24	28	95
2º Alemanha	23	23	17	63
3º Estados Unidos	26	30	24	80
4º Brasil	10	25	14	49
5º Austrália	12	19	22	53
6º França	9	13	9	31
7º Holanda	6	12	17	35
8º Nova Zelândia	8	8	4	20
9º Rússia	8	2	1	11

● Duas chances
A paracanagem brasileira terá dois representantes nas finais de hoje. Luis Carlos Cardoso disputa a final do K1 com boas chances de medalha. Outro que pode ir ao pódio é Caio Ribeiro de Carvalho, do K1.3. As disputas começam às 9 horas.

Figura 5 - Jornal *O Estado de S. Paulo* - Página A22, Edição de 15 set. 2016.

Na fotografia, Benevides aparece sorrindo e em ação no cenário do esporte que ela pratica. É uma imagem que remete ao sentido de competição, que identifica bem as características da atleta e do esporte. Já o texto destaca a história familiar da atleta, fala sobre o abandono que sofreu pela sua família biológica, conta sobre a má formação que a deixou com certo grau de deficiência nos membros inferiores. Neste caso, o esporte é mais uma vez colocado em segundo plano pelo texto construído a respeito da paratleta da canoagem. Benevides era, naquele momento, uma atleta em início de carreira competindo em uma Paralimpíada, mas foi descrita pela linguagem verbal através de um viés de vulnerabilidade.

Seguindo a reflexão sobre a questão das mulheres com deficiência, podemos pensar em marcadores sociais que criam desigualdades e se materializam em formas discriminatórias através de discursos, uma vez que o corpo feminino é dissecado pela sociedade no sentido de suas capacidades, dos espaços que podem ou não ocupar, da imposição de padrões estéticos e da ideia de vitimização da pessoa com deficiência. Em *Minha história das mulheres*, Michele Perrot afirma que “discursos e imagens cobrem as mulheres como uma vasta e espessa capa”.³⁹ Perrot questiona como seria possível quebrar estereótipos que envolvem os discursos sobre o feminino.

Fotografias de imprensa desempenham um papel relevante enquanto objeto da comunicação através do qual circulam representações do corpo feminino. Investigar a construção de um imaginário para o qual contribui a imprensa esportiva pode auxiliar a revelar como se refletem as contradições sociais, a origem de processos discriminatórios, a forma de invisibilizar corpos e indivíduos, todos fatores ligados a formas de controle sobre o corpo e o feminino. Nesse sentido, as imagens fotográficas contribuem na construção desses pensamentos, ao mesmo tempo em que podem auxiliar no sentido de reforçar consensos. Espaços de partilha e de tensão inseridos no contexto da comunicação.

A seguir, temos um exemplo (Figura 6) que encontramos na edição do *Estado* de 12 de setembro de 2016. A partir da mensagem construída na relação entre texto e imagem, pode-se discutir a possibilidade de invisibilização da atleta através de uma narrativa que a fragiliza e destaca a sua condição em relação à deficiência.

A matéria e a fotografia se referem a belga Marieke Vervoort dos 400 metros para atletas com deficiência motora. Não há crédito na imagem da belga, mas o texto é assinado por Marcio Dolzan. A questão da eutanásia a que a atleta pretendia se submeter despertou o interesse dos veículos de comunicação durante os Jogos. O caso de Marieke Vervoort foi tema em diferentes veículos de informação durante os Jogos do Rio, sempre em narrativas pensadas a partir dessa questão entre dor, vida e morte.

O próprio destaque dado pelo *O Estado de S. Paulo* à matéria sobre a belga, ocupando mais de 50% do espaço da página, chama a atenção, já que foi o maior espaço dedicado pelo jornal para contar a história de uma atleta feminina. O que nos

³⁹ PERROT. Os silêncios do corpo da mulher, p. 25.

leva aqui a um paradoxo é que a matéria dá visibilidade ao caso de Mariele ao mesmo que em que invisibiliza a sua identidade enquanto atleta. O título fala em eutanásia e a legenda que acompanha a imagem diz: “Último ato no Rio: Depois dos Jogos Paralímpicos no Brasil, Marieke Vervoort terá a vida e a morte nas mãos”. A fragilidade se destaca sobre o êxito mais uma vez. Quanto à fotografia, o plano de tomada enfatiza mais a cadeira de rodas do que a medalha. Ainda assim, a imagem da atleta é positiva nos seus gestos e expressões. Os elementos no enquadramento remetem ao ambiente do evento Rio 2016. É uma fotografia posada, com expressões e gestos encenados.

Após o Rio, belga viverá dilema da eutanásia

Marieke Vervoort, prata nos 400 metros para atletas com deficiência motora, tem duas doenças degenerativas

Marcelo Dahan (R3)

A medalha de prata da belga Marieke Vervoort nos 400 metros para atletas com deficiência motora, conquistada antontem, foi seu penúltimo ato como atleta. No sábado, Marieke ainda tentará o bicampeonato paralímpico na prova dos 200 metros e depois irá se aposentar do esporte. Ela quer aproveitar a vida. Com duas doenças degenerativas, Marieke possui autorização para praticar a eutanásia. “Vou aproveitar cada minuto da minha vida, dedicar mais tempo à minha família e aos amigos”, diz a atleta.

Marieke foi diagnosticada aos 34 anos com duas doenças degenerativas, tetraplegia progressiva e distrofia muscular miotônica. Desde então, passou a perder capacidade de movimentos e de visão. As doenças não têm cura, causam muita dor e põem a cada ano. Em 2008, ela conseguiu autorização para praticar eutanásia.

Agora, aos 37 anos, decide parar de competir no Rio. “É momento de eu me aposentar, não porque eu não gosto mais de competir, mas porque os médicos não me apoiam muito.” Marieke ressalta que não sabe quando o momento de parar em prática a eutanásia irá chegar. “Eu vejo por mim, imponho meus limites, e quando eles chegam, acabo empurrando mais para frente. Não quero deixar de competir. Hoje, quatro vezes por dia, às vezes, eu tem

PLANO

Marieke Vervoort
PARA-ATLETA DA BELGICA
“Meu melhor medicamento é um abraço forte. Vou aproveitar cada momento da minha vida, dedicar mais tempo à minha família e amigos”



Último ato no Rio. Depois dos Jogos Paralímpicos no Brasil, Marieke Vervoort terá a vida e a morte nas mãos

AS DOENÇAS

■ Tetraplegia progressiva
Ocorre quando uma paralisia afeta as quatro extremidades, superiores e inferiores, juntamente à musculatura do tronco. A impossibilidade de mover os membros associam-se distúrbios da mecânica respiratória. São sintomas de doenças neurológicas que comprometem todo o cérebro ou da medula espinhal.

■ Distrofia muscular (DM) miotônica
As DM são um conjunto de doenças caracterizadas por fraqueza e atrofia musculares.

me ajudar. Agora, tenho a autorização da eutanásia e tenho a vida nas minhas próprias mãos.”

Sofrimento. A doença provoca muitas dores, e Marieke contou que nunca sabe como estará no jogo do dia. Às vezes, ela tem

crises que chegam a durar quatro dias. Nesses momentos, aponta que o melhor remédio é a companhia de amigos e familiares. “Meu melhor medicamento é um abraço forte. Às vezes choro quando sofro com as dores, e não traz muito calor quando alguém me abraça, me conforta, diz que está comigo e pergunta como pode me ajudar. Isso me aquece e me traz um calor muito importante.”

Planos. Um de seus planos após deixar as pistas é ir ao mundo para fazer palestras motivacionais e passar mensagens positivas sobre eutanásia, prática proibida na maior parte do mundo, incluindo o Brasil. “Países como Brasil devem condicionar um debate para que isso não seja mais tabu. Uma vez com autorização, não precisa ser em uma semana ou dois meses”, explicou.

Marieke destacou ainda que conseguir autorização para a prática da eutanásia foi difícil. “Não é algo que você vai numa loja e compra. Foi difícil autoriza-

ção. Consultei vários médicos, eles têm de atestar que você tem uma doença difícil e progressiva, que não consegue mais viver com essa doença, que não há mais nenhuma chance de melhora. Eu consultei três especialistas e um psiquiatra para atestar que tinha capacidade para tomar essa decisão”, contou, explicando ainda que, no dia em que decidir cobrir em prática a eutanásia, será consultada novamente.

Até lá, contudo, ela quer aproveitar bastante a vida e montar um museu para exibir sua história. “Eu sou uma pessoa maluca. Já fiz bungee jump em cadeira de rodas. Na infância, senti um caça F-16 e pretendo voar em outro. Gostaria também de participar de um rally. Mas a maior coisa da minha lista é erguer um museu. Coleciono todos os artigos sobre mim, tenho fotos. Guardo todos os cartões que recebi, todas as cadeiras de rodas, equipamento de natação, tudo desde minha infância. Quero colocar tudo num museu.”

Budista, ela disse que convive bem com a ideia da morte. “Não tenho medo da morte. É algo tranquilo. Eutanásia para mim me traz paz. Não quero sofrer para morrer, quero fazer de forma tranquila, com as pessoas que eu amo no meu entorno”, comentou.

Quando morrer, Marieke espera que as pessoas lembrem de mim como aquela que está sempre sorrindo. Quando estou sofrendo, estou sempre olhando o lado positivo da vida. Sempre tento lembrar e apreciar as pequenas coisas.”

Sobre sua última participação em Jogos Paralímpicos, diz que não importa o resultado. “Dia 17, vou dar tudo. Meus braços vão quase sair do meu corpo de tanto esforço, e acho que quando terminar a prova, vai ser muito difícil. Não importa a posição que vou chegar, mas vou chorar muito porque será a última vez que estarei numa cadeira de competição.”

Figura 6 - Jornal O Estado de S. Paulo, p. D6, Edição de 12 set. 2016.

A história de Marieke é contada pelo *Estadão* através de um viés sensacionalista, carregado de tom dramático, onde dor, sofrimento, choro e eutanásia são mencionados como parte da vida da paratleta. Trata-se de uma narrativa contada pelo viés da vitimização e fragilização, com destaque para as doenças que acometem a paratleta. Exemplo também da busca por mobilizar a emoção do público leitor do jornal, um apelo aos afetos.

Enquanto a matéria sobre a atleta belga Marieke Vervoort recebeu destaque no enunciado da página do jornal, os quatro exemplos a seguir (Figuras 7 a 10), destacados com um retângulo vermelho, dão uma amostra de outros exemplos que encontramos e que dão uma ideia do espaço dedicado às mulheres na cobertura dos Jogos Paralímpicos. Para que se possa identificar as fotografias onde há personagens mulheres é preciso um olhar criterioso sobre a página. As paratletas são tratadas de forma secundária, mesmo se tratando de medalhistas. Além disso, os textos se referem de forma bastante resumida aos feitos dessas atletas. Estes quatro exemplos reafirmam nossa hipótese de que há uma sub-representação das mulheres atletas com deficiência mesmo em período de jogos paralímpicos.



Fig. 7 - Capa do jornal *O Estado de S. Paulo*, Edição de 11 set. 2016.



Fig. 8 - Jornal *O Estado de S. Paulo*, p. A17, Edição de 13 set. 2016.

Na Figura 7, a capa do jornal apresenta, entre diversos elementos visuais e verbais, uma chamada discreta sobre os jogos paralímpicos e uma foto da atleta Shirlene Coelho. O texto junto à foto cita a medalha de ouro de Shirlene no dardo, mas há muita informação concorrendo com a imagem da atleta, o que faz com que ela fique dispersa no espaço da diagramação. Já na Figura 8, temos duas atletas femininas e dois masculinos que atuam na equipe chinesa de natação, mas seus desempenhos estão

sob suspeita. Em termos de equidade, no fotograma onde estão retratadas as duas atletas femininas com os atletas masculinos, há um estado de igualdade com todos no mesmo plano e ocupando o espaço de forma equilibrada. Em contraposição, há outras duas imagens que focam na ação e no movimento de atletas masculinos, um chinês e um ucraniano. Os atletas masculinos ocupam papel de destaque no enunciado em relação às duas atletas femininas. Observando a totalidade da página, as mulheres são minoria e aparecem com pouco destaque em relação aos homens atletas.

Na Figura 9, a frase “Equipe da bocha celebra ouro com festa brasileira” acompanha a fotografia da equipe de homens e mulheres da bocha. Das três imagens dos jogos, somente em uma delas aparecem mulheres atletas. A imagem, pela resolução e tamanho, exige uma observação atenta para se verificar que há mulheres na imagem, as quais acabam por se diluir entre os outros personagens e as outras duas fotografias que destacam atletas masculinos. Também pode-se verificar que uma das atletas quase foi deixada de fora do enquadramento.



Figura 9 - Jornal O Estado de S. Paulo, p. A18, Edição de 13 set. 2016.



Figura 10 - Jornal O Estado de S. Paulo – Página, A20, Edição de 16 set.2016.

Já na Figura 10, temos dificuldade em notar que há uma fotografia de uma atleta feminina na página do dia 16 de setembro. Apenas na porção inferior da página, à direita, aparece a atleta Marivana Oliveira, que comemora o bronze no arremesso de peso. O cenário (mesmo desfocado), a bandeira, o uniforme, a expressão corporal com os braços abertos, o plano de tomada da imagem, tudo compõe o sentido de comemoração. Mas a fotografia de Marivana é usada de forma ilustrativa, reservadas apenas a um canto da página.

Em outros dois casos presentes no recorte do nosso *corpus*, encontramos uma pequena amostra de uma outra abordagem discursiva. Foram quatro páginas, em duas edições diferentes, que destacaram a interação do público com as atletas paralímpicas.



Figura 11 - Jornal *O Estado de S. Paulo*, p. A22, Edição de 16 set. 2016.

No primeiro caso (Figura 11), na página do *Estadão* de 16 de setembro de 2016, a arqueira iraniana Zahra Nemati aparece em uma fotografia que destaca a competição esportiva. O gesto, a expressão e o arco, como extensão do corpo da atleta, informam sobre o esporte. Já a edição de dia 18 de setembro, em sua página interna, traz o título “Paralimpíada vira hit entre as crianças” (Figura 12). No segundo caso as atletas campeãs da bocha Evani Calado e Evelyn Oliveira aparecem cercadas por torcedores brasileiros.



Figura 12 - Destaque de capa do Jornal *O Estado de S. Paulo*, Edição de 18 set. 2026.

Estes dois exemplos descrevem situações de interação do público infantil com as atletas. Sobre Zahra, destaca-se o êxito da iraniana no esporte e a curiosidade de uma criança em conhecer a atleta. Na edição de 18 de setembro, imagens de interação das atletas com o público reforçam a ideia de que os Jogos ajudam no processo de inclusão e naturalização do corpo com deficiência entre o público infantil. As duas edições do *Estadão* demonstram um esforço em trocar um certo viés de vitimização para o de popularização do esporte adaptado através das imagens de mulheres paratletas. Iniciativa contrária ao que vinha sendo feito durante todo o evento, algo também se deve ao debate que se instituiu no país sobre como se projeta a imagem da mulher paratleta nos meios de comunicação.

O que mais se encontra em relação à cobertura do *Estado de S. Paulo* são formas discursivas que ainda revelam formas de opressão e discriminação da mulher atleta com deficiência. Processos que se manifestam através dos discursos na forma como determinam lugares onde as mulheres podem atuar e espaços que elas podem ocupar. Materializam-se como exercício de poder em expressões limitantes sobre o corpo feminino, na forma como tecem opiniões e destacam aspectos que o

vitimizam e o fragilizam em detrimento de outras opções discursivas que poderiam tratar da performance no esporte.

Michelle Perrot⁴⁰ debate sobre o processo histórico de exclusão feminina e a luta da mulher por direitos básicos, como o direito à educação e informação. Perrot também descreve a luta por instrumentos que auxiliem na emancipação feminina e questiona em que medida já se rompeu o silêncio que sempre pairou sobre a mulher. Certa moral sempre se impôs sobre a mulher no sentido de mantê-la sob controle. Ideias como fragilidade, emotividade, doçura e, principalmente, a cuidado da prole e da família. Aqui pudemos identificar pistas de como esse processo ecoa na história das mulheres no esporte.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi possível constatar que a questão da pessoa com deficiência ainda se pauta por estereótipos e preconceitos quando se analisam os discursos presentes no campo da comunicação. Consequentemente, o esporte adaptado ainda sofre um processo de invisibilização e desconhecimento. O esporte paralímpico é um campo onde ainda se trava uma luta por visibilidade e inclusão das pessoas com algum tipo de deficiência. Para além dessa questão de espaço inclusivo, o esporte adaptado pode ser esclarecedor em relação à ideia de limitação dos corpos e de maior percepção da diversidade.

A análise interseccional de um jornal brasileiro de grande circulação confirma-nos que o espaço da mulher na vida social ainda é influenciado por diversos marcadores sociais (origem social e étnica, gênero, deficiência), resultando em diversas formas de exclusão. Há, por exemplo, uma realidade sexista que segrega mulheres por sua condição de mulher e que ainda as exclui de espaços de participação social onde elas poderiam se desenvolver em todas as suas potencialidades.

É possível verificar essas questões na forma de apresentação das notícias e na construção de discursos que fragilizam as mulheres atletas com deficiência. Verificando o nosso *corpus*, percebe-se uma contradição ente as mensagens visuais e as mensagens verbais. Enquanto as imagens conotam ação, alegria, comemoração

⁴⁰ PERROT. Os silêncios do corpo da mulher.

ou ação, os textos falam em dificuldades por condições físicas, sociais e familiares. As fotografias sofrem um processo de conotação na maneira como os textos se impõem sobre elas. Enquanto as imagens remetem à ação, comemoração e performance do corpo, os textos reafirmam estereótipos e sentidos que enfatizam a ideia de limitação do corpo feminino com deficiência.

Nesse sentido, seria importante que os meios de comunicação que realizam a cobertura do paradesporto revisassem constantemente os sentidos que circulam sobre os corpos com deficiência e o esporte adaptado, considerando sempre que a imprensa foca suas narrativas na vitimização e fragilização das atletas, mas deixa de informar sobre o sentido do esporte em si, sobre as formas de competição, sobre as modalidades e suas categorias. Perpetua-se assim o desconhecimento sobre os valores do esporte que envolve mulheres com deficiência.

Este estudo, pelas limitações de espaço e pela opção de analisar apenas a cobertura de *O Estado de S. Paulo* por ocasião dos Jogos Paralímpicos disputados no Brasil em 2016, propôs assim um estudo sincrônico, uma vez que nosso interesse inicial estava localizado na observação da presença da mulher paratleta nas páginas de um jornal brasileiro tradicional e secular. Outros estudos diacrônicos, que levem também em perspectiva de análise as coberturas do próprio *Estadão* e de outros jornais brasileiros nos Jogos Paralímpicos seguintes (Tóquio-2020 e Paris-2024), poderão assim oferecer um quadro ampliado da evolução – ou involução – da cobertura da imprensa brasileira diante deste tripé que reúne esporte de alto rendimento, mulher e pessoa com deficiência. Pretendemos assim colaborar, modestamente, para a superação de alguns juízos que, historicamente, vêm perpetuando os mesmos estigmas em torno não só da mulher atleta, como também da mulher atleta com deficiência.

* * *

REFERÊNCIAS

- BRAGA, José Luiz. Circuitos versus campos sociais. In: MATTOS, Maria Angela, JANOTTI JUNIOR, Jeder, JACKS, Nilda (Org.). **Mediação & mediação**. Salvador: EDUFBA, 2012, p. 29-52.
- BILGE, Sirma; COLLINS, Patricia Hill. **Interseccionalidade**. Tradução Rane Souza. São Paulo: Boitempo, 2020.
- CAILLOIS, Roger. **Os Jogos e os Homens**. Petrópolis/RJ: Vozes, 1990.
- COMITÊ PARALÍMPICO BRASILEIRO. Jogos Paralímpicos Rio 2016 quebram recordes de audiência. Disponível em <https://abrir.link/mclRL>. Acesso em: 25 fev. 2024.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das Mídias**. São Paulo: Contexto, 2015.
- CHARAUDEAU, Patrick. O discurso político. In: EMEDIATO, Wander; MACHADO, Ida Lúcia; MENEZES, Willian. (Org.). **Análise do discurso: gêneros, comunicação e sociedade**. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso/UFMG, 2006.
- CHARAUDEAU, Patrick. Os estereótipos, muito bem. Os imaginários, ainda melhor. **Revista de Linguística**, 7(1), 571-91, 2017.
- COLSON, J. B. Images that heal. In: LESTER, Paul M. (.). **Images that injure**. Pictorial Stereotypes in the Media. Westport: Praeger, 1995, p. 215-36.
- COURTINE, Jean-Jacques. **Decifrar o corpo: pensar com Foucault**. Trad. Francisco Morás. Petrópolis/RJ: Vozes, 2013.
- COURTINE, Jean-Jacques. **Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos**. São Carlos: EdUFSCar, 2014.
- CRENSHAW, Kimberlé W. **On Intersectionality: Essential Writings**. Faculty Books, 2017. Disponível em: <https://abrir.link/Kppts>. Acesso em: 1 mar. 2024.
- ESPARZA, Hortensia Manuela Moreno. **Orden discursivo y tecnologías de género en el boxeo**. México DC: Instituto Nacional de las Mujeres, 2011.
- GUTIERREZ, Gustavo Luis; ALMEIDA, Antonio Bettine de; MARQUES, Renato Francisco Rodrigues; MENEZES, Rafael Pombo. Mídia e o movimento paralímpico no Brasil: relações sob o ponto de vista de dirigentes do Comitê Paralímpico Brasileiro. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**. São Paulo: USP, 2013, p. 583-96.
- HILGEMBERG, Tatiane. Representação midiática do atleta com deficiência na mídia brasileira e portuguesa: do coitadinho a super-herói. In: **Anais XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Manaus (AM): 2013. Disponível em: <https://abrir.link/dvfCL>. Acesso em: 20 abr. 2025.
- HILGEMBERG, Tatiane. Jogos Paralímpicos: história, mídia e estudos críticos da deficiência. **Revista Recorde**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, 2019, p. 1-19.
- IVC muda cálculo para assinaturas; Folha é líder em circulação. **Folha de S. Paulo**. 24 ago. 2023. Disponível em: <https://abrir.link/RKUPB>. Acesso em: 11 fev. 2024.

- JANOTTI JR., Jeder; JACKS, Nilda. **Livro Compós**. Salvador: EDUFBA/Compós, 2012.
- KOGAWA, João. Qual via para a análise do discurso? Uma entrevista com Jean-Jacques Courtine. **Alfa**, São Paulo, v. 59, n. 2, 2015, p. 407-17.
- LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2007.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Gênese dos discursos**. Trad. Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- MELLO, Anahi Guedes. Deficiência, incapacidade e vulnerabilidade: do capacitismo ou a preeminência capacitista e biomédica do Comitê de Ética em Pesquisa da UFSC. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 10, 2016, p. 3265-76.
- MILANEZ, Nilton. Intericonicidade: da repetição de imagens à repetição dos discursos de imagens. **Acta Scientiarum – Language and Culture**, Maringá/PR, v. 37, n. 2, 2015, p. 197-206.
- NOVAIS, Rui Alexandre; FIGUEIREDO, T. H. A visão bipolar do pódio: olímpicos versus paraolímpicos na mídia on-line do Brasil e de Portugal. **Revista Logos – Comunicação e Esporte**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, 2010.
- PAILLETTE, Sylvain et al. “La médiatisation des Jeux Paralympiques à la télévision française”. **Les Cahiers du Journalisme**, n. 11, 2002.
- PAPPOUS, A. et al. La representación mediática del deporte adaptado a la discapacidad en los medios de comunicación. In: **Ágora para la Educación Física y el Deporte**, Valladolid, n. 9, 2009.
- PEREIRA, Ana Luísa et al. A visibilidade da deficiência: uma revisão sobre as representações sociais das pessoas com deficiência e atletas paralímpicos nos media impressos. In: **Sociologia, Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto**, v. XXII. Porto: 2011.
- PERROT, Michelle. Os silêncios do corpo da mulher. In: MATOS, Maria Izilda Santos, SOIHET, Rachel. (Org.). **O corpo feminino em debate**. São Paulo: Ed. UNESP, 2003.
- SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Revista Educação e Realidade**, Porto Alegre, UFRG, v. 2, n. 20, p. 71-99.
- SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.
- SOUSA, Jorge Pedro. **Fotojornalismo Uma introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa**. Porto, 2002. Disponível em: <https://abrir.link/nKali>. Acesso em: 29 jun. 2019.

* * *

Recebido em: 27 ago. 2025.
Aprovado em: 14 set. 2025.

Entre o espírito olímpico e o “Discurso Agonístico”: a narrativa dos medalhistas de ouro do Brasil nos Jogos Olímpicos de Tóquio 2020

Between the Olympic spirit and the “Agonistic Discourse”:
the narrative of Brazil’s gold medalists at the Tokyo 2020 Olympic Games

Ana Karina de Carvalho Oliveira

Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte/MG, Brasil
Doutora em Comunicação Social, UFMG
anakarina.akco@gmail.com

André Melo Mendes

Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte/MG, Brasil
Doutor em Literatura Comparada, UFMG

RESUMO: O artigo analisa as declarações dos atletas brasileiros medalhistas de ouro nas Olimpíadas de Tóquio 2020/2021, a partir de duas hipóteses. Primeiro, de que elas mantêm uma mesma estrutura discursiva; segundo, de que os valores e crenças ali expressados estariam mais próximos de um “Discurso Agonístico” do que do ideal do “espírito olímpico”. A noção de “Discurso Agonístico” parte dos conceitos de Discurso (Foucault) e *ethos* guerreiro (Elias) para dizer de narrativas que valorizam a competição, o esforço, a resiliência e a vitória. Com a transcrição das declarações dos atletas, identificamos as crenças e valores presentes e os mais recorrentes. Confirmamos a estrutura discursiva comum e analisamos que o Discurso Agonístico predomina junto a outros valores, como o trabalho, a família e a fé. A desistência da ginasta Simone Biles aparece como marco ao pautar o debate sobre a pressão sofrida pelos atletas e evidenciar a tensão entre ideais olímpicos e valores agonísticos.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso; Crenças e valores; Discurso Agonístico; Espírito olímpico; Medalha de ouro.

ABSTRACT: The article analyzes the statements of Brazilian athletes who won the gold medal at the Tokyo 2020/2021 Olympics, based on two hypotheses. First, that they maintain the same discursive structure; second, that the values and beliefs expressed there would be closer to an “Agonistic Discourse” than to the ideal of the “Olympic spirit”. The notion of “Agonistic Discourse” is based on the concepts of Discourse (Foucault) and warrior ethos (Elias) to mean narratives that value competition, effort, resilience and victory. By transcribing the athletes' statements, we identified the present and most recurrent beliefs and values. We confirmed the common discursive structure and analyzed that Agonistic Discourse predominates along with other values, such as work, family and faith. The withdrawal of gymnast Simone Biles appears as a milestone in guiding the debate about the pressure suffered by athletes and highlighting the tension between Olympic ideals and agonistic values.

KEYWORDS: Discourse; Beliefs and values; Agonistic Discourse; Olympic spirit; Gold medal.

TÓQUIO 2020: PANDEMIA, RECORDES E PRESSÃO

Os Jogos Olímpicos de Verão de 2020 (ou Olimpíadas 2020), realizados em Tóquio, em 2021, foram um acontecimento marcante neste século, especialmente por terem ocorrido durante a crise mundial provocada pela pandemia de COVID-19, o que ocasionou sua realização com um ano de atraso. Nesse período, o mundo viveu um clima de tensão e incerteza causado pelas dificuldades de combater o vírus, que, por suas altas taxas de contágio e letalidade,¹ forçou a adoção de medidas extremas, como o *lockdown*, buscando reduzir a transmissão da doença por meio do distanciamento social.² Esse isolamento, que modificou a rotina de grande parte da população de todo o mundo, afetou de modo especial os atletas de alto rendimento. Em pesquisa realizada pelo Comitê Olímpico Internacional (COI), em 2020, 56 por cento dos atletas entrevistados afirmaram que manter um treinamento eficiente era o maior dos desafios impostos pelo isolamento. Manter a motivação (50 por cento) e a saúde mental (32 por cento) são preocupações que também aparecem com relevância.³ Nesse contexto, muitos atletas precisaram criar soluções individuais para compensar a impossibilidade de contar com estruturas adequadas e com suas equipes de apoio.⁴

Entretanto, contrariando os resultados esperados, os atletas apresentaram boas performances e houve a quebra de vários recordes (67 olímpicos e 20 mundiais), superando as Olimpíadas anteriores, no Rio de Janeiro.⁵ A delegação brasileira também ultrapassou o desempenho do evento anterior, conquistando 21 medalhas (sete de ouro, seis de prata e oito de bronze), ocupando o 12.º lugar no ranking – em 2016 foram 19 medalhas, o que colocou o país, sede daquela edição, em 13.º lugar.⁶ Outro ponto que singulariza os Jogos de Tóquio foi a desistência da ginasta estadunidense Simone Biles de participar das finais, por equipe e individuais, mesmo sendo

¹ Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), o número oficial de mortes por COVID-19 em todo o mundo superou a marca de sete milhões, em dezembro de 2023. Contudo, segundo a entidade, esse número pode ser até três vezes maior (in Número de Mortes por Covid).

² O *lockdown* foi adotado como estratégia de prevenção à COVID-19 em diversas localidades, com diferentes níveis de restrição. De modo geral, a medida prevê a suspensão de atividades e serviços não essenciais e restrições severas à circulação de pessoas (in: Entenda O Que É Lockdown).

³ Pesquisa do COI Aponta.

⁴ GALATI. Atletas de alto rendimento relatam.

⁵ Veja Todos Recordes Olímpicos; Yu; Minsberg. Das piscinas às pistas.

⁶ Olympics. Rio 2016: Quadro de medalhas; Tóquio 2020: Quadro de medalhas.

a favorita ao ouro. A decisão acendeu o debate sobre os efeitos da pressão e da rotina exaustiva dos atletas de alto rendimento, já que ela vinculou sua desistência à forte pressão psicológica à qual sentia-se submetida.⁷

TRANSMISSÃO DOS JOGOS NO BRASIL E OS DISCURSOS DOS VENCEDORES

Em julho de 2021, embora o avanço da vacinação resultasse em redução nos números de mortes e novas infecções no Brasil, o patamar seguia alto. A 23 de julho daquele ano, dia da cerimônia de abertura dos Jogos Olímpicos de Tóquio, o Brasil registrou 1.286 mortes e 106.181 novos casos, em 24 horas.⁸ Em função desse quadro, várias cidades brasileiras mantinham medidas de isolamento social. Mantidas em casa e com poucas opções de lazer, as pessoas aderiram à programação olímpica, mesmo com transmissões iniciadas às 22 horas, devido à diferença de fusos horários. A Rede Globo, única emissora de TV aberta a transmitir os Jogos no país, registrou vários recordes de audiência para as faixas da madrugada e da manhã, ao longo do evento.⁹ Na TV paga, os Jogos foram transmitidos pelos canais SporTV e BandSports (único canal fora do Grupo Globo com direito à transmissão). O portal GE, na Internet, e o *streaming* GloboPlay também transmitiram.

Durante as transmissões percebemos uma dinâmica nas entrevistas aos atletas, que consistia em entrevistá-los logo após a disputa ou a premiação, ainda “no calor do momento”. Especificamente nas entrevistas dos atletas brasileiros que competiam individualmente e conquistaram a medalha de ouro, tivemos a impressão de que havia certa coincidência na estrutura narrativa dos seus discursos. Essa hipótese nos instigou a analisar com mais cuidado as declarações desses atletas, com o objetivo de confirmar (ou não) tal impressão e refletir sobre as implicações dessa repetição. Para isso, utilizamos um método de análise semiótica que parte do pressuposto que as falas enunciadas pelos atletas são signos e que, assim, podem veicular crenças e valores passíveis de serem identificados. Para refletir sobre os resultados das análises utilizamos os conceitos de Discurso, derivado da obra de Michel

⁷ Simone Biles Cita Saúde Mental.

⁸ BIMBATI; BAPTISTA; ESPINA. Covid: Brasil tem 1.286 mortes.

⁹ FELTRIN. Exclusivo: Tóquio fez Globo bater recordes na TV e na Internet.

Foucault;¹⁰ de Discurso Agonístico, desenvolvido a partir da ideia de “*ethos* guerreiro”, de Norbert Elias,¹¹ que contrapomos ao ideal do “espírito olímpico”, idealizado pelo Barão de Coubertin ao restituir as Olimpíadas na Era Moderna.

O artigo se divide em três partes. Na primeira, apresentamos o contexto da realização dos Jogos Olímpicos de Tóquio e os conceitos operadores que nortearam a reflexão aqui proposta, definindo o que será considerado Discurso Agonístico e como ele coexiste de maneira tensa com os ideais olímpicos. Na parte seguinte, apresentamos a metodologia e identificamos as crenças e os valores presentes na fala dos atletas medalhistas brasileiros, confirmando sua aproximação com o Discurso Agonístico. Na última parte, apresentamos as considerações iniciais e finais em que refletimos como a desistência de Simone Biles pode ter afetado a dominância desse discurso nos Jogos Olímpicos.

CONCEITOS OPERADORES

Neste texto partimos de dois pressupostos, que entendemos como complementares. Primeiro, o kantiano, que considera que não é possível o acesso direto ao mundo, posto que os fenômenos não existem em si, mas somente em nós, a partir do modo como os percebemos.¹² Segundo, o semiótico, que entende que o acesso ao mundo (fora de nós) só é possível de forma indireta, por meio de representações imperfeitas, convencionalmente nomeadas de signos. Os signos constituem a base de qualquer linguagem – seja ela escrita, visual, sonora etc. – e, por serem representações imperfeitas daquilo que representam, têm potência para veicular crenças e valores.¹³ Crenças, valores e práticas são as bases daquilo que aqui chamamos de Discurso. Essa perspectiva mais ampla sobre tal conceito se aproxima da maneira como ele é compreendido na obra de Foucault.¹⁴ Para ele, o discurso é mais do que um conjunto de palavras ou de enunciados, constituindo uma forma de construção social que, ao ser atravessada pelo poder e pelo desejo, expressa relações sociais e

¹⁰ FOUCAULT. *A ordem do discurso; Microfísica do poder*.

¹¹ ELIAS. *Os alemães*.

¹² KANT. *Crítica da razão pura*.

¹³ NÖTH. *Panorama da semiótica: De Platão a Peirce*; SANTAELLA. *Semiótica aplicada*.

¹⁴ FOUCAULT. *A ordem do discurso; Microfísica do poder*.

valores que existem na sociedade. Dessa forma, cada discurso propõe modos distintos de percepção do mundo, com conceitos operadores, categorias de análise e formas distintas de traduzir a realidade. Para Foucault, enquanto representações da realidade, os discursos “não são em si nem verdadeiros nem falsos”, nem redutíveis a interesses de classe,¹⁵ mas contribuem de maneira relevante para a definição dos sentidos socialmente compartilhados.

Nessa perspectiva, os discursos não apenas veiculam certas crenças e valores como também produzem práticas e determinam o conhecimento e, portanto, regulam, através da produção de categorias de conhecimento e conjuntos de textos, o que é possível de ser falado e o que não é, por quem e em que condições. Assim, eles reproduzem poder e conhecimento simultaneamente, contribuindo para a formação das subjetividades, moldando e posicionando quem um sujeito é e o que ele é capaz de fazer. Dessa forma, os discursos não apenas representam a realidade como a constituem. Daí a importância de compreender quais discursos predominam em eventos de grande atenção e repercussão, como as Olimpíadas.

A partir daí, neste artigo, chamaremos de “Discurso Agonístico” àquele discurso formado por crenças, costumes e hábitos que valorizam a coragem, a força física e mental, a resiliência, a disciplina, a superação e a persistência na busca pela vitória em situações de disputa. Esse discurso se aproxima do que Norbert Elias¹⁶ chamou de “*ethos* guerreiro”, para tentar explicar a tendência do povo alemão para apoiar a guerra, a beligerância e o expansionismo de Adolf Hitler. Segundo o sociólogo alemão, o predomínio desse discurso na formação da sociedade alemã (sobretudo entre as classes médias, inspiradas pela aristocracia militar), teria contribuído de maneira decisiva para o Terceiro Reich e a deflagração da Segunda Guerra Mundial, na medida em que estimulava práticas e costumes que contribuíram para valorizar a violência a partir da formação de um *habitus* nacional militarista.¹⁷ É difícil determinar quando esse conjunto de crenças e valores se tornou predominante na sociedade, mas a *Ilíada* de Homero constitui uma boa representação. Na obra, considerada uma das fundadoras da cultura ocidental,¹⁸ encontram-se narrativas que

¹⁵ FOUCAULT. *Microfísica do poder*, p. 7

¹⁶ ELIAS. *Os Alemães*.

¹⁷ ELIAS. *Os Alemães*; SOUZA. Processos descivilizadores.

¹⁸ JAEGER. *Paideia: a formação do homem grego*.

expressam uma compreensão da realidade filtrada por esse discurso. Faz sentido, já que, na Antiguidade Clássica, as guerras eram comuns e constantes – por exemplo, os Atenienses passaram todo o século V sem completar dois anos seguidos de paz.¹⁹

No esporte, temos uma versão desses sentimentos e discursos, com a compreensão da competição como uma ação positiva e necessária, na medida em que estimula o ser humano a dar o máximo de si em busca daquilo que se deseja conquistar. Na Grécia Antiga, a vitória em qualquer disputa era vista como fundamental, assim como a apresentação de uma grande performance, já que o objetivo final é ser o melhor de todos.²⁰ Se a vitória resultava em uma valorização social (não apenas do atleta, mas de sua família, contribuindo para sua inserção na elite cívica daquela sociedade), por outro lado, a derrota significava fracasso e fraqueza, sendo motivo de vergonha.²¹ A crença que domina o treinamento de atletas e soldados é a de que o ser humano pode evoluir infinitamente, bastando para isso que ele se esforce e tenha a determinação necessária.²² Nessa perspectiva, é necessário treinar o corpo e a mente, além de desenvolver a técnica com os instrumentos necessários a cada atividade. Dessa forma é fundamental acostumar-se a rotinas duras e repetitivas, e também à dor, para atingir o êxito nos confrontos. Isso exige grande resiliência por parte do sujeito, além de uma capacidade de superação dos limites físicos e mentais. A recompensa é a evolução do sujeito, tornado um “guerreiro”, seja na guerra ou no esporte.

Essas crenças e valores que dominaram a Antiguidade Clássica sobreviveram na Idade Média, graças às guerras entre os diversos reinos e às incursões dos cruzados ao Oriente, sob o pretexto de reconquistar para o mundo cristão lugares sagrados, como o Santo Sepulcro, em Jerusalém, na Palestina, que haviam sido tomados pelos turcos. Os torneios promovidos pelos reis e os romances de Cavalaria²³ também contribuíram para a difusão dessas ideias. Na Era Moderna, esse discurso continuou vivo com a criação dos exércitos dos Estados-nações. Assim, ao longo dos séculos, o Discurso Agonístico foi-se consolidando e estabilizando no universo simbólico compartilhado ocidental, sendo percebido nos dias atuais no exército, na estrutura narrativa

¹⁹ HAUSER. *História social da arte e da literatura*.

²⁰ JAEGER. *Paideia: a formação do homem grego*.

²¹ SARTRE. *Virilidades gregas*.

²² SOWELL. *Conflito de visões*.

²³ VIGARELLO. *História da virilidade*.

de grande parte dos filmes produzidos por Hollywood, em *bestsellers* sobre atos de heroísmo e batalhas, e no mundo esportivo, que é o que nos interessa neste texto.

DISCURSO AGONÍSTICO E ESPÍRITO OLÍMPICO

Os Jogos Olímpicos surgiram na Grécia Antiga com o objetivo de promover a paz e celebrar a cultura e a religião gregas. Eles eram realizados a cada quatro anos, em Olímpia, num santuário dedicado a Zeus e, durante o período de sua realização, os combates entre as cidades-estados eram suspensos para que seus atletas pudessem estar presentes no evento – a chamada Trégua Olímpica. A partir de 394 d.C., o evento foi proibido pelo imperador romano Teodósio que, por se ter tornado cristão, suspendeu todos os ritos de celebração da religião pagã.

Em 1896, em Atenas, ocorreu a primeira edição dos Jogos Olímpicos da Era Moderna, retomados pelo Barão Pierre de Coubertin com o objetivo de promover a paz e a compreensão entre os povos e de contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e harmônica.²⁴ Apesar do domínio dessa perspectiva humanista, diversos conflitos políticos e sociais vêm marcando a história desse evento. Em 1972, em Munique, membros da facção palestina Setembro Negro fizeram reféns representantes da delegação israelense, enquanto exigiam a libertação de palestinos mantidos presos em Israel (ao todo, 17 pessoas morreram). Durante a Guerra Fria, Estados Unidos e seus aliados boicotaram a edição de 1980, em Moscou, e já a URSS e seus aliados não participaram da edição seguinte, de 1984, em Los Angeles.²⁵ De toda forma, dentro das competições, desenvolveu-se a ideia de um “espírito olímpico”, que considera que “o importante não é vencer, mas competir. E com dignidade”.²⁶ Conforme consta na Carta Olímpica,²⁷ documento que contém os princípios e regras fundamentais dos Jogos, o espírito olímpico “requer entendimento mútuo,

²⁴ Olimpíadas: Conheça a História.

²⁵ VIDIGAL. Jogos Olímpicos em meio a guerras, boicotes e apartheid.

²⁶ O autor da frase teria sido um bispo de Londres, em uma cerimônia que antecedeu os Jogos de 1908, mas o Barão de Coubertin é quem a teria popularizado (cf. Uma Disputa Milenar).

²⁷ Uma primeira versão do documento foi escrita à mão pelo próprio Barão de Coubertin, em 1898. Contudo, o nome “Carta Olímpica” só foi atribuído em 1978 e o documento passa por alterações e atualizações regularmente. Os trechos aqui citados foram extraídos de uma edição em língua portuguesa, publicada pelo Instituto do Desporto e Juventude do Governo de Portugal (COI. Carta Olímpica.).

com espírito de amizade, solidariedade e *fairplay*”.²⁸ Nesse sentido, em 1997, o COI instituiu a Medalha Pierre de Coubertin, que premia indivíduos e instituições dentro e fora do esporte que se destaquem pela prática do espírito olímpico e promoção dos ideais do Olimpismo.²⁹

Dentro desse espírito de promover a paz e a integração entre os povos, era vetado aos competidores obter lucros com a participação olímpica,³⁰ mas isso mudou a partir dos anos 1980, quando houve a permissão para a participação de atletas profissionais nas competições. Essa alteração causou importantes mudanças na dinâmica do evento e dos valores que ele passou a movimentar, acentuando a competitividade entre os atletas e a disputa por patrocínios. Por um lado, a profissionalização permitiu aos atletas a possibilidade de viver do esporte e desenvolver seu desempenho. Por outro, contudo, a pressão por resultados se tornou maior, já que os atletas passaram a representar não apenas a si mesmos e seus países, mas, também, seus patrocinadores. Vale a pena destacar que o esforço e a disputa que caracterizam o que aqui chamamos de Discurso Agonístico não estão ausentes nos princípios olímpicos, aparecendo no lema que continua a figurar na Carta Olímpica,³¹ como síntese das aspirações do Movimento Olímpico: *Citius – Altius – Fortius*,³² que significa, em português, “Mais rápido – Mais alto – Mais forte”. Para Rubio,³³ a meritocracia é o principal valor do esporte, sobretudo nas Olimpíadas, e “o embate entre duas forças de excelência” é justamente o que conduz o público a acompanhar e torcer, pois “produz em nós, reles mortais, a experiência estética da realização de algo divino”. Contudo, também segundo Rubio, com a profissionalização e seus desdobramentos, o tradicional lema é substituído por “mais visibilidade, mais patrocínio, mais dinheiro”. Além disso, a autora também aponta que a pressão por resultados pode resultar em desvios, como os casos de *doping*.³⁴ Assim, mesmo que o espírito olímpico

²⁸ COI. Carta Olímpica, p. 25.

²⁹ IOC Awards Pierre de Coubertin Medals.

³⁰ RUBIO. Jogos Olímpicos da Era Moderna: uma proposta de periodização.

³¹ COI. Carta Olímpica, p. 35.

³² Em 2021, o COI incluiu o termo latino *communis* ao final do lema olímpico, que passou a significar “Mais rápido – Mais alto – Mais forte – Juntos” (Grohmann. COI troca lema olímpico).

³³ RUBIO. *Altius, citius, fortius* ou o mais alto, o mais rápido, o mais forte.

³⁴ Um caso recente é o da Rússia que, por meio de seu Ministério do Esporte, mantinha um complexo esquema de *doping* de seus atletas e de falsificação de resultados positivos. Com a descoberta, em 2016, o país foi excluído de competições internacionais, inclusive as Olimpíadas, até 2022. Uma nova exclusão foi determinada após a invasão da Ucrânia, em 2022. Atletas

ainda exista como um ideal, na prática, ganham força os valores e crenças agonísticos – o desafio, a disputa e a superação de limites na busca pela vitória.

CRENÇAS E VALORES DOS MEDALHISTAS DE OURO BRASILEIROS

Das sete medalhas de ouro conquistadas pelos brasileiros nas Olimpíadas de Tóquio, cinco foram em esportes individuais: Ana Marcela Cunha, na maratona aquática; Herbert Conceição, no boxe; Isaquias Queiroz, na canoagem; Ítalo Ferreira, no surfe; e Rebeca Andrade, na ginástica artística. Nosso primeiro passo, então, foi selecionar e transcrever as declarações dadas por esses atletas aos repórteres, logo após o recebimento da medalha. Em seguida, marcamos no texto palavras e trechos que expressassem crenças e valores e buscamos designá-los, montando um quadro para facilitar a visualização dos dados (Quadro 1).

Atleta	Declaração transcrita	Crenças e Valores

Quadro 1 - Declarações, crenças e valores. Fonte: Elaborado pelos autores.

Após a identificação das principais crenças e valores presentes nessas falas, buscamos observar qual o discurso predominante na fala dos campeões. Identificamos quatro crenças e valores que aparecem em todas ou quase todas as declarações: Gratidão; Dedicação/Esforço/Trabalho; Família; Superação (Quadro 2).

Valor/Crença	Exemplo
Gratidão	“[...] eu quero muito poder agradecer ao meu clube e aos meus pais, minha namorada”. (Ana Marcela Cunha) “São muitas pessoas que também me ajudam nessa trajetória, e é uma gratidão imensa poder tá representando o meu país aqui, o Brasil, representando meu estado a Bahia, minha cidade, Salvador. Eu só tenho a agradecer pela energia positiva de todos, de todos que estão aqui presentes, de todos que estão no Brasil. Eu tô muito feliz... Medalha de ouro pra gente, não é só minha, e agora é comemorar”. (Hebert Conceição)
Dedicação/Esforço/ Trabalho	“Diz amém que o ouro vem, e veio né? Eu acreditei até o final, eu treinei muito os últimos meses e Deus realizou meu sonho”. (Ítalo Ferreira)

classificados podem participar sob bandeira neutra, sem ostentar símbolos nacionais (cf. Rubio. Jogos Olímpicos da Era Moderna; Agência Mundial Antidoping exclui a Rússia; Arribas. Relatório confirma que o Governo russo participava do doping de seus atletas; Grohmann. Atletas russos e bielorrussos participarão de Paris 2024 como neutros).

	<p>“Foi surpresa pra muita gente mas pra mim não, não foi uma surpresa eu ser campeão olímpico porque eu trabalhei muito, né?”. (Hebert Conceição)</p> <p>“Pô, eu tô muito feliz, eu trabalhei bastante durante todo esse tempo né, e... Ai, gente, eu não sei nem o que dizer”. (Rebeca Andrade)</p> <p>“É uma realização de um sonho, né, de um trabalho feito. [...] Até parece repetitivo isso, mas é um trabalho, né, trabalho dedicando pra esse pedacinho de metal, que pra nós atletas significa muito, é a consagração de um trabalho de uma vida inteira. (Isaquias Queiroz)</p>
Família ³⁵	<p>“eu só quero poder chegar ali, pegar o telefone e conseguir falar com eles [mãe e pai] pra saber que tá tudo bem”. (Ana Marcela Cunha)</p> <p>“Eu queria que a minha avó tivesse viva pra ela ver isso (choro), pra ver o que eu me tornei, e que eu consegui fazer pelos meus pais, por aqueles que estão ao meu redor”. (Ítalo Ferreira)</p> <p>“Querida agradecer a todos que estão nessa caminhada desde, desde quando eu nasci né, a minha família que foi a minha base né, que sempre esteve ao meu lado”. (Hebert Conceição)</p> <p>“Também tem minha mãe, que passou por muita coisa ao longo da vida dela e hoje poder ver o filho dela se tornar um medalhista olímpico, que não é pra todos, é só pra aqueles que se dedicam mesmo, que acredita no futuro, né, acredita no trabalho, na dedicação. Dedico muito à minha mãe também esse metal, essa medalha, que ela merece”. (Isaquias Queiroz)</p> <p>“Então essa medalha eu dedico muito à minha mãe, meus irmãos de São Paulo, à minha esposa, meu filho”. (Isaquias Queiroz)</p>
Superação	<p>“É, finalmente... Acho que por mais nova que eu fui em 2008, é... foi minha primeira Olimpíada. Querendo ou não, o quarto círculo olímpico [...] vindo de uma não classificação, uma frustração no Rio, e de um amadurecimento muito grande pra chegar até aqui. O que eu posso dizer é acreditem nos seus sonhos e dê tudo de si”. (Ana Marcela Cunha)</p> <p>“[...] saber que no último round os meus cordas falaram que eu estava perdendo, eu também sabia, e... eu comecei ai eu falei é... agora são, são 3 minutos pra, pra poder mudar a cor da medalha, pra poder, pra poder buscar esse ouro, e eu fui com tudo, sabia que na trocação era loteria, se eu tomasse um nocaute eu não taria perdendo nada, já tava... praticamente perdida a luta, e que bom que eu consegui o nocaute, tô muito feliz”. (Hebert Conceição)</p> <p>“[...] tudo que passou na minha vida, meus acidente, perda do meu rim, sofrimento da... não sofrimento gente, tipo assim, como... pra as pessoas entender, existe uma diferença em ser humilde e ser pobre né, minha família foi humilde, não tinha... não era rica e nem era pobre, minha mãe nunca deixou faltar nada pra gente, só que foi muita coisa difícil que passou né e... depois ao longo da... da seleção, doze anos de seleção, e hoje poder chegar nesse local é... no Japão, no outro lado do mundo e poder representar bem o Brasil”. (Isaquias Queiroz)</p>

Quadro 2 - Crenças e valores predominantes nos discursos dos medalhistas de ouro brasileiros. Fonte: Elaborado pelos autores.

³⁵ É interessante notar como a família e a terra natal foram temas constantes na fala dos entrevistados. Em duas situações – com Rebeca Andrade e Hebert Conceição – os repórteres citam nominalmente as mães dos atletas, convocando a presença da família em seus discursos.

Também merecem destaque por sua recorrência: Reconhecimento de outros atletas e modalidades; Solidariedade (com outros atletas, com população brasileira). Já as crenças e os valores a seguir apareceram nas falas de dois dos cinco medalhistas: Coletividade da conquista; Coragem; Desafio; Determinação; Dever cumprido; Fé em Deus e discurso cristão; Glória da conquista; Merecimento; Orgulho; Persistência/Resiliência; Representação (do país, do estado, da cidade, do clube); Sonho e realização. Entre aqueles que aparecem apenas uma vez, um se destaca: o Espírito Olímpico – apenas na fala de Rebeca Andrade aparece uma versão do ideal de Pierre de Coubertin. Para esta ginasta, que ainda se solidarizou e exaltou a coragem da atleta estadunidense Jade Carey por não apresentar boa performance na disputa do salto, fazer uma boa competição é mais importante que a própria vitória:

[...] meu foco, pra falar a verdade, não é a medalha. Fazer boas apresentações, me sentir segura, me sentir pronta. Pronta eu já sei que eu *tô* mas... Ahn... Me sentir firme mesmo fazendo as coisas e me divertir. Hoje eu *tava* muito feliz. Na classificatória eu *tava* muito feliz, na hora do individual eu *tava* muito feliz, e é essa sensação que eu quero levar pra amanhã. Independente do que aconteça, de resultado, qualquer coisa, eu vou estar feliz, porque eu fiz tudo o que eu podia.

Por Rebeca Andrade.

Ainda nesse sentido, Isaquias Queiroz, da canoagem, chega a afirmar: “Nós, atletas do Brasil, estamos de parabéns, *né*? Mesmo quem não ganhou medalha se dedicou até o último minuto porque sabe o quanto *ralou*, *né*, pra chegar aqui”. Contudo, na entrevista, o atleta conta que se casaria e viajaria com a esposa após as Olimpíadas e que “não queria entrar de férias sem medalha”, pois seria “muito triste”. Ele continua: “Então, eu falei: cara, eu preciso dessa medalha de ouro porque eu quero ir *pras* minhas férias sossegado, quero fazer meu casamento sossegado. Então, agora, sim, eu *tô* mais aliviado”. Assim, ainda que ele revele um espírito olímpico ao considerar que outros atletas merecem ser parabenizados por seu esforço, mesmo sem conquistarem uma medalha, o mesmo não parece valer para ele. Já no discurso do pugilista Herbert Conceição, percebemos a presença de valores opostos àqueles contidos no espírito olímpico, quando ele admite que precisou “jogar sujo” como resposta ao jogo sujo do seu oponente, partindo para o tudo ou nada e contando com a ajuda da sorte para vencer a luta por nocaute e “poder mudar a cor da medalha”.

A partir dos valores e crenças recorrentes, sintetizamos a seguinte estrutura, que varia em ordem, mas se repete em todas as declarações e constitui o núcleo do discurso dos medalhistas brasileiros:

- Gratidão: a Deus/família/equipe técnica/torcida brasileira, pelo apoio, investimento, parceria, crença no potencial. Muitas vezes, a medalha é dedicada a essa rede de apoio e considerada coletiva.
- Dedicção e esforço: destaque para o trabalho árduo e incessante necessário para chegar ao pódio.
- Sacrifício e resiliência: retomada da trajetória pessoal e como atleta até a conquista do ouro – origem humilde, afastamento da terra natal e da família, derrotas, lesões, pandemia etc. Importância de não desistir, acreditar no sonho e seguir tentando realizá-lo.
- Superação e recompensa: a vitória como superação das dificuldades e coroação do trabalho desenvolvido. Há uma dimensão de merecimento e orgulho.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Após as análises, notamos a predominância de crenças e valores pertencentes ao que chamamos de Discurso Agonístico em boa parte da narrativa dos atletas brasileiros, para justificar a conquista da medalha de ouro. É provável que, ao serem entrevistados logo após terem se consagrado vitoriosos, os atletas acionem essa forma verbal de maneira quase automática, enquanto procuram, ao mesmo tempo, explicar e entender o que aconteceu há poucos instantes. Ainda assim, e retomando a perspectiva foucaultiana, os discursos resultam de formas de perceber e narrar o mundo, mas eles também atuam na construção da realidade, moldando subjetividades e expressando relações sociais e de poder. A longa permanência desse discurso no universo simbólico ocidental naturaliza as crenças e práticas por ele valorizadas, sendo encontrado também nas narrativas de apresentadores, comentaristas e jornalistas. Nas Olimpíadas de Tóquio, no entanto, esse discurso foi tensionado por um acontecimento inesperado: a desistência de Simone Biles, ginasta estadunidense.

Pela primeira vez, uma atleta de alto rendimento, com chances reais de conquistar diversas medalhas de ouro, desistiu de competir porque se sentiu

mentalmente insegura. Biles havia ganhado quatro medalhas de ouro nos Jogos do Rio de Janeiro, em 2016, e, em Tóquio, era favorita a consagrar-se como uma das maiores atletas das Olimpíadas. Contudo, na final por equipes, a ginasta fez dois saltos mal sucedidos – um no aquecimento e outro já na disputa – e se retirou da prova, informando um problema médico.³⁶ Nos dias seguintes, Biles anunciou a desistência de competir nas outras finais individuais.

A desistência da ginasta, ao ir de encontro às crenças e valores aqui identificados com o Discurso Agonístico, colocou em risco sua imagem junto da sua equipe, da competição e do público – e, assim, junto a seus patrocinadores. Contudo, os anúncios feitos pelo time dos EUA vinham sempre acompanhados de declarações de compreensão e apoio em relação às decisões da ginasta,³⁷ tom que foi seguido pela imprensa – inclusive a brasileira –,³⁸ com vários veículos partindo do caso de Simone Biles para abordar a necessidade de preservar os atletas.

Para compreender a reação positiva à atitude de Biles é preciso considerar o contexto em que aquele acontecimento se deu: o medo, a insegurança e a incerteza causados pelos números que a COVID-19 alcançava no mundo inteiro afetavam a saúde mental de uma parte considerável da população – segundo dados divulgados pela OMS, em março de 2022, houve um aumento de 25 por cento na prevalência de doenças como ansiedade e depressão, em todo o mundo.³⁹ Entendemos que esse contexto pode ter favorecido a identificação e a empatia com o caso de Simone Biles, criando uma abertura para uma discussão ampla do tema. Para além disso, a posição que a ginasta ocupa enquanto figura pública, de renome e reconhecimento no mundo do esporte, a qualificou para pautar esse debate e obter adesão institucional e pública. De toda forma, os Jogos Olímpicos de Tóquio continuaram, assim como a predominância do discurso centrado nas proezas e conquistas dos atletas. Assim, quando Biles decidiu retornar à competição para a disputa da final da trave e conquistou a medalha de bronze, a narrativa do esforço e da superação é retomada.

³⁶ Simone Biles Desiste Da Disputa.

³⁷ Olimpíadas: Simone Biles Desiste.

³⁸ BERNARDO. O caso Simone Biles nas Olimpíadas e a saúde mental no esporte 2021; CORREIA. Casos de Simone Biles e NAOMI OSAKA; CONRADO; AVELAR. Desistência de Simone Biles; Simone Biles: Por Que.

³⁹ Pandemia De COVID-19 Desencadeia.

Contudo, ao observar, por exemplo, a matéria do *El País*, intitulada “Simone Biles, bronze na trave, ouro em coragem”,⁴⁰ parece haver uma coexistência entre o espírito olímpico e o Discurso Agonístico: o desafio, o esforço e a superação dos limites em uma disputa conduzem à vitória, ainda que pessoal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Segundo consta na Carta Olímpica, “o objetivo do Olimpismo é o de colocar o desporto ao serviço do desenvolvimento harmonioso da pessoa humana em vista de promover uma sociedade pacífica preocupada com a preservação da dignidade humana”.⁴¹ No entanto, e a despeito do lema de que “o importante é competir”, é a medalha de ouro a principal referência do desempenho dos países participantes dos Jogos Olímpicos. No *ranking* atualizado diariamente e anunciado constantemente pelos meios de comunicação ao longo do evento, mesmo que um país possua um número total de medalhas superior aos demais, é a quantidade de medalhas de ouro que define a sua posição.

Nesse contexto, consideramos que há, de fato, certa prevalência de elementos do Discurso Agonístico nas falas dos medalhistas de ouro do Brasil, como a valorização do esforço, do sacrifício, da persistência e da superação como caminhos para a vitória, que se coloca como principal objetivo. No entanto, esse discurso é permeado por outros valores tradicionais, como o trabalho, a família e a fé (cristã), que também aparecem com a função de legitimar a medalha de ouro do atleta para si mesmo, os outros atletas, o público e, claro, os patrocinadores.

A medalha de ouro é um símbolo do Discurso Agonístico e atua como qualificadora daqueles indivíduos a um lugar privilegiado para falarem e terem suas declarações consideradas válidas. Seu discurso é legítimo porque ele é vitorioso, e ele é vitorioso porque se esforçou, se sacrificou, teve fé no sonho e em Deus, amparado por sua família, e não desistiu nos momentos difíceis. Essa narrativa é baseada na crença de que o trabalho árduo compensa e o ser humano pode evoluir infinitamente e alcançar o sucesso, bastando para isso que ele se esforce.

⁴⁰ ARRIBAS. Simone Biles, bronze na trave, ouro em coragem.

⁴¹ COI. Carta Olímpica, p. 25.

A partir de sua veiculação, circulação e repetição, essas crenças e valores acabam por se constituir como signos, não só do esporte e dos atletas brasileiros, mas de certo espírito brasileiro que ecoa o mote publicitário que se tornou bordão: “sou brasileiro e não desisto nunca”.⁴² Contudo, em um pensamento complexo, essa fórmula não funciona porque há outros aspectos definidores do sucesso, sejam os limites físicos e mentais (como os manifestados por Simone Biles), o contexto (como a pandemia, que forçou mudanças drásticas na rotina de treinamento dos atletas) e mesmo o acaso.

Nesse sentido, acreditamos que, apesar de todo o conjunto de práticas que estimula o sacrifício, a competição e a luta desmesurada pela vitória, a desistência de Biles nos Jogos Olímpicos de Tóquio e o modo como esse acontecimento repercutiu na mídia e na sociedade teria potencial para constituir um marco não só para as Olimpíadas, mas para o mundo esportivo como um todo. Nos Jogos de Paris, em 2024, contudo, Biles retornou às competições designando-as como sua “turnê de redenção” e, mesmo tendo conquistado três medalhas de ouro e uma de prata, não conseguiu escapar dos holofotes, que continuaram a destacar sua desistência anterior e suas falhas naquela ocasião.⁴³

A análise dos discursos dos atletas dos próximos Jogos (sobretudo dos vencedores), assim como da imprensa e de outros públicos envolvidos, talvez possa nos dar a ver outras consequências daquele acontecimento de 2021. É algo que esperamos observar.

* * *

REFERÊNCIAS

Agência Mundial Antidoping exclui a Rússia das competições internacionais durante quatro anos. **El País**, 9 dez. 2019.

ARRIBAS, C. Relatório confirma que o Governo russo participava do doping de seus atletas. **El País**, 18 jul. 2016.

ARRIBAS, C. Simone Biles, bronze na trave, ouro em coragem. **El País**, 3 ago. 2021.

⁴² A campanha “Eu sou brasileiro e não desisto nunca” foi lançada em 2004, criada pela agência Lew’Lara para a Associação Brasileira de Anunciantes-ABA (cf. Campanha Quer Resgatar Auto-Estima Brasileira).

⁴³ TETRAULT-FARBER et al. Com quatro medalhas, Biles encerra Paris 2024 orgulhosa da volta por cima.

BERNARDO, A. O caso Simone Biles nas Olimpíadas e a saúde mental no esporte. **Veja Saúde**, 3 ago. 2021.

BIMBATI, A. P.; BAPTISTA, S.; ESPINA, R. Covid: Brasil tem 1.286 mortes em 24h e mais de 100 mil novos casos. **Viva Bem**, 23 jul. 2021.

Campanha quer resgatar auto-estima brasileira. **Folha de S. Paulo**, 20 jul. 2004.

COI-Comitê Olímpico Internacional. **Carta Olímpica**. Instituto Português do Desporto e Juventude, 2011.

CONRADO, H.; AVELAR, A. Desistência de Simone Biles reforça papel da saúde mental no esporte. **R7 Esportes**, 28 jul. 2021.

CORREIA, L. F. Casos de Simone Biles e Naomi Osaka acendem alerta para a saúde mental no esporte. **GE**, 27 jul. 2021.

ELIAS, N. **Os alemães**: A luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX. Jorge Zahar Editor, 1997.

Entenda o que é lockdown. **G1**, 6 maio 2020.

FELTRIN, R. Exclusivo: Tóquio fez Globo bater recordes na TV e na Internet. **BOL**, 10 ago. 2021.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. Edições Loyola, 1999.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Editora Graal, 2006.

GALATI, B. Atletas de alto rendimento relatam como a pandemia afetou as rotinas de treinos. **TV Cultura**, 4 maio 2021.

GROHMANN, K. COI troca lema olímpico: Mais Rápido, Mais Alto, Mais Forte – Juntos. **Agência Brasil**, 20 jul. 2021.

GROHMANN, K. Atletas russos e bielorrussos participarão de Paris 2024 como neutros, diz COI. **CNN Brasil**, 8 dez. 2023.

HAUSER, A. **História social da arte e da literatura**. Editora Martins Fontes, 1998.

IOC awards Pierre de Coubertin Medals to illustrious personalities who have made an outstanding contribution to Olympism. **International Olympic Committee**, 23 jun. 2023.

JAEGER, W. **Paideia**: a formação do homem grego. Editora Martins Fontes, 2010.

KANT, I. **Crítica da razão pura**. Editora Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

NÖTH, W. **Panorama da semiótica**: de Platão a Peirce. Editora Annablume, 1995.

Número de mortes por Covid no mundo supera 7 milhões, diz OMS. **Terra**, 11 jan. 2024.

Olimpíadas: Conheça a história, os símbolos e a importância dos jogos. **Galileu**, 23 jul. 2021.

Olimpíadas: Simone Biles desiste de mais duas finais para cuidar da saúde mental. **ESPN**, 30 jul. 2021.

Olympics. **Rio 2016: Quadro de medalhas**, 2016.

Olympics. **Tóquio 2020: Quadro de medalhas**, 2020.

Pandemia de COVID-19 desencadeia aumento de 25% na prevalência de ansiedade e depressão em todo o mundo. **OPAS-Organização Pan-Americana da Saúde**, 2 mar. 2022.

Pesquisa do COI aponta que 56% dos atletas têm dificuldades para treinar na pandemia. **GE**, 17 de jun. 2020.

RUBIO, K. Jogos Olímpicos da Era Moderna: uma proposta de periodização. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, 24(1), p. 55-68, 2010.

RUBIO, K. Altius, citius, fortius ou o mais alto, o mais rápido, o mais forte. **Jornal da USP**, 17 ago. 2016.

SANTAELLA, L. **Semiótica aplicada**. Editora Thomson, 2002.

SARTRE, M. Virilidades gregas. In: VIGARELLO, G. (org.). **História da virilidade**. Volume 1: A invenção da virilidade – Da Antiguidade às Luzes. Editora Vozes, 2013, p. 27-70.

Simone Biles cita saúde mental após desistência: “Há vida além da ginástica”. **GE**, 27 jul. 2021.

Simone Biles desiste da disputa por equipes após um aparelho e ROC é campeão. **Olympics**, 27 jul. 2021.

Simone Biles: por que desistir às vezes pode fazer bem à saúde, segundo especialistas. **BBC Brasil**, 27 jul. 2021.

SOUZA, C. B. **Processos descivilizadores: Norbert Elias e o problema da violência no mundo civilizado**. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal da Paraíba (UFPB), 2013.

SOWELL, T. **Conflito de visões: Origens ideológicas das lutas políticas**. Editora É realizações, 2012.

TETRAULT-FARBER, G.; KIM, C. R.; BRAUN, K.; CARROLL, R. Com quatro medalhas, Biles encerra Paris 2024 orgulhosa da volta por cima. **CNN Brasil**, 5 ago. 2024.

Uma disputa milenar. **Rede do Esporte**, 2016.

Veja todos recordes olímpicos que foram batidos em Tóquio. **Terra**, 8 ago. 2021.

VIDIGAL, L. Jogos Olímpicos em meio a guerras, boicotes e apartheid: como crises e tensões políticas afetaram a história do evento? **G1**, 21 jul. 2021.

VIGARELLO, G. (org.). **História da virilidade - Volume 1: A invenção da virilidade. Da Antiguidade às Luzes**. Editora Vozes, 2013.

YU, C.; MINSBERG, T. Das piscinas às pistas: veja todos os recordes mundiais que foram quebrados nas Olimpíadas de Tóquio. **O Globo**, 10 ago. 2021.

* * *

Recebido em: 08 ago. 2025.
Aprovado em: 09 set. 2025.

Valores olímpicos: heróis e vilões no futebol através das lentes do Reddit

Olympic values: heroes and villains in football through the lens of Reddit

Manuel João Cruz

CES-Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal
Doutorado em Ciências da Comunicação, UC
manuelcruz@ces.uc.pt

RESUMO: Este artigo propõe uma análise narrativa de uma rede social online – Reddit – para compreender a mediatização das Olimpíadas de Tóquio 2020 por parte das comunidades internautas. Escolheu-se uma modalidade olímpica pouco valorizada, o futebol, mas que, devido à sua popularidade e presença global constante, enquanto desporto verdadeiramente universal, tem a capacidade de manter vivos os princípios enunciados por Coubertin fora do restrito contexto dos Jogos Olímpicos. Os objetivos do estudo centraram-se em compreender como se constroem os protagonistas do futebol olímpico e em que medida essa construção confirma ou infirma os valores olímpicos. A narrativa dos subreddits privilegia o coletivo em detrimento do individual, reforçando os valores olímpicos; a rede social Reddit opera numa lógica binária de herói/vilão, pondo em confronto seleções, equipas e países. A análise confirmou ainda a existência de uma construção binária no universo das figuras que povoam as narrativas do Reddit, baseada sobretudo em ideais e valores olímpicos, mais conciliadores do que o que ocorre em competições desportivas de outra natureza. A “heroicização” é preferencialmente coletiva e são raros os desportistas individuais que se destacam, o que se explica precisamente pela prevalência de valores e ideais olímpicos contemporâneos. Já a dimensão disruptiva e crítica aponta para agentes externos, institucionais e políticos, revelando que os limites do olimpismo no futebol se jogam fora das quatro linhas.

PALAVRAS-CHAVE: Olimpismo; Futebol; Reddit; Narrativa; Personagem.

ABSTRACT: This article proposes a narrative analysis of an online social network – Reddit – in order to understand the media coverage of the Tokyo 2020 Olympics by internet communities. An underrated Olympic sport, football (soccer), was chosen; due to its popularity and constant global presence, as a truly universal sport, it has the ability to keep alive the principles enunciated by Coubertin outside the restricted context of the Olympic Games. The objectives of the study were to find out how the protagonists of the Olympic football universe are constructed and how this construction confirms or disproves Olympic values. The narrative of the subreddits favours the collective over the individual, reinforcing Olympic values; the Reddit social network operates on a binary opposition of hero/villain, pitting national teams, teams and countries against each other. The analysis also confirmed the existence of a binary construction in the universe of figures that populate Reddit narratives, based above all on Olympic ideals and values, which are more conciliatory than what happens in other sports competitions. The heroicisation is preferably collective, and there are few individual sportspeople who stand out, which is explained precisely by the prevalence of contemporary Olympic values and ideals. The disruptive and critical dimension, on the other hand, points to external, institutional and political agents, revealing that the limits of Olympism in soccer are played outside the field.

KEYWORDS: Olympism; Soccer; Reddit; Narrative; Character.

INTRODUÇÃO

A realização dos Jogos Olímpicos (JO) da época contemporânea, a cada quatro anos, é mais do que um evento desportivo a nível planetário. Do ponto de vista dos Estudos de Comunicação, as Olimpíadas correspondem a importantes momentos em que se jogam múltiplos interesses que vão muito além dos objetivos desportivos, já que têm uma dimensão política, cultural, identitária e económica indiscutível. Atraindo a atenção dos *media* a nível global, enquadrando-se no que Dayan & Katz¹ consideram ser um *media event* (cerimonial mediático), os JO são momentos especiais de mediatização, capazes de congrega a atenção de milhões de espectadores: consumidos por largas audiências, são eventos programados e planejados, transmitidos em direto, que promovem um sentido de comunhão e partilha. No fundo, são uma “forma contemporânea de cerimonial [...], interrompendo o fluxo da vida e envolvendo uma resposta por uma comunidade comprometida”.² Contudo, atualmente, o papel das redes sociais online não pode ser ignorado por quem estude a mediatização dos JO, nem esta pode subsumir-se às ideias originais de performatividade e experiencialidade.³

Assim, com base nos pressupostos dos Estudos Narrativos Mediáticos, este texto propõe um estudo sobre a mediatização dos Jogos Olímpicos de 2020, realizados de 23 de julho a 8 de agosto de 2021 na rede social online Reddit, com vista a compreender como são construídos os protagonistas do universo do futebol e de que forma essa construção confirma ou infirma o olimpismo e os valores olímpicos. De modo a aprofundar a construção, transmissão, mediação e representação dos valores olímpicos no Reddit, este trabalho avança com as seguintes hipóteses:

H1: A construção de heróis e vilões nos Jogos Olímpicos e no futebol, conforme refletida nas discussões no Reddit, é significativamente influenciada pela congruência entre os valores olímpicos e a imagem pública dos atletas e equipas, frequentemente enquadrada pelos sucessos e fracassos nacionais em contextos políticos e culturais específicos.

H2: É possível identificar padrões na construção de heróis e vilões, que refletem as dinâmicas socioculturais e políticas subjacentes à perceção pública de figuras públicas (políticos e desportistas).

¹ DAYAN; KATZ. *Media events: the live broadcasting of history*.

² SONNEVEND. *More hope!*, p. 135.

³ COULDRY ET AL. *Media events in a global age*.

OLIMPISMO, NACIONALISMO E IDENTIDADES

A visão contemporânea do olimpismo tem as suas origens em Pierre de Coubertin, o ‘arquiteto’ do Congresso Atlético Internacional, realizado em Paris, em 1894. Dois anos depois, o Comitê Olímpico Internacional é fundado e Atenas recebe os primeiros Jogos Olímpicos da era moderna. A par da congregação de competições desportivas, o olimpismo idealizado por Coubertin procura promover laços de amizade e cooperação entre pessoas e nações.⁴ A abordagem de Coubertin ia além de apenas competições atléticas. Para ele, o olimpismo funcionava como uma verdadeira lição sobre o desporto, servindo para formar valores, cultivar princípios de excelência e incutir sentimentos de respeito e camaradagem. Tais preceitos, combinados com a aspiração de fomentar a paz global através do desporto, são a pedra angular da Carta Olímpica. Este documento, que guia ainda hoje a condução e gestão dos Jogos Olímpicos, reflete de maneira profunda as convicções e ensinamentos do fundador. Assim, o conjunto de valores que encapsulam o espírito olímpico (olimpismo) inclui amizade, respeito e excelência, aos quais acrescem os valores paraolímpicos de determinação, coragem, igualdade e inspiração.⁵

Entretanto, o olimpismo enfrenta críticas e desafios. Enquanto a visão de Coubertin se caracterizava por um certo idealismo, a prática dos Jogos Olímpicos modernos nem sempre corresponde a esse ideal. Críticos apontam que questões como o comercialismo e a politização dos Jogos evidenciam as dificuldades em concretizar plenamente essa visão. A título de exemplo, John Hargreaves relaciona o olimpismo ao Nacionalismo, para argumentar que o suposto espírito e ideal olímpico facilmente se transforma num mero manto ideológico ao serviço dos interesses dos grupos dominantes ou como um código moral e social do final do século XIX, com pouca ou nenhuma relevância para o mundo moderno do desporto.⁶ Por sua vez, Jules Boykoff realça o modo como os jogos olímpicos se tornaram num “[...] enorme gigante do desporto, dos meios de comunicação social e do marketing, um festival atlético de

⁴ DE COUBERTIN. *Olympism*.

⁵ INTERNATIONAL OLYMPIC COMMITTEE. *Olympic values*; INTERNATIONAL PARALYMPIC COMMITTEE. *What are the Paralympic values?*.

⁶ HARGREAVES. *Olympism and nationalism: some preliminary consideration*.

alto nível inundado de dinheiro das empresas”.⁷ Por último, Helen Lenskyj realça o papel que os jogos olímpicos modernos desempenham na geração e exacerbação de desigualdades sociais e na marginalização de grupos sociais desfavorecidos e silenciados.⁸

Neste estudo, que se debruça sobre política, nação e identidades, estas perspetivas são operacionais e relevantes. Defendendo, de um ponto de vista sociológico, uma compreensão mais criteriosa, Hargreaves entende o olimpismo como uma forma cultural autónoma, com amplas implicações políticas, dado que a relação entre olimpismo e nacionalismo é persistente e duradoura, e influencia significativamente as nações participantes, especialmente o país anfitrião.⁹ Estas ideias reforçam a complexa interação entre cultura e política no cenário olímpico, permitindo problematizar a relação entre os ideais olímpicos, os discursos nacionais e as identidades culturais. Perspetiva similar tem John MacAloon, que enfatiza o modo como os Jogos Olímpicos funcionam como um ritual de passagem para as nações, tornando-se palcos espetacularizados, onde as nações representam e renegociam as suas identidades no palco global.¹⁰ Com a concretização deste ritual, as nações e os atletas enfrentam, adaptam e desafiam estereótipos e expectativas preconcebidos e previamente mantidos. Estas ideias reforçam a noção de que o olimpismo, além do seu valor intrínseco como filosofia de vida, tal como idealizada por Pierre de Coubertin, desempenha igualmente um papel crucial nas dinâmicas sociopolíticas globais, constituindo uma plataforma potente para a expressão e transformação da identidade nacional e individual.

FUTEBOL, IDENTIDADE E NACIONALISMO

Se para Coubertin os Jogos Olímpicos representam um meio para atingir paz e prosperidade entre nações,¹¹ o futebol, fenómeno global e desporto mais popular do mundo¹² com 3,5 biliões de adeptos espalhados internacionalmente,¹³ configura-se como uma das práticas desportivas

⁷ BOYKOFF. *Power games: a political history of the Olympics* (commercialization of the olympics, para. 1, tradução própria).

⁸ LENSKYJ. *The best Olympics ever?*.

⁹ HARGREAVES. *Olympism and nationalism*.

¹⁰ MACALOON. *Rite, drama, festival, spectacle: Olympic Games and the theory of spectacle in modern societies*.

¹¹ INTERNATIONAL OLYMPIC COMMITTEE. *Olympic values*.

¹² MATHESON. *European football*.

¹³ De acordo com a *World Population Review*: <https://abrir.link/DBgly>.

mais aptas a concretizar esta visão. Este trabalho reconhece a validade desta categorização, apesar da pobre relação e atenção dada pela *Fédération Internationale de Football Association* (FIFA) ao futebol na sua expressão olímpica, em contraste com a atenção dada pelos *media* e até sensibilização e interesse do público por outros desportos presentes nos Jogos.¹⁴ Por outras palavras, o futebol apresenta um enorme alcance e potencial de veicular o olimpismo para lá dos Jogos Olímpicos, ultrapassando as amarras inerentes a uma competição que ocorre de quatro em quatro anos. Graças à sua popularidade e presença constante e global, o futebol, enquanto desporto verdadeiramente universal, apresenta a capacidade de manter vivos os princípios enunciados por Coubertin fora do restrito contexto dos Jogos Olímpicos.

Dito isto, vale a pena realçar que o futebol se tornou muito mais do que um mero jogo: é um espelho das complexidades sociopolíticas e culturais de uma nação¹⁵ e um poderoso veículo para a construção de comunidades de pertença.¹⁶ Ainda assim, um enigma continua a intrigar os estudiosos: o que leva milhares de pessoas, estranhas entre si, a sofrerem intensamente por uma equipa que representa uma nação, região ou até um bairro?.¹⁷ Para responder a estas inquietações, Coelho¹⁸ defende que a identidade é continuamente construída no exercício de atividades diárias e de modo mais subtil do que expressões fervorosas de nacionalismo. Veja-se, a nacionalidade constrói-se através de símbolos, rituais e cerimónias e momentos em que as pessoas têm uma maior consciência da sua identidade nacional.¹⁹ Neste sentido, as equipas de futebol carregam consigo um potencial simbólico de reflexão e expressão de determinadas características históricas, políticas e ideológicas. Não surpreende, portanto, que o futebol seja um motor de construção de identidades individuais e coletivas. Este fenómeno é saliente no contexto espanhol, onde clubes como Futebol Clube de Barcelona, Athletic Bilbao e Real Madrid se tornam cenários e reflexos destas dinâmicas identitárias.²⁰ Enquanto o FC Bar-

¹⁴ MOORE. Football and the Olympics and Paralympics.

¹⁵ GIULIANOTTI. *Football: a sociology of the global game*.

¹⁶ CARDOSO ET AL. Futebol, identidade e media na sociedade em rede.

¹⁷ COELHO. *Portugal: a equipa de todos nós - nacionalismo, futebol e media*.

¹⁸ COELHO. *Portugal*.

¹⁹ ARCHETTI. Masculinity and football; COELHO. *Portugal*.

²⁰ GARCÍA. Nationalism, identity, and fan relationship building in Barcelona Football Club; GOIG. Identity, nation-state and football in Spain; SHOB. Place, identity and football.

celona, com o seu lema “*més que un club*”, está intrinsecamente ligado à identidade e luta independentista catalã,²¹ o seu maior rival, Real Madrid, historicamente tem representado simbolicamente a autoridade central de Espanha situada em Madrid, numa rivalidade que ultrapassa o reino desportivo para entrar no jogo político.²² Por sua vez, o Atlético de Bilbao apresenta uma expressão identitária única. Como a equipa mais antiga a jogar na liga espanhola e situada na cidade de Bilbao, o Atlético reflete expressões identitárias do País Basco, uma comunidade autónoma espanhola com reivindicações separatistas. A política do clube de contratar apenas jogadores bascos significa que, entre estes três exemplos, o Atlético de Bilbao é a equipa menos globalizada da liga e representa uma defesa firme entre as linhas identitárias dos bascos e espanhóis.²³ Ironicamente, como Castro-Ramos²⁴ aponta, apesar da linguagem e identidade basca terem sido alvo de fortes repressões pelo regime franquista, o Atlético de Bilbao era favorecido pelo regime, dado que era a única equipa da liga que jogava exclusivamente com jogadores ‘espanhóis’ (bascos).

No entanto, esta relação entre futebol e identidade não se restringe a Espanha, estendendo-se a países como Inglaterra,²⁵ Argentina²⁶ e até Portugal.²⁷ No caso português, a afiliação clubística frequentemente reflete e amplifica a identidade pessoal do adepto.²⁸ O futebol, neste prisma, ultrapassa o seu papel recreativo para se tornar uma poderosa ferramenta de expressão e construção de identidades, tanto individuais quanto coletivas, a partir do conceito de “comunidades imaginadas” de Anderson.²⁹ É possível conceber o futebol como uma lente através da qual as nações são construídas e experienciadas pelos adeptos, onde a identidade da nação ‘imaginada’ é construída e partilhada continuamente num exercício que procura a pertença comum. Isto é amplamente evidente em competições internacionais, como os Jogos Olímpicos e os Mundiais de Futebol, onde o desporto se transforma num palco de rivalidades

²¹ GARCÍA. Nationalism, identity, and fan relationship building in Barcelona Football Club; OLIVEIRA; CAPRARO. Independência catalã, identidade e globalização no Fútbol Club Barcelona.

²² CASTRO-RAMOS. Loyalties, commodity and fandom.

²³ CASTRO-RAMOS. Loyalties, commodity and fandom.

²⁴ CASTRO-RAMOS. Loyalties, commodity and fandom.

²⁵ KING. Football fandom and post-national identity in the new Europe.

²⁶ ARCHETTI. Masculinity and football.

²⁷ CARDOSO ET AL. Futebol, identidade e media na sociedade em rede.

²⁸ CARDOSO ET AL. Futebol, identidade e media na sociedade em rede.

²⁹ ANDERSON. *Imagined communities*.

nacionais. É assim que o desporto em geral, e o futebol em específico, encerram em si o poder de transformar recintos desportivos em arenas simbólicas de poder e identidade. O desporto é frequentemente um campo de batalha simbólico, onde lutas por poder e identidade são manifestadas.³⁰ No contexto futebolístico, isto pode ser visto em rivalidades clubísticas locais ou tensões geopolíticas jogadas em campo. Assim, o futebol, na sua essência, é um reflexo dinâmico das tensões e paixões que formam a tapeçaria das nossas identidades nacionais e locais.

MEDIA DIGITAL, FUTEBOL E A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES EM COMUNIDADES ONLINE

Ao abordar e aprofundar perspectivas sobre futebol, percebe-se a sua capacidade única de ligar pessoas a nível global. Com a ascensão da internet e das redes sociais, a ligação entre os *media* e a cultura desportiva tornou-se mais acessível, diversificada e imediata. Neste contexto, é fundamental reconhecer que a relação entre *media* e desporto não é despiciendo. A bibliografia reconhece a influência das redes sociais nas discussões políticas identitárias e o modo como plataformas como o Facebook, Twitter (atual X), Tumblr e Reddit têm o poder de unir pessoas com interesses semelhantes, mas por outro, pode criar câmaras de eco que fragmentam e polarizam as discussões.³¹ É assim que, o futebol, frequentemente entrelaçado com questões referentes à identidade nacional e política, não escapa a esta dualidade. Considerando que as redes sociais desempenham um papel crucial na mobilização política,³² o futebol, com o seu alcance global e relevância cultural, não é imune ao jogo político. Assim, torna-se evidente que o ambiente digital intensifica e, simultaneamente, complica a interação entre futebol, identidade e política. Pode dizer-se, então, que na era digital, o futebol não é apenas um reflexo da sociedade, mas também um catalisador de discursos e identidades, moldados e amplificados através das redes sociais. Isto é visível quando adeptos e fãs das equipas recorrem a plataformas digitais para organizar protestos relacionados, por exemplo, com a gestão controversa do clube ou, simplesmente, para manifestar o seu desagrado com o desempenho competitivo da

³⁰ BOURDIEU. Sport and social class.

³¹ SUNSTEIN. # Republic: divided democracy in the age of social media.

³² TUFEKCI. Twitter and tear gas.

equipa. Se estes espaços digitais acolhem diferentes tipos de debate, pode argumentar-se que as redes sociais criam arenas virtuais em que adeptos, jogadores e até as camadas dirigentes participam ativamente na construção e expressão de identidades individuais e coletivas.

Associadas ao fenómeno das câmaras de eco, estas plataformas, quando utilizadas para a construção e expressão identitária, podem conduzir à fragmentação de debates e a polarizações radicais. Esta dinâmica pode culminar em rivalidades intensificadas ou discussões acirradas que se desviam do genuíno amor pelo desporto e enveredam por trajetórias de discórdia e antagonismo.³³ Em contrapartida, as redes sociais disponibilizam também oportunidades sem precedentes para a expressão de solidariedade e ativismo.³⁴ Não é invulgar testemunhar movimentos altruístas lançados e canalizados a partir destas plataformas digitais. A título de exemplo, o “*Take a knee*”, “*Black Lives Matter*” e outras causas sociais, como a violência doméstica e a luta contra o cancro, têm sido amplamente disseminados e apoiados dentro e fora de campo e através das redes sociais, com jogadores, clubes e adeptos de todo o mundo a unir-se em solidariedade em torno de uma causa comum. É possível afirmar, então, e sem grande controvérsia, que as plataformas digitais encerram em si este potencial social imenso de amplificação de vozes que, de outra forma, poderiam ser alvo de produções de invisibilidade radical.

REDDIT COMO PLATAFORMA DE DISCUSSÃO E COMUNIDADE

Considerando os números oficiais do Reddit e a popularidade entre a população, trabalhos de ciências sociais centrados nesta plataforma são ainda escassos, com investigadores a privilegiarem outras plataformas sociais, como o Facebook e o Twitter (agora X). Em 2019, era o 18.º website mais popular do mundo e, em alguns países como os Estados Unidos chega ao 6.º lugar (um lugar atrás do Facebook) e na Alemanha é o 9.º.³⁵ Dados mais recentes, de acordo com a Similar Web (versão grátis), que permite visualizar gratuitamente dados relativos aos últimos

³³ SUNSTEIN. # *Republic*.

³⁴ RANE; SALEM. Social media, social movements and the diffusion of ideas in the Arab uprisings.

³⁵ AMAYA ET AL. New data sources in social science research.

três meses, no período compreendido entre agosto de 2023 e outubro de 2023, o Reddit ocupava a 17.^o posição no *ranking* global de websites mais visitados do mundo e o 8.^o lugar no *ranking* da Indústria (Redes Sociais e Comunicações online). De realçar ainda que a maior parte do tráfego do Reddit provém do mundo anglo-saxónico, com os Estados Unidos a comporem 46% do tráfego, seguido do Reino Unido com 9,8%, Canadá (6%) e Austrália (5%).

Desde a sua fundação em 2005, o Reddit posicionou-se rapidamente como uma das plataformas mais significativas e influentes no panorama digital. Descrito simplifadamente como um agregador de notícias ou um agregador de conteúdo produzido pelos utilizadores,³⁶ até 2021, a plataforma apresentava o lema "*the front page of the internet*", sublinhando a ideia de que era a principal entrada para tudo aquilo que é relevante online. No entanto, a partir de 2021, com uma renovação da sua imagem e propósito, o Reddit adotou o slogan "*Dive into anything*", procurando refletir uma visão mais expansiva e aberta que realça o potencial de ser possível mergulhar em qualquer tópico de interesse, independentemente de quão generalista ou de nicho possa ser.

De acordo com dados oficiais, o Reddit, em 2024, contava com mais de 57 milhões de utilizadores ativos diariamente, 100 mil comunidades e mais de 13 biliões de publicações e comentários.³⁷ A partir destes números, é seguro afirmar o alcance e o impacto da plataforma. Esta expansão é acentuada pela multiplicidade e especificidade das comunidades, conhecidas como *subreddits*. Qualquer utilizador pode criar qualquer tipo de subreddit a qualquer momento, sem as restrições relativas ao tempo ou atividade demonstrada na plataforma. Deste modo, estas microcomunidades asseguram que, independentemente do tema ou interesse, há um espaço propício no Reddit para discussão e partilha. O Reddit constitui, portanto, uma plataforma diversificada e vantajosa para troca de informações e diálogo.

A título de exemplo vejam-se comunidades como o /r/europe, que congrega conteúdos relacionados com o continente europeu, ou o /r/news e /r/worldnews, dedicados à disseminação de notícias globais. Pode dizer-se que estes espaços são mais generalistas e atraem maiores audiências e são previsíveis em termos de conteúdo e discussão. No entanto,

³⁶ ANDERSON. Ask me anything: what is Reddit?.

³⁷ REDDIT. *About*.

a riqueza do Reddit manifesta-se, muitas vezes, em comunidades de nicho e mais específicas, de que o /r/likeus³⁸ ou o /r/buyitforlife³⁹ são exemplos. Estes exemplos, entre muitos outros, ilustram a diversidade de interesses e discussões presentes no Reddit. Mais do que uma mera plataforma de partilha, o Reddit é um reflexo da sociedade contemporânea, das suas preocupações, interesses e debates, albergando desde as discussões mais generalistas até às mais peculiares. O Reddit é, pois, um microcosmo da sociedade global, proporcionando um espaço onde a pluralidade de vozes e interesses coexiste, por vezes em harmonia e, outras vezes, em discordância.⁴⁰ Considerando que o anonimato é garantido e o registo na plataforma opcional apenas para quem queira publicar e/ou comentar, aliado à possibilidade virtualmente ilimitada de se encontrar todo o tipo de comunidades, o Reddit fornece uma diversidade e dinâmica única no panorama das redes sociais.

Central no Reddit é o sistema de *upvote* e *downvote* que promove uma espécie de democracia participativa, na qual as publicações e comentários mais populares dentro de cada *sub* ganham maior visibilidade e os menos votados são relegados para segundo plano. Por sua vez, a plataforma permite a função de moderador, escolhida pelos criadores de cada *subreddit*. O papel dos moderadores em cada *sub* é crucial para garantir que estas comunidades funcionem de forma eficaz e harmoniosa. Cada *sub* tem o seu próprio conjunto de regras e diretrizes específicas, muitas vezes estabelecidas pelos fundadores da comunidade e refinadas pela sua base de utilizadores ao longo do tempo. Os moderadores são os guardiões destas regras, sendo responsáveis por monitorizar as discussões. Cabe aos moderadores assegurar que o conteúdo publicado e comentado esteja em conformidade com as diretrizes da comunidade e, quando necessário, intervir para remover ou bloquear publicações e utilizadores

³⁸ Este *subreddit* dedica-se a destacar momentos em que animais revelam comportamentos ou emoções que, de alguma forma, remetem para características humanas. através de vídeos, imagens e discussões, os utilizadores do /r/likeus visam demonstrar que os animais, tal como os seres humanos, são capazes de ações, pensamentos e emoções complexas, quebrando, assim, algumas barreiras que tendem a separar a nossa perceção do mundo animal do mundo humano.

³⁹ De forma análoga, mas com um foco completamente diferente, o /r/buyitforlife emerge como uma comunidade voltada para a apreciação de produtos duráveis e de alta qualidade. Neste espaço, os membros partilham e discutem artigos que se destacam pela sua longevidade e robustez. O intuito é valorizar produtos feitos para durar, contrastando com a tendência contemporânea de obsolescência planeada.

⁴⁰ MASSANARI. *Participatory culture, community, and play: learning from Reddit*.

que violem essas regras. Contudo, a posição de moderador nem sempre é isenta de controvérsias. Em algumas ocasiões, decisões tomadas por moderadores têm sido alvo de escrutínio e debate dentro da própria comunidade. Isto é particularmente evidente quando surgem questões relacionadas com a liberdade de expressão, censura e imparcialidade. A natureza descentralizada do Reddit significa que os moderadores têm uma ampla autonomia sobre o modo como gerem os seus *subreddits*, podendo levar a variações significativas na abordagem e no estilo de moderação entre diferentes comunidades. Além das responsabilidades tradicionais, os moderadores também desempenham um papel na gestão de conflitos e na promoção de discussões saudáveis.

Neste sentido, Massanari⁴¹ realça o espírito carnavalesco do Reddit, uma característica que ajuda a entender as interações multifacetadas que a plataforma facilita e incentiva. Inspirada em Bakhtin,⁴² a autora destaca o Reddit como um lugar onde as convenções da vida quotidiana são frequentemente invertidas. Neste espaço digital, a ordem hierárquica é frequentemente desafiada e o conteúdo – que varia de comentários sinceros a referências humorísticas, imagens grotescas e discursos controversos – coexiste num mosaico “caótico”.⁴³ Esta miscelânea de elementos, desde o sublime ao grotesco, faz com que o Reddit inspire, quer atração, quer repulsa. De acordo com esta perspetiva, manifestações ‘carnavalescas’ são atividades permitidas pelos detentores do poder, talvez na expectativa subentendida de que, ao proporcionar um espaço para estas subversões, as estruturas de poder estabelecidas permaneçam incontestadas.⁴⁴ Para Massanari,⁴⁵ no contexto do Reddit, este espírito é possível graças aos posicionamentos dos administradores do site. Ainda que a estrutura de governança do Reddit seja descomplicada ou *hands off*, a moderação é crucial. São os moderadores, voluntários oriundos da própria comunidade, que moldam a tonalidade das discussões em *subreddits* específicos, que agem como um escudo entre os administradores e os variados conteúdos e interações, por mais polémicos que possam ser.⁴⁶

⁴¹ MASSANARI. *Participatory culture, community, and play*.

⁴² BAKHTIN. *Rabelais and his world*.

⁴³ MASSANARI. *Participatory culture, community, and play*, p. 20.

⁴⁴ TANNOCK. *Nostalgia Critique* 1.

⁴⁵ MASSANARI. *Participatory culture, community, and play*.

⁴⁶ MASSANARI. *Participatory culture, community, and play*.

Por último, é importante salientar que, apesar do potencial democrático e participativo da plataforma, que promove oportunidades de discussão aberta e construtiva, o Reddit apresenta igualmente um lado opressivo que permeia toda a organização estrutural da plataforma. Dada a sua estrutura de votação, o anonimato garantido dos seus utilizadores e o regime específico de cada *subreddit*, ditado pelos seus moderadores, as comunidades correm o risco de se tornar câmaras de eco e até de ódio. Exemplos disso são os casos como o /r/Incels, /r/Femcels, /r/TwoXChromosomes e /r/FemaleDatingStrategy, *subreddits* onde a misandria e a misoginia⁴⁷ são aceites, promovidas e recompensadas; o caso do /r/Conservatives, um subreddit dedicado à política norte-americana de direita. Ainda dentro da direita e já banido, o /r/TheDonald constituía uma comunidade de apreciação a Donald Trump. No espectro político oposto, encontra-se, por exemplo, o /r/LateStageCapitalism, de esquerda radical, com raízes e influências marxistas, votado a denunciar e criticar o sistema económico liberal. Em todos estes exemplos, apenas o discurso concordante é permitido, com os moderadores a serem rápidos e incisivos a apagarem comentários, publicações e até a banir utilizadores que demonstrem opiniões contrárias ao foco do *subreddit*.

METODOLOGIA DE ANÁLISE

O corpus

Para responder às perguntas de partida e testar as duas hipóteses enunciadas na introdução, procede-se a uma análise narrativa das 15 publicações e respetivos comentários durante os Jogos Olímpicos de Verão Tóquio 2021 nos *subreddits* mais relevantes para este trabalho, nomeadamente o /r/soccer e /r/olympics. Foi feita uma busca na própria rede online, dentro de cada comunidade, usando duas palavras-chave: no /r/olympics procurou-se por ‘soccer’

⁴⁷ De realçar que o /r/incels e /r/femcels foram eventualmente banidos por violarem regras gerais da plataforma relacionadas com sexismo e discurso de ódio. O /r/twoxchromosomes sobrevive pelo esforço na moderação discursiva, mas vestígios radicais são prevalentes na comunidade. Por sua vez, o /r/femaledatingstrategy escolheu sair, por decisão própria, devido a um grande número de controvérsias relativas ao discurso permitido dentro da comunidade levando até à criação de petições públicas para a sua proibição no Reddit (HAUSER. *Reddit Bans “Incel” Group for Inciting Violence Against Women*; HOLDEN. *In Reddit’s “Female Dating Strategy”*).

e ‘football’ e no /r/soccer procurou-se por ‘olympics’.⁴⁸ Após esta *query*, utilizou-se o filtro *Top* (mais votados) para ordenar as publicações, de acordo com o seu grau de popularidade, e restringiu-se a seleção às publicações no intervalo de tempo específico referente aos Jogos (23 de julho a 8 de agosto de 2021).⁴⁹

Deste modo, foi possível realizar um trabalho comparativo robusto e com representação e validade de dados. A inclusão destes *subreddits* decorre i) da relevância do foco da comunidade para os temas deste trabalho (nomeadamente *subreddits* sobre os Jogos Olímpicos e desporto) e ii) da dimensão do *sub* para revelar dados cientificamente válidos. Veja-se, o /r/soccer é a maior comunidade de desporto do Reddit dedicada ao futebol. À data conta 5,6 milhões de membros e encontra-se no 1% do Reddit como subreddit mais subscrito na posição #85.⁵⁰ Numa breve e simples análise de apenas quatro dias, vemos que os utilizadores do /r/soccer são bastante ativos no subreddit, ao publicar, em média, 245 publicações por dia, em dias de jogo, normalmente ao fim de semana. Pelo contrário, às segundas e terças-feiras, dias que normalmente não existem jogos, a média fica por 62 publicações por dia. No que concerne aos votos, o /r/soccer, devido ao elevado número de utilizadores, contém publicações muito votadas.⁵¹ O /r/olympics conta com 545 mil membros e encontra-se na posição 976 dos subreddit mais vistos, uma diferença significativa do /r/soccer. Ao contrário deste último, o número de publicações é reduzido, com uma média de apenas uma por dia, e a atenção é limitada, já que a maioria recebe entre três e quatro comentários.⁵² Além das publicações, também foram recolhidos os cinco comentários considerados “melhores” pela

⁴⁸ A escolha pela terminologia anglo-saxónica deve-se à hegemonia demográfica de países de língua inglesa na própria plataforma e à escassa expressão da língua portuguesa nestas comunidades específicas. Deste modo foi possível recolher os dados pretendidos para análise, tendo em conta a própria natureza internacional dos jogos olímpicos.

⁴⁹ A ferramenta de procura interna do Reddit não permite pesquisas por intervalos de tempo específicos, pelo que foi efetuada uma verificação manual das datas referentes às publicações mais votadas “desde sempre” nas respetivas comunidades (desde 2008 para o /r/soccer e 2006 para o /r/olympics), para depois restringir a seleção do *corpus* ao intervalo de tempo pretendido.

⁵⁰ Reddit. *About*.

⁵¹ Entre 7 e 14 de novembro, quatro das publicações mais votadas obtiveram, em conjunto, 39 mil upvotes e 1528 comentários. mudando o filtro para “desde sempre”, vê-se que a publicação mais votada é de 2016 com o título “leicester city are premier league champions” e conta com 76 mil votos e 10 mil comentários (M3RIDAH. Leicester City are Premier League Champions).

⁵² Para contextualizar, a publicação mais votada de sempre no /r/olympics é de 2021 e afirma “the usa just overtook china for the first place”, com 25 mil votos e 4,6 mil comentários.

própria plataforma. No total são analisadas 30 publicações (15 do /r/soccer e 15 do /r/olympics) e 131 comentários (57 do /r/olympics e 75 do /r/soccer). A discrepância entre subreddits deve-se ao facto de o /r/olympics apresentar menos comentários no que concerne ao futebol e também, como já foi referido, pela maior popularidade do /r/soccer, que atrai, naturalmente, maior participação dos utilizadores. Todos estes dados foram verificados e recolhidos manualmente através de uma instalação do navegador *Brave*, livre de cookies de rastreamento e utilizado em modo incógnito/privado para evitar qualquer enviesamento ditado pelo próprio algoritmo da plataforma, de acordo com navegações e procuras anteriores.

Análise narrativa

Definido e descrito o *corpus*, será aplicada uma análise narrativa, metodologia de cariz qualitativo que contribuirá para compreender como se estruturam as histórias, quem as produz e com que finalidades, que narrativas são aceites e porquê, quais as rejeitadas ou silenciadas.⁵³ Particularmente, esta análise dará atenção a uma categoria específica da narrativa – a personagem – já que, como se explicitou na introdução, procura-se compreender de que modo são feitas as representações de atletas e países nos subreddits indicados. Investida de propriedades capazes de gerarem a empatia das audiências (através de projeções e identificações), processo que elide, muitas vezes, a dimensão sociopolítica dos acontecimentos, fazendo sobressair facetas mais humanas e individuais das figuras e das histórias que protagonizam, a personagem é uma das categorias centrais da narrativa, que ajuda a explicar o cariz humano e sedutor desse modo de comunicação e representação.⁵⁴

Visto que a narrativa é uma estrutura que assenta na polémica e se alimenta do conflito,⁵⁵ considerando a polarização que caracteriza a comunicação nas redes sociais online⁵⁶

⁵³ ELLIOTT. *Using narrative in social research*.

⁵⁴ PEIXINHO; SANTOS. Construção de um herói em tempo de COVID-19; REIS. *Pessoas de livro; Dicionário de Estudos Narrativos*.

⁵⁵ PHELAN. Narrative theory; Narratives in contest.

⁵⁶ BAIL ET AL. Exposure to opposing views on social media can increase political polarization; KUBIN; VON SIKORSKI. The role of (social) media in political polarization.

e tendo em conta os processos de vedetização de figuras do desporto de alta competição,⁵⁷ compreende-se que o recurso a histórias e a personagens arquetípicos seja dominante. Decorrente da construção de mundos narrativos polarizados, muitas vezes as narrativas que maior impacto e influência têm no espaço público sugerem enquadramentos⁵⁸ e oferecem os *scripts* mais facilmente assimiláveis pelos públicos, identificando e ajudando a construir heróis e vilões. Entre estes arquétipos, um destaca-se pelo seu poder de atração e pela sua profunda e longa tradição cultural – o herói, definido como “a figura central de um relato, implicando-se nele uma valoração positiva da personagem, em termos axiológicos, sociais ou morais”, é, pois, “um protagonista qualificado que se salienta do conjunto das restantes personagens por ações excecionais, muitas vezes, difíceis de entender ou de igualar”.⁵⁹ Em contraponto encontra-se geralmente a figura do vilão que, embora sem chegar a assumir o estatuto de anti-herói, contrasta com o herói e representa o lado mais sombrio dos valores e das histórias. Uma vez que o tópico em estudo são as Olimpíadas – evento que, quando mediado pelos meios tradicionais, pode ser lido à luz da teoria dos *media events* –⁶⁰ importa compreender em que medida a sua presença numa rede social online, como o Reddit, declina ou refuta algumas das propriedades da mediatização, que tem geralmente contornos de cerimonial mediático.⁶¹

A análise seguirá dois momentos: i) num primeiro momento faz-se a descrição material da amostra do *corpus*; ii) num segundo momento aplicam-se quatro categorias de análise (desdobradas em subcategorias), que decorrem do quadro teórico desenvolvido, dialogando com a teoria da personagem e a teoria narrativa. A Tabela 1 identifica estes dois momentos, e discrimina as categorias e as subcategorias de análise mobilizadas.

⁵⁷ ANDREWS; JACKSON. *Sport stars the cultural politics of sporting celebrity*; REIS. *Pessoas de livro*.

⁵⁸ CORREIA. *O admirável mundo das notícias*; DIJK. *La ciencia del texto*.

⁵⁹ REIS. *Dicionário de Estudos Narrativos*, p. 193.

⁶⁰ DAYAN; KATZ. *Media events*.

⁶¹ MESQUITA. *Personagem jornalística: da narratologia à deontologia*.

Análise de superfície	Categorias de Análise narrativa	
Texto	Protagonistas	Individuais
Imagem		Coletivos
Hiperligações		
	Categorização	Nome
	Ação / processos	Mentais
		Materiais
		Verbais
	Temas /Valores	
	Esquema greimasiano	

Tabela 1 - Categorias de Análise. Fonte: Elaboração própria.

Selecionam-se quatro categorias de análise narrativa: os protagonistas – figuras principais dos textos –, a categorização, que decorre do modo como são referidos e descritos os participantes e que se prende com a dimensão semântica do discurso; as ações principais, interpretadas à luz da teoria dos processos sugerida por Halliday;⁶² e os temas/valores, categoria que diz respeito à substância conteudística dos textos e à sua dimensão ideológica. No final analisa-se a narrativa no seu conjunto, à luz da teoria actancial de Greimas.⁶³

ANÁLISE

Relativamente à descrição do *corpus* em análise, os textos em ambos os *subreddits* são, na sua maioria, acompanhados por imagens (fixas e/ou em movimento), e constituem-se como enunciados muito curtos, usando um estilo de titulação. A tabela 2 permite descrever de forma sumária as informações de superfície do *corpus*. O tipo de textos usados nos dois *subreddits* é o mesmo: a maioria (n=24 em 30) são títulos ao estilo jornalístico, sendo que em seis casos são pequenos parágrafos de duas ou três frases. Dos 30 textos, apenas três não

⁶² HALLIDAY. *An introduction to functional grammar*.

⁶³ GREIMAS. *Structural semantics; On meaning: selected writings in semiotic theory*.

contêm imagens: os restantes 27 vêm acompanhados por imagens, sendo a maioria (n=12) importadas de notícias e fotos (n=8). Apenas cinco textos usam vídeos. Relativamente às hiperligações, elas estão presentes em cerca de metade do corpus (n=14 em 30 são hiperligações externas); estas hiperligações remetem maioritariamente para canais de TV ou para outras redes sociais online como o X e o Instagram.

		rOlympics	rSoccer
Textos	Título	12	12
	Parágrafo	3	3
Imagem	Foto	5	3
	Infografia	1	1
	Printscreen	6	6
	Vídeo	1	4
	Sem imagem	2	1
Hiperligações	Canais de TV	2	4
	Sites de jornais	0	2
	Site oficial JO	1	0
	Redes Sociais	2	3

Tabela 2 - Análise de superfície dos textos. Fonte: Elaboração própria.

ANÁLISE NARRATIVA

Protagonistas

No que concerne aos protagonistas, as publicações e comentários privilegiam a construção narrativa de figuras coletivas (n=297) sobre figuras individuais (n=131), nomeadamente as várias seleções olímpicas de futebol feminino, com destaque para os Estados Unidos da América (EUA), Suécia e Canadá (Fig. 1). Por sua vez, entre as figuras individuais realçadas encontram-se Christine Sinclair e Stephanie Labbé (ambas do Canadá), Formiga (Brasil), Chris

Wood (Nova Zelândia), Sam Kerr (Austrália), Megan Rapinoe (EUA) e Marta (Brasil). Neste sentido, verifica-se, desde logo, uma prevalência da construção de protagonistas femininas no contexto olímpico do futebol no Reddit, tanto para o contexto coletivo (Fig. 2) como individual (Fig. 3).

Figuras Coletivas

Seleções olímpicas de futebol



Gráfico: Próprio • Fonte: Próprio • Criado com Datawrapper

Fig. 1 - Figuras Coletivas. Fonte: Elaboração própria.

Figuras Coletivas

Seleções femininas e masculinas

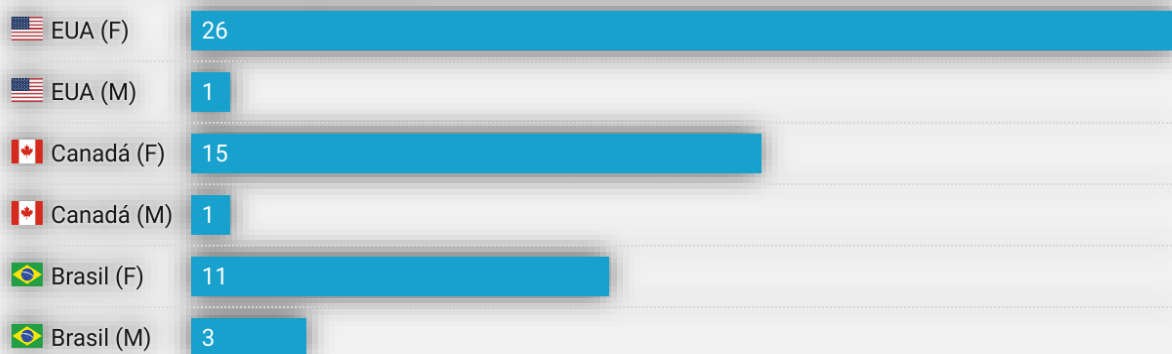


Gráfico: Próprio • Fonte: Próprio • Criado com Datawrapper

Fig. 2 – Figuras Coletivas (seleções olímpicas femininas e masculinas). Fonte: Elaboração própria.

Figuras Individuais

Atletas Olímpicos Tóquio 2020



Gráfico: Próprio • Fonte: Próprio • Criado com Datawrapper

Fig. 3 - Figuras individuais. Fonte: Elaboração própria.

Categorização

De um modo geral, as figuras surgem com o seu nome próprio pelos utilizadores do Reddit. Verificam-se algumas exceções, como no caso de alcunhas das seleções de futebol, tais como os “Kiwis” da Nova Zelândia ou as “Matildas” da equipa feminina de futebol da Austrália. Existe igualmente uma tendência para categorizar figuras individuais, de acordo com o seu legado histórico e desempenho concreto nos Jogos Olímpicos, como é o caso de Formiga e Christine Sinclair, consideradas “lendas” e “campeãs” do jogo, ou Stephanie Labbé, construída como “heroína” e “Labae” (um jogo de palavras que traduz o seu nome para “La bae”, sendo “bae” um diminutivo para “babe”), após desempenhos notáveis contra as seleções olímpicas do Brasil e Suécia.

Verificam-se igualmente algumas caracterizações com carácter menos positivo. Gianni Infantino, presidente da FIFA, por exemplo, surge como “baldie” (careca), fazendo referência à sua calvície. De igual modo, a equipa feminina dos Estados Unidos, quatro vezes campeã mundial e com quatro medalhas olímpicas na sua história, decorrente dos pobres resultados alcançados na jornada olímpica de 2020, é a única seleção com categorização negativa

por parte dos utilizadores, através das metáforas irónicas como “Queens of the world” (Rainhas do mundo), “whiners” (choramingas), antipatriotas e até como velhas ou envelhecidas (categorizações preconceituosas baseadas em idadismo).

Processos

A análise dos tipos de processos utilizados nos textos principais revela uma preferência pela utilização de processos materiais, traduzidos por verbos como ‘win’, ‘attend’, ‘participate’, ‘move on’. Os processos mentais são residuais e não têm expressão, e os processos verbais apenas constam dos textos do r/Soccer (‘quote’, ‘say’, ‘insulte’). Existe também uma utilização de sentidos conotativos e metafóricos. Relativamente aos comentários, em que há o domínio de um registo emotivo (frases nominais e exclamativas, por exemplo) e metafórico, os processos mentais são predominantes, já que os internautas manifestam a sua alegria ou desaprovação perante os factos.

Temas principais

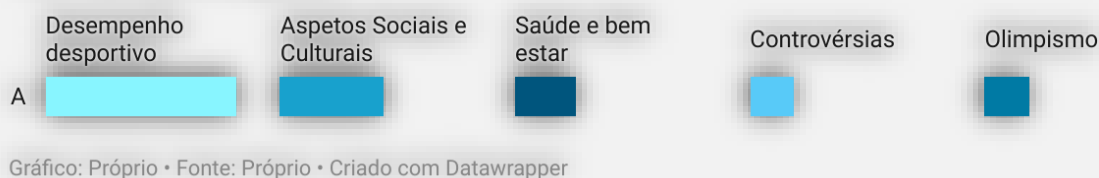


Gráfico 1 – Temas principais. Fonte: Elaboração própria.

Temas principais

Como se pode ver pelo Gráfico 1, em relação aos temas principais, o *corpus* aborda principalmente o desempenho desportivo dentro do campo; aspetos sociais e culturais (tais como o caminho e evolução do futebol feminino e o legado deixado pelas equipas e atletas); assim como preocupação pela saúde e bem-estar dos atletas e adeptos (decorrente do facto de os Jogos Olímpicos de Tóquio se terem dado em pleno contexto pandémico). Existe igualmente

um foco dado às controvérsias associadas às decisões de arbitragem e à organização dos Jogos Olímpicos, considerada inadequada, corrupta e ao serviço de interesses económicos e comerciais. Por outro lado, também se verifica alguma atenção a temas relacionados com o olimpismo e os valores olímpicos de amizade, respeito e solidariedade, como é o caso da doação de Virgil Van Dijk para a equipa surda dos Países Baixos, o gesto da equipa da Nova Zelândia a agradecer a hospitalidade do Japão e o apoio à seleção feminina dos Estados Unidos da América no jogo contra a Austrália (Fig. 4).



Fig. 4 - Estudantes japoneses demonstram o seu apoio aos Estados Unidos. Fonte: <https://www.reddit.com>.

Temas secundários

No que concerne aos temas secundários, surgem narrativas de cultura e identidade, particularmente no contexto de manifestações políticas dentro de campo. Numa publicação mais politizada, que questiona a tendência das equipas se ajoelharem antes dos jogos de futebol (“Take a knee”, no seguimento dos motins e protestos após a morte de George Floyd nos EUA), os utilizadores debatem entre si o que significa representar um país onde injustiças sociais e raciais acontecem e se o ativismo político tem lugar no futebol. Esta discussão levanta questões sobre o papel do ativismo político no futebol e questiona a pertinência e validade de adotar, num palco e contexto internacional, uma prática associada a contextos socioculturais nacionais específicos de injustiças sociais e raciais. Neste sentido, este tema secundário de cultura e iden-

tidade reflete a tensão entre a universalidade de determinados valores e as especificidades nacionais. De igual modo, questões ligadas ao desenvolvimento e sustentabilidade dos jogadores também surgem, nomeadamente com a preocupação com a sua gestão física e descanso, e a sua sustentabilidade futura, assim como referências à mudança de perceção do impacto da idade no futebol (especialmente no futebol feminino).

Valores

Entre os valores explícitos e implícitos identificados no *corpus* é possível fazer uma clara distinção entre valores olímpicos e valores anti-olímpicos. A esmagadora maioria dos valores identificados são, de facto, os olímpicos, com particular destaque para a amizade, excelência pessoal e desportiva (dentro e fora de campo), inspiração e respeito. A título de exemplo vejam-se alguns comentários que jubilam com a conquista de medalha de ouro (“CHRISTINE HAS HER GOLD!! e “I’m so happy for Christine Sinclair!”) ou gestos fora de campo dos atletas (“Such a beautiful & thoughtful gesture” e “Class act on and off the field”).

Valores anti-olímpicos surgem com pouca expressão, sendo o seu número bastante reduzido, decorrentes, sobretudo, da perceção de injustiças relacionadas com questões de arbitragem (“CONCACAF referees strike again” e “Australia and getting robbed in important world soccer matches name a more iconic duo”). Esta atitude manifesta-se, igualmente, em contextos de *schadenfreude*, que é a alegria e satisfação pela infelicidade do outro. Neste caso, quando a equipa feminina dos Estados Unidos sofre derrotas (“So the American wimminz sakkah team got beat! Excellent. Well done to Canada”), ou, de acordo com um utilizador, quando protestam politicamente quando já se encontram numa situação de extremo privilégio social, financeiro e político (“These US players don’t understand how fucking lucky they have it”).

Análise Greimasiana à ação narrativa (actantes)

Eixo do desejo		Eixo do conhecimento		Eixo do poder	
Sujeito	Objeto	Destinador	Destinatário	Adjuvante	Oponente
Equipas e Atletas	Ética e Valores Olímpicos	Ética e Valores Olímpicos	Ética e Valores Olímpicos	Ética e Valores Olímpicos	Idade e desafios físicos
Fãs e Adeptos	Reconhecimento desportivo	Aspetos Financeiros e Regulamentares	Equipas e Atletas	Estratégias e táticas futebolísticas	Situações financeiras
		Saúde Pública	Fãs e Adeptos		Instituições desportivas
					Pandemia
					Barreiras socioculturais e linguísticas
					Anti-olimpismo

Tabela 3 - Ação narrativa greimasiana. Fonte: Elaboração própria.

Como é possível verificar na Tabela 3, a análise aos actantes revela uma ação narrativa em que o olimpismo desempenha um papel transversal e fundamental em toda a narrativa, sendo o principal objeto, destinador, destinatário e adjuvante. Ou seja, o olimpismo surge como o principal objetivo da narrativa, por exemplo, no reconhecimento de excelência desportiva, no respeito, na apreciação e na solidariedade com os atletas e seleções olímpicas; e surge também como o seu principal destinador: por exemplo, refletido na preocupação pela saúde pública do Japão e dos atletas (devido à pandemia de COVID-19 na aldeia olímpica) e na exigência de práticas de *fair play* desportivo quando as instituições falham e se revelam aquém dos altos padrões e valores olímpicos. O olimpismo surge igualmente como destinatário, dado que é frequente o destinador e destinatário serem os mesmos, e também como adjuvante, ou seja, o actante que ajuda o sujeito a atingir e conquistar o objeto. Deste modo, a ação narrativa perpetrada por sujeitos, como as equipas e atletas, dentro e fora do campo,

aliados aos fãs e adeptos, procuram elevar o olimpismo. Quase naturalmente, o anti-olimpismo surge como oponente, especialmente na questão da complacência e preguiça (em direta oposição ao valor de excelência promovido pelos Jogos) e perpetrado pela seleção feminina de futebol dos Estados Unidos da América, que se acostumou a glórias passadas, de acordo com os utilizadores. Outros oponentes em destaque são elementos institucionais desportivos, como as várias federações de futebol, a FIFA e equipas de arbitragem, todos eles construídos como corruptos e contaminados pelo comercialismo e ao serviço dos interesses económicos. Em questões relacionadas mais diretamente com o desporto em si, o principal oponente construído são os desafios físicos relacionados com a idade, que condicionam os atletas e ditam os fins das respetivas carreiras desportivas.

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Ao contrário do que a teoria do herói prevê⁶⁴ e contrariando o individualismo que preside à construção das celebridades mediáticas, a narrativa construída pelo *corpus* em análise privilegia, claramente, as figuras coletivas, em detrimento das individuais. Esta construção é, por sua vez, usualmente categorizada pela nação de cada protagonista, como “Suécia”, “Canadá” ou “Austrália”. Excecionalmente, algumas destas figuras coletivas são construídas com base no respetivo folclore cultural, como, por exemplo, as “Matildas” australianas⁶⁵ e os “Kiwis”⁶⁶ neozelandeses, refletindo, desde já, construções narrativas de respeito e amizade – princípios fundamentais do olimpismo.

Ao nível dos protagonistas individuais, o destaque é dado a ações, proezas e feitos considerados excecionais, alinhando-se com a teoria narrativa da personagem⁶⁷ já citada anteriormente. Um exemplo emblemático é o desempenho da guarda-redes do Canadá, Stephanie Labbé, no desempate por penáltis na final olímpica contra a Suécia. Decisiva para o resultado de um jogo, em que a sua equipa estava a perder contra a Suécia e levando o Canadá ao ouro

⁶⁴ CAMPBELL. *The hero with a thousand faces*; CATHCART. From hero to celebrity; REIS. *Pessoas de livro*; SANDERS; VAN KRIEKEN. Exploring narrative structure and hero enactment in brand stories.

⁶⁵ Da canção australiana “Waltzing Matilda”.

⁶⁶ Do pássaro Quiuí, símbolo nacional da Nova Zelândia.

⁶⁷ CAMPBELL. *The hero with a thousand faces*; REIS. *Pessoas de livro*.

olímpico, Labbé é exaltada pelos utilizadores do Reddit, que a apelidam carinhosamente de "Labae" e de "impressionante". Esta celebração do heroísmo individual também se observa em outras atletas como Christine Sinclair (Canadá) e Formiga (Brasil), que são enaltecidas como "lendas" pelo impacto duradouro e significativo das suas carreiras desportivas. A admiração por Sinclair, por exemplo, manifesta-se ainda antes da conquista da medalha de ouro, com os utilizadores a reconhecerem o seu papel pioneiro no futebol feminino no Canadá: "She's paved the way for girl's/women's soccer here in Canada. She's a legend and she deserves this gold, I hope the team is up for it. Win or lose she should be our flag bearer for the closing ceremonies".



Fig. 5 - Guarda de Honra a Formiga. Fonte: <https://www.reddit.com>.

Também se verifica que o estatuto e a construção heroico-lendários não dependem exclusivamente de vitórias ou de desempenhos espetaculares em campo. Antes, adquirem contornos temporais mais amplos. Esta observação reforça a ideia de que o olimpismo transcende o plano concreto relativo aos resultados desportivos, estendendo-se a um plano holístico mais abrangente. Isto é particularmente evidente no caso de Formiga, atleta brasileira

que, apesar de um modesto desempenho nestes Jogos (o Brasil foi eliminado nos quartos de final pelo Canadá), recebeu uma guarda de honra da equipa adversária — a Índia — no último jogo da sua carreira (Fig. 5).

Deste modo, os elogios dos utilizadores do Reddit reafirmam novamente o olimpismo e enfatizam não só as conquistas desportivas das atletas, mas também o seu papel pioneiro e inspirador no futebol (sobretudo feminino). À semelhança do que acontece com outras figuras individuais, esta homenagem a Formiga ilustra a celebração dos valores olímpicos de determinação, igualdade, amizade e excelência (possível ver pelos elogios dos adeptos da equipa adversária a Formiga): *“When Formiga was born, it was illegal for women to play football in Brazil. what a legend she is. Absolutely an honour for the Indian NT to have her play her final match against us”*.

No que diz respeito às figuras e construções vilanescas, a narrativa apresenta vilões predominantemente atribuídos a entidades institucionais e agentes externos ao “Jogo Bonito”, como a FIFA, o Comité Olímpico Internacional e até equipas de arbitragem, perçecionados pelos internautas como corruptos ou agentes de má-fé, ao serviço de interesses políticos e económicos. Os comentários analisados criticam os bastidores do desporto, em que decisões e ações parecem ser influenciadas por fatores anti-olímpicos, como o comercialismo e interesses político-financeiros. Ainda assim, é interessante notar a resiliência do olimpismo no embate entre nações adversárias. Embora as reações às decisões de arbitragem sejam negativas, a vilanização restringe-se aos agentes externos ao jogo e institucionais, nunca atingindo as equipas adversárias. Este fenómeno reflete um profundo respeito pelo espírito olímpico e seus valores, mesmo face a desafios e adversidades concernentes ao jogo em si.

Assim, a construção narrativa dos utilizadores do Reddit realça a imutabilidade do respeito mútuo entre adversários no campo, enquanto a hostilidade e a vilanização são reservadas para aqueles perçecionados como ameaças maiores à integridade do desporto. A análise revela ainda que, apesar das controvérsias e desafios, o *ethos* olímpico permanece um

elemento central na percepção dos fãs do desporto. Confirma-se, de igual modo, que a narrativa dos utilizadores do Reddit se alinha com a crítica de Hargreaves⁶⁸ sobre a natureza e o impacto das instituições desportivas nos Jogos Olímpicos:

Matildas robbed, might be the worst call in Olympic / football history.

Man, they're really just gonna take out a country with seniors as a quarter of its population so the IOC gets that broadcaster \$\$\$

Australia and getting robbed in important world soccer matches name a more iconic duo.

Contudo, neste cenário, em que adversários raramente são vilanizados, a equipa feminina de futebol dos EUA é exceção, pois é a única seleção construída de forma negativa. Esta percepção deve-se, em grande parte, às posições políticas e ativistas assumidas pelas jogadoras, como o apoio ao movimento *Black Lives Matter*, a luta pela igualdade salarial e evidentes partidarismos. Tais ações são interpretadas como uma politização indesejada do desporto, gerando sentimentos de *schadenfreude* (prazer na adversidade alheia), especialmente quando a equipa enfrenta derrotas ou desafios:

These US players don't understand how fucking lucky they have it, with a democracy, basic rights, free speech, economic freedom and a prosperous, first world country.

I'm a democrat who doesn't understand why you would publicly represent your country yet take a knee. It is very condescending in my personal opinion. To each their own I guess.

Esta reação negativa (apesar de não ser a única ou consensual) reflete um conflito construído entre os ideais olímpicos e a presença e inserção de questões e movimentos sociais e políticos no contexto desportivo. Enquanto os valores olímpicos procuram promover a união, a compreensão mútua e a celebração da diversidade humana, a politização do desporto surge, então, como uma ameaça a estes princípios. Enquanto a construção vilanesca entre equipas adversárias é virtualmente inexistente, evidenciando um respeito pelos valores olímpicos – de respeito, *fair play* e amizade entre equipas –, a vilanização de entidades institucionais e a politização do desporto, como no caso da equipa feminina dos EUA, do Comité Olímpico Internacional e da FIFA, revelam uma tensão entre os ideais olímpicos e as

⁶⁸ HARGREAVES. Olympism and nationalism.

dinâmicas contemporâneas do mundo desportivo. Este campo de batalha assíncrono, onde heróis e vilões se confrontam indiretamente, ilustra a complexidade da narrativa olímpica no contexto moderno.

A equipa feminina de futebol dos EUA surge como um ponto central nesta tensão. As suas ações hiperpolíticas, com consequências concretas dentro do campo, geram reações diversas na comunidade do Reddit. Esta situação reflete a complexidade da construção de heróis e vilões na narrativa olímpica dos Jogos. Ou seja, enquanto a maior parte das equipas e atletas surgem enaltecidos pelo seu talento e conquistas desportivas, o limite do olimpismo joga-se naquilo que é (hiper)político e no ativismo, percecionado como contrário ao olimpismo. Esta complexidade reflete uma evolução nas narrativas desportivas, segundo as quais os atletas são cada vez mais vistos como figuras desportistas multifacetadas, associadas a lógicas de *Relações Públicas*, *marketing* e *branding*, dentro e fora das quatro linhas, para um público dinâmico e em constante evolução.⁶⁹ Como protagonistas, as suas ações, tanto dentro como fora do campo, são consideradas importantes na formação da sua imagem pública. Contudo, esta perceção contrasta com a tendência observada entre os fãs e adeptos presentes no Reddit, que demonstram uma preferência por manter delimitada a fronteira entre a esfera desportiva e as questões sociopolíticas. Este contraste ilustra uma dissonância entre a realidade plural dos atletas modernos e a expectativa dos utilizadores, de que os Jogos Olímpicos se mantenham como um palco *puro* desportivo e apolítico.

Curiosamente, o olimpismo surge tematicamente subordinado a outros temas mais salientes. Apesar de, actancialmente, ser multifuncional (ver actantes), figurando-se como principal objeto, destinador, destinatário e adjuvante, a verdade é que a narrativa construída foca-se essencialmente no desempenho desportivo das equipas e atletas (com outros focos menos importantes, como os aspetos sociais e a saúde pública), sendo este o principal veículo de mobilização dos valores olímpicos e anti-olímpicos manuseados, manifestados e facilitados pelos vários heróis e vilões respetivamente. Isto é visível quando as publicações e comentários se focam, sobretudo, na celebração e dramatização das vitórias e derrotas, ou

⁶⁹ WOODS ET AL. Centering the self, doing the sport, and being the brand: the self-branding of lifestyle athletes on Instagram.

quando o foco principal é o esforço dos atletas, independentemente do resultado do jogo ou das influências externas por parte de agentes vilanescos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A narrativa dos *subreddits* analisada, constituída quer pelas publicações, mas sobretudo pelos comentários das comunidades, que incidem sobre os Jogos Olímpicos de Tóquio 2021, privilegia o coletivo em detrimento do individual, reforçando os valores olímpicos, quer por parte dos *redditors* quer por parte dos internautas.

As duas hipóteses de onde se partiu para este estudo foram em parte confirmadas pela discussão dos resultados da análise:

H1: A construção de heróis e vilões nos Jogos Olímpicos e no futebol, conforme refletida nas discussões no Reddit, é significativamente influenciada pela congruência entre os valores olímpicos e a imagem pública dos atletas e equipas, frequentemente enquadrada pelos sucessos e fracassos nacionais, em contextos políticos e culturais específicos. Na verdade, à semelhança do que sucede no universo do jornalismo desportivo, também a mediatização da rede social Reddit opera numa lógica binária de herói/vilão, pondo em confronto seleções, equipas, países. Esta distinção baseia-se, sobretudo, em ideais e valores olímpicos, mais conciliadores do que o que ocorre em competições desportivas de outra natureza. Ao contrário do esperado numa rede social online, o tom predominante é mais positivo do que negativo e os comentários dos internautas distinguem com clareza as conquistas desportivas dos sucessos e contextos políticos de cada nação. Dentro do *corpus* analisado, a exceção diz respeito à seleção feminina norte-americana que suscita comentários e categorizações negativas, em virtude da hiperpolitização da sua performance.

H2: É possível identificar padrões na construção de heróis e vilões, que refletem as dinâmicas socioculturais e políticas subjacentes à perceção pública de figuras públicas (políticos e desportistas). A análise confirmou a existência de uma construção binária no universo das figuras que povoam as narrativas do Reddit. No entanto, a heroicização é preferencial-

mente coletiva e são raros os desportistas individuais que se destacam, o que se explica precisamente pela prevalência de valores e ideais olímpicos contemporâneos. Já a dimensão disruptiva e crítica aponta para agentes externos, institucionais e políticos.

O olimpismo (onde se inclui também o anti-olimpismo identificado) surge como um tema integrado e naturalmente ubíquo na narrativa. Isto sugere que a construção dos heróis e vilões no contexto desportivo dos Jogos Olímpicos, através da lente do Reddit, segue uma lógica construtiva segundo a qual os valores olímpicos surgem organicamente associados às figuras heroicas e vilanescas construídas. Por outras palavras, a narrativa olímpica transcede a exaltação do olimpismo e prefere integrá-lo e manifestá-lo nas (e a partir das) trajetórias e experiências das personagens. Deste modo, a construção narrativa não se esgota isoladamente no olimpismo e oferece um olhar integrado e complexo sobre o que significa, a partir da experiência da personagem, participar de modo ético e moral nos Jogos Olímpicos. Dialogando com as teorias da personagem,⁷⁰ pode dizer-se que os heróis identificados procuram fazer progredir o enredo através do olimpismo, enquanto os vilões, um obstáculo que bloqueia o progresso heroico, se servem do anti-olimpismo. A particularidade, neste caso, desenrola-se a partir da natureza assíncrona deste confronto. Os heróis acabam por *vencer* e atingir os objetivos propostos a partir das lógicas olímpicas, apesar de não derrotarem diretamente os vilões identificados, que continuam a existir diegeticamente na narrativa como uma ameaça persistente. Neste contexto dá-se, portanto, mais uma vitória moral do que material neste universo narrativo.

As limitações inerentes a qualquer análise qualitativa e narrativa, no que diz respeito à representatividade e generalização dos resultados, verificam-se igualmente neste trabalho. Embora seja robusto e representativo das duas comunidades analisadas, é possível alargar a análise tanto no número de subreddits, como no número de publicações e comentários analisados, de modo a obter um retrato mais amplo e fiel das construções narrativas que ocorrem no Reddit. A inclusão de outros elementos que a plataforma disponibiliza, como as “flairs” e a escolha dos avatares de cada utilizador, poderiam provar-se úteis. Por último, um

⁷⁰ HOGAN. Archetypal patterns.

trabalho multiplataforma de natureza comparativa também ajudaria a melhorar a validade e representatividade dos resultados.

Outra limitação encontrada no decorrer da execução do artigo foi a questão de género. Como referido anteriormente, evidenciou-se uma sobre-representação do futebol feminino e atletas femininas nas publicações e, naturalmente, dos comentários. No que diz respeito ao futebol – geralmente associado à tradição masculina e dominado por homens –,⁷¹ este facto não deixa de surpreender (embora possa ser explicado, em parte, pela perceção de que o futebol nos JO é visto como um desporto menos expressivo). Também a natureza da abordagem das publicações e comentários merece menção, com os utilizadores a privilegiarem quase exclusivamente caracterizações excessivamente positivas. Num contexto cultural influenciado por movimentos feministas, como o #metoo, inúmeros estudos dos *media* e comunicação têm-se dedicado a questões de género e aos modos de opressão e violência existentes e perpetuados online contra as mulheres. Assim, os dados apontam para um universo online acolhedor, próspero e otimista para o género feminino. Estudos futuros poderão recorrer a estes resultados para compreender e explicar os fatores e contextos que promovem caracterizações positivas do género feminino, algo que não foi o objetivo deste trabalho.

* * *

REFERÊNCIAS

AMAYA, A.; BACH, R.; KEUSCH, F.; KREUTER, F. New data sources in social science research: things to know before working with Reddit data. **Social Science Computer Review**, 39(5), p. 943-60, 2021.

ANDERSON, B. **Imagined communities**: reflections on the origin and spread of nationalism. Verso. 1991.

ANDERSON, K. E. Ask me anything: what is Reddit?. **Library Hi Tech News**, 32(5), p. 8-11, 2015.

⁷¹ HARRIS. Playing the man's game.

- ANDREWS, D. L.; JACKSON, S. J. **Sport stars the cultural politics of sporting celebrity**. Routledge, 2002.
- ARCHETTI, E. Masculinity and football: the formation of national identity in Argentina. In: GIULIANOTTI, R.; WILLIAMS, J. (Org.). **Games without Frontiers**. Football, Identity and Modernity. Aldershot: Arena, 1994, p. 225-43.
- BAIL, C. A.; ARGYLE, L. P.; BROWN, T. W.; BUMPUS, J. P.; CHEN, H.; FALLIN HUNZAKER, M. B.; LEE, J.; MANN, M.; MERHOUT, F.; VOLFOVSKY, A. Exposure to opposing views on social media can increase political polarization. **Proceedings of the National Academy of Sciences of the United States of America**, 115(37), p. 9216-21, 2018.
- BAKHTIN, M. M. **Rabelais and his world**. Indiana University Press, 1984.
- BOURDIEU, P. Sport and social class. **Social Science Information**, 17(6), p. 819-40, 1978.
- BOYKOFF, J. **Power games: a political history of the Olympics**. Verso Books, 2016.
- CAMPBELL, J. **The hero with a thousand faces**. Princeton, 2004.
- CARDOSO, G.; XAVIER, D.; CARDOSO, T. Futebol, identidade e media na sociedade em rede. **Observatorio (OBS*)**, 1(1), p. 119-43, 2007.
- CASTRO-RAMOS, E. Loyalties, commodity and fandom: Real Madrid, Barca and Athletic fans versus “La Furia Roja” during the World Cup. **Sport in Society**, 11(6), p. 696-710, 2008.
- CATHCART, R. S. From hero to celebrity: the media connection. In: DRUCKER, S. J.; CATHCART, R. S. (Org.). **American heroes in a media age**. Hampton Press, 1994, p. 36-46.
- COELHO, J. N. **Portugal: a equipa de todos nós - nacionalismo, futebol e media**. Edições Afrontamento, 2001.
- CORREIA, J. C. **O admirável mundo das notícias: teorias e métodos**. LabCom Books, 2011.
- COULDRY, N.; HEPP, A.; KROTZ, F. **Media events in a global age**. Taylor & Francis Group, 2009.
- DAYAN, D.; KATZ, E. **Media events: the live broadcasting of history**. Harvard University Press, 1994.
- DE COUBERTIN, P. Olympism. **Comité International Olympique**, 2000.
- DIJK, T. A. van. **La ciencia del texto** (5.a ed.). Paidós, 1983.
- ELLIOTT, J. **Using narrative in social research: qualitative and quantitative approaches**. Sage Publications, 2005.
- GARCÍA, C. Nationalism, identity, and fan relationship building in Barcelona Football Club. **International Journal of Sport Communication**, 5(1), p. 1-15, 2016.
- GIULIANOTTI, R. **Football: a sociology of the global game**. Polity, 1999.
- GOIG, R. L. Identity, nation-state and football in Spain: the evolution of nationalist feelings in Spanish Football. **Soccer & Society**, 9(1), p. 56-63, 2008.

- GREIMAS, A. J. **Structural semantics**: an attempt at a method. University of Nebraska Press, 1984.
- GREIMAS, A. J. **On meaning**: selected writings in semiotic theory. University of Minnesota Press, 1987.
- HALLIDAY, M. **An introduction to functional grammar** (3rd ed.). Hodder Arnold, 2004.
- HARGREAVES, J. Olympism and nationalism: some preliminary consideration. **International Review for the Sociology of Sport**, 27(2), p. 119-35, 1992.
- HARRIS, J. Playing the man's game: sites of resistance and incorporation in women's football. **World Leisure Journal**, 43(4), p. 22-9, 2001.
- HAUSER, C. Reddit Bans "Incel" Group for Inciting Violence Against Women. **New York Times**, 9 november 2017.
- HOGAN, P. C. Archetypal patterns. In HERMAN, D.; JAHN, M.; RYAN, M. L. (Org.). **Routledge Encyclopedia of Narrative Theory**. Routledge, 2010, p. 26-7.
- HOLDEN, M. In Reddit's "Female Dating Strategy", women level up and make men the prey. **Mel Magazine**, 2024.
- INTERNATIONAL OLYMPIC COMMITTEE. **Olympic values**, 2023.
- INTERNATIONAL PARALYMPIC COMMITTEE. **What are the Paralympic values?**, 2014.
- KING, A. Football fandom and post-national identity in the new Europe. **British Journal of Sociology**, 51(3), p. 419-42, 2000.
- KUBIN, E.; von SIKORSKI, C. (2021). The role of (social) media in political polarization: A systematic review. **Annals of the International Communication Association**, 45(3), p. 188-206, 2021.
- LENSKYJ, H. (2002). **The best Olympics ever?** State University of New York Press.
- M3RIDAH. Leicester City are Premier League Champions. **Reddit**. 2016.
- MACALOON, J. **Rite, drama, festival, spectacle**: rehearsals toward a theory of cultural performance. Institute for the Study of Human Issues, 1984.
- MACALOON, J. **Olympic Games and the theory of spectacle in modern societies** (1st Ed.). Routledge, 2010.
- MASSANARI, A. L. **Participatory culture, community, and play**: learning from Reddit. Peter Lang, 2015.
- MATHESON, V. A. European football (soccer). In: FIZEL, J. (Org.). **Handbook of sports economics research**. Routledge, 2017, p. 118-35.
- MESQUITA, M. **Personagem jornalística**: da narratologia à deontologia. In: o quarto equívoco. Minerva, 2003, p. 123-41.
- MOORE, K. Football and the Olympics and Paralympics. **Sport in Society**, 17(5), 640-55, 2014.

- OLIVEIRA, J. R.; CAPRARO, A. M. Independência catalã, identidade e globalização no Fútbol Club Barcelona. **Motrivivência**, 32(61), 2020.
- PEIXINHO, A. T.; SANTOS, C. Construção de um herói em tempo de COVID-19. **Comunicação Pública**, 18(35), 2023.
- PHELAN, J. Narrative theory: 1966-2006: a narrative. In R. Scholes, J. Phelan, & R. Kellog (Org.). **The Nature of Narrative**. Oxford University Press, 2006, p. 283-336.
- PHELAN, J. Narratives in contest; or, another twist in the narrative turn. **PMLA**, 123(1), 166-75, 2008.
- RANE, H.; SALEM, S. Social media, social movements and the diffusion of ideas in the Arab uprisings. **Journal of International Communication**, 18(1), p. 97-111, 2012.
- REDDIT. **About**, 2023. Disponível em <https://www.redditinc.com/>
- REIS, C. **Pessoas de livro**. Imprensa da Universidade de Coimbra, 2015.
- REIS, C. **Dicionário de Estudos Narrativos**. Almedina, 2018.
- SANDERS, J., & VAN KRIEKEN, K. (2018). Exploring narrative structure and hero enactment in brand stories. **Frontiers in Psychology**, 9, 2018.
- SHOBE, H. Place, identity and football: catalonia, catalanisme and football club Barcelona, 1899-1975. **National Identities**, 10(3), p. 329-43, 2008.
- SONNEVEND, J. More hope!. In: FOX, A. (Org.). **Global perspectives on media events in contemporary society**. IGI Global, p. 132-40, 2016.
- SUNSTEIN, C. **# Republic**: divided democracy in the age of social media. Princeton University Press, 2018.
- TANNOCK, S. Nostalgia Critique 1. **Cultural Studies**, 9(3), p. 453-64, 1995.
- TUFEKCI, Z. **Twitter and tear gas**: the power and fragility of networked protest. Yale University Press, 2017.
- WOODS, J.; HARTWELL, M.; OLDHAM, L.; HOUSE-NIAMKE, S. Centering the self, doing the sport, and being the brand: the self-branding of lifestyle athletes on Instagram. **International Journal of Sport Communication**, 16(2), p. 159-67, 2023.

* * *

Recebido em: 31 jul. 2025.
Aprovado em: 19 ago. 2025.

"Women are here, women are hungry": exploring articulations of empowerment and feminism in digital spaces

"As mulheres estão aqui, as mulheres estão com fome": explorando articulações de empoderamento e feminismo em espaços digitais

Aneta Soldati

Kristiania University College, Oslo, Norway
PhD in Social Sciences, University of Bergen
aneta.grab@gmail.com

ABSTRACT: This article explores the evolving landscape of digital media and its impact on the representation and self-presentation of female athletes. Focusing on the 2022 Beijing Winter Olympic Games, it investigates how Olympians leverage social media to articulate feminism and empowerment, challenging traditional media paradigms in the context of Olympism. The study explores how sportswomen craft their identities, navigate gender discourses, and engage with postfeminist narratives. The findings reveal that social media offers a dual-edged sword: a platform for self-empowerment and identity construction, yet also a space where athletes confront market-driven pressures and gendered expectations. As a result, this study responds to the call for a feminist re-evaluation of sports media narratives, urging scholars to adopt broader methodological frameworks that transcend conventional media sources.

KEYWORDS: Olympics; Feminism; Empowerment; Social media.

RESUMO: Este artigo explora o panorama em evolução dos meios de comunicação e o impacto na representação e autorrepresentação de atletas femininas. Tendo como foco os Jogos Olímpicos de Inverno de 2022, em Beijing, foi analisada a forma como as atletas femininas usaram a comunicação social para articular o feminismo e o empoderamento, ao desafiar os paradigmas da tradicional Comunicação Social, em contexto de Olimpismo. O estudo explora como as atletas criam as suas identidades, através de discursos de géneros e ao envolverem-se com narrativas pós-feministas. Os resultados revelaram que os meios de comunicação oferecem uma dualidade de critérios: a plataforma para o autocapacitação e construção de identidade, mas também o espaço onde as atletas enfrentam as pressões do mercado e expectativas de género.

PALAVRAS-CHAVE: Jogos Olímpicos; Feminismo; Empoderamento; *Social media*.

INTRODUCTION

A fundamental principle of Olympism – the ideological and philosophical underpinning of the Olympic Movement – is “to place sport at the service of the harmonious development of man, with a view to promoting a peaceful society concerned with the preservation of human dignity”.¹ But for decades the International Olympic Committee (IOC) and its media partners have failed to recognize the part of this pledge to ‘man’ that involves female athletes.² In contrast, the rise of social media and its global popularity have transformed the traditional media landscape, which often diminished sportswomen.³ This shift has enabled female athletes to gain recognition on their own terms and enabled them to generate and distribute content to a worldwide audience, avoid the media gatekeepers, and create their own identities.⁴ In that sense, social media have been perceived as empowering tools.⁵

At the same time, it is essential to explore how these tools are used and how female athletes engage with feminist and postfeminist ideas (consciously and unconsciously) to “tell stories differently”.⁶ The authors urged scholars to move away from the well-established methodological frameworks that are restricted to a limited number of sources of data and do not reflect the contemporary consumption of media. According to Antunovic, it is important to analyse content shared across various platforms in order to reflect how audiences consume content and ideologies circulate. With this approach, it is possible to “capture the relationship between production, visibility, and consumption”.⁷ Also Cooky and Antunovic⁸ suggested that “one way to tell stories differently is to disrupt the well-established boundaries of what is considered sports media.” Therefore, to explore how sportswomen’s articulations of feminism and empowerment were disseminated through digital

¹ IOC. *Olympic charter*, p. 8.

² GRABMÜLLEROVÁ; NÆSS. Gender equality, sport media and the Olympics, 1984-2018: w.

³ FINK. Female athletes, women’s sport, and the sport media commercial complex.

⁴ PEGORARO. Look Who’s Talking.

⁵ SMITH; SANDERSON. I’m Going to Instagram It! An Analysis of Athlete Self-Presentation on Instagram.

⁶ ANTUNOVIC; WHITESIDE. Feminist Sports Media Studies: State of the Field.

⁷ ANTUNOVIC. Social Media, Digital Technology and Sport Media, p. 21.

⁸ COOKY; ANTUNOVIC. “This Isn’t Just About Us”, p. 707.

spheres, this article analyses “any media content”⁹ produced by athletes, journalists, social media accounts, and sport's governing bodies.

Postfeminism offers a lens through which we can understand how female athletes navigate these new media spaces. As a sensibility, postfeminism celebrates women's empowerment but often links it to traditional norms around physical appearance and consumerism.¹⁰ Female athletes can assert agency in their own representations, yet they also face pressures to align with societal expectations of beauty, body work, and commodification of their empowerment.¹¹ This dynamic is central to understanding the complexities of how social media are used by sportswomen to engage with feminist ideas, sometimes reinforcing, sometimes challenging, dominant gender norms.

More specifically it explores how female athletes navigate the culture of online spaces for sportswomen during the 2022 Beijing Winter Olympic Games. The IOC's gender policies and efforts set the stage for sports to be seen as a powerful tool for women's empowerment and an essential symbol of gender equality.¹² Understanding how Olympians present themselves in the media sheds light on how IOC's initiatives to boost women's empowerment is mirrored in female athletes' presentation. The analysis underscores the significant role of digital media in shaping modern feminist discourses in sports, offering a nuanced understanding of gender inequality and the potential for social change in the intersection between Olympism and female athleticism.

SPORTSWOMEN'S USE OF SOCIAL MEDIA: A LITERATURE OVERVIEW

For decades, female athletes' presentation to a wider audience was dependent on news media gatekeepers, their agendas, and framing.¹³ However, with the advent of social media, sportswomen gained the opportunity to create their own identities in

⁹ COOKY; ANTUNOVIC. “This Isn't Just About Us”, p. 697.

¹⁰ GILL. Postfeminist media culture: Elements of a sensibility.

¹¹ BANET-WEISER. Keynote Address.

¹² ANTUNOVIC; WHITESIDE. Feminist Sports Media Studies.

¹³ GRABMÜLLEROVÁ; NÆSS. Gender equality, sport media and the Olympics, 1984-2018.

ways that can contradict the dominant sports media discourse¹⁴ and share stories that the media neglect.¹⁵ In that sense, social media have the transformative potential to empower women to create alternative narratives and discourses, challenge the patriarchal sports environment, and advance feminist agendas.¹⁶

However, Thorpe et al.¹⁷ claimed that it is the opportunity to establish alternative discourses that is transformative rather than the content that female athletes share. For example, female athletes presented themselves in somewhat more suggestive poses on Instagram,¹⁸ and while previously it would have been perceived as blatant forms of sexualisation, hypersexual pictures are now recast as declarations of active and confident sexuality.¹⁹ As Toffoletti and Thorpe stress: “It is the text used alongside such images that enables sportswomen to ‘speak to’ the image, and in so doing, perform an empowered self and thus deflect charges of objectification and passivity”.²⁰ Sportswomen on social media have a propensity to present their bodies in a manner that portrays them as in control and capable rather than objectified and passive.²¹

At the same time, female athletes are astute observers and critics of the societal expectations that surround their many and usually contradictory roles and identities,²² and they have accepted that in order to be recognized, they must often perform the feminine role. For example, the analysis by Toffoletti and Thorpe²³ of five Instagram accounts of female athletes revealed that their social media interactions with fans are driven by gender norms and arrangements that demand and reward their articulations of empowerment, entrepreneurialism, and individualization. Banet-Weiser²⁴ argued that female athletic bodies that do not conform to the heterosexual, white norm and disrupt market demands remain invisible, while those who are less controversial,

¹⁴ HEINECKEN. ‘So Tight in the Thighs, So Loose in the Waist’.

¹⁵ BRUCE. New Rules for New Times.

¹⁶ TOFFOLETTI; THORPE. ‘Female athletes’ self-representation on social media; BRUCE; HARDIN. Reclaiming our voices.

¹⁷ THORPE ET AL. Sportswomen and Social Media.

¹⁸ SMITH; SANDERSON. I’m Going to Instagram It!.

¹⁹ GILL. Empowerment/sexism.

²⁰ TOFFOLETTI; THORPE. ‘Female athletes’ self-representation on social media, p. 26.

²¹ TOFFOLETTI; THORPE. ‘Female athletes’ self-representation on social media.

²² FINK ET AL. The freedom to choose.

²³ TOFFOLETTI; THORPE. The athletic labour of femininity.

²⁴ BANET-WEISER. Keynote Address.

apolitical, and do not explicitly challenge gender norms tend to have a larger social media following. Even though feminist objective are accessible and a variety of feminist ideologies exist, the ones that acquire traction are often those that do not aim to overturn existing social structures.²⁵

A POSTFEMINIST SENSIBILITY

In this paper, I regard postfeminism as a sensibility.²⁶ 'Postfeminist sensibility', as defined by Gill, encompasses a collection of interconnected topics: a shift from viewing women as sexual objects to recognizing their agency and active participation in sexually objectifying practices; the understanding that femininity is constructed through self-surveillance and body-related practices, with an emphasis on the importance of appearance for women's success and identity; the promotion of consumerism and appearance work as empowering and enjoyable experiences. This perspective acknowledges the widespread presence of intricate and frequently conflicting conceptions of femininity. Postfeminism as a sensibility is often characterized by its support for female empowerment but also includes traditional aspects of femininity.²⁷ Initially, postfeminist sensibility promoted the idea of women being liberated and powerful, capable of making choices. However, these themes also constrained women's options to a focus on physical appeal through consumerism.²⁸ This phenomenon manifests in many ways, for example, when women exhibit agentic femininity through body language, personal consumerist choices, and acts of authenticity that alter perceptions of women from sexual objects to free, active subjects.²⁹

According to Banet-Weiser,³⁰ under these conditions, women are expected not only to combat gender discrimination but also to visibly demonstrate their entrepreneurial skills, success, well-being, and personal fulfilment in alignment with prevailing market norms. In this context, girls and women are increasingly

²⁵ BANET-WEISER. Empowered: Popular Feminism and Popular Misogyny.

²⁶ GILL. Postfeminist media culture.

²⁷ GILL. Critical respect.

²⁸ GILL. Postfeminist media culture: Elements of a sensibility.

²⁹ GILL. Postfeminist media culture: Elements of a sensibility; Critical respect.

³⁰ BANET-WEISER. Keynote Address: Media, Markets, Gender.

pressured by the neoliberal economic imperative to be seen as actively investing in themselves in ways that meet the demands of a market eager for women who can showcase and commodify their empowerment, confidence, and self-worth. Therefore, this study's analytical approach is situated within the 'economy of visibility' – a media landscape focused on garnering views, clicks, and likes, where certain narratives are more visible than others.³¹

METHODOLOGY

More than 1300 female athletes competed at the 2022 Winter Olympics, yet the Winter Olympics remain understudied in gendered media research.³² Most scholarship on gender and sports media focuses on the Summer Olympics, leaving winter sports and their unique media dynamics underexplored. This article aims to address this gap by centring its analysis on the Winter Olympics.

During the Olympic Games, medal success and nationalism are what drive media attention.³³ Therefore, to narrow down the sample, the first step of the data collection involved determining which female Olympians won medals at the 2022 Olympics and had a social media presence. I generated a list of 87 individual female Olympic medallists. I conducted an online search for each athlete using the most popular social media networks to find evidence of user-generated activity. If the search was not successful, I resorted to a Google search. This approach proved to be successful as I was able to identify accounts of 77 athletes. The most popular network was Instagram, where 75 athletes were present. Other social media that were considered were Facebook, Twitter (now known as X), TikTok and Weibo.

In the process of selecting athletes for analysis, the accessibility of online profiles, level of activity and multi-platform presence were considered. A key aspect in selecting athletes was their prominent public image, signifying their status as top representatives of their country, and a significant presence in traditional media outlets such as news broadcasts, advertising campaigns, and lifestyle magazines.

³¹ BANET-WEISER. Empowered: Popular Feminism and Popular Misogyny.

³² GEURIN; NARAINÉ. 20 years of Olympic media research.

³³ GRABMÜLLEROVÁ; NÆSS. Gender equality, sport media and the Olympics, 1984-2018; MACARTHUR ET AL. The dwindling Winter Olympic divide between male and female athletes.

Additionally, I have analysed Google trends during the Olympic period. This search confirmed that medal success indeed determines attention as all but one of the most-searched athletes were Olympic medallists. The additional name on the list was Mikaela Shiffrin, the all-time best alpine skier, who was a contender for another Olympic medal at these games but failed to win one.

Content published in connection to the Winter Olympic Games held in China from 4th February to 20th February 2022 was analysed. I looked for athletes who explicitly articulated a sense of empowerment or touched upon identified feminist issues on their social media accounts. At first, I looked at the content on their social media, linked sources, reshared content and referrals to media outlets (blogs, interviews, articles etc.). If this first search brought up a hit, I looked for additional coverage of the athlete. This search included the most popular news such as *The New York Times*, *Yahoo* or *AP News* but also nationally popular media such as *RTL Nieuws*. In the same sense, I analysed content created by the Olympics looking for 1) coverage of the selected athletes and 2) articulations of feminism, gender equality and women's empowerment. The content was frequently intermingled – stories and statements provided to the media were frequently shared on social media, and vice versa – media built their stories around athletes' social media posts. Even though the athletes included in this research came from a variety of countries, most of the postings and articles were published in English. Additional sources in athletes' native languages were translated and analysed.

In the analysis that follows, I approach the online portrayal of female Olympians as a feminist object of analysis. I use thematic analysis to examine how feminist viewpoints shape the mediated personas of female athletes. The analysis presents how articulations of empowerment and feminism are adopted in digital spaces by different advocates and stakeholders and how they circulate inside and beyond those settings – which narratives and feminist articulations achieved attention in media coverage and how they were reproduced. In order to “tell stories differently”,³⁴ the aim is not to establish a quantitative prevalence, representative or exhaustive sample but rather to explore and demonstrate how articulations of

³⁴ COOKY; ANTUNOVIC. “This Isn’t Just About Us”; ANTUNOVIC; WHITESIDE. *Feminist Sports Media Studies*.

feminism and empowerment are articulated by (some) female athletes and circulate through networked media. For those purposes, the article explores how sports media interact with athletes and how these are mutually constitutive in order to provide a deeper understanding of female athletes' presentation and how empowerment initiatives and feminism shape it.

THREE DIMENSIONS OF ANALYSIS

Rather than presenting “results” in a traditional sense, this study identifies three key dimensions of female athletes' engagement, with empowerment and feminism on social media: 1) *Narratives of Self-Empowerment* – Examining how athletes present themselves as confident and in control while navigating commercial imperatives; 2) *Challenging Masculine Hegemony* – Analysing instances where female Olympians disrupt traditional gender norms in sport; 3) *Vulnerability and Online Violence Against Women* – Investigating how sportswomen use digital platforms to discuss discrimination and harassment while facing online abuse.

NARRATIVES OF SELF-EMPOWERMENT

Jutta Leerdam is an Olympic silver medallist and one of the most popular Winter Olympians on social media. As of the latest update (January 2024), the Dutch speed skater has up to date 4.3 million followers on Instagram. On her account, Leerdam gives her audience a glimpse into the life of a successful athlete and model. She shares pictures and videos of her food, her training, competitions, and personal life. These kinds of posts provide a sense of empowerment by guiding audiences on how to take charge of their athletic performance, from the foods they consume to the sport they choose, or the training they do.³⁵

Most of the content highlights Leerdam's long blonde hair and a thin white body, both of which are characteristics of the idealised young, white, western

³⁵ KERNS. *A Postfeminist Multimodal Discourse*.

woman.³⁶ In that sense, Leerdam does not reject stereotypical representation of women; in fact, she celebrates it. Heywood and Dworkin³⁷ argue that female athletes “know exactly what they are doing” as they accept media prominence as an integral part of their identities.³⁸ From this perspective, Leerdam is an example of an empowered sportswoman who has control over her portrayal and can be “pretty and powerful” at the same time.³⁹ Her Instagram feed is full of photographs that reflect an emphasis on reclaiming femininity as strong rather than demeaning.⁴⁰

However, critiques of neo-liberal feminism call attention to the conflicting narratives that epitomise athletes like Leerdam as “savvy and sexualized, carefree yet calculating”.⁴¹ To elaborate, Leerdam framed her social media success as a coincidence, saying to *RTL Nieuws*: “It’s kind of a crazy idea that so many people like what I do. I just enjoy doing it and that people appreciate it is a nice side effect”.⁴²

However, later in the interview, she acknowledged how economically beneficial her social media presence is: “Of course, it brings great commercial value and if I can bring new parties into skating with it, that is not only super good for the sport and in this case for our team but also for my own career”.⁴³

Also in an article for the Olympic website, not only did she acknowledge the intention behind her dapper appearance on the field of play (“That’s my signature”), but was also described as a graduate student in the field of advertising and therefore, obviously knowledgeable about social media practices: “Leerdam has built up a massive following online. The marketing and commercial economics graduate has given over two million people a glimpse of life behind the scenes on the speed skating tour, sharing thrilling snippets from her races and her workouts”.⁴⁴

Leerdam not only profits from her sporting and social media success, but she is also a model and owns a speed skating school. It might seem that her attractive and carefree image conflicts with the idea of a calculated and strategic approach, but in

³⁶ THORPE ET AL. Sportswomen and Social Media.

³⁷ HEYWOOD; DWORKIN. *Built to win: The female athlete as cultural icon*, p. 85

³⁸ COCCA. Negotiating the third wave of feminism in Wonder Woman.

³⁹ BRUCE. *New Rules for New Times*, p. 369.

⁴⁰ COCCA. Negotiating the third wave of feminism in Wonder Woman.

⁴¹ THORPE ET AL. Sportswomen and Social Media, p. 373.

⁴² SAMPLONIUS; VOORTMAN. Jutta Leerdam hot op Instagram.

⁴³ SAMPLONIUS; VOORTMAN. Jutta Leerdam hot op Instagram.

⁴⁴ IOC. Jutta Leerdam’s Olympic silver brings joy to huge social media following.

fact this is central to the neo-liberal perspective.⁴⁵ She builds her brand within the social expectations of an authentic woman rather than an economically motivated businesswoman who chases money and fame. In this way, she does not challenge men's economic and cultural power. Neo-liberal feminism concentrates on the market and explores how women are more driven to become entrepreneurs and economically independent in order to control their own future.⁴⁶ This narrative has also been employed by the IOC on several occasions. For example, the IOC shared several posts about athletes with a dual career such as Elsa Desmond who is a luge Olympian and doctor.⁴⁷ In a similar way, several posts shared on Instagram account Athlete365, the IOC's official community for Olympians, guided athletes on how to use sponsorship opportunities and build their own brand.⁴⁸ In this respect, the Olympic media encourage ideals like individuality, inventiveness, and personal responsibility.

CHALLENGING MASCULINE HEGEMONY

According to Banet-Weiser⁴⁹ and the concept of the economy of visibility, those who conform to the 'white norm', are apolitical, and less controversial tend to have a larger social media following. Despite this logic, Eileen Gu, one of the most prominent sportswomen of the Beijing Olympics, is neither white nor uncontroversial. The American-born skier who represents China has 6.6 million followers on the Chinese social media platform Weibo and 1.9 million on Instagram. Gu is not only a talented freestyle skier but also a model, a Stanford student, and an influencer. In 2019, she announced she would no longer represent Team USA and that she would be competing for China at the 2022 Beijing Olympics. While her decision was widely perceived as controversial due to the state of US-China relations, Gu was prominently featured in the organizing committee's promotions as well as in the communication channels of the IOC. Gu tried to distance herself from any political comments or questions about her citizenship. Instead, she

⁴⁵ THORPE ET AL. Sportswomen and Social Media.

⁴⁶ THORPE ET AL. Sportswomen and Social Media.

⁴⁷ IOC (@OLYMPICS). Not all heroes wear capes.

⁴⁸ ATHLETE365. @athlete365.

⁴⁹ BANET-WEISER. Keynote Address.

portrayed herself as an inspiration to others. In an interview with *The New York Times*, she stated: “I do corks in an icy, 22-foot, U-shaped snow structure. That’s not political. It’s pushing the human limit and it’s connecting people”.⁵⁰ But on her Weibo account, she wrote: “I hope that through my pursuit of the extreme sport, I could enhance interaction, understanding and friendship between the Chinese and American people”.⁵¹

For apnews.com, she justified her decision: “In the U.S., growing up I had so many amazing idols to look up to. In China, there are a lot fewer of those. I’d have a much greater impact in China than in the U.S., and that’s ultimately why I made that decision”.⁵²

Gu’s social media posts exhibit a fusion of her choice to present herself as an active subject and an inspiration to young women. In her posts, she presents herself simultaneously as a confident skier who is “in love with fear”⁵³ and a model offering her “olympic lookbook”.⁵⁴ Most commonly, however, she stressed her choice to be an inspiration to young women:

[...] I was resolute to achieve the two equally ambitious goals of 1) competing in the Beijing 2022 Winter Olympics and 2) spreading the (then-unheard of) sport of freeskiing in China. Having been introduced to the sport growing up in the US, I wanted to encourage Chinese skiers the same way my American role models inspired me [...].

[...] I’ve always said my goal is to globally spread the sport I love to kids, especially girls, and to shift sport culture toward one motivated by passion. Now, after hearing that over 300 MILLION Chinese people have started winter sports for fun, I’m blown away by how far we have come [...].⁵⁵

Gu is competing in freestyle skiing, one of the most dangerous sports in the Winter Olympics,⁵⁶ that is stereotypically perceived as more masculine. The narrative of challenging male hegemony is another manifestation of feminism in Gu’s self-presentation. During her Beijing 2022 press conference, Gu commented on how she perceives her participation such sport:

⁵⁰ BRANCH. Eileen Gu Is Trying to Soar Over the Geopolitical Divide.

⁵¹ EILEEN GU (@青蛙公主爱凌).

⁵² PELLIS. *Risk-taker Eileen Gu makes China an Olympic force on snow.*

⁵³ EILEEN GU (@eileen_gu_). “I got published in the @nytimes!!!”.

⁵⁴ EILEEN GU (@eileen_gu_). “Olympic lookbook thus far with special appreciation for my mom...”.

⁵⁵ EILEEN GU (@eileen_gu_). “I was ‘coaching’ a small Chinese trampoline summer camp in Beijing...”.

⁵⁶ SOLIGARD ET AL. Sports injury and illness incidence in the PyeongChang 2018 Olympic Winter Games.

Extreme sports, we all know, are heavily dominated by men and stereotypically it has not had the kind of representation and sporting equity that it should. So I think that as a young biracial woman, it is super important to be able to reach those milestones and to be able to push boundaries, not only my own boundaries but those of the sport and those of the record books because that's what paves the paths for the next generations of girls.⁵⁷

Previous studies have shown that challenging 'traditional male concepts of sport' can lead to athletes' empowerment, self-discovery and progress.⁵⁸ During the conference, Gu was repeatedly asked by media representatives about her citizenship, but Gu made her mission at the Olympics clear: "We are all out here together, pushing the sport together, especially women's skiing." She further recognised the power her public prominence gave her: "I am using my voice to create as much positive change as I can." Although Gu has addressed the gendered challenges in her sport, media inquiries have predominantly centred on her citizenship and, at best, her success. This mirrors the postfeminist media culture that neglects the underlying structural barriers and the broader systemic challenges faced by women in sports.⁵⁹

VULNERABILITY AND ONLINE VIOLENCE AGAINST WOMEN

To be successful online, female athletes are expected to market their glamorous sports lifestyle and conform to the expectations of what a female athlete should look like.⁶⁰ However, against this rationale, some athletes choose to portray a more realistic aspect of Olympic participation, highlighting instances of sexism and discrimination they encounter in their sport or the broader sports community, and using their platforms to amplify the voices of other women and demand change. Yet, these athletes still experience great popularity on social media.

Mikaela Shiffrin, three-times Olympic medallist in alpine skiing, was a favourite for another gold in Beijing. Before the 2022 Olympics, Shiffrin was portrayed as an athlete who is in control of her performance. The Olympics shared

⁵⁷ EILEEN GU (@eileen_gu_). "I was 'coaching' a small Chinese trampoline summer camp in Beijing...".

⁵⁸ CRONAN; SCOTT. Triathlon and Women's Narratives of Bodies and Sport.

⁵⁹ GILL. Post-postfeminism?: new feminist visibilities in postfeminist times.

⁶⁰ TOFFOLETTI; THORPE. The athletic labour of femininity.

Shiffrin's quote: "You need to find the mentality to perform at your best".⁶¹ However, Shiffrin failed to meet the medal expectations and did not finish her two main disciplines (slalom and giant slalom). Shiffrin was open about her "epic underperformance"⁶² and on her Instagram, she stated:

The girl who failed...could also fly. It's wonderful to train and compete alongside all of these courageous and incredible women, who have overcome so much in their life, just to get here. But being here can really hurt too. There's a lot of disappointment and heartbreak going around in the finish area, but there's also a lot of support. [...] It's a lot to digest in just one event...let alone the whole rollercoaster ride of an entire Olympics.⁶³

Not only must Shiffrin's Olympic experience have been difficult, but during the Games, she also became a target of virtual hate. On her social media, she shared messages she received calling her 'a disgrace', 'dumb bitch', or 'loser'.⁶⁴ Major events such as the Olympics are for most athletes a high-pressure and stressful experience. Social media often offer them an escape, relaxation and positive reinforcement.⁶⁵ However, social media can be both empowering and oppressive; they can provide a platform for aggression, harassment, and marginalization.⁶⁶ While social media have shown to be beneficial to athletes in many ways, it is also clear that with more interactivity comes the possibility of exploitation and abuse.⁶⁷ This is especially concerning since social media have become a place of falsely perceived proximity, freedom of expression, and stronger influence, which creates an 'ideal' environment for abuse. While online abuse is widespread across all sports and athletes as well as coaches, officials, and other stakeholders have all been the targets,⁶⁸ female athletes are the most vulnerable group.⁶⁹

Speaking up against violence and injustice against women, like Shiffrin did, is a fundamental feminist value that has historically led to societal and legislative

⁶¹ ATHLETE365 (@athlete365). It's the biggest sporting stage on earth.

⁶² OLYMPICS.COM. Mikaela Shiffrin wanted to 'melt off the face of the earth' at Beijing 2022.

⁶³ MIKAELA SHIFFRIN (@mikaelashiffrin). "The girl who failed...".

⁶⁴ MIKAELA SHIFFRIN (@mikaelashiffrin). Twitter.

⁶⁵ HAYES ET AL. An exploration of the distractions inherent to social media use among athletes.

⁶⁶ LITCHFIELD ET AL. Social media and the politics of gender, race and identity: The case of Serena Williams.

⁶⁷ KAVANAGH ET AL. Virtual technologies as tools of maltreatment.

⁶⁸ KAVANAGH ET AL. Towards typologies of virtual maltreatment.

⁶⁹ OSBORNE ET AL. Freedom for Expression or a Space of Oppression?.

changes as well as the empowerment of other survivors to speak up. Shiffrin's testimonial elicited a response from several other female athletes. For example, multiple Olympic medallist Simone Biles commented on Shiffrin's post: "I know this all too well. I'm sorry you're experiencing this! people suck..."⁷⁰ At the same time, the hostile environment that female athletes can experience online forced some to leave social media altogether. For example, the gold medallist in alpine skiing, Lara Gut-Behrami, decided to be completely absent from social media after being insulted on her Instagram. The increasing number of athletes speaking out about online and offline violence and the rise of a collective voice in response to the dangers of online spaces is alarming and necessitates further attention in academic literature.

DISRUPTION OF JOURNALISTIC PRACTICES

Despite some improvements, female athletes remain underrepresented, sexualized, and portrayed ambivalently in sports media coverage.⁷¹ However, the accessibility of the internet and the widespread use of social media provide a space for the disruption of such journalistic practices. The ubiquitous narrative of sportswomen's empowerment is demonstrated in a quote from Austrian Snowboarder and twice Olympic Gold medallist, Anna Gasser: "Women are here, women are hungry, and they are not holding back anymore".⁷² Not only are they *here*, but they are not afraid to be themselves and call out journalists who do not portray them respectfully. Swedish journalist Tomas Petterson expressed suspicion that Russian cross-country skier Veronika Stepanova cheated on her way to a bronze medal in Beijing.⁷³ It didn't take long before Stepanova responded on her Instagram with a provocative picture of herself leaning towards the camera suggesting that Petterson "check in her undies": "I have a suggestion, Tomas why don't you demand to do a check in my undies [...]. That headline surely would sell better, don't you think?!".⁷⁴

⁷⁰ MIKAELA SHIFFRIN (@mikaelashiffrin). Twitter.

⁷¹ FINK. Female athletes, women's sport, and the sport media commercial complex; GRABMÜLLEROVÁ; NÆSS. Gender equality, sport media and the Olympics, 1984-2018.

⁷² BUSBEE. The story of the 2022 Beijing Olympics.

⁷³ PETTERSON. Varför känns det som vi kan ha blivit lurade?.

⁷⁴ VERONIKA STEPANOVA (@stepanova_nika01). Комментарию шведской.

She was not the only one who expressed dissatisfaction about her portrayal in the news. Fellow cross-country skier, American gold medallist Jessie Diggins, called out *New York Times* journalist Matthew Futterman who wrote: “In a sport that has so many women with massive shoulders and thighs, Diggins looks like a sprite in her racing suit, and it’s not clear exactly where she gets her power”.⁷⁵

Diggins, who previously suffered from an eating disorder,⁷⁶ objected to the article on her Instagram:

[...] I was only able to get to those start lines because I am healthy, happy and have a loving and supportive team around me. [...] The New York Times article that compared my body to the incredible women around me was harmful in many ways. So I want to be clear on this: as coaches, parents, teammates and friends, please, please do not comment on someone else’s body, shape and size. Let’s keep the focus on the things that really matter – being a great teammate, mental strength, competing clean, training with purpose and racing with guts.⁷⁷

Sexism in sports media has evolved, now implying that female athletes must independently ensure they receive fair and accurate coverage.⁷⁸ Instances of sexist portrayal, ambivalence, or a lack of coverage are often framed as issues for female athletes to address themselves. Some athletes, like Stepanova and Diggins, have actively challenged what they perceive as unfair or improper coverage. Their opposition to such portrayals has itself become newsworthy, garnering attention in the news media.⁷⁹

REFLECTION ON THE DATA

Traditionally, female Olympians have used social media to share their sporting achievements, personal lives, and emotions,⁸⁰ while often not highlighting the hard work and struggles that accompany them.⁸¹ The current landscape has shifted, with

⁷⁵ FUTTERMAN. Jessie Diggins wins bronze in the individual sprint, her second Olympic medal.

⁷⁶ DIGGINS; SMITH. *Brave Enough*.

⁷⁷ JESSIE DIGGINS (@jessiediggins). “Working on a blog post about the Games [...]”

⁷⁸ TOFFOLETTI. Analyzing Media Representations of Sportswomen.

⁷⁹ FOSSEN. Stepanova holder; PERKINS. New York Times ignites backlash from female athletes.

⁸⁰ E.g. LEBEL; DANYLCHUK. How Tweet It Is; PEGORARO. Look Who’s Talking; GEURIN. Elite Female Athletes’ Perceptions of New Media Use Relating to Their Careers; THORPE; TOFFOLETTI; BRUCE. Sportswomen and Social Media.

⁸¹ TOFFOLETTI; THORPE. ‘Female athletes’ self-representation on social media.

sportswomen in this study candidly sharing both the triumphs and tribulations of their Olympic journeys. They provide a holistic view of their experiences, from showcasing their fashionable outfits to addressing online abuse. While scholars have advised caution in what athletes share online to protect their professional image⁸² and emphasized the need for PR knowledge and professional conduct,⁸³ these recommendations seem to underestimate the deliberate and independent actions of athletes on social media.⁸⁴ As exemplified by Jutta Leerdam, there are indeed conscious decisions and strategies behind their social media personas. Leerdam herself has acknowledged crafting her online image with intentionality, as revealed in her interview with *RTL Nieuws*: “I don't always show real life on Insta, why should I?” This indicates that the authenticity audiences feel when following their favourite athletes is often the result of a strategic and self-aware approach.

The digital era, especially social media, has emerged as a double-edged sword: it empowers (sports)women to dictate their narratives, yet it also burdens them with the management of their public persona. The obligation to maintain an active social media presence can be a distraction,⁸⁵ as well as a source of stress and significant time investment.⁸⁶ Therefore, it can be inferred that athletes who amass significant followings do so with targeted intent. After long being side-lined by mainstream media, social media have offered them a means to 'own' their media representation and reap economic benefits. Moreover, the portrayal of strong, independent, and inspiring women has been echoed in news media, reflecting a postfeminist media trend that celebrates individual achievement but may neglect the structural obstacles faced by women in sports.

The attention sportswomen receive during the Olympics not only helps them to build a social media audience but also empowers them to challenge traditional media narratives and share their perspectives on specific issues.⁸⁷ Lebel and Danylchuk suggest that this shift “acts as strong evidence of the power collapse

⁸² GEURIN-EAGLEMAN; BURCH. Communicating via photographs.

⁸³ LEBEL; DANYLCHUK. How Tweet It Is.

⁸⁴ GEURIN. How Tweet It Is.

⁸⁵ HAYES ET AL. An exploration of the distractions inherent to social media use among athletes.

⁸⁶ POCOCK; SKEY. “You feel a need to inspire and be active on these sites otherwise”.

⁸⁷ KANE ET AL. Exploring Elite Female Athletes' Interpretations of Sport Media Images.

occurring in a once-omnipotent institution” and illustrates “the influence the online platform holds to affect social change”.⁸⁸ Athletes like Shiffrin, Diggins, and Gu have used the visibility provided by the Olympics to amplify their (feminist) voices and address pressing social concerns, contributing to the cause of social change. By sharing their personal stories, they serve as an empowering source of inspiration and motivation for others facing similar challenges. This resurgence in feminist activism is a beacon of hope, yet it unfolds in a context characterized by heightened misogyny and the co-optation of feminist ideals by neoliberal forces, underscoring the persistent importance and flexibility of feminist thought in today's society.

CONCLUSION

This article has contributed to the field by offering a conceptual framework for understanding how stories about female athletes can be told differently. By linking a core principle of Olympism with feminist theorization, alongside empirical data drawn from female athletes' self-presentation across various media platforms, this study challenges traditional sports media studies that often focus on a single source of data.⁸⁹ By examining athletes' portrayals across multiple media, it becomes evident that a holistic analysis is necessary to fully grasp the complexity of women's representation in sport. As demonstrated in this study, the cross-examination of diverse sources provides a more nuanced understanding and challenges the “almost obligatory recitation” of discrimination in sports media.⁹⁰

However, this research also reveals the tension between empowerment and the continuing societal expectations placed on women in sport, particularly concerning their physical appearance, body work, and commodification of their identities. The rise of social media has indeed allowed female athletes to present themselves on their own terms, but this autonomy is often tempered by postfeminist expectations that align empowerment with consumerism and body image. In this way, the digital spaces that promise freedom and empowerment also operate within the

⁸⁸ LEBEL; DANYLCHUK. *How Tweet It Is*, p. 477.

⁸⁹ ANTUNOVIC; WHITESIDE. *Feminist Sports Media Studies*.

⁹⁰ BRUCE. *New Rules for New Times*, p. 367.

neoliberal framework that pressures women to conform to market-driven ideals. These contradictions reveal the complex nature of feminist thinking in sport, where empowerment is not a straightforward path but one that involves negotiating various, sometimes conflicting, demands.

The limitations of this study, particularly its focus on the Winter Olympics and athletes from the northern hemisphere, suggest the need for further research that takes a more global and cross-cultural approach to the representation of female athletes. Future studies could explore the diverse experiences of athletes from different regions, offering a broader understanding of how gender and cultural contexts intersect in the media representation of women in sport. Additionally, engaging directly with athletes through interviews would provide a deeper insight into their experiences of using social media to craft their identities, allowing for a richer understanding of both the benefits and challenges they face in these digital spaces.

Ultimately, this article highlights the need for a critical perspective on the role of women in sport, not only in terms of their visibility and representation but also in examining the societal forces that continue to shape those representations. The intersection of Olympism, feminism, and media presents a powerful space for contesting and reshaping narratives around gender, performance, and power in sport. The ongoing exploration of these dynamics will be essential for creating more inclusive, diverse, and empowering representations of women in sports media.

* * *

REFERENCES

ANTUNOVIC, D. Social Media, Digital Technology and Sport Media. In: **Sport, Social Media, and Digital Technology: Sociological Approaches**. Emerald Group Publishing, 2022.

ANTUNOVIC, D.; WHITESIDE, E. Feminist Sports Media Studies: State of the Field. In: HARP, D.; LOKE, J.; BACHMANN, I. (Org.). **Feminist Approaches to Media Theory and Research**, Springer International Publishing, p. 111-30, 2018.

ATHLETE365 (@ATHLETE365). “It’s the biggest sporting stage on earth. Nerves are normal! 😊 Even two-time Olympic gold medallist @mikaelashiffrin used to struggle with...”, 2022a. Instagram. <https://www.instagram.com/p/CZp00jvI72x/>.

ATHLETE365 (@ATHLETE365). 2022b. Instagram. <https://www.instagram.com/athlete365/>.

BANET-WEISER, S. **Empowered: Popular Feminism and Popular Misogyny** (illustrated edition). Duke University Press Books, 2018.

BANET-WEISER, S. Keynote Address: Media, Markets, Gender: Economies of Visibility in a Neoliberal Moment. **The Communication Review**, 18 (1), p. 53-70, 2015.

BRANCH, J. Eileen Gu Is Trying to Soar Over the Geopolitical Divide. *The New York Times*, 2022.

BRUCE, T. New Rules for New Times: Sportswomen and Media Representation in the Third Wave. **Sex Roles**, 74 (7), p. 361-76, 2016.

BRUCE, T.; HARDIN, M. Reclaiming our voices: Sportswomen and social media. In: **Routledge Handbook of Sport and New Media**. Routledge, 2014.

BUSBEE, J. The story of the 2022 Beijing Olympics. **Yahoo!Sports**, 2022.

COCCA, C. Negotiating the third wave of feminism in Wonder Woman. **Political Science & Politics**, 47, p. 98-103, 2014.

COOKY, C.; ANTUNOVIC, D. “This Isn’t Just About Us”: Articulations of Feminism in Media Narratives of Athlete Activism. **Communication & Sport**, 8, p. 692-711, 2020.

CRONAN, M. K.; SCOTT, D. Triathlon and Women’s Narratives of Bodies and Sport. **Leisure Sciences**, 30 (1), p. 17-34, 2008.

DIGGINS, J.; SMITH, T. **Brave Enough**. Univ Of Minnesota Press, 2021.

EILEEN GU (@eileen_gu_). “I GOT PUBLISHED IN THE @nytimes !!!” I’ve been writing for as long as I can remember, and one of my biggest dreams has always been to share...”, 2022a. Instagram. <https://www.instagram.com/p/CZekPnwryj6>.

EILEEN GU (@eileen_gu_). “I was ‘coaching’ a small Chinese trampoline summer camp in Beijing when we all gathered in front of the TV to watch the olympic 2022 bid...”, 2022b. Instagram. <https://www.instagram.com/p/CZgM1XJgIYI/>.

EILEEN GU (@eileen_gu_). “Olympic lookbook thus far with special appreciation for my mom & the super sweet course volunteers 🥰 #beijing2022 #winterolympics...”, 2022c. Instagram. <https://www.instagram.com/p/CZj6BM9L1Mi/>

EILEEN GU (@青蛙公主爱凌). (2022). @青蛙公主爱凌 的个人主页—微博. Weibo.

FINK, J. S. Female athletes, women’s sport, and the sport media commercial complex: Have we really “come a long way, baby”? **Sport Management Review**, 18, p. 331-42, 2015.

FINK, J.; KANE, M.; LAVOI, N. M. **The freedom to choose: Elite female athletes’ preferred representations within endorsement opportunities**, 2014.

FOSSEN, D. Stepanova holder ikke tilbake når hun svarer på kritikken fra den svenske kommentatoren. **Abcnyheter**, 2022.

FUTTERMAN, M. Jessie Diggins wins bronze in the individual sprint, her second Olympic medal. **The New York Times**, 2022.

GEURIN, A. N. Elite Female Athletes' Perceptions of New Media Use Relating to Their Careers: A Qualitative Analysis. **Journal of Sport Management**, 31(4), p. 345-59, 2017.

GEURIN, A. N.; Naraine, M. L. 20 years of Olympic media research: Trends and future directions. **Frontiers in Sports and Active Living**, 2, 2020.

GEURIN-EAGLEMAN, A. N.; BURCH, L. M. Communicating via photographs: A gendered analysis of Olympic athletes' visual self-presentation on Instagram. **Sport Management Review**, 19 (2), p. 133-45, 2016.

GILL, R. Critical respect: The difficulties and dilemmas of agency and 'choice' for feminism: A reply to Duits and van Zoonen. **European Journal of Women's Studies**, 14 (1), p. 69-80, 2007b.

GILL, R. Empowerment/sexism: Figuring female sexual agency in contemporary advertising. **Feminism & Psychology**, 18 (1), p. 35-60, 2008.

GILL, R. Postfeminist media culture: Elements of a sensibility. **European Journal of Cultural Studies**, 10 (2), p. 147-66, 2007a.

GILL, R. Post-postfeminism?: new feminist visibilities in postfeminist times. **Feminist media studies**, 16 (4), p. 610-30, 2016.

GRABMÜLLEROVÁ, A.; NÆSS, H. E. Gender equality, sport media and the Olympics, 1984-2018: An overview. In: **The Routledge Handbook of Gender Politics in Sport and PA**. Routledge, 2022.

HAYES, M.; FILO, K.; GEURIN, A.; RIOT, C. An exploration of the distractions inherent to social media use among athletes. **Sport Management Review**, 23(5), p. 852-68, 2020.

HEINECKEN, D. 'So Tight in the Thighs, So Loose in the Waist': Embodying the female athlete online. **Feminist Media Studies**, 15 (6), p. 1035-52, 2015.

HEYWOOD, L.; DWORKIN, S. **Built to win**: The female athlete as cultural icon. University of Minnesota Press, 2003.

IOC (@Olympics). "Not all heroes wear capes 🦸 In addition to making history as Ireland's first luge Olympian, she is also a front line worker during the...", 2022. Instagram. <https://www.instagram.com/p/CZwyl1rz5B/>

IOC. Jutta Leerdam's Olympic silver brings joy to huge social media following. **Olympics.Com**, 2022.

IOC. **Olympic Charter**. International Olympic Committee, 2023.

JEFFREY, A. Serving equality: feminism, media, and women's sports: by Cheryl Cooky and Dunja Antunovic. **European Journal for Sport and Society**, 19 (4), p. 388-92, 2022.

JESSIE DIGGINS (@jessiediggins). "Working on a blog post about the Games that I might (someday) finish. But for now, I wanted to address the most important takeaway for me...", 2022. Instagram. <https://www.instagram.com/p/Ca0HRC3uO35>.

KANE, M. J.; LAVOI, N. M.; FINK, J. S. Exploring Elite Female Athletes' Interpretations of Sport Media Images: A Window Into the Construction of Social Identity and "Selling Sex" in Women's Sports. **Communication & Sport**, 1 (3), p. 269-98, 2013.

KAVANAGH, E.; JONES, I.; SHEPPARD-MARKS, L. Towards typologies of virtual maltreatment: Sport, digital cultures & dark leisure. **Leisure Studies**, 35 (6), p. 783-96, 2016.

KAVANAGH, E.; LITCHFIELD, C.; OSBORNE, J. Virtual technologies as tools of maltreatment: Safeguarding in digital spaces. In: **Routledge Handbook of Athlete Welfare**. Routledge, 2020.

KERNS, C. C. **A Postfeminist Multimodal Discourse Analysis of Red Bull Sponsored Female Action Sports Athletes' Digital Media Representation**. Doctoral Dissertations, 2021.

LEBEL, K.; DANYLCHUK, K. How Tweet It Is: A Gendered Analysis of Professional Tennis Players' Self-Presentation on Twitter. **International Journal of Sport Communication**, 5 (4), p. 461-80, 2012.

LITCHFIELD, C.; KAVANAGH, E.; OSBORNE, J. Social media and the politics of gender, race and identity: The case of Serena Williams. **European Journal for Sport and Society**, 15 (2), p. 154-170, 2018.

MACARTHUR, P. J.; ANGELINI, J. R.; BILLINGS, A. C.; SMITH, L. R. The dwindling Winter Olympic divide between male and female athletes: The NBC broadcast network's primetime coverage of the 2014 Sochi Olympic Games. **Sport in Society**, 19 (10), p. 1556-72, 2016.

MIKAELA SHIFFRIN (@MikaelaShiffrin), 2022b. Twitter. <https://twitter.com/MikaelaShiffrin/status/1494296846105120770>.

MIKAELA SHIFFRIN (@mikaelashiffrin). (2022). "The girl who failed... could also fly. It's wonderful to train and compete alongside all of these courageous and incredible women, who have...". Instagram. <https://www.instagram.com/p/CZ1o2aHjyDH/?hl=en>.

OLYMPICS.COM. Mikaela Shiffrin wanted to 'melt off the face of the earth' at Beijing 2022. **Olympics.Com**, 2022.

OSBORNE, J.; KAVANAGH, E.; LITCHFIELD, C. Freedom for Expression or a Space of Oppression? Social Media and the Female @thlete. In: **The Professionalisation of Women's Sport**. Emerald Studies in Sport and Gender, 2021.

PEGORARO, A. Look Who's Talking – Athletes on Twitter: A Case Study. **International Journal of Sport Communication**, 3 (4), p. 501-14, 2010.

PELLS, E. **Risk-taker Eileen Gu makes China an Olympic force on snow**. AP, 2022.

PERKINS, R. New York Times ignites backlash from female athletes over article's language about cross country ski star Jessie Diggins' body. **Anchorage Daily News**, 2022.

PETTERSON, T. Varför känns det som vi kan ha blivit lurade?, 2022.

POCOCK, M.; SKEY, M. “You feel a need to inspire and be active on these sites otherwise.... people won’t remember your name”: Elite female athletes and the need to maintain ‘appropriate distance’ in navigating online gendered space, 2022.

SAMPLONIUS, L. VOORTMAN, M. Jutta Leerdam hot op Instagram: ‘Meer dan 2 miljoen volgers, bizar idee’. **RTL Nieuws**, 2022.

SMITH, L. R.; SANDERSON, J. I’m Going to Instagram It! An Analysis of Athlete Self-Presentation on Instagram. **Journal of Broadcasting & Electronic Media**, 59 (2), p. 342-58, 2015.

SOLIGARD, T.; PALMER, D.; STEFFEN, K.; LOPES, A. D.; GRANT, M. E.; KIM, D.; LEE, S. Y.; SALMINA, N.; TORESDAHL, B. G.; CHANG, J. Y.; BUDGETT, R.; ENGBRETSSEN, L. Sports injury and illness incidence in the PyeongChang 2018 Olympic Winter Games: A prospective study of 2914 athletes from 92 countries. **British Journal of Sports Medicine**, 53 (17), p. 1085-92, 2019.

THORPE, H.; TOFFOLETTI, K.; BRUCE, T. Sportswomen and Social Media: Bringing Third-Wave Feminism, Postfeminism, and Neoliberal Feminism Into Conversation. **Journal of Sport and Social Issues**, 41 (5), p. 359-83, 2017.

TOFFOLETTI, K. Analyzing Media Representations of Sportswomen-Expanding the Conceptual Boundaries Using a Postfeminist Sensibility. **Sociology of Sport Journal**, 33 (3), p. 199-207, 2016.

TOFFOLETTI, K.; THORPE, H. ‘Female athletes’ self-representation on social media: A feminist analysis of neoliberal marketing strategies in “economies of visibility”. **Feminism & Psychology**, 28 (1), p. 11-31, 2018a.

TOFFOLETTI, K.; THORPE, H. The athletic labour of femininity: The branding and consumption of global celebrity sportswomen on Instagram. **Journal of Consumer Culture**, 18 (2), p. 298-316, 2018b.

VERONIKA STEPANOVA (@stepanova_nika01). “Комментатору шведской газеты @expressen Томасу Петтерссону / Tomas Pettersson чудится запрещённый (в Европе) фтор С8 на наших эстафетных ...”, 2022. Instagram. https://www.instagram.com/p/CZ9YH3-s_re/.

* * *

Recebido em: 30 jul. 2025.
Aprovado em: 19 ago. 2025.

¿Una nueva era en el olimpismo? Un análisis de París 2024 a través de los medios

A new era in Olympism? An analysis of Paris 2024 through the media

Uma nova era no olimpismo? Uma análise de Paris 2024 através dos media

Joaquín Marín Montín

Universidad de Sevilla, Sevilla, España
Doctor en Comunicación, Universidad de Sevilla
jmontin@us.es

RESUMEN: París ha sido escenario de los Juegos Olímpicos por tercera vez en la historia, cuya designación fue resultado de una modificación en el sistema de elección de las sedes candidatas. Este artículo tiene como principal objetivo examinar aspectos clave sobre París 2024 para obtener nuevos elementos de interpretación. Para ello, se analizan cinco ejes temáticos: la elección de la sede, la cuestión del cambio climático, la influencia de los conflictos bélicos, la paridad de género de atletas participantes y los aspectos organizativos. Metodológicamente se ha combinado la consulta de referencias académicas con el análisis de noticias procedentes de medios digitales españoles. Las conclusiones del trabajo revelan escepticismo sobre el coste real del megaevento relacionado con el transporte, la seguridad y la salud. Hay un avance importante en la participación de atletas en cuanto a género aunque sin llegar a ser total. Por último, el *breaking* ha sido la nueva modalidad olímpica pero acompañada de polémica sobre su consideración como deporte.

PALABRAS CLAVE: Juegos Olímpicos; Medios; Cambio climático; Conflictos bélicos; Género; *Breaking*.

ABSTRACT: Paris hosted the Olympic Games for the third time in history, whose designation resulted from a change in the system for the election of candidates host cities. The main purpose of this article is to examine key aspects of Paris 2024 to have new elements of interpretation. To do this, five thematic axes are analyzed: the choice of the Olympic venue, the issue of climate change, the influence of war conflicts, gender parity of participating athletes and organizational aspects. The methodology applied combines the consultation of academic references with the analyses of a compilation of news from Spanish digital media. The findings of this study reveal skepticism about the real cost of the mega-event related to transportation, safety and health. There is an important advance in the participation of athletes in terms of gender, although it is not total. Finally, *breaking* has been the new Olympic sport, but with controversy over its consideration as a sport.

KEYWORDS: Olympic Games; Media; Climate; War; Gender; *Breaking*.

RESUMO: Paris acolheu os Jogos Olímpicos pela terceira vez na história e a sua escolha foi resultado de modificações no sistema de eleição das sedes candidatas. Este artigo tem como principal objetivo examinar aspetos-chave sobre Paris 2024, para obter novos elementos de interpretação. Assim, são analisados cinco eixos temáticos: a eleição da sede olímpica, as mudanças climáticas, a influência dos conflitos bélicos, a paridade de género dos participantes e os aspetos organizativos. Metodologicamente combinou a consulta de referências académicas com a análise de notícias oriundas de meios digitais espanhóis. As conclusões deste estudo revelam ceticismo sobre o custo real do megaevento, relacionado com o transporte, a segurança e a saúde. Existe um avanço importante na participação de atletas enquanto ao género, mas sem alcançar a totalidade. Por fim, o *breaking* é a nova modalidade olímpica, mas acompanhada da polémica sobre o seu entendimento como desporto.

PALAVRAS-CHAVE: Jogos Olímpicos; Media; Clima; Guerra; Género; *Breaking*.

INTRODUCCIÓN

A través de los megaeventos deportivos, las ciudades y países suelen impulsar transformaciones clave en sus estructuras urbanas, económicas o sociales, así como en su propia imagen.¹ Acoger los Juegos Olímpicos supone mucho más que la celebración de las mejores competiciones deportivas, ya que la revolución digital amplifica su impacto global.² Se trata de un acontecimiento que suscita la atención mundial y constituye un momento excepcional en el que el país anfitrión se (re)presenta al mundo.³ De esta forma, los Juegos de la XXXIII Olimpiada se celebraron en París durante el verano de 2024, un siglo después de haber sido anfitriona en 1924 y anteriormente en 1900. La elección como sede olímpica de la capital francesa fue resultado de una modificación del sistema de votación en el Comité Olímpico Internacional (COI), abriendo una nueva etapa para evitar sobrecostos desproporcionados, considerando que estos reúnen numerosos proyectos de infraestructura planificados, financiados y supervisados por diversos organismos públicos y privados.⁴

Este artículo tiene como principal objetivo examinar aspectos clave sobre París 2024 que permitan obtener nuevos elementos de interpretación sobre los Juegos Olímpicos desde la óptica de los medios españoles. Para ello, se analizan cinco ejes temáticos: la elección de la sede, la cuestión del cambio climático, la influencia de los conflictos bélicos, la paridad de género de atletas participantes y los aspectos organizativos del megaevento. Para su elaboración, se ha combinado la consulta de referencias académicas con el análisis de una recopilación de noticias en medios digitales españoles procedentes de *El País*, *El Español*, *La Vanguardia*, *Marca*, *As*, *Mundo Deportivo* y *RTVE* recogidas entre 2017 y 2024. Siguiendo el criterio temático referido, el artículo se estructura en los siguientes apartados: la designación de París como sede olímpica de 2024; los proyectos en la lucha contra el cambio climático; la incidencia y la repercusión en las guerras de Ucrania y Gaza; el avance de los Juegos Olímpicos en la igualdad de género; y finalmente las novedades en el programa olímpico y el debut del *breaking*.

¹ RADICCHI. Megaeventos deportivos y creación de valor para las economías anfitrionas.

² MARÍN-MONTÍN. The Olympic Games as a global media event.

³ MORAGAS; RIVENBURGH; LARSON. *Television and Olympics*.

⁴ PREUSS. Re-analysis, measurement and misperceptions of cost overruns at Olympic Games.

LA DESIGNACIÓN DE PARÍS 2024

A pesar de haber albergado los Juegos Olímpicos en 1900 y 1924, la capital francesa ha persistido en su intento de volver a ser sede durante los últimos 30 años, como lo demuestra su candidatura reiterada para las ediciones de 1992, 2008 y 2012, quedando en dos ocasiones muy cerca de lograrlo. Con motivo de la celebración del centenario de los últimos Juegos Olímpicos de verano en París y los de invierno en Chamonix, empujaría a la histórica ciudad europea a anunciar oficialmente su candidatura el 23 de junio de 2015 para los Juegos de 2024. Previamente en 2014, el COI en su 127 Sesión plenaria celebrada en Mónaco aprobó nuevas reglas para la elección de las futuras sedes olímpicas destacando entre sus requisitos la reducción de costes, el uso de instalaciones provisionales y la limitación a cuatro presentaciones públicas a realizar el mismo día de la votación de la sede.⁵ Según un estudio realizado correspondiente a las candidaturas olímpicas durante 1992-2020, las sedes ganadoras se caracterizaron por estar vinculadas a las economías con las mayores tasas de crecimiento del PIB a medio plazo u otros factores como contar con poblaciones urbanas más numerosas del país y haber albergado campeonatos mundiales.⁶

En este nuevo contexto, en mayo de 2017, a pocos meses de la elección de la sede olímpica de 2024, París se perfilaba como la principal favorita frente a Los Ángeles, tras la evaluación de ambas sedes durante tres días por los miembros de la Comisión del COI. Asimismo, en el encuentro de dicha comisión en París, se barajó la probabilidad de que en septiembre de ese año se decidiera la doble designación para los Juegos de 2024 y 2028 sin esperar otros cuatro años, aparándose en que ambas ciudades ya demostraron con éxito en dos ocasiones su legado olímpico.⁷ Meses después, se anunció un acuerdo entre las delegaciones de París y Los Ángeles con el COI para las citas de 2024 y 2028, anticipándose a la ratificación y designación oficial en la votación definitiva durante la reunión de septiembre en Lima.⁸ Así, con la elección de París 2024, se inició una nueva etapa marcada por

⁵ RTVE. El COI aprueba la posibilidad de que la sede de los JJOO ceda deportes...

⁶ MAENNIG; VIERHAUS. Winning the Olympic host city election.

⁷ LEMAÎTRE. París es la favorita para albergar los Juegos Olímpicos de 2024.

⁸ XIMÉNEZ DE SANDOVAL. París organizará los Juegos Olímpicos de 2024.

importantes cambios en la Carta Olímpica, tales como que “la sede ya no tendrá que ser designada siete años antes; la candidatura puede estar formada de varias ciudades, regiones o países; la Comisión de Evaluación se convierte en una Comisión de Sedes Futuras; se dará preferencia a las aspirantes con instalaciones construidas o legados sostenibles...”.⁹

Así, la capital francesa fue elegida para albergar los XXXIII Juegos Olímpicos de Verano mediante una decisión inédita del COI, que en su reunión del 13 de septiembre de 2017 en Lima (Perú) la designó por unanimidad, rompiendo con el sistema de votación tradicional vigente desde 1952. Hasta entonces, interpretar el sistema de votaciones del COI resultaba difícil debido a un electorado poco representativo y al voto secreto, además de la influencia ejercida por los delegados para presionar a las distintas candidaturas.¹⁰ En esa misma reunión de Lima se otorgó la sede de Juegos Olímpicos de 2028 a Los Ángeles. Y es que los escándalos en las votaciones y problemas organizativos en las citas anteriores de Rio 2016 y Tokio 2020 llevaron al COI a modificar las reglas para la elección de la ciudad sede, acordándose crear en 2019 una Comisión de Futuros Anfitriones de los Juegos cuya función es enviar informes al máximo organismo olímpico y recomendar una ciudad que haya mostrado interés en acoger los Juegos. El aumento de los costes locales, tanto directos como indirectos, para organizar y acoger los Juegos Olímpicos, junto con la creciente resistencia local a las ciudades candidatas, ha llevado al olimpismo a redefinir su modelo.¹¹

De este modo, estas nuevas condiciones estarían ligadas a una importante restricción presupuestaria, como respuesta a los excesivos sobrecostos de candidaturas y sedes olímpicas anteriores, que París buscaba evitar. Sin embargo, a medida que se acercaban los Juegos Olímpicos, estos cálculos dejaron de ser tan precisos al incorporar los gastos de transporte omitidos por la candidatura francesa, como la construcción del Grand Paris Express, que añadía nuevas líneas de metro y cuyo sobrecoste ya se estimaba en al menos un 10 por ciento.¹²

⁹ GUTIÉRREZ. El COI aprende la lección.

¹⁰ HORNE; WHANNEL. *Understanding the Olympics*.

¹¹ RICORDEL. The circular heritage model of Paris 2024.

¹² FAURE. *The impact of Paris 2024 on the construction of the Grand Paris Express*.

LUCHA CONTRA EL CAMBIO CLIMÁTICO

Las cuestiones medioambientales cada vez han ido ganando más peso en la organización de los Juegos Olímpicos y Paraolímpicos. Históricamente, ciudades como Los Ángeles, Seúl, Atlanta o Barcelona, para reducir la congestión del tráfico, incluyeron grandes inversiones al transporte público con el objetivo de facilitar movi-
lidades ‘limpias’ durante el evento. Sin embargo, ha sido especialmente desde los Juegos de 1992 cuando las sedes olímpicas se han comprometido con la cuestión de la calidad del aire, dado que suelen ubicarse en entornos de alta densidad po-
blacional y con intensas emisiones contaminantes.¹³ Asimismo, otras ciudades co-
mo Sídney, Atenas o Pekín, debido a los problemas de contaminación atmosférica, desarrollaron para sus Juegos programas específicos para abordar la calidad del
aire. En el caso de París, además de ser la sede del tratado internacional sobre el
cambio climático, adoptado en la capital francesa en diciembre de 2015, que es
jurídicamente vinculante para todos los países en cuanto a la reducción de emisio-
nes de gases de efecto invernadero, se buscaba también fomentar la inversión y la
innovación en energías limpias.¹⁴ Para los Juegos Olímpicos, uno de los objetivos
prioritarios era prevenir y reducir estas emisiones en un 50 por ciento en compa-
ración con las ediciones olímpicas anteriores.

A pesar del compromiso por parte del Comité organizador de París 2024 pa-
ra reducir las emisiones de CO₂ cumpliendo con el Acuerdo de París dentro del
marco de Naciones Unidas, el megaevento se ha celebrado durante los meses de
mayor riesgo de olas de calor y picos de contaminación atmosférica.¹⁵ De igual
forma, París aprobó en 2023 un plan urbanístico que tenía como objetivo crear 300
hectáreas adicionales de áreas verdes, no solo para reducir las emisiones de gases
de efecto invernadero, sino también para incrementar las zonas de sombra que
ayuden a mitigar el efecto del calor.¹⁶ De esta forma, se tuvieron en cuenta tanto las
olas de calor como la contaminación atmosférica generada durante los propios
Juegos Olímpicos y Paralímpicos, celebrados entre el 26 de julio y el 8 de septiem-

¹³ FORET ET AL. *Hosting the Olympic Games*.

¹⁴ RHODES. The 2015 Paris climate change conference.

¹⁵ BROCHEIRE ET AL. Climate and health challenges for Paris 2024 Olympics and Paralympics.

¹⁶ GONZÁLEZ. París adapta su plan urbanístico al cambio climático.

bre. Además de los 10.500 atletas olímpicos y 4.400 paralímpicos que pudieron beneficiarse de protocolos específicos de preparación para el calor, se deben añadir los 45.000 voluntarios y los millones de espectadores y visitantes, quienes no estaban suficientemente preparados ni informados sobre los riesgos asociados al calor.¹⁷ En este escenario, los medios de comunicación desempeñan un papel decisivo para proporcionar información sobre la calidad del aire, ya sea a través de la divulgación tanto de las campañas de prevención de vigilancia sanitaria como de las medidas establecidas para mejorar la seguridad tanto de deportistas como del público en general que acuden a los Juegos.

Los Juegos de París han representado, a su vez, un ejemplo de cómo la ciudad ha desarrollado un sistema de purificación del aire, puesto en marcha en la Villa Olímpica. Se trataba de un sistema que, además de purificar grandes volúmenes de aire con un bajo consumo energético, utilizaba la eficiencia energética para actuar como espacios de sombra e iluminación nocturna. A esto se añadía el funcionamiento automático de los aerofiltros, ajustándose a las condiciones meteorológicas, los niveles de contaminación atmosférica y el nivel de ocupación de la Villa Olímpica.¹⁸ Este sistema fue una de las principales novedades y apuestas más ambiciosas de París 2024: un sistema que prescindía del aire acondicionado en las habitaciones de los apartamentos, utilizando suelo radiante alimentado por una pequeña central de energía geotérmica, con el objetivo de evitar que la temperatura superara los 26°C.¹⁹

Otro de los proyectos más llamativos de París 2024 consistía en devolver al río Sena su aptitud para el baño a partir de 2025, teniendo en cuenta que, durante los Juegos, se celebrarán algunas competiciones en sus aguas (natación aguas abiertas y sector acuático de triatlón) en el mítico río.²⁰ Para ello, el gobierno francés invirtió unos 1.400 millones de euros en la limpieza del río Sena, para que llegara a tiempo para los Juegos. Incluso, como destacó *As* en una de sus noticias, el propio

¹⁷ BROCHEIRE; PASCAL; MILLET. Climate and health challenges for Paris 2024 Olympics and Paralympics.

¹⁸ ARCHIEXPO. *Paris 2024: Purifying the Air Surrounding the Village des Athlètes*.

¹⁹ MARTÍNEZ. *Las habitaciones de la villa de París 2024 generan dudas*.

²⁰ GONZÁLEZ. París adapta su plan urbanístico al cambio climático.

presidente Macron prometió “zambullirse y nadar en el emblemático río parisino”.²¹ Pero fueron muchas las dificultades, tras no superar numerosas pruebas de calidad del agua en el periodo previo a las Olimpiadas, si bien finalmente superó las normas establecidas por la Directiva europea sobre las aguas de baño el mes en que estaba previsto que comenzaran los Juegos.²² Sin embargo, la referida Directiva sólo se centraba en dos bacterias – E. Coli y enterococos – y no en las toxinas procedentes de pesticidas, productos farmacéuticos y otros tipos de contaminación química,²³ aspectos que no se tuvieron en cuenta a la hora de decidir si se permitía nadar en el Sena a los deportistas olímpicos o a los propios parisinos. Por si fuera poco, se sumó otro problema de salud pública: la inesperada llegada de una plaga de chinches en octubre de 2023, lo que requirió con urgencia un plan de acción.²⁴

LA INCIDENCIA Y LA REPERCUSIÓN EN LAS GUERRAS DE UCRANIA Y GAZA

A lo largo de la historia, especialmente a partir de la segunda mitad del siglo XX, los Juegos Olímpicos desempeñaron un papel importante en la Guerra Fría y formaron parte de los conflictos entre el bloque capitalista, el bloque socialista y los países del tercer mundo.²⁵ Asimismo, las citas olímpicas han facilitado la comunicación y la cooperación entre diferentes países en la era posterior a la Guerra Fría y han contribuido a la formación del nuevo orden mundial. Por otro lado, la Carta Olímpica simboliza el vínculo contemporáneo entre el olimpismo y la pacificación, al identificar la paz como uno de sus objetivos clave. Esto se refleja en su segundo principio fundamental, que establece la importancia de poner el deporte al servicio del desarrollo armonioso del ser humano, con el fin de promover una sociedad pacífica y comprometida con la preservación de la dignidad humana.²⁶

A nivel geopolítico, los conflictos bélicos en Ucrania, Gaza y otras partes del mundo han condicionado la cita olímpica de París 2024, que debería representar un gran encuentro pacífico a nivel mundial. En este complejo escenario internacio-

²¹ MOLERO. Macron promete hacerse un Palomares en el Sena antes de los Juegos.

²² BOYKOFF. Greenwash gold?: The Paris 2024 Olympics.

²³ BOYKOFF; ZIRIN. The toll of the Olympics on the environment.

²⁴ PAYÁ. París 2024 en alerta... por las chinches.

²⁵ ZHOUXIANG; HONG. Introduction.

²⁶ SPAAIJ. Olympic rings of peace?.

nal, el deporte no ha sido ajeno a las tensiones que afectan lo que debería ser un marco ideal para contribuir a la paz. En este sentido, la Asamblea General de las Naciones Unidas solicitó, a propuesta de Francia en noviembre de 2023, el respeto a la Tregua Olímpica. La resolución fue aprobada con 118 votos a favor, dos abstenciones y ninguno en contra. Si bien no constituye un tratado político, puede contribuir de manera simbólica a la promoción de la paz a través del deporte.²⁷ La tregua olímpica fue la base de los Juegos Olímpicos en la antigüedad, contribuyendo al desarrollo de una cultura global de paz.²⁸ Se trata de un acuerdo formalizado entre las naciones para deponer las armas y permitir que todas las personas viajaran hacia y desde los Juegos Olímpicos en condiciones de seguridad.

Con relación al conflicto en Ucrania, la invasión de Rusia iniciada el 24 de febrero de 2022 generó en el mundo del deporte una condena internacional liderada por el COI y secundada por la mayoría de las federaciones, que tomaron medidas para excluir al deporte ruso.²⁹ Veintidós meses después de la suspensión de los comités olímpicos de Rusia y Bielorrusia, el máximo organismo olímpico, en su junta ejecutiva, dio a conocer los requisitos para que los deportistas rusos y bielorrusos pudieran participar en París 2024, bajo el principio del respeto a los derechos humanos. Se trataba de seis condiciones: competir como atletas neutrales individuales; no contar los equipos con pasaporte ruso o bielorruso; denegar la participación a deportistas que apoyen activamente la guerra, así como a aquellos que formen parte del ejército o agencias de seguridad nacional; cumplir con todos los requisitos antidopaje; y prohibir la exhibición de ninguna bandera, himno o colores de Rusia o Bielorrusia en ninguna sede oficial.³⁰ De esta forma, se restringiría la participación de los deportistas rusos y bielorrusos clasificados para los Juegos de París a tener que hacerlo como AIN-Atletas Individuales Neutrales³¹ e impidiéndoles concurrir en el desfile de las delegaciones de la ceremonia de apertura.³²

En lo referente al conflicto bélico en Gaza, desencadenado por el ataque de Hamás desde la Franja de Gaza contra Israel el 7 de octubre de 2023, a pesar de su

²⁷ CUESTA. El COI permite competir a 11 deportistas rusos.

²⁸ BURLESON. The ancient Olympic Truce in modern-day peacekeeping.

²⁹ ARRIBAS. Todos los deportes se unen contra Rusia por su invasión de Ucrania.

³⁰ GARCÍA. El COI oficializa los criterios.

³¹ Individual Neutral Athletes.

³² ARRIBAS. Rusos y bielorrusos serán AIN.

impacto en la pérdida de vidas humanas, especialmente de niños, no tuvo un efecto directo en los Juegos Olímpicos de París 2024. Asimismo, el COI no emitió en ningún momento un pronunciamiento oficial sobre posibles sanciones a Israel, a pesar del llamamiento internacional de diversos colectivos para su exclusión. Y es que, frente a la implicación política del COI, castigando sin participar a deportistas de Rusia y Bielorrusia por la invasión de Ucrania, “evita criticar siquiera al Gobierno de Israel – país mártir en Múnich 72 – por la masacre de Gaza”.³³ En esta línea, el periódico *As* titulaba “¿Por qué Israel sí puede participar en los Juegos Olímpicos y Rusia no si los dos países están en guerra?”.³⁴ De este modo, la participación de Israel no estuvo en cuestión para el COI, a pesar de que algunas voces, como un grupo de diputados franceses, apelaron a que deportistas israelíes compitieran como neutrales o, al menos, bajo el himno y la bandera olímpica.³⁵ Además, el COI consideró que, a pesar del conflicto, los comités olímpicos de Israel y Palestina coexistían de forma pacífica. Sin embargo, desde Palestina y otros países se hicieron llamamientos para excluir a Israel de los Juegos Olímpicos de París,³⁶ considerando que tanto el COI como las principales organizaciones deportivas internacionales miraban hacia otro lado al no condenar las acciones de genocidio en Gaza.³⁷

EL AVANCE EN LA IGUALDAD DE GÉNERO

La participación de las mujeres en los Juegos Olímpicos ha evidenciado la falta de igualdad a lo largo de su historia. Su presencia ha crecido de manera lenta y progresiva: tras ser excluidas en la Primera Olimpiada de Atenas en 1896, comenzaron a competir en París 1900 con solo un 2,2 por ciento del total de atletas. Esta cifra aumentó ligeramente al 4,4 por ciento en los Juegos de 1924, nuevamente en la capital francesa.³⁸ No fue hasta Ámsterdam 1928 cuando su presencia en los Juegos Olímpicos comenzó a ser significativa, alcanzando casi el 10 por ciento de los de-

³³ GARCÍA. París 2024: el ‘break dance’ toma el relevo.

³⁴ ANDRÉS. Por qué Israel sí puede participar en los Juegos Olímpicos y Rusia no si los dos países están en guerra?.

³⁵ CARREÑO. El COI no sancionará a Israel.

³⁶ RIZZI. La sombra de la geopolítica se proyecta sobre los Juegos Olímpicos.

³⁷ JAVADI. Llamamiento para excluir a “Israel” de los Juegos Olímpicos de París 2024.

³⁸ MUÑOZ. Por fin la igualdad efectiva en los Juegos.

portistas.³⁹ Este crecimiento se consolidó en París 2024, los primeros Juegos Olímpicos en alcanzar la paridad de género, con una representación equitativa del 50-50 por ciento (5.250 mujeres y 5.250 hombres). Asimismo, en París 2024 se implementaron medidas para el bienestar de las mujeres y la conciliación familiar, algo que no se había sucedido en ediciones anteriores.⁴⁰ Sin embargo, aunque este logro es significativo para la igualdad de género, la investigadora Michelle Donnelly señala que aún no se han equiparado completamente las condiciones de participación entre hombres y mujeres.⁴¹

De igual forma, en París 2024, de un total de 32 deportes, 28 lograron plena igualdad de género, incluyendo disciplinas como el atletismo, el ciclismo y el boxeo.⁴² Sin embargo, a pesar de equilibrarse el número de participantes, de las 329 pruebas olímpicas disputadas en la capital francesa, 157 fueron masculinas y 152 femeninas, lo que resultó en una diferencia de cinco medallas menos para las mujeres.⁴³ Además, por primera vez en París 2024, los hombres compitieron en natación artística y las mujeres lo hicieron en una nueva categoría en boxeo.⁴⁴ En cuanto a las 20 pruebas restantes correspondieron a eventos mixtos, como la maratón de marcha por relevos. No obstante, la igualdad entre hombres y mujeres no se reflejó en París 2024 en cuanto a las entrenadoras, donde aún persiste una importante brecha de género. En los últimos años, la evolución en el porcentaje de participación de mujeres técnicas en los Juegos Olímpicos ha sido muy lenta: 10 por ciento en Vancouver 2010; 11 por ciento en Londres 2012 y Río 2016; 9 por ciento en Sochi 2014; y 13 por ciento en Tokio 2020.⁴⁵

Por primera vez, el calendario de competiciones programado por el COI para los Juegos Olímpicos permitió un mayor equilibrio de género, con el objetivo de que los medios de comunicación ofrecieran en París 2024 una cobertura más equitativa entre los eventos masculinos y femeninos.⁴⁶ De este modo, las pruebas mas-

³⁹ BELTRÁN. Juegos Olímpicos Londres 2012.

⁴⁰ GARCÍA. Los Juegos Olímpicos de París marcan un hito en la igualdad de género con nuevas medidas.

⁴¹ JARVIE; YUJUN. *Paris Olympics and Paralympics 2024*.

⁴² MARCA. Juegos Olímpicos de París 2024.

⁴³ RTVE. París 2024 serán los Juegos Olímpicos de la paridad total.

⁴⁴ JARVIE; YUJUN. *Paris Olympics and Paralympics 2024*.

⁴⁵ GIOVIO. Sin entrenadoras no hay paridad.

⁴⁶ MUÑOZ. Por fin la igualdad efectiva en los Juegos.

culinas y femeninas recibieron la misma cobertura televisiva durante los horarios de máxima audiencia.⁴⁷ Así, por ejemplo, las finales de las competiciones se alternaron para que tanto hombres como mujeres compitieran en disciplinas individuales y de equipo. Otro hecho destacable en París 2024 es que, por primera vez desde que el maratón femenino forma parte de los Juegos Olímpicos desde Los Ángeles 1984, fue la prueba que cerró el megaevento.

Otro avance significativo para fomentar la igualdad durante la cita olímpica en París 2024 fue la contratación, por parte del Olympic Broadcast Services (OBS), de más mujeres en puestos clave para la cobertura televisiva, radiofónica y digital del evento. Así, por ejemplo, OBS contrató a 35 mujeres comentaristas de un total de 92 puestos, lo que supuso un incremento del 80 por ciento respecto a Tokio 2020 y un 200 por ciento en comparación con Río 2016. De igual forma, en el International Broadcast Centre (IBC) de París 2024, se logró un reparto paritario del personal directivo entre hombres y mujeres, permitiendo que dos tercios de los puestos de coordinación en las retransmisiones fueran ocupados por mujeres. Además, se implementaron iniciativas para aumentar la representación femenina detrás de las cámaras y en puestos de comentaristas.⁴⁸

NOVEDADES Y EL DEBUT DEL *BREAKING*

A lo largo de la historia, el programa olímpico ha reunido competiciones de múltiples disciplinas deportivas, incorporando nuevas en cada edición o retirando otras, en algunos casos de forma temporal. De los nueve deportes presentes en los primeros Juegos Olímpicos de la era moderna, en Atenas 1896, la cifra ha ido en aumento hasta alcanzar los 32 que estuvieron presentes en París 2024. Entre las novedades, el kárate, el béisbol y el sóftbol quedaron fuera del programa olímpico en la capital francesa, mientras que el *breaking* debutó. Junto con el surf, la escalada y el skateboarding, esta disciplina representa una apuesta renovadora del COI para conectar mejor con la juventud,⁴⁹ cuyo interés en la principal cita deportiva del planeta parece haber disminuido. Además, se apostó por la inclusión de eventos como ciclismo, BMX

⁴⁷ MARTÍNEZ. Juegos Olímpicos y paridad de género.

⁴⁸ BYRNE. Olympic broadcasting.

⁴⁹ SÁNCHEZ HERRERO. Juegos de Tokio 2020.

freestyle y baloncesto 3x3.⁵⁰ La inclusión de nuevos deportes se ha producido a expensas de la reducción de eventos existentes que suelen decidirse tras muchos años, siendo la halterofilia y el boxeo los que han sufrido el mayor golpe en cifras.⁵¹ Asimismo, para los organizadores de los Juegos Olímpicos de París 2024, la elección de estas cuatro disciplinas busca otorgar al megaevento “una dimensión más urbana, más ligada al deporte de naturaleza y más artística”, como señaló Tony Estanguet durante la presentación oficial del logo de los Juegos.⁵²

Llama la atención cómo el *parkour*, una modalidad surgida a finales de los años 80 en los suburbios de París, que podría haber debutado en su país de origen como deporte olímpico, quedó fuera de estos Juegos debido a las discrepancias entre la Federación Internacional de Gimnasia y la organización Parkour Earth, que reclama su independencia de la gimnasia.⁵³ Previamente el *parkour* estuvo en el punto de mira del COI, incluyéndolo en una competición por invitación de los Juegos de la Juventud, por su vinculación a la ciudad anfitriona, atraer un público más joven, así como responder a las tendencias más amplias de urbanización.⁵⁴ Sin embargo, las divergencias entre la comunidad del *parkour* y la Federación Mundial de Gimnasia han retrasado de momento la incorporación de este deporte al programa olímpico.

En cuanto al *breakdance*, un baile callejero nacido como movimiento social en Nueva York dentro de la cultura hip-hop a finales de los 70,⁵⁵ se convirtió oficialmente en deporte olímpico el 7 de diciembre de 2020, cuando la Comisión Ejecutiva del COI aprobó el programa definitivo de París 2024. Rebautizado como *breaking*, esta modalidad inició su andadura con éxito en los Juegos Olímpicos de la Juventud de Buenos Aires 2018, donde marcó un punto de inflexión debido a su visibilidad mundial, la introducción de un sistema de evaluación objetivo para las batallas, el fortalecimiento de las instituciones de *breaking* y la inspiración que generó en una nueva generación.⁵⁶ Así, es una disciplina que combina danza, arte y música, alineada con el plan del COI para fomentar la inclusividad en el deporte y

⁵⁰ GARCÍA MARTÍNEZ. París 2024: el ‘break dance’ toma el relevo.

⁵¹ WHEATON; THORPE. *Action sports and the Olympic Games*.

⁵² EL PAÍS. París 2024 quiere que el ‘breakdance’.

⁵³ LUQUE. El COI analiza la inclusión del parkour en París 2024.

⁵⁴ WHEATON; THORPE. *Action sports and the Olympic Games*.

⁵⁵ GIOVIO. De bailar en el metro al Centro de Alto Rendimiento.

⁵⁶ LEREBOURG; GUIGNARD. From theory to practice: modeling performance in breaking.

su práctica fuera de los recintos deportivos tradicionales.⁵⁷ Sin embargo, la inclusión del *breaking* en el programa olímpico también generó controversia debido a los intereses comerciales de determinadas marcas, que influyen para que ciertos deportes logren ser olímpicos en detrimento de otros,⁵⁸ como ocurre con la firma Red Bull, principal patrocinador de las competiciones de *breaking*. Asimismo, dentro del entorno del *breaking* se generó un debate sobre si convertirlo en olímpico, con los requisitos de un deporte organizado, podría restarle creatividad y espontaneidad, que son su esencia fundamental.

Con todo ello, este nuevo deporte olímpico se estrenó en una de las sedes más icónicas de París 2024, la Plaza de la Concordia, donde compartió espacio con el ciclismo BMX, el skate y el baloncesto 3x3, disciplinas surgidas en las últimas décadas y relacionadas con la cultura callejera. Sin embargo, a pesar de su sonada incorporación al programa olímpico de 2024, el *breaking* no se incluirá en los próximos Juegos de Verano, que se llevarán a cabo en Los Ángeles 2028, a pesar de que Estados Unidos sea el origen de esta disciplina.

DISCUSIÓN Y CONCLUSIONES

Este artículo explora cómo París 2024 dio paso a una nueva era en el olimpismo, marcada especialmente por limitaciones financieras y geopolíticas, así como por el impacto de la pandemia y los conflictos bélicos entre Rusia y Ucrania, e Israel y Palestina.⁵⁹ A lo largo del texto se han abordado cinco cuestiones clave para comprender un primer balance del megaevento en la capital francesa, basándose en noticias recogidas de medios digitales españoles y complementadas con referencias académicas sobre el olimpismo.

La primera conclusión está vinculada con la cuestión inicial, planteada en el primer apartado del trabajo: ¿realmente redefinió la designación de París como sede olímpica de 2024 el modelo de candidaturas, anticipando su viabilidad y reducción de gastos? A pesar de las declaraciones de apertura y transparencia por parte de los comités organizadores, los costes de organización de unos Juegos

⁵⁷ PAYÁ. Revolución en París 2024: el breakdance deporte olímpico.

⁵⁸ CASTAÑEDA. Indignación en el deporte por la inclusión del breakdance en los JJOO.

⁵⁹ DELAPLACE; SHUT. Introduction.

Olímpicos siguen siendo objeto de diversas interpretaciones y, en la mayoría de los casos, de múltiples modificaciones.⁶⁰ Tal como reflejó el periódico *El País*, a pocas semanas del inicio de los Juegos, no había cifras claras sobre el coste real, más allá de la información proporcionada por el COI, que mencionaba la autofinanciación del evento y que los 4.400 millones de euros procedían del sector privado y de ingresos no detallados.⁶¹ Según recogía *Mundo Deportivo*, el presupuesto estimado por el Comité Organizador de París 2024 a finales de 2022 era de 3.900 millones de euros, incrementándose a 4.400 millones de euros a finales de 2023, lo que supuso un aumento del 12,8 por ciento, superando incluso la edición de Tokio 2020, cuyo presupuesto fue de 4.000 millones de euros.⁶² Asimismo, el proyecto del Grand Paris Express, cuya primera fase de la red se puso en marcha con los Juegos Olímpicos, supuso un coste de 38.000 millones de euros, frente a los 19.900 millones de euros previstos inicialmente.⁶³ Para conocer la repercusión económica definitiva de París 2024, aún tendrá que pasar tiempo. Aunque el Comité Organizador informó en un primer balance, en diciembre de 2024, de un beneficio total de 26,8 millones de euros,⁶⁴ ha sido inevitable superar el presupuesto inicialmente previsto.

La segunda conclusión de este trabajo se relaciona con las acciones implementadas para mitigar el cambio climático. París 2024 se enmarcó en la Agenda Olímpica 2020 como parte de la estrategia del COI para mejorar la sostenibilidad, la credibilidad y el atractivo juvenil de los Juegos, así como para responder a la oposición pública. Su objetivo era transformar radicalmente la organización del evento y adaptarla a los paradigmas sociales contemporáneos.⁶⁵ De ahí que desarrollara proyectos innovadores para promover las energías limpias y recuperar áreas contaminadas de la ciudad con motivo de los Juegos, pero los resultados no fueron los esperados. Así, por un lado, el sistema de refrigeración natural implementado en la Villa Olímpica se planteó como una alternativa al aire acondicionado gracias al diseño de los apartamentos “autoenfriables”; sin embargo, ocurrió lo contrario, generando imágenes de deportistas expre-

⁶⁰ HORNE; WHANNEL. *Understanding the Olympics*.

⁶¹ MARTÍN; VELASCO. La medalla económica se le resiste a los Juegos Olímpicos.

⁶² PALCO23. 2023, luces y sombras en la cuenta atrás para París 2024.

⁶³ CDT. Los retos de ingeniería del Grand Paris Express.

⁶⁴ MASCORDA. Los Juegos Olímpicos de París 2024 presentan más de 26 millones de beneficios.

⁶⁵ DELAPLACE; SHUT. Introduction.

sando sus quejas en redes sociales, como el nadador Thomas Ceccon durmiendo en un parque.⁶⁶ El otro proyecto fallido para reducir la contaminación en París fue la recuperación del Sena, que buscaba habilitar como legado el emblemático río para el baño e incluirlo previamente en las pruebas olímpicas de natación y triatlón. Sin embargo, a pesar de los 1.400 millones de euros de inversión realizados los años anteriores para la limpieza del río, los niveles de contaminación persistieron, agravados por las fuertes lluvias e hicieron cancelar las pruebas de triatlón que tuvieron que postponerse días después.⁶⁷ Asimismo, la competición de aguas abiertas, que también tuvo que retrasarse debido a problemas en la calidad del agua, dejó a varios nadadores con náuseas, vómitos y diarrea a causa de los altos niveles de contaminación.⁶⁸ Esto evidenció una planificación insuficiente, a pesar de los numerosos tests fallidos previos sobre la adecuación del lugar para albergar dichas pruebas.

El tercer aspecto abordado en el artículo se centra en la influencia de los conflictos bélicos en Ucrania y Gaza en París 2024. A pesar de que el olimpismo y el deporte se fundamentan en principios que los conciben como instrumentos para promover y fomentar la paz en este tipo de situaciones, debido a su naturaleza y valores intrínsecos,⁶⁹ la principal conclusión que se extrae de esta cuestión es que la respuesta del COI ante ambos conflictos no fue equitativa. Desde el inicio, el máximo organismo olímpico suspendió a los deportistas rusos y bielorrusos, restringiendo su participación en los Juegos como Atletas Individuales Neutrales. Sin embargo, mantuvo silencio respecto a los atletas de Israel y no condenó sus acciones como lo hizo con Rusia, pese a la presión internacional de diversos grupos, incluidos legisladores franceses,⁷⁰ que exigían su exclusión ante la pérdida de miles de vidas humanas en Gaza, especialmente de niños y niñas. De igual modo, como reflejó *La Vanguardia*, la tensión también se trasladó a las calles de París, donde la artista francesa Frank Riot exhibió carteles cuestionando la participación de Israel en los Juegos, denunciando la barbarie en curso y criticando al abanderado israelí por firmar la imagen de un misil antes de su lanzamiento a Gaza.⁷¹

⁶⁶ VICENTE. Cazan a Thomas Ceccon, campeón olímpico.

⁶⁷ LLORENS. La contaminación del Sena deja el triatlón al límite.

⁶⁸ MORAGÓN. Una deportista alemana reconoce que vomitó 9 veces tras nadar en el Sena.

⁶⁹ PARRY. The power of sport in peacemaking and peacekeeping.

⁷⁰ MARCA. Piden al COI que sancione a Israel igual que a Rusia.

⁷¹ FARRÉS. Así es el cartel contra la participación de Israel en los JJ.OO.

La cuarta conclusión de este trabajo se refiere al gran avance del olimpismo en términos de igualdad de género. Según recogieron medios analizados, como *As* o *El Español*, este hito se alcanzó con la paridad, en la participación de hombres y mujeres en los Juegos Olímpicos de París 2024. Asimismo, como destacaron las noticias recopiladas, el calendario de pruebas se modificó para evitar que prevalecieran las finales masculinas y equilibrar la audiencia televisiva de las competiciones femeninas. En esta misma línea, es importante subrayar el aumento en la contratación de mujeres en puestos tanto operativos como de coordinación en el *Olympic Broadcast Services* (OBS), con el objetivo de lograr una cobertura más equitativa en términos de igualdad de género. Sin embargo, aún persistía una importante brecha de género en la presencia de entrenadoras en París 2024, un desafío que está lejos de resolverse. *El País* ya lo advertía un año antes en la noticia “Sin entrenadoras no hay paridad: cómo un programa trabaja para paliar la brecha de género”.⁷²

La última cuestión tratada en el artículo se centra en las novedades del programa olímpico de París 2024 en lo que respecta a las disciplinas deportivas. El *breaking* fue el principal estreno y que como destacaron los diferentes medios analizados su incorporación al programa olímpico vino acompañado de cierta polémica. Así, desde el desconcierto inicial por trasladar un pasatiempo subterráneo y urbano, o cuestionar si realmente es un deporte digno de ser incluido en las Olimpiadas, hasta la retórica del COI de introducir disciplinas que sean particularmente populares entre la generación más joven, teniendo en cuenta la urbanización del deporte.⁷³ De igual modo, esta controversia, como destacó el periódico *El Español*, generaría recelos en otras disciplinas que quedaban fuera del programa olímpico, al considerar más factores comerciales que estrictamente deportivos. Finalmente, tras todo el revuelo generado y pese a que el *breaking* es originario del país donde se celebrarán los próximos Juegos Olímpicos, quedará apartado, demostrando cierto desconcierto en las decisiones del COI.

* * *

⁷² GIOVIO. Sin entrenadoras no hay paridad.

⁷³ WHEATON; THORPE. *Action sports and the Olympic Games*.

REFERENCIAS

- ARCHIEXPO. Paris 2024: Purifying the Air Surrounding the Village des Athlètes. **ArchiExpo Magazine**, 23 febrero 2024.
- ANDRÉS, F. ¿Por qué Israel sí puede participar en los Juegos Olímpicos y Rusia no si los dos países están en guerra? **AS**, 25 julio 2024.
- ARRIBAS, C. Todos los deportes se unen contra Rusia por su invasión de Ucrania. **El País**, 1 marzo 2022.
- ARRIBAS, C. Rusos y bielorrusos serán AIN, atletas individuales neutros y señalados en los Juegos Olímpicos de París 2024. **El País**, 20 marzo 2024.
- BELTRÁN, J. O. Juegos Olímpicos Londres 2012: La olimpiada de las mujeres. **Apunts**. Educación Física y Deportes, 3(109), p. 7-10, 2012.
- BOYKOFF, J. Greenwash gold?: The Paris 2024 Olympics. **Capitalism Nature Socialism**, p. 1-8, 2025.
- BOYKOFF, J.; DAVE, Z. The toll of the Olympics on the environment. **The Nation**, 30 de julio 2024.
- BROCHERIE F., PASCAL M., LAGARRIGUE R.; MILLET G. P. Climate and health challenges for Paris 2024 Olympics and Paralympics. **BMJ**, 384 (1234), p. 56-60, 2024.
- BURLESON, C. The ancient Olympic Truce in modern-day peacekeeping: revisiting Ekecheiria. In SPAAIJ, R.; BURLESON, C. (Orgs.). **The Olympic Movement and the Sport of Peacemaking**. Routledge, 2016, p. 53-68.
- BYRNE, M. Olympic broadcasting: More women in key broadcast roles at Paris 2024. **International Olympic Committee**, 6 marzo 2024.
- CARREÑO, F. M. El COI no sancionará a Israel porque no es “el mismo caso” que Rusia. **Marca**, 12 marzo 2024.
- CASTAÑEDA, A. Indignación en el deporte por la inclusión del breakdance en los JJOO: “Son intereses del COI”. **El Español**, 9 de diciembre 2020.
- CDT. Los retos de ingeniería del Grand Paris Express, el proyecto de infraestructura más grande de Europa. **CDT**, 14 de julio 2023.
- CUESTA, J. El COI permite competir a 11 deportistas rusos y bielorrusos en París 2024 si no apoyan abiertamente la invasión de Ucrania. **El País**, 8 diciembre 2023.
- DELAPLACE, M.; SHUT, P. Introduction. In DELAPLACE, M.; SHUT, P. (Orgs.), **Planning the Paris 2024 Olympic and Paralympic Games**. Palgrave, p. 18-27, 2024.
- EL PAÍS. París 2024 quiere que el ‘breakdance’ entre en el programa olímpico como deporte invitado. **El País**, 21 diciembre 2019.
- FARRÉS, H. Así es el cartel contra la participación de Israel en los JJ.OO. que luce en algunas calles de París”. **La Vanguardia**, 26 julio 2024.

FAURE, A. **The impact of Paris 2024 on the construction of the Grand Paris Express**: a hidden extra cost of the Olympic [Preprint], HAL, 2021.

FORET, G. ; BEEKMANN, M. ; RAMALHO, O. ; KONING, M.; HAEFFELIN, M. ; VANSAY, E. ; ANESSI-MAESANO, I.; BERNARDARA, P.; BERNARD, J. D. In DELAPLACE, M.; SHUT, P. O. (Orgs.), **Hosting the Olympic Games**: Uncertainly, debates and controversy. Routledge, 2019, p.178-186.

GARCÍA, A. El COI oficializa los criterios para que los deportistas rusos puedan competir como neutrales en París. **Marca**, 8 diciembre 2023.

GARCÍA, A. El poder de los Juegos Olímpicos. **El País**, 26 julio 2024a.

GARCÍA, A. Los Juegos Olímpicos de París marcan un hito en la igualdad de género con nuevas medidas. **El Español**, 6 de agosto 2024b.

GARCÍA MARTÍNEZ, D. París 2024: el 'break dance' toma el relevo del 'skate', el surf, la escalada y el karate. **Mundo Deportivo**, 13 junio 2024.

GIOVIO, E. Sin entrenadoras no hay paridad: cómo un programa trabaja para paliar la brecha de género. **El País**, 6 marzo 2023.

GIOVIO, E. De bailar en el metro al Centro de Alto Rendimiento, el lento camino del 'breaking' hacia los Juegos de 2024. **El País**, 27 marzo 2022.

GONZÁLEZ, S. París adapta su plan urbanístico al cambio climático: más árboles y menos hormigón. **El País**, 5 junio 2023.

GUTIÉRREZ, J. El COI aprende la lección. **AS**, 28 junio 2019.

HORNE, J.; WHANNEL, G. **Understanding the Olympics**. New York: Routledge, 2016.

JAVADI, R. Llamamiento para excluir a "Israel" de los Juegos Olímpicos de París 2024 por el genocidio de Gaza. **Resumen Latinoamericano**, 11 enero 2024.

JARVIE, G.; XU, Y. **Paris Olympics and Paralympics 2024**: Facts, myths and issues. University of Edinburgh, Academy of Sport, 2024.

LEMAÎTRE, D. París es la favorita para albergar los Juegos Olímpicos de 2024. **El País**, 16 de mayo 2017.

LEREBOURG, L.; GUIGNARD, B. From theory to practice: modeling performance in breaking. **Frontiers in Sports and Active Living**, 6, 2024.

LUQUE, X.G. El COI analiza la inclusión del parkour en París 2024. **La Vanguardia**, 6 diciembre 2020.

LLORENS, D. La contaminación del Sena deja el triatlón al límite: nueva cancelación. **Mundo Deportivo**, 29 de julio 2024.

MAENNIG, W.; VIERHAUS, C. Winning the Olympic host city election: Key success factors. **Applied Economics**, 49(31), p. 3086–3099, 2016.

MARCA. Piden al COI que sancione a Israel igual que a Rusia y Bielorrusia. **Marca**, 24 de febrero 2024a.

MARCA. Juegos Olímpicos de París 2024. Especial. **Marca**, 1 julio 2024b.

- MARÍN-MONTÍN, J. The Olympic Games as a global media event. A political and social análisis of Rio 2016 through the media. In O'BRIEN, J.; HOLDEN, R.; GINESTA, X. (Orgs.), Sport. Globalisation and Identity. **New perspectives on Regions and Nations**, Routledge, p. 135-147, 2021.
- MARTÍN, J.; VELASCO L. E. La medalla económica se le resiste a los Juegos Olímpicos: ¿serán los de París rentables? **El País**, 29 junio 2024.
- MARTÍNEZ, A. Las habitaciones de la villa de París 2024 generan dudas. **AS**, 17 marzo 2023.
- MARTÍNEZ, J. Juegos Olímpicos y paridad de género. **El País**, 27 julio 2024.
- MASCORDA, A. Los Juegos Olímpicos de París 2024 presentan más de 26 millones de beneficios. **La Vanguardia**, 12 diciembre 2024.
- MOLERO, I. Macron promete hacerse un Palomares en el Sena antes de los Juegos. **AS**, 4 marzo 2024.
- MORAGAS, M. de; RIVENBURGH, N.; LARSON, J. **Television and Olympics**. London: John Libbey, 1995.
- MORAGÓN, J. Una deportista alemana reconoce que vomitó 9 veces tras nadar en el Sena: "Tenía sed y necesitaba beber algo...". **MARCA**, 11 agosto 2024.
- MUÑOZ, M. L. Por fin la igualdad efectiva en los Juegos: 50%-50% en París. **AS**, 8 marzo 2024.
- OBS. From Innovation to Inspiration: OBS Reflects on Paris 2024 Success. **OBS**, 17 diciembre 2024. Disponible en <https://www.obs.tv/news/821>
- Palco23. 2023, luces y sombras en la cuenta atrás para París 2024. **Palco23**, 26 diciembre 2023.
- PARRY, J. The power of sport in peacemaking and peacekeeping. In SPAAIJ, R.; BURLESON, C. (Orgs.). **The Olympic movement and the sport of peacemaking**, Routledge, p. 29-42, 2016.
- PAYÁ, R. Revolución en París 2024: el breakdance deporte olímpico. **AS**, 7 diciembre 2020.
- PAYÁ, R. París 2024 en alerta... por las chinches: "Nadie está a salvo". **AS**, 5 octubre 2023.
- PREUSS, H. Re-analysis, measurement and misperceptions of cost overruns at Olympic Games. **International Journal of Sport Policy and Politics**, 14 (3), p. 381-400, 2022.
- RADICCHI, E. Megaeventos deportivos y creación de valor para las economías anfitrionas. In LLOPIS GOIG, R. (Org.). **Megaeventos deportivos**. Perspectivas científicas y estudios de caso, Editorial UOC, 2012, p. 25-51.
- RICORDEL, P. The circular heritage model of Paris 2024 and its possible local legacy perspective. **Local Economy**, 38(4), p. 405-417, 2023.
- RTVE. El COI aprueba la posibilidad de que la sede de los JJOO ceda deportes a otros países. **RTVE**, 8 diciembre 2014.

RTVE. París 2024 serán los Juegos Olímpicos de la paridad total. **RTVE**, 7 marzo 2024.

RIZZI, A. La sombra de la geopolítica se proyecta sobre los Juegos Olímpicos. **El País**, 22 julio 2024.

RHODES, C. J. The 2015 Paris climate change conference: COP21. **Science progress**, 99(1), p. 97-104, 2016.

SÁNCHEZ-HERRERO, H. Juegos de Tokio 2020: ¿qué deportes dejarán de ser olímpicos en París 2024?. **AS**, 7 agosto 2021.

SPAAIJ, R. Olympic rings of peace? The Olympic movement, peacemaking and intercultural understanding. In SPAAIJ, R.; BURLESON, C. (Orgs.), **The Olympic movement and the sport of peacemaking**, Routledge, 2016, p. 15-28.

XIMÉNEZ DE SANDOVAL, S.A. París organizará los Juegos Olímpicos de 2024 y Los Ángeles los de 2028. **El País**, 1 agosto 2017.

ZHOUXIANG, L.; HONG, F. Introduction. **The International Journal of the History of Sport**, 33(12), p. 1303, 2016.

VICENTE, D. Cazan a Thomas Ceccon, campeón olímpico, dormido en un parque tras quejarse de la Villa Olímpica de París. **El Español**, 4 agosto 2024.

WHEATON, B.; THORPE, H. **Action sports and the Olympic Games: Past, present, future**. New York: Routledge, 2022.

* * *

Recebido em: 29 jul. 2025.
Aprovado em: 09 set. 2025.

O espectro do hooliganismo nos estádios britânicos I: uma experiência de pesquisa

The spectrum of hooliganism in the British stadiums I: a research experience

Bernardo Borges Buarque de Hollanda

Escola de Ciências Sociais, FGV-CPDOC, Rio de Janeiro/RJ, Brasil

Doutor em História Social da Cultura, PUC-Rio

bernardo.hollanda@fgv.br

RESUMO: O manuscrito evoca uma experiência de pesquisa pós-doutoral vivenciada no segundo semestre de 2018, na Universidade de Birmingham. Procura-se contextualizar o cenário de transformações de três décadas no futebol inglês que, por meio da *Premier League*, em certo sentido revolucionou a prática e a assistência do espetáculo futebolístico no país e, por extensão, em partes significativas da Europa e do mundo. O pano de fundo das mudanças é cotejado com uma vivência *in loco* nos estádios e arenas não só na Inglaterra, mas também na Grã-Bretanha e no Reino Unido. As observações experienciadas permitem relatar as diversas etapas de pesquisa durante esse período, a fim de compartilhar mais amiúde as impressões do que se viu, ouviu e viveu. A sugestão contida no texto argumenta que, a despeito do exitoso processo gentrificador de remodelagem da dominação e do controle no interior das arenas, a dinâmica torcedora não impede por completo o espectro do hooliganismo, princípio antidesportivo e contracivilizador que paira sempre como potencial danoso na administração de rivalidades clubísticas quer em nível local e regional, quer em âmbito nacional e internacional.

PALAVRAS-CHAVE: Futebol britânico; Estádios e arenas; Hooliganismo.

ABSTRACT: The manuscript evokes an experience of postdoctoral research, lived during the second semester of 2018, at the University of Birmingham. It seeks to contextualize the scenario of changings in the last three decades in the English football that, through the Premier League model, in a certain way revolutionized the practice and the assistance of the football spectacle in the country and, by extension, in prominent parts of Europe and the world. The backstage of the transformations is compared with personal experiences inside the stadiums and arenas, not only in England, but also in Great-Britain and United Kingdom. The observations experienced allow to reconstitute the steps of the investigation during this period, in order to share with more details, the memories of what was seen, heard and lived. The suggestion included in this paper argues that, contrary to the well succeeded gentrification process of domination and control in the arenas, the fandom dynamics do not avoid in a whole sense the spectrum of hooliganism, what means an anti-sports and anti-civilization phenomena that remains always as a dammed potential in the management of club rivalries in local and regional level, as well as in national and international sphere.

KEYWORDS: British football; Stadiums and arenas; Hooliganism.

INTRODUÇÃO

Este texto, dividido em duas partes, traz uma descrição e uma análise das atividades de pesquisa desenvolvidas durante os quatro meses do período de pós-doutoramento na Universidade de Birmingham. O estágio foi realizado entre julho e outubro de 2018, graças a uma bolsa pós-doutoral concedida pelo governo do Reino Unido, através do programa Ernest Rutherford Fellowship, outorgado pelo *Universities United Kingdom international* (UUKi). Durante um quadrimestre, pude dedicar-me a leituras e a levantamento bibliográfico sobre o chamado hooliganismo britânico, uma curiosidade de pesquisa surgida à época de meu doutorado.

Tive a sorte e a coincidência de passar esse período em Birmingham, no *West Midlands* (centro-oeste) da Inglaterra, cidade em que residiu e lecionou o jamaicano Stuart Hall, baluarte dos chamados estudos culturais e que, nos idos de 1970, chegou a escrever e a teorizar de maneira precursora sobre o fenômeno do hooliganismo, em meio às acaloradas partidas do derby Aston Villa X Birmingham FC.

Nesse centro urbano, o segundo em população entre as cidades inglesas, abaixo apenas de Londres, encontrei ótimas condições universitárias na instituição de acolhida, seja na parte de infraestrutura, seja no atendimento recebido da equipe técnica responsável pelo estágio, seja na recepção proporcionada pelos docentes e pesquisadores da Universidade de Birmingham. O *campus* e a biblioteca universitária foram especialmente oportunos para o desenvolvimento do conjunto das atividades a seguir compartilhadas. O apoio institucional, sob a forma de um *research account*, foi também de especial importância para que pudesse deslocar-me ao redor do país e fazer as observações de campo transversais a que me havia proposto no Projeto original.

Como dito, o objetivo primordial do estágio pós-doutoral consistiu em uma atualização da literatura científica e do subcampo de estudos sobre o futebol na Inglaterra, com um entendimento mais aprofundado do universo de autores e das suas principais linhas de investigação nas últimas décadas.

Em particular, meu interesse incidiu no processo de transformação arquitetônica dos estádios de futebol britânicos e nas políticas de prevenção e de repressão adotadas no país dos anos 1990 em diante. O enfoque mais direto diz respeito ao

chamado “hooliganismo”, objeto de estudo com particular importância para a sociedade inglesa, também conhecido pelas autoridades públicas como *English disease*, em razão de desastres e fatalidades ocorridas no país entre as décadas de 1960 e 1980, com repercussão e desdobramentos ao redor do mundo.

Essa motivação principal foi contemplada por meio do estabelecimento de três frentes elementares de atuação para uma compreensão mais adequada do fenômeno:

1. Levantamento bibliográfico, mediante a revisão de obras em bibliotecas universitárias e em centros de pesquisa especializados em futebol;
2. Conversa com reconhecidos especialistas da área, autores de livros e de trabalhos de referência nacional e internacional na temática dos estádios e das torcidas;
3. Observação participante, com visitas técnicas a estádios e acompanhamento da movimentação dos torcedores nos dias de jogo, não apenas na cidade Birmingham, como em diversas cidades do Reino Unido;

Apesar das vicissitudes inerentes a todos os processos de pesquisa, com melhor ou menor aproveitamento em cada um dos 3 itens assinalados, pode-se dizer que as três metas de trabalho foram desenvolvidas a contento, com um avanço considerável dos objetivos propostos, como se procurará relatar a seguir. Quanto ao item 2 – “encontro com especialistas” –, destaco que na maioria das vezes houve receptividade e predisposição para o atendimento de parte desses pesquisadores. Graças ao diálogo com eles, muitos dos quais conhecia apenas por meio da bibliografia, pude ter uma interlocução direta e uma percepção mais circunstanciada da visão de cada um acerca do comportamento coletivo e do controle policial nos estádios de futebol daquele país.

Na primeira parte deste texto, descrevo de início o conjunto de atividades e de participações desenvolvidas, com um balanço avaliativo de cada um deles. A seguir, procuro fazer um relato mais analítico do conteúdo do material lido e levantado durante esse período, enquanto no tópico seguinte apresento uma listagem com a totalidade das obras consultadas nas bibliotecas ao longo do estágio feito há seis anos atrás, mas cujo interesse e utilidade me parecem atuais. Por fim, a título de ilustração, trago imagens dos estádios visitados e dos locais onde foram realizadas as pesquisas.

Embora o tempo do período de pesquisa – 4 meses – possa ser considerado relativamente curto para um projeto de maior folego, é indubitável a contribuição

do estágio para a minha agenda acadêmica, o que extrapola os limites cronológicos e temáticos da investigação específica aqui proposta. Seus resultados tiveram dobramentos diretos e indiretos desse pós-doutorado em trabalhos científicos, em eventos acadêmicos e na continuidade das pesquisas em curso no Brasil.

Gostaria ainda de registrar a especial atenção que recebi de minha supervisora, a professora Courtney Campbell, do Departamento de História. Mesmo estando em período de licença maternidade, essa notável brasilianista, autora de um instigante artigo sobre as partidas da Copa do Mundo de 1950 ocorridas na cidade de Recife e no estádio da Ilha do Retiro, não deixou de acompanhar com interesse e de demonstrar seu entusiasmo em colaborar para que eu pudesse ter o melhor aproveitamento possível nessa estada.

TRABALHO DE CAMPO: ESTÁDIOS VISITADOS

Estádios	Partidas	Cidades	Data
Hillsborough	Sem jogo	Sheffield	13 de julho
Bramall Lane	Sem jogo	Sheffield	13 de julho
Old Trafford	Sem jogo	Manchester	20 de julho
Etihad	Sem jogo	Manchester	21 de julho
Deepdale	Sem jogo	Preston	24 de julho
St. Mary's	Sem jogo	Southampton	27 de julho
Eggbaston	Críquete: Inglaterra x Índia	Birmingham	01 de agosto
King Power	Sem jogo	Leicester	02 de agosto
Molineux	Wolves x Villarreal	Wolverhampton	04 de agosto
Hampden Park	Sem jogo	Glasgow	07 de agosto
Ibrox	Sem jogo	Glasgow	07 de agosto
Easter Road	Sem jogo	Edinburgh	08 de agosto
Villa Park	Aston Villa x Wigan	Birmingham	11 de agosto
Cardiff City	Cardiff x Newcastle	Cardiff	18 de agosto
Principality Stadium	Sem jogo	Cardiff	19 de agosto
Wembley	Sem jogo	Londres	25 de agosto
Stamford Bridge	Chelsea x Bournemouth	Londres	01 de setembro
Anfield Road	Sem jogo	Liverpool	08 de setembro
Goodison Park	Sem jogo	Liverpool	09 de setembro
Ashton Gate	Bristol FC x Sheffield United	Bristol	15 de setembro
The Hawthorns	West Bromwich x Bristol FC	Bromwich	18 de setembro
Craven Cottage	Fullham X Watford	Londres	22 de setembro
St. Andrews Stadium	Birmingham FC x Ipswich	Birmingham	29 de setembro
Windsor Park – National Football Stadium	Sem jogo	Belfast	02 de outubro
Aviva Stadium	Rúgbi: Munster x Leinster	Dublin	06 de outubro
Falmer Stadium	Brighton x Wolverhampton	Brighton	27 de outubro

O propósito central da pesquisa consistiu na visita, sempre que possível em dias de jogos, aos estádios de futebol profissional na Inglaterra, em específico aqueles que servem à primeira e à segunda divisão do campeonato nacional, conhecidos pelos nomes nativos de *Premier League* e de *Championship*. A proposta estendia-se aos países vizinhos, que conformam a Grã-Bretanha ou o Reino Unido, tais como o País de Gales, a Escócia, a Irlanda do Norte, e mesmo a República da Irlanda, de modo a avaliar o impacto do novo modelo futebolístico-arquitetônico nas suas fronteiras insulares.

A finalidade precípua foi abranger o máximo possível de observações em campo, concernentes à infraestrutura, à logística e ao espaço destinado aos torcedores – sejam aqueles dos clubes locais, sejam os visitantes –, em sua interação com os policiais e com os seguranças privados – também conhecidos como *stewards* –, responsáveis pela orientação e vigilância antes, durante e depois das partidas. Como cheguei na Inglaterra no mês de julho, mês de recesso do calendário competitivo com as férias de verão, tive de aguardar até o início de agosto para poder conhecer os estádios em funcionamento, em dias de jogos.

Um propósito subjacente foi aferir a resiliência naquele país dos estereótipos tributados ao *hooliganismo*, dentre eles os de fanatismo, de irracionalidade e de selvageria. Isso porque desde a década de 1980 o tema não se cingiu às explicações sociologizantes mais previsíveis e às ligações mais imediatas com as esferas políticas e econômicas do país, sejam as retrações do emprego, sejam os efeitos deletérios sobre a classe trabalhadora por parte das medidas liberais do governo Thatcher nos anos 1980. As punições sofridas pelos clubes ingleses, impedidos de disputar torneios internacionais durante cinco anos, em virtude das brigas de seus torcedores na Europa continental, iriam ainda recolocar um amplo espectro de questões éticas sobre o agir humano em coletividade.

A partir do futebol, grandes temáticas universais para o homem ocidental do século XX foram à época acionados, a saber, a psicologia das multidões, a decadência do Ocidente, o choque entre civilização e barbárie, a xenofobia e a intolerância perante o outro. Minha questão era poder testemunhar em que termos tais debate se colocava agora, transpassadas várias décadas, após o advento da *Champions League*.

Para não precisar aguardar um mês inteiro antes do início das competições, fiz visitas aos estádios em dias normais da semana ou em amistosos preparatórios para

o início da temporada. Uma estratégia adotada, que acabou por se revelar bastante produtiva, foi participar dos *tours*, serviço oferecido pelos clubes aos turistas e forma de arrecadação financeira que a visibilidade internacional dos grandes clubes ingleses ensejou nas últimas décadas. A visita a cidades como Manchester e Liverpool compreende nos dias de hoje a passagem quase incontornável pelos estádios de seus clubes homônimos, tamanha a reputação global de que desfrutam. Trata-se de atração importante e inscreve-se no roteiro de destinação turística oficial promovido pelas respectivas prefeituras e pelas empresas dedicadas ao fomento do turismo no país.

Com valores entre 15 e 18 libras, é possível aceder às dependências dos estádios, cuja capacidade oscila entre 35 e 70 mil espectadores. O serviço de visitação, com a “venda” de uma experiência aos bastidores de um equipamento esportivo ultramoderno, envolve, entre outras atividades, a visita a um museu, a compra de produtos na loja do clube, a vista panorâmica (ou panóptica) das arquibancadas mais altas do estádio, um percurso pelas dependências internas e o acesso ao campo de jogo, com o “fetiche” de pisar no mesmo gramado dos afamados ídolos dos grandes clubes ingleses.

O trajeto feito no interior desses estádios constitui não só um roteiro de visitação, mas sobretudo uma tentativa dos seus proprietários de impressionar o estrangeiro, mediante a exposição da grandiosidade e do luxo interno dos espaços recônditos, apenas acedidos pelos profissionais dos meios de comunicação, pelo *staff* do clube ou pelos *vips* nos dias extraordinários de jogos. Os carpetes, os mármore e a iluminação cromática de suas instalações, sempre em sintonia com as cores de origem do clube, dão a impressão esplendorosa de se estar dentro de um hotel cinco estrelas. De maneira subliminar, o *tour* enfatiza a discrepância entre aquele mundo espelhado e resplandecente do seu interior e o efêmero grupo de visitantes, que terá, mediante pagamento, a ocasião de experienciar o estádio naquela única ocasião, com a simulação da sua própria condição de futebolista ou avatar de profissional do futebol de espetáculo.

À medida que fazia as peregrinações, confirmava a impressão de um modelo estandardizado, repetido, com variações pontuais, de clube a clube. Via de regra, havia um guia que conduzia o grupo por um itinerário pré-delimitado e que relatava, a

partir de um *script* prévio, as narrativas mitológicas do clube, seja a trajetória da agremiação e de seus personagens mais importantes, seja a história do estádio e suas características mais recentes, sejam os feitos supostamente épicos das conquistas, sejam as anedotas mais pitorescas, com maior ou menor grau de humor, com vistas a provocar risos e a entreter a atenção dos visitantes.

Antes de adentrar em campo, um dos auges da visita é a entrada no vestiário e na sala de imprensa, onde são feitas as entrevistas com os jogadores e as coletivas dos treinadores após as partidas. Ali o turista, em sua maioria composto de estrangeiros, e que conhece o estádio tão somente pelas transmissões de televisão, simula sua particular condição de ser um arremedo de atleta em dia de jogo e sente como se estivesse na iminência de entrar no gramado ou de se colocar no centro das atenções, ao responder às perguntas da imprensa após a partida.

A alternativa de tomar parte desses *tours* para o conhecimento do padrão dos estádios ingleses, se não pareceu inicialmente a opção ideal, por outro lado permitiu observar essa dinâmica contemporânea da indústria do futebol, com a conversão da marca do clube em uma miríade de *souvenirs*, produtos comerciais e comercializáveis, à disposição dos fãs globais, o que inclui a própria exibição conspícua e ostentação do que vem a ser adquirido nas butikues. Se isto é mais evidente nos clubes do chamado *Big Five* – Arsenal, Chelsea, Liverpool FC, Manchester United e Tottenham –, a maioria dos demais clubes aderiu de roldão a este padrão, mesmo aqueles da segunda divisão, alguns com estádios recém-inaugurados e com sistemas semelhantes de visitação e de disposição interna da relação entre campo de jogo e público frequentador.

Mesmo durante o período de competição, iniciado no mês de agosto de 2018, o acesso aos estádios em dias de jogos não se mostrou uma tarefa fácil para mim, em virtude do modelo inglês de aquisição do ingresso, através de mecanismos associativos que renovam o vínculo clubístico a cada ano e que vinculam a compra do bilhete a uma adesão anual e a uma frequência prévia. A maior ou menor facilidade na obtenção de um ingresso também depende do grau de importância atribuído ao clube, à competição e à partida em destaque. Isto não chega a ser de todo uma novidade, pois já vem sendo adotado nos últimos anos pelos clubes brasileiros, embora

a Inglaterra, como matriz desse processo, apresente tal sistema consolidado e rotinizado há mais tempo.

Ao final, conforme listado na tabela acima, foram ao todo 26 estádios visitados, sendo que onze deles coincidiram com partidas oficiais e com a compra de ingresso. Os valores mínimos para os estádios da primeira e segunda divisão variam entre 20 e 60 euros, enquanto as partidas consideradas de maior importância pelo *top five* inglês, ou os jogos válidos pelas competições continentais, como a *Champions League*, ultrapassam 100 euros.

A tarefa de visitar o maior número possível de estádios relacionou-se à observação do *standard* estabelecido a partir dos anos 1990, quando todos os clubes de futebol profissional de primeira e segunda divisão tiveram sua participação nos campeonatos nacionais e internacionais condicionada à renovação e à modernização dos seus estádios, mediante o modelo conhecido por “all-seater stadiums” – todos sentados –, imposição governamental obedecida pela *Premier League*, quando de sua criação em 1992.

Tratou-se de uma mudança de ordem radical, uma vez que a maioria dos estádios britânicos fora concebida segundo o modelo proposto pelo arquiteto escocês Archibald Leitch (1865-1939), entre o final do século XIX e o início do século XX, até a construção de um estádio nacional em Londres, denominado Wembley, com capacidade oficial para noventa mil espectadores, no ano de 1923.

O estádio público da capital, destinado à seleção inglesa, fora projetado no formato elíptico, à maneira dos equipamentos olímpicos, sendo destruído e refeito em 2003 pelo arquiteto Norman Foster. Em contrapartida, a maioria dos estádios de clubes na Grã-Bretanha seguia o desenho retangular, ou quadrangular, da arquitetura de Leitch, com quatro tribunas segmentadas e quase que autônomas entre si, valendo-se, muitas das vezes, da fachada pitoresca das construções inglesas, com seus tijolos avermelhados e com seus portões estilizados, à imagem e semelhança das estações de trem e da entrada das fábricas.

Como é relativamente conhecida, a guinada na concepção dos estádios britânicos foi um desdobramento jurídico prescrito pelo Relatório Taylor. Este leva o sobrenome de Peter Taylor, deputado responsável pela criação do novo dispositivo no Parlamento inglês e chefe da Corte de Justiça britânica entre 1988 e 1996. O

documento foi publicado em versão final no ano de 1990, na esteira do incêndio do estádio de Bradford (1985), das invasões de campo em Luton por torcedores do Millwall (1985) e, principalmente, do desastre de Hillsborough (1989), na cidade de Sheffield, quando uma centena de torcedores do Liverpool morreu asfixiada e esmagada pela superlotação de sua torcida em um dos setores das arquibancadas, após uma série de erros logísticos dos policiais responsáveis, que trancafiaram os portões e impediram a evacuação a tempo.

Para que se estime a importância dessa tragédia, passados trinta anos, ainda em 2018 os noticiários de canais de televisão do país, como a BBC, e tradicionais jornais do país, como o *The Guardian*, davam destaque ao julgamento do caso do estádio do Sheffield Wednesday, tal como pude assistir e ler quando da pesquisa *in loco*. Além de inúmeros livros publicados no país, as reportagens transmitidas pela TV e pela imprensa traziam novidades com detalhes do processo ainda em curso, que incrimina os chefes de policiamento, e com o andamento das ações movidas pelos familiares das vítimas contra as autoridades responsáveis.

Em Sheffield e Liverpool, há espaços públicos centrais na cidade a lembrar da fatalidade. São “lugares de memória” com bustos e preitos de homenagem aos torcedores presentes ao jogo, válido pela semifinal da Copa da Inglaterra, em 1989. A principal entrada do Museu do Liverpool, e setores do Museu Nacional do Futebol, em Manchester, trazem diversas imagens evocativas, com lembranças do acontecimento trágico. Por coincidência, quando me encontrava em Liverpool, cheguei a testemunhar um ato público no centro da cidade que homenageava as vítimas da tragédia.

A nova concepção arquitetônica erigida pelos clubes, tal como exigida por Lord Justice Taylor, estabeleceu o fim dos espaços de livre circulação atrás dos gols – setores da assistência conhecidos por *terraces*, *ends* ou *kops*. Estes eram uma marca característica dos estádios centenários concebidos por Leicth, com a retirada das grades de cercamento do entorno dos campos. Estas haviam sido colocadas nos anos 1970 para evitar as constantes invasões de campo por parte de torcedores desordeiros, mas que acabaram por precipitar em Hillsborough a morte por asfixia e esmagamento de quase cem espectadores, em meio a um estádio pequeno, vetusto e superlotado.

O *report* de Taylor, o nono inquérito governamental produzido desde o primeiro, datado do ano de 1968, quando o hooliganismo se tornou notório e passou a

preocupar de maneira crônica e progressiva as autoridades britânicas, propôs também uma arquitetura capaz de garantir os valores da “segurança” e do “conforto”. Além da instalação de cadeiras individualizadas, os princípios arquitetônicos preconizavam a cobertura retrátil de todos os campos e o uso de arcos suspensos, bem como das fachadas de vidro em boa parte de seu design. O vidro, tendência contemporânea utilizada em aeroportos, hotéis e museus, entre outros prédios urbanos de vulto na contemporaneidade, modifica as percepções arquitetônicas de espaços internos e externos. Seu corolário é mudar as noções de dentro e fora sob o signo ético e estético da transparência, e assumir o lugar do cimento e do concreto armado, predominante na configuração da maioria dos estádios moldados no século XX.

Tratou-se assim de propiciar não somente mais uma novidade físico-espacial, muitas vezes com a mudança territorial do local do equipamento na cidade, como sobretudo de engendrar um conceito distinto de estádio, também chamado de “arena” na Alemanha, na Holanda, no Brasil e em muitos outros países, com uma série de preceitos modificadores da chamada “cultura do futebol” ou “cultura torcedora”.

O supracitado Relatório determinava o cumprimento do conjunto de alterações por parte dos clubes no prazo de cinco anos, entre 1994 e 1999. Enquanto países europeus, como a Itália, a França e a Alemanha, dependeram da organização de megaeventos esportivos – a exemplo das Copas do Mundo de 1990, 1998 e 2006, respectivamente – para modernizar as suas praças esportivas, a Inglaterra, que chegou a ser banida de competições futebolísticas continentais no segundo lustro dos anos 1980, radicalizou a escala das reformas e conseguiu transformar de modo impactante a paisagem do seu futebol, através de uma mentalidade de investimento global e de um ethos empresarial mais agressivo do que o existente até então, tendências logo assumidas pela FIFA e UEFA, que aderiram e criaram os seus *Stadiums and Security Committee*.

As recomendações parecem ter surtido efeito, uma vez que se somou, durante a década de 1990, a uma série de mudanças econômico-financeiras assistidas no mundo do futebol, a exemplo da entrada mais massiva das empresas de marketing e de patrocínio. Em igual medida, destaque-se a cobertura televisiva dos jogos, que na Inglaterra foi capitaneada pela BSkyB, TV por satélite controlada por Rupert Murdoch, dono também do tabloide *The Sun* e do jornal *The Times*, mediante vultosos

montantes de dinheiro em favor dos clubes, em troca dos direitos de transmissão. Para que se tenha uma ordem de grandeza impactada à época, a ITV e a BBC, redes de televisão abertas, aceitaram subir o valor do contrato com a *Premiership* de 52 milhões para 262 milhões de libras.

Junto às novas fontes de receita, a economia internacional do futebol assistiu a uma espécie de “círculo virtuoso” do ponto de vista financeiro e especulativo, graças a diversas mudanças legislativas que dinamizaram seu mercado de transferências. Constituía-se assim, segundo as palavras do sociólogo britânico Anthony King, um isomorfismo entre os clubes de futebol e o capitalismo global.

Com efeito, como se sabe, a modificação legislativa internacional de maior impacto ocorreu mediante o “Caso Bosman”¹, de 1995, quando um jogador de origem belga Jean-Marc Bosman, do Racing Football Club Liège, consegue na Corte de Justiça europeia o direito de atuar em um clube de outro país, mesmo que ultrapassando o limite do sistema de transferência e a cota de jogadores estrangeiros permitida até então pelos *governing bodies* do futebol, a FIFA e a UEFA. O episódio equivaleu à quebra de barreiras e à limitação de futebolistas por associação clubística e por confederação nacional na Europa, o que contribuiu para aquecer e internacionalizar as transações de compra e venda de jogadores em mercados como Brasil, Argentina, Gana, Nigéria e Camarões.

Com efeito, a legislação permitiu a circulação de jogadores europeus no interior do Mercado Comum Europeu e recolocou o debate em torno dos contornos do protecionismo e do liberalismo no futebol, em favor deste último. Tal processo, liberal em princípio, ensejou a livre concorrência, mas também a configuração de um clubismo concentrador, hiper-mercantil e multicultural. Este, por um lado, compõe-se de fundos de investidores emergentes do Catar, da China e de partes emergentes da Ásia. Por outro, o sistema é composto do recrutamento de futebolistas procedentes das mais diferentes nacionalidades do mundo, com a Europa a constituir o epicentro galvanizador do mercado mundial de transferências do futebol. A tendência à internacionalização dos clubes, com a presença de não-europeus nos *Big-5*, parece irreversível a partir de então.

¹ O autor agradece um dos pareceristas pelo provimento de informações importantes sobre o tema em sua avaliação, o que permitiu o melhor dimensionamento histórico do “caso Bosman”.

O futebol absorve os condicionantes históricos da Europa moderna e contemporânea, conforme frisam os princípios constitutivos dos estudos acadêmicos sobre o tema, em sua relação com os demais continentes do globo, em particular com suas ex-colônias. Destarte, o avanço dos estudos refinou a percepção do futebol como mero “reflexo” mimético da economia e da política, mas não se deixa de considerar a força vetorial dessas esferas de influência e as inter-relações entre tais universos.

Vis-à-vis da maior circulação de atletas profissionais, muitos dos clubes de futebol na Inglaterra, que já tinham uma tradição estatutária distinta dos países latinos, aprofundaram suas características empresariais. Para tanto, recorreram ao mercado de ações das bolsas de valores e venderam a marca do clube para grupos acionários de outros países como a Rússia, o Catar, a China e os Emirados Árabes.

O Manchester United foi o pioneiro na assunção desse padrão de empreendedorismo clubístico, transformando o estádio de Old Trafford em um *all-seater stadium* no ano de 1993. Foi seguido logo depois pelo tradicional Arsenal, clube londrino que chegou a mudar o nome de sua praça de esporte em favor dos *naming rights* de seu novo patrocinador, a companhia de aviação Emirates Airlines. Após a construção da arena, pelo valor de 400 milhões de libras, um dos efeitos imediatos das modificações foi o crescimento exponencial do preço médio dos ingressos, com sua majoração para os sócios-torcedores. A média de público subiu de 21 mil espectadores em 1992 para 35 mil em 2008, e atingiu a exitosa marca de 90% da taxa de ocupação média por temporada.

Essa frente de profundas mudanças mercadológicas contribuiu internamente para uma maior eficácia das autoridades no combate ao “hooliganismo”, ou *risk supporters*, considerado pela Primeira-Ministra Margareth Thatcher como uma “doença inglesa”, quando da tragédia de Heysel, em Bruxelas, no ano de 1985. Pode-se dizer que a era neoliberal concorre para estancar a “espiral de violência”, verificada dentro e fora dos estádios nas décadas de 1970 e 1980, dando a impressão de que o Relatório Taylor acertara no diagnóstico e no conjunto de proposições, uma vez que enseja um novo ambiente para futebol inglês na conjuntura dos últimos 25 anos. Os dispositivos tecnológicos de identificação dos torcedores, a nova infraestrutura dos equipamentos esportivos, o encarecimento do preço dos ingressos e as leis de banimento – as *Public Banning Orders* – mostraram-se em sua totalidade meios eficazes

no controle do comportamento grupal, considerado patológico e antissocial, dentro e fora dos estádios.

Entre 1988 e 1994, unidades de inteligência polícia inglesa foram criadas especificamente para atuar nos estádios. Valeram-se da estratégia de identificação biométrica para isolar os grupos hooligans, potencialmente violentos e para punir com maior rigor os protagonistas de distúrbios no interior do espetáculo futebolístico. Tal conjunto de ações logrou desencorajar, quando não erradicar, os chamados *hooligans*, com a reinvenção da atmosfera das partidas na *Premier League*. Esta foi uma outra novidade no campeonato inglês, responsável por elevar a qualidade e o nível competitivo dos campeonatos, com o recrutamento de estrelas do futebol internacional, capaz de recriar a atratividade do jogo em meio a uma ambiência dita “familiar” dos novos espaços.

Meu propósito nas observações *in loco* relacionou-se à verificação dessa interpretação corrente, descritas em breves linhas, em torno das mudanças assistidas no futebol inglês, relatadas por diversos estudiosos, que serão mencionados a seguir. A observação tinha por mote entender até que ponto procedem essas versões sobre o *modus operandi* da nova economia do futebol. É de fato possível asseverar que os *hooligans* foram erradicados dos estádios britânicos? O fenômeno da “gentrificação”, termo com que normalmente se refere essa mutação, constitui efetivamente uma realidade? Qual é de fato o perfil social da plateia frequentadora dos campeonatos futebolísticos?

Estabeleci assim esses critérios na minha visita aos estádios e aos jogos: primeiramente, escolhi as cidades dos clubes de maior projeção do futebol inglês, como Londres, Manchester e Liverpool, com times da *Premier League*; em segundo lugar, selecionei os clubes locais da minha cidade de residência – Birmingham FC e Aston Villa – ou de centros urbanos adjacentes, situados no West Midlands, como Wolverhampton, guindado à primeira divisão na temporada 2018-2019, ou West Albion Bromwich, rebaixado à segunda divisão na temporada que se iniciava.

O terceiro critério consistiu em atender à representatividade dos países da Grã-Bretanha, com a opção pela Escócia, em específico Glasgow e Edimburgo, que se justificava pela importância do futebol no país. Este tem reconhecidas rivalidades

clubísticas que extrapolam as dimensões esportivas e que engolfam questões identitárias religiosas, como no caso do Rangers e do Celtic.

Já a visita ao País de Gales, onde o rúgbi é tão ou mais importante que o futebol, tinha por motivação o fato de que muitas leituras de especialistas locais apontaram os torcedores do Cardiff FC, agora na *Premier League*, com um histórico de problemas comportamentais, em especial contra seus rivais galeses do Swansea ou contra seus rivais ingleses da cidade de Bristol. Esta, por exemplo, enquadra-se no quarto e último critério e foi escolhida não especialmente por alguma característica específica dos clubes locais, mas pela possibilidade de ir acompanhado de especialistas nativos. Refiro-me ao professor Matthew Brown, pesquisador da University of Bristol, que se dispôs a me acompanhar e a fornecer uma série de informações a que não teria acesso não fossem suas observações.

Na Inglaterra, visitei ainda a cidade de Sheffield, onde se deu o desastre de Hillsborough, onde estive graças ao convite e à recepção do professor David Wood, que me levou aos dois estádios dos principais clubes da cidade. Por fim, vale mencionar que, para encontrar um termo de comparação entre plateias esportivas, assisti a uma partida de críquete em Birmingham, no estádio de Edgbaston, envolvendo os selecionados de Inglaterra e Índia. A presença maciça da comunidade indiana em Birmingham contribuiu para observações interessantes do mosaico nacional, que se somaram a uma dinâmica de jogo inteiramente diferente do futebol, em termos de ritmo e duração, de pontuação e regras, o que impacta de igual maneira no modo alongado de acompanhamento do público no decorrer de todo um dia e de diversos *rounds* em mais de um dia.

BIBLIOTECAS E ARQUIVOS PESQUISADOS

Em paralelo à visita aos estádios, outra frente de trabalho consistiu na atualização da literatura científica produzida nos últimos três decênios acerca da temática do hooliganismo britânico, entre outros tópicos afins de meu horizonte de interesses durante o estágio pós-doutoral. O espaço privilegiado para a consulta foram as bibliotecas universitárias e alguns outros centros institucionais de pesquisa, como arquivos e bibliotecas públicas ou municipais. Na medida em que os artigos científicos

costumam ser mais acessíveis para *download* na Internet, privilegiei livros, relatórios, dissertações, teses, entre outros documentos a cujas fontes primárias eu não teria acesso no Brasil.

Nome	Cidade	Instituição	Data
Library of Birmingham	Birmingham	Prefeitura de Birmingham	Meses de julho a agosto
Library – University of Birmingham	Birmingham	Universidade de Birmingham	Meses de julho a outubro
Football Museum Archives	Preston	Museu Nacional do Futebol	22-24 de julho
Bodleian Library	Oxford	Universidade de Oxford	06 e 07 de agosto
Library – University of London	Londres	Centro de Estudos Latino-Americanos	13 de agosto
British Library	Londres	Prefeitura de Londres	14 de agosto
Library – International Center for Sports Studies	Neuchâtel (Suíça)	CIES-FIFA	20 e 21 de setembro

Conforme o quadro listado acima, as leituras concentram-se em sete locais para guarda de livros e demais materiais impressos. Estes situavam-se, por sua vez, em cinco cidades diferentes da Inglaterra e em um cantão da Suíça, para onde dirigi-me durante a pesquisa.

Tendo em vista a completude e a qualidade da nova biblioteca da Universidade de Birmingham, inaugurada em 2017 e com instalações de “última geração”, as consultas foram focadas e mais intensas nesse local. A concentração nesse espaço também se justificou pela sua proximidade com a Escola de Artes e Direito, no campus central da universidade, onde estabeleci vínculo e frequentei diariamente durante o pós-doutorado. A vinculação como *fellow* permitiu-me não apenas consultar *in loco*,

mas a biblioteca também facultava tomar de empréstimo quase duas dezenas de exemplares, o que facilitou o acesso, o acúmulo e a cobertura dos títulos consultados.

A biblioteca universitária de Birmingham proporcionou-me também ganhos não inicialmente esperados. Além da maior acessibilidade aos livros de que precisava, uma série de relatórios, dissertações e fontes primárias sobre os hooligans, datados dos anos 1970 e 1980, apareceu disponível para consulta, fato de que não tinha conhecimento *a priori*. Após a consulta, constatei que boa parte deles é resultado de investigações realizadas por pesquisadores da própria universidade, durante aquele período histórico em que o fenômeno emergiu – decênio de 1970 – e se complexificou para a sociedade inglesa, tornando-se um tema público e entendido como um grave problema social.

Entre os professores e pesquisadores que redigiram esses textos, destacam-se a atuação e o interesse daqueles associados ao *Center for Contemporary Cultural Studies* (CCCS). Estes são conhecidos no Brasil pela corrente inauguradora dos Estudos Culturais, grupo, e depois área de conhecimento, que pontificou com nomes referenciais na historiografia inglesa, a exemplo de Richard Hoggart, Raymond Williams e Stuart Hall. O material compulsado permitiu-se chegar à informação, até então desconhecida para mim, de que este último intelectual, migrante de origem jamaicana, participa de seminários e publica artigos sobre o hooliganismo na Inglaterra no final da década de 1970, abordando o papel dos meios de comunicação na construção de um ator e na circunscrição de um problema social.

Embora, como disse, desconhecesse previamente tal informação, a vinculação dos Estudos Culturais com as manifestações comportamentais nos estádios ingleses parece plausível, uma vez que a Escola de Birmingham se caracterizou naquela conjuntura pelo reconhecimento da importância dos subgrupos juvenis e da assunção de seus estilos de vida, mesmo aqueles associados à recusa das regras vigentes e das normas sociais estabelecidas. Sendo assim, ainda que ausente do rol de objetos canônicos usualmente destacados quando se fala da juventude britânica do último quartel do século XIX, o futebol coaduna-se como objeto de estudo a manifestações grupais consideradas violentas e antiesportivas no futebol.

Em Birmingham, além da biblioteca da Universidade, frequentei nos dois primeiros meses – julho e agosto – a biblioteca pública mais importante da região,

localizada no centro da cidade. Parte de um projeto de afirmação cultural e de competição por visibilidade de Birmingham no contexto das grandes cidades do Reino Unido, a recém-inaugurada biblioteca dispõe de uma arquitetura imponente e *fashion*, de um design de ponta e de um acervo grandioso, considerado um dos maiores do continente europeu, à altura do projeto almejado. Isto fez com que pudesse encontrar uma quantidade bastante expressiva de títulos sobre esportes em geral e sobre futebol em particular, mapeando boa parte da produção recente no país acerca do assunto. Ademais, a igual facilidade de empréstimo permitido pela biblioteca contribuiu para a leitura cuidadosa e para o fichamento dos livros constantes do catálogo da instituição.

A busca por livros e trabalhos acadêmicos, por relatórios oficiais e materiais de pesquisa fez-me, no entanto, ir além dos limites da cidade de Birmingham. Um dos mais importantes e frutíferos locais para consulta de documentos foram os arquivos do *National Football Museum*. Embora este museu localize-se na cidade de Manchester, bastante associada ao futebol por meio de seus dois principais clubes de projeção internacional, a sede para exposição e visita não coincide com o centro de depósito de sua documentação arquivística. Esta, por seu turno, encontra-se depositada na cidade Preston, relativamente próxima a Manchester e que ocupa a função de capital administrativa da região de Lancashire.

Posso dizer que nos arquivos do Museu Nacional do Futebol, por sua vez abrigados nas dependências do *Deepdale Stadium*, estádio do clube da localidade, disputando a segunda divisão na temporada 2018-19, logrei encontrar o material mais farto e mais diretamente relacionado aos meus estudos pós-doutorais. A consulta foi auxiliada pela equipe de arquivistas, que não apenas atendeu-me com atenção como ofereceu uma série de dicas oportunas para identificar revistas, relatórios e obras de que isoladamente não seria capaz. Um dos responsáveis pelo acervo era um senhor que trabalhava como voluntário, haja vista sua condição de amante do futebol e de guardião do acervo, a lembrar de cor de títulos e de autores relativos ao tema. Para além do material impresso, o arquivista indicou igualmente um conjunto precioso de registros audiovisuais em DVD, a que pude assistir na sala de consultas.

Em razão da centralidade das referências, passei dias inteiros em função desse catálogo, especialmente anotando informações das dezenas de *reports* datados dos

anos 1970 e 1980. Estes foram produzidos em série pelo *Football Trust*, uma agência com apoio governamental que financiou a pesquisa em torno do hooliganismo inglês realizado pelo *The Sir Norman Chester Centre*. Este centro depois custeou os estudos sistemáticos desenvolvidos a cargo da Escola de Leicester, responsável por elaborar pesquisas de cunho histórico-sociológico e qualitativo-quantitativo acerca dos hooligans da Inglaterra. Como não residia naquela cidade do noroeste inglês, intensifiquei as leituras e os vídeos. Vali-me também do expediente de fotografar e de armazenar tudo aquilo que parecia-me útil na sequência do trabalho, ou que não tivera tempo de ler, já que sabia das dificuldades de locomoção a Preston.

Outra cidade com bibliotecas importantes a consultar era Londres. Estive ao todo três vezes na capital londrina. A *British Library*, cujo acervo dispensa comentários, foi o primeiro destino, onde pude fichar e ler livros que não encontrara na biblioteca da Universidade de Birmingham. Aproveitei também a estada e a proximidade da Universidade de Londres (UCL), no bairro de Camden, para fazer levantamentos na biblioteca do Centro de Estudos Latino-Americanos. Conquanto menos central para o meu trabalho de pós-doutoramento, pude consultar livros que apenas naquele local teria condições e não deixei de aproveitar a oportunidade. Em alguns casos, tratou-se de cotejar traduções de livros brasileiros em inglês que, apesar de relativos a outra pesquisa em curso no Brasil, se faziam necessários localizar.

Este também foi o caso da cidade de Oxford, cuja biblioteca, *Bodleian Library*, foi-me de grande utilidade, por pelo menos dois motivos. O primeiro aproxima-se da razão exposta para a capital inglesa, já que o *Brazil Institute* dispunha, nas dependências da antiga biblioteca, de livros que eram de meu interesse frontal. O segundo dizia respeito ao fato de que, assim como a cidade de Birmingham, Oxford foi um local referencial para as primeiras escolas de estudos dedicados ao hooliganismo sobre o futebol inglês, também datados da década de 1970.

Dessa maneira, a consulta ao catálogo permitiu-me não apenas encontrar livros que já procurava no Brasil como conhecer o que vem sendo até os dias de hoje produzido na Academia daquela tradicional cidade sobre o assunto pesquisado. Embora a pesquisa não tenha podido ser exaustiva, pois permaneci apenas uma semana em Oxford, pude valer-me dos dias na tradicional cidade universitária para debruçar-me sobre o estado da arte naquele centro universitário, a exemplo dos livros de

Peter Marsh, dos idos de 1970, ou de publicações recentes, como os artigos de Martha Newson.

O último centro de documentação que visitei fica fora da Grã-Bretanha. Trata-se dos arquivos do CIES – *International Center for Sport Studies* –, cuja sede se encontra na cidade de Neuchâtel, na Suíça. A viagem deu-se em função do convite de um dos investigadores do Centro, para que eu pudesse conhecer não apenas o espaço e a equipe de pesquisa dessa instituição suíça de ensino e pesquisa multidisciplinar sobre o futebol, existente há mais de vinte anos e com ligações institucionais com a FIFA, mas sobretudo para consultar seu acervo de livros futebolísticos.

Durante uma semana, pude fazer leituras e levantamento de bibliografia. Fotocopiei revistas, livros e coletâneas concernentes ao tema do *football hooliganism*. A estada foi muito proveitosa e permitiu-me compulsar um material atualizado e de ponta em inglês e francês sobre o assunto, valendo-me ainda da hospitalidade do Centro, que reservou uma sala para o desenvolvimento do meu trabalho.

Na Suíça, foram estabelecidos ainda contatos com dois outros centros de documentação: a biblioteca pertencente à Federação Internacional de Futebol (FIFA), sediada no museu da entidade em Zurique, e a biblioteca do Comitê Olímpico Internacional (COI). No entanto, em função da limitação de tempo, não pude alongar minha estada na Suíça e acabei por não conseguir consultar essas duas bibliotecas, tal como gostaria de ter feito no planejamento inicial. De todo modo, a levar em consideração o tempo de quatro meses de estágio, estimo um saldo bastante positivo o total das referências que pude encontrar nas sete bibliotecas visitadas.

ENCONTRO COM ESPECIALISTAS

Uma atividade a que me propus durante a estada na Inglaterra foi a realização de encontros com especialistas em esporte e em futebol, notadamente com os estudiosos dedicados ao hooliganismo no país. Considero esta a mais importante das frentes, pois propiciaram-me uma interlocução mais direta e uma visão mais circunstanciada sobre a real situação das políticas de controle ao hooliganismo no Reino Unido, implantadas durante as últimas décadas.

Especialista	Instituição	Posição	Data
David Wood	University of Sheffield	President – Society of Latin American Studies (SLAS)	21 de julho
John Williams	University of Leicester	Senior Lecturer – Department of Sociology	02 de agosto
Jonathan Sly	University of Leicester	PhD. Candidate – Sociology	02 de agosto
Robert Perks	British Library	Curator of Oral History Department	14 de agosto
Geoff Person	University of Manchester	Associate professor of Law School	13 de setembro
Matthew Brown	University of Bristol	Editor of BLAR – Bulletin of Latin America Research	15 de setembro
Glória Lanci	University of Liverpool	Post doctorant at the University of Liverpool	16 de setembro
Thomas Busset	Center for International Sports Studies (CIES)	Historian and Associate professor	20 de setembro
Marco Vieira	University of Birmingham	Senior Lecturer – Department of Political Sciences and International Relations	26 de setembro
Mike Cronin	Boston College – Ireland	Professor and academic director	04 de outubro
Zhouxiang Lou	Maynooth University – National University of Ireland	Professor and specialist in <i>Olympic Studies</i>	05 de outubro
Michael Brunskill	Football Supporters' Federation (FSF)	Director of Communications	10 de outubro
Rogan Taylor	University of Liverpool	Professor and diretor of Football Industry	18 de outubro

Ciente dessa importância, desde antes da chegada e do início do pós-doutoramento, iniciei contatos, ainda estando no Brasil. Ora por meio de contatos prévios, ora de maneira individual, procurei apresentar-me a um conjunto de autores e, para tanto, dispus-me a ir ao encontro dos professores e pesquisadores em suas respectivas cidades e universidades. Como o mês de julho, quando começou o pós-doutorado, corresponde ao período das principais férias letivas na Europa, obtive retornos apenas parciais, mas, ao final do estágio, conforme indicado na tabela acima, logrei encontrar e conversar com um total de treze especialistas.

Três deles – David Wood, Matthew Brown e Glória Lanci – eu já conhecia previamente, em virtude da participação em congressos na área de *Latin American studies*. Refiro-me em particular à SLAS, sociedade britânica de estudos latino-americanistas, fundada no início dos anos 1960. Estes professores foram importantes para

o auxílio junto a outros contatos e proporcionaram informações valiosas para a minha pesquisa. A isto se soma a ajuda no trabalho de campo, com a contextualização da prática do futebol em clubes e cidades como Sheffield, Bristol e Liverpool.

Outro professor, Marco Vieira, um brasileiro radicado em Birmingham, da área de Relações Internacionais e Ciência Política, dispôs-se a me receber e contribuiu bastante para a compreensão do sistema universitário britânico, em particular sua estrutura mais recente de pesquisa e ensino. Ainda que não investigue futebol, seu conhecimento do país foi um ponto de partida importante para uma maior familiarização na Universidade de Birmingham e no entendimento de suas especificidades.

Quanto à temática do hooliganismo, três professores que se dispuseram a me atender em Leicester e em Manchester. Foram eles: John Williams, Geoff Pearson e Jonathan Sly. Williams é uma das referências incontornáveis no estudo dos hooligans na Inglaterra. Desde o final dos anos 1970, pertenceu à principal escola dedicada ao tema e se tornou uma figura pública conhecida na mídia nacional, a opinar sobre episódios de maior repercussão relacionados à violência nos estádios britânicos e europeus.

Com agudo senso de etnógrafo, Williams estava, por exemplo, no estádio de Hillsborough, em 1989, e testemunhou a tragédia fatídica que vitimou quase uma centena de torcedores do Liverpool. Na condição de sênior no assunto, este pesquisador da Universidade de Leicester foi não apenas didático – às vezes até professoral – como muito informativo na contextualização do conjunto de transformações por que passou o futebol inglês desde a criação da *Premier League* e todo o círculo virtuoso que se estabeleceu desde então.

Graças a esse professor, determinados aspectos da dinâmica torcedora contemporânea foram aclarados. A conversa levou a informações a que, de outro modo, não teria acesso, tais como a permanência da tensão em partidas que envolvem rivalidades regionais inglesas ou a atração destacada pelos torcedores mais engajados para as partidas disputadas fora de casa – chamadas de *away matches* –, atraídos pelos desafios do deslocamento, da limitação dos setores visitantes e da superação de seu adversário em seu próprio estádio.

O sociólogo John Williams colocou-se contrário à ideia de uma propalada “gentrificação” do futebol inglês ou de um “esfriamento” da atmosfera dos estádios.

Embora admita mudanças no perfil do público frequentador, enfatiza que, salvo exceções, ainda se trata de um universo potencialmente caloroso, a envolver mais torcedores que espectadores.

Sem embargo, não deixa de salientar que há de fato uma certa desmobilização e frieza em determinados jogos das competições futebolísticas inglesas, o que faz com que as torcidas de clubes do país, marcadas pela informalidade e pela menor visibilidade nos estádios, passem a admirar o chamado estilo *ultra*, de torcidas europeias, notadamente italianas e francesas, com que travam conhecimento na circulação e nos encontros proporcionados pelos torneios europeus de clubes e nações.

Por fim, o sociólogo ainda salientou modificações recentes nas políticas de policiamento adotadas pelos órgãos de inteligência da Inglaterra, em especial no monitoramento dos torcedores visitantes, com a tendência a incentivar a dispersão dos mesmos ao final da partida, em detrimento do hábito até então vigente de tratá-los em bloco, trancafiando a saída e impedindo o escoamento no fim do jogo. A mudança é uma mostra da dinâmica de observação da polícia no sentido de prover melhores táticas e, neste caso, observou-se que a diluição dos grupos de torcedores minimiza os riscos de conflitos, com o cultivo da mistura e da livre-circulação dos torcedores de clubes oponentes, salvo quando se trata de partidas tensionadas pela rivalidade vicinal, a exemplo de um Liverpool vs Manchester United ou de um Cardiff vs Swansea.

Além da abertura para receber-me e para indicar uma série de textos, Williams colocou-me em contato com um de seus orientandos, cujo trabalho de campo lida diretamente com *hooligans* na atualidade, mais precisamente na cidade de Birmingham e adjacências da região do West Midlands. Jonathan Sly havia recém-acompanhado os torcedores da Seleção inglesa na Copa do Mundo FIFA na Rússia de 2018 e compartilhou algumas informações sobre o torneio e sobre a presença dos ingleses nas partidas de seu país. Abordou o cenário da Inglaterra no conjunto da subcultura torcedora na Europa e deu destaque à emergência dos fãs de futebol do Leste europeu, cujo protagonismo é ascendente no continente nas últimas décadas.

A conversa com o doutorando revelou-se fundamental, pois aportou uma série de informações atualizadas, especialmente em função de seu acompanhamento etnográfico então em curso. Sly participa não só dos jogos, mas também do cotidiano de antigos *hooligans* e de novos torcedores em seus encontros informais. Estes não

frequentam mais os estádios, tanto em função do encarecimento quanto em virtude das ameaças de punição que sofrem, mas por sua vez continuam a reunir-se em *pubs* nos dias de partida, fora do raio de vigilância policial, e se comunicam pelas redes sociais para eventuais encontros com rivais. Suas observações compreendem o contato com estes torcedores, assim como as estratégias adotadas pela polícia para monitorar esses grupos e para impedir brigas intergrupais estabelecidas após comunicação pelas redes sociais.

Pode-se dizer que a principal contribuição nos encontros com os especialistas foi ter podido conhecer o professor Geoff Pearson, da Escola de Direito da Universidade de Manchester. Como não o conhecia anteriormente, foi graças à indicação de um professor do país que cheguei a seus artigos, a seu extraordinário livro – *An ethnography of English football fans* – e ao seu encontro pessoalmente. Após a recepção em sua sala na universidade, Geoff conduziu-me a um *pub* em Manchester, dando um tom mais informal que a conversa estabelecida com John Williams e revelando-se muito proveitosa para minhas questões de pesquisa. Pearson pode ser considerado um representante da nova geração de estudiosos britânicos no tema, embora já acumule mais de quinze anos de etnografia com torcedores, em diferentes escalas de observação. Suas investigações contemplam sejam clubes pequenos – Blackpool FC –, sejam clubes grandes – Manchester United – sejam grupos de torcedores que seguem a equipe nacional inglesa no exterior.

Baseado não só em trabalho de campo, mas também em referenciais teóricos das Ciências Sociais e do subcampo de estudos do hooliganismo, a exemplo da obra de Mikhail Bakhtin, com quem dialoga de maneira crítica e inovadora, Pearson tem formação na área de Direito. Lecionou no *Football Industry*, MBA da Universidade de Liverpool, e mesmo depois de concluído o doutorado continua a fazer incursões etnográficas e a produzir artigos instigantes na área.

Pearson traz a marca da pesquisa social aplicada e, para tanto, recebe subvenções de fundos de apoio à pesquisa. O apoio incide no acompanhamento do modo como a polícia trata os torcedores. Aporta, pois, uma contribuição inestimável do ponto de vista jurídico-penal, ao desenvolver trabalhos sobre as categorias nativas mobilizadas pelo policiamento no tratamento dispensado aos adeptos do chamado “clubismo”.

Em particular, destaca-se seu trabalho junto aos torcedores do Cardiff FC, conhecidos na Grã-Bretanha pela má reputação, relacionada a um histórico de problemas com hooliganismo, nas partidas fora de “casa”, especialmente em Bristol e em Swansea. Durante a conversa, assim como se depreende nos textos de sua autoria, o pesquisador sublinha como muitas das vezes a generalização da categoria “torcedores de risco” pre-dispõe e estimula tratamentos belicosos na recepção das torcidas visitantes.

Ao tomar parte nos jogos, Pearson descreve vários episódios que geram tensões e cujos resultados são adversos ao que era esperado, além de constituir cenas de abusos de poder e de violação dos direitos humanos. O encontro, como dito, foi bem menos formal que o ocorrido com Williams, e afigurou-se estimulante para discutir, por exemplo, o conceito de “carnavalização”, formulado por Bakhtin. O aparato conceitual serviu para pensar como aplicá-lo ao futebol, uma vez que, mais do que as brigas, a transgressão das regras, as relações jocosas, o consumo de bebida alcoólica e a inversão das formalidades hierárquicas do cotidiano são recorrentes entre a maioria dos torcedores que viajam para assistir às partidas de seu clube.

Além de sugestiva, a conversa atendeu à boa parte de minhas expectativas e de meus objetivos com o estágio. Assim como Williams, Pearson foi responsável por colocar-me em contato com representantes da Federação de Torcedores de Futebol, a FSF – *Football Supporters Federation*. Criada em 2002, em substituição à Associação de Torcedores do Futebol – FSA – *Football Supporters Association* –, a FSF tem uma estrutura federativa e congrega não apenas representantes de torcidas de clubes como também torcedores que aderem de maneira individual à entidade.

Nesse sentido, pude trocar informações com Amanda Jacks, secretária da FSF, e logrei entrar em contato com Michael Brunskill, responsável pela pasta de comunicação com a imprensa na entidade. Ambos foram muito solícitos e Brunskill, em especial, aportou inúmeras informações sobre a história, a conformação e as características dessa entidade nos últimos quinze anos. Discorreu, em particular, sobre a pauta de reivindicações, como a política de preços para os torcedores que se deslocam a fim de assistir a seus times. Defendem, por exemplo, o princípio de que o valor deve ser inferior àqueles cobrados para os espectadores da localidade, tendo em vista os gastos despendidos com o deslocamento.

Também tratou do modo de atuação da Federação e deu detalhes da forma pela qual a FSF se organiza e se renova em âmbito interno. Destarte, forneceu dados quantitativos do número total de aderentes e salientou o processo democrático de representação e de eleição dos membros da Federação.

Outro contato importante, em princípio relacionado ao universo torcedor, foi estabelecido com o jornalista Rogan Taylor, fundador da supracitada FSA: *Football Supporters Association*. Taylor, torcedor do Liverpool, foi responsável em 1985 pela criação e pela liderança desta Associação após a chamada “tragédia de Heysel”, na Bélgica, quando confrontos envolvendo seguidores do Liverpool e do Juventus levaram à morte de 40 torcedores italianos.

Apesar desse currículo junto aos movimentos de torcedores, o encontro com Rogan foi pautado por sua atuação institucional e acadêmica mais recente no futebol. Taylor é o criador do MBA *Football Industry*, da Universidade de Liverpool, criado no ano de 1997. Conquanto as duas atividades pareçam díspares entre si, Taylor pode comentar a conjuntura que se ligou a cada uma delas e, com um estilo bastante envolvente e por assim dizer apaixonado na sua maneira de narrar, relatou diversas experiências e histórias relacionadas à sua trajetória ao redor do futebol.

Outro especialista que merece destaque é o historiador suíço Thomas Busset, do Centro Internacional de Estudos do Esporte (CIES). Fui ao seu encontro na Suíça e tive uma ótima interlocução ao longo desse período. Busset é uma referência na Europa nos estudos da cultura torcedora, com destaque para a abordagem das relações políticas, à direita e à esquerda, entre os torcedores, não somente em seu país de origem como no continente europeu. Tem-se destacado pela organização de seminários internacionais sobre o assunto, que se desdobram em publicações referenciais para os estudiosos da área. A partir do contato pessoal estabelecido, parcerias já foram estabelecidas e em 2020 voltei para uma visita técnica de cinco semanas no suíço *Football Observatory* para um estudo da ciência de dados nos estudos do futebol.

Tentei ainda, como disse acima, dialogar com outros autores especializados no tema do hooliganismo e do futebol na Inglaterra, a exemplo de Richard Giulianotti (Universidade de Loughborough), de Gary Armstrong (Universidade de Londres), de Anthony King (Universidade de Warwick) e de Alan Tomlinson (Universidade de Brighton). Obtive o retorno dos mesmos, cheguei a agendar encontros individuais

com cada um deles, mas ao final, por diversas razões que não cabe aqui detalhar, acabaram por não se concretizar.

Contatei também diretores de institutos de pesquisa dedicados ao futebol, como John Ewing Hughson (Universidade Central de Lancashire), diretor do *International Football Institute* (IFI), e com Martin Polley, diretor do *International Center for Sports History and Studies*, do De Montfort University, em Leicester. Apesar dos contatos e dos retornos recebidos não foi possível, por limitações de tempo, encontrá-los nem conhecer os dois institutos.

A importância dos encontros presenciais fez com que alargasse o escopo dos nomes para a área dos estudos dos esportes em geral. Por esta razão, estive em Dublin, a fim de encontrar-me com Mike Cronin, diretor do Boston College, e com Lou Zhouxiang, professor da Universidade de Maynooth.

Como já conhecia e já lera parte da obra de Cronin, a conversa girou em torno de seu projeto institucional de História Oral dos esportes na República da Irlanda, em particular os jogos gaélicos, uma modalidade esportiva local, espécie de combinação entre rúgbi e futebol, variante sincrética bastante popular no país, com um estádio para até 80 mil espectadores. Ademais, tratamos no encontro de propostas de parceria em futuros congressos internacionais e em revistas científicas, com respectivos dossiês que trabalham na interface esporte/história oral, o que se concretizou em publicações no *The International Journal of the History of Sport*.

No tocante a Zhouxiang, o encontro foi deveras produtivo e pude com ele conhecer, dentro da área de *Chinese Studies*, o lugar dos esportes naquele país, que ganhou mais evidência desde a organização dos Jogos Olímpicos de verão em Pequim, no ano de 2008. Sendo o professor Zhouxiang um especialista na história dos esportes na China, com publicações de diversos livros pela conceituada editora Routledge, uma série de possibilidades de intercâmbios foi aventada, após a percepção de muitas afinidades nas linhas de pesquisa que cada um desenvolve.

Last but not least, gostaria de mencionar o encontro com o historiador Robert Perks, curador do programa de História Oral da *British Library*, que me recebeu em Londres e apresentou o espaço institucional daquele importante setor da Biblioteca londrina. Foi possível conhecer os estúdios de gravação, seus equipamentos – entre os mais antigos e os de última geração – e a equipe responsável pelo

desenvolvimento desse setor. Embora Perks não seja pesquisador do futebol, ao inteirar-se de minhas atividades na Inglaterra, forneceu-me uma série de sugestões de nomes e instituições a procurar.

Dessa maneira, a partir encontro com cada um dos treze especialistas supracitados, considero esta atividade um dos pontos altos da estada pós-doutoral, pois permitiu ampliar e aprofundar conhecimentos nativos sobre a pesquisa na Grã-Bretanha e sobre o universo esportivo britânico.

* * *

Recebido em: 3 ago. 2024.
Aprovado em: 20 jan. 2025.

Beleza cinética e transcendência atlética: David Foster Wallace e o tênis como experiência estética, espiritual e cultural

Knetic beauty and athletic transcendence: David Foster Wallace and tennis as an aesthetic, spiritual, and cultural experience

César Teixeira Castilho

Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte/MG, Brasil
Doutor em Sciences du Sport et du Mouvement Humain, Université Paris-Sud, França
castcesarster@gmail.com

RESUMO: Este ensaio investiga como David Foster Wallace concebe o tênis como uma experiência estética, espiritual e cultural. Partindo de ensaios como “Roger Federer as religious experience” e “The professional artistry of Michael Joyce”, o autor analisa a maneira singular com que Wallace eleva o tênis à categoria de arte, introduzindo o conceito de “beleza cinética” – uma percepção estética dos movimentos corporais atléticos como forma de transcendência sensorial. O texto também explora o aspecto espiritual do esporte, retratando atletas como figuras quase místicas e seus feitos como momentos de graça. A partir disso, Wallace propõe que o tênis pode proporcionar vislumbres do sagrado, mesmo em contextos seculares. Por fim, o ensaio enfatiza o papel do espectador como intérprete e mediador da experiência esportiva, responsável por conferir sentido às performances atléticas. Wallace, ex-jogador e escritor, torna-se ele mesmo um tradutor entre o fazer atlético e o ser reflexivo, aproximando a crônica esportiva do ensaio literário. O estudo destaca como a escrita de Wallace redefine o jornalismo esportivo e amplia o campo dos estudos culturais e literários, revelando no esporte camadas profundas de beleza, espiritualidade e sentido existencial.

PALAVRAS-CHAVE: David Foster Wallace; Tênis; Estética do esporte; Beleza cinética; Espectador; Transcendência atlética.

ABSTRACT: This essay explores how David Foster Wallace conceives tennis as an aesthetic, spiritual, and cultural experience. Drawing on essays such as “Roger Federer as religious experience” and “The professional artistry of Michael Joyce,” the study examines Wallace’s notion of “kinetic beauty” – an aesthetic appreciation of athletic movement as a form of sensory transcendence. It also analyzes the spiritual dimension of sport, portraying elite athletes as near-mystical figures whose performances evoke moments of grace. Tennis, in Wallace’s view, offers glimpses of the sacred even within secular contexts. The essay further investigates the role of the spectator as interpreter and meaning-maker, emphasizing that it is often the audience – and the essayist himself – who grants metaphysical resonance to athletic feats. Wallace, a former tennis player and literary figure, acts as a translator between the act of playing and the act of understanding, transforming sports journalism into literary essay. The article concludes that Wallace’s writing elevates tennis to a space of reflection, art, and transcendence, contributing meaningfully to the fields of literature, sports philosophy, and cultural studies.

KEYWORDS: David Foster Wallace; Tennis; Sports aesthetics; Kinetic beauty; Spectator; Athletic transcendence.

INTRODUÇÃO

David Foster Wallace (1962-2008) destacou-se como um dos autores norte-americanos mais influentes do final do século XX e início do XXI, célebre pelos romances como *Infinite Jest* e por sua não ficção inovadora. Menos conhecida é sua faceta de escritor sobre esportes, em especial o tênis – modalidade que ele praticou competitivamente na juventude¹ e sobre a qual escreveu diversos ensaios em veículos como *The New York Times*, *Esquire* e *Tennis Magazine*. Nessas crônicas, Wallace transcende a cobertura esportiva tradicional ao imbuir o tema com reflexões estéticas, filosóficas e espirituais.²

Este ensaio analisa como Wallace concebe o tênis como experiência simultaneamente estética, espiritual e cultural. Para tanto, baseia-se em seus textos originais, notadamente os ensaios “Federer, de carne e não só” (2006), “A arte profissional de Michael Joyce” (1996) e “Esporte derivativo na Terra dos Tornado” (1991), e em estudos críticos relevantes sobre o assunto.³ Defende-se que Wallace eleva o tênis ao patamar de arte, destacando a graça física e a beleza cinética dos atletas de elite, enquanto interpreta seus feitos em termos quase religiosos. O ensaio argumenta que o público e o ensaísta (ele próprio) são mediadores fundamentais que dão sentido estético e metafísico às exibições atléticas.

A estrutura do trabalho reflete essas três dimensões interligadas. Na segunda seção, discute-se o tênis como experiência estética, desvendando o conceito de “beleza cinética” desenvolvido por Wallace. A terceira seção explora a dimensão espiritual do jogo, mostrando como o autor concebe certos momentos e atletas como quase transcendentais. Na quarta seção, analisa-se o papel do espectador-intérprete: ao se deparar com a experiência esportiva, é o espectador-reflexivo que completa o sentido estético da partida. A conclusão sintetiza as

¹ WALLACE. Derivative sport in Tornado Alley.

² KING. The spirituality of sport and the role of the athlete in the tennis essays of David Foster Wallace.

³ KING. The spirituality of sport and the role of the athlete [...]; QUEIROZ. Corpo, mídia e esporte: uma leitura de Hans Ulrich Gumbrecht e David Foster Wallace. CHASE. David Foster Wallace and the aesthetics of athletics; STRONG. Those Federer moments: sports, sex, and the gender of grace.

principais ideias e destaca as implicações do olhar de Wallace para estudos de literatura e cultura esportiva.

TÊNIS COMO EXPERIÊNCIA ESTÉTICA: A BELEZA CINÉTICA EM AÇÃO

Wallace aborda o tênis nos termos da estética – isto é, da percepção do belo – algo raro na cobertura esportiva convencional. Observa, por exemplo, que “nos esportes masculinos, ninguém nunca fala em beleza ou graça”, criticando o vocabulário belicoso típico dos relatos esportivos (metáforas de guerra, batalhas, “armas” no jogo etc.).⁴ Em contrapartida, ele propõe valorizar a dimensão estética do esporte: em “Michael Joyce...” afirma que o tênis profissional de alto nível “é o esporte mais bonito que existe”, comparando-o a “uma espécie de arte”.⁵ Esse posicionamento rompe com o tabu apontado por Hans Ulrich Gumbrecht⁶ de que intelectuais raramente elogiam abertamente a beleza no esporte. Para Wallace, ignorar a beleza cinética é perder de vista a essência do fascínio que o esporte pode exercer.

Definindo a “beleza cinética”

O que Wallace denomina “beleza cinética”? Trata-se da beleza específica dos movimentos corporais executados por um esportista – frequentemente em velocidade e coordenação inacreditáveis para quem observa. Em seu ensaio sobre Federer, ele sugere que esse tipo de beleza “talvez tenha a ver com a reconciliação do ser humano com o fato de possuir um corpo”.⁷ Em outras palavras, assistir um atleta executar façanhas físicas à beira do impossível nos reconcilia com nossa própria corporalidade, despertando uma percepção aguçada de quão extraordinário é simplesmente poder mover-se e interagir com o mundo físico. Nas palavras do próprio Wallace, grandes atletas “catalisam nossa consciência de quão

⁴ WALLACE. Roger Federer as religious experience, p. 4.

⁵ WALLACE. Tennis player Michael Joyce’s professional artistry as a paradigm of certain stuff about choice, freedom, limitations, joy, grotesquerie, and human completeness, p. 21.

⁶ QUEIROZ. Corpo, mídia e esporte, p. 338.

⁷ WALLACE. Roger Federer as religious experience, p. 44.

glorioso é tocar e perceber, mover-se através do espaço, interagir com a matéria”.⁸ Essa epifania corporal, que ele equipara a raros momentos sensoriais de pico, confere ao espetáculo esportivo uma dimensão quase redentora: mesmo que o espectador mediano seja fisicamente inepto em comparação, ele experimenta, vicariamente, um vislumbre da alegria pura de ter um corpo em pleno funcionamento. Na esteira dessas proposições, Gumbrecht⁹ forneceria, anos depois, um arcabouço mais abstrato para esse mesmo efeito: no estádio (ou diante de um texto literário que descreve o estádio) nosso foco se desloca do significado para a presença – para a vibração material do acontecimento que antecede qualquer interpretação.¹⁰ Assim, a beleza cinética é o ponto em que Wallace e Gumbrecht convergem: um vê, o outro conceitua.

Vale notar que a beleza cinética definida por Wallace não se confunde com padrões usuais de beleza física ou noções estereotipadas de “atletas bonitos”. Ele enfatiza que seu encanto “nada tem a ver com sexo ou normas culturais” – é uma forma de beleza humana universal, perceptível independentemente de background ou gênero. Como observa Franklin Strong (2015),¹¹ ao comentar o ensaio de Wallace, isso eleva a ideia de que os espectadores procuram no esporte a catarse tribal, bem como uma participação na beleza que nossos corpos limitados raramente permitem sentir. Nesse sentido, a admiração estética pelo atleta em ação transcende o mero entretenimento competitivo, aproximando-se de uma experiência contemplativa e quase artística.

Técnica, descrição e lirismo na representação do jogo

Wallace não apenas afirma teoricamente a existência de beleza no tênis; ele se empenha em traduzir essa beleza em palavras. Suas descrições combinam precisão técnica e brilho retórico. Um exemplo notável é a longa passagem em que narra um ponto espetacular entre Roger Federer e Andre Agassi na final do US

⁸ WALLACE. Roger Federer as religious experience, p. 67.

⁹ GUMBRECHT. *Crowds: the stadium as a ritual of intensity*; GUMBRECHT. In: *Praise of athletic beauty*.

¹⁰ GUMBRECHT. *Crowds*.

¹¹ STRONG. Those Federer moments.

Open de 2005. Com minúcia de entomólogo e entusiasmo de fã extasiado, Wallace descreve cada troca de bola – do *slice* curto de *backhand* de Federer puxando Agassi à rede, à resposta agressiva de Agassi tentando surpreendê-lo no contrapé – culminando no improvável contragolpe: Federer, mudando de direção num milissegundo, retrocede em pequenos saltos e dispara um *forehand* paralelo cheio de *topspin*, “numa velocidade impossível”, que toca a linha milimetricamente.¹² Após esse winner inacreditável instaura-se um momento de silêncio reverente antes que a multidão exploda em aplausos. É esse instante de êxtase coletivo – quando a plateia fica boquiaberta diante da TV – que Wallace denomina de “Momento Federer”.¹³

A qualidade literária da prosa de Wallace ao retratar lances de tênis tem sido elogiada como exemplar da melhor literatura esportiva. Greg Chase (2016) destaca que Wallace possui “o discernimento técnico de um jogador e o assombro de um fã obsessivo”,¹⁴ combinação que lhe permite comunicar em prosa a experiência cinética que normalmente escapa às descrições comuns. O resultado são passagens que oscilam entre o didático e o lírico: de um lado, explicações de *topspin*, ângulos de quadra e estatísticas; de outro, metáforas ousadas e até poéticas para dar conta do efeito dessas jogadas sobre o espectador.

Uma de suas comparações mais célebres subverte a retórica bélica por meio de uma imagem sensual: “o tênis na TV está para o tênis ao vivo como um vídeo pornográfico para a sensação real do amor humano”.¹⁵ A metáfora, ao mesmo tempo provocadora e irônica, expõe a perda de dimensão e de intensidade que a mediação televisiva impõe e reforça a ideia de que a beleza cinética só se revela plenamente no encontro presencial entre atleta e plateia. Wallace chega a sugerir que Federer parece “isento de certas leis físicas”, tamanha a aura sobrenatural de seu desempenho em quadra – observação que reverbera a tese de Gumbrecht em *Crowds* (2021),¹⁶ para quem o estádio funciona como um “ritual de intensidade” que se esvazia quando a massa de corpos é substituída por

¹² WALLACE. Roger Federer as religious experience.

¹³ WALLACE. Roger Federer as religious experience, p. 43

¹⁴ CHASE. David Foster Wallace and the aesthetics of athletics, n. p.

¹⁵ WALLACE. Roger Federer as religious experience, p. 46.

¹⁶ GUMBRECHT. *Crowds*.

telas. Em ambos os autores, portanto, a minúcia técnica (*topspin*, ângulos, *footwork*) convive com um lirismo que não busca decifrar sentidos ocultos, mas reativar no leitor a vibração corporal do instante atlético.

Em suma, na obra ensaística de David Foster Wallace o tênis é elevado a objeto estético legítimo. Através do conceito de beleza cinética, o autor reivindica que as façanhas atléticas de alto nível carregam um valor intrínseco semelhante ao das artes – provocando no observador reações de admiração, prazer contemplativo e compartilhamento quase comunicativo dessa experiência do belo.¹⁷ Essa estética do esporte, porém, raramente vem isolada de outras camadas de sentido, o que conduz às fronteiras espirituais que discutiremos na próxima seção.

TRANSCENDÊNCIA E ESPIRITUALIDADE: O TÊNIS COMO EXPERIÊNCIA “QUASE RELIGIOSA”

Desde o título de seu famoso ensaio sobre Federer – “Roger Federer as religious experience” – fica claro que Wallace enxerga no ápice do esporte algo que ultrapassa o domínio do ordinário e do físico. Diversos comentaristas notam que Wallace descreve certos momentos e atletas em termos místicos, sugerindo que o esporte pode propiciar instantes de transcendência.¹⁸ Esta seção examina duas facetas interligadas dessa visão: (a) o atleta de elite concebido como figura quase transcendente, comparado a um “avatar” ou “gênio”; e (b) a ideia de que assistir a esses atletas em ação pode assemelhar-se a uma forma de comunhão espiritual para o espectador.

O atleta como “avatar” e a busca da perfeição

Wallace não hesita em dotar atletas excepcionais de status quase sobre-humano. No ensaio sobre Federer, ele sugere que o tenista suíço, então com 25 anos, encarnava uma perfeição técnica e estética nunca vista – “uma espécie de gênio, mutante ou avatar” do tênis.¹⁹ O uso do termo *avatar* – que em contextos

¹⁷ CHASE. David Foster Wallace and the aesthetics of athletics, n. p.

¹⁸ KING. The spirituality of sport and the role of the athlete [...].

¹⁹ SILVA. A beleza cinética por David Foster Wallace, n. p.

religiosos hindus designa a encarnação terrestre de uma divindade – não é acidental. Wallace descreve atletas como Federer como estando “a meio caminho entre deuses e homens”, parecendo feitos “de carne e, de alguma forma, de luz”.²⁰ Essa descrição – um corpo simultaneamente substancial e etéreo – traduz literariamente a sensação de transcendência associada a assistir tais jogadores em seu auge. Em quadra, Federer aparece-lhe quase como um ser angelical: vestido de branco imaculado em Wimbledon, parece pairar com leveza sobre a grama.

O componente espiritual na caracterização desses atletas também se revela na disciplina ascética atribuída a eles. Em “A arte profissional de Michael Joyce”,²¹ Wallace acompanha um jovem tenista profissional de nível intermediário durante um torneio, enfatizando a vida monástica que ele leva em prol do esporte: treinos exaustivos, rotina espartana, abdicação de prazeres comuns. Wallace chega a se declarar “meio espantado” com a capacidade de Joyce de “desligar certas vozes da consciência” e entregar-se completamente ao presente do jogo, sem distrações. Essa dedicação total aproxima-se de uma prática espiritual – uma espécie de meditação ativa ou devoção ao ofício. King (2018)²² observa que Wallace descreve os tenistas profissionais quase como uma casta espiritual, marcada por um ascetismo voltado ao aperfeiçoamento de sua arte atlética. Assim, na concepção wallaciana, a transcendência do atleta não reside apenas nos momentos do jogo em si, mas em todo um ethos de esforço, concentração e sacrifício que o eleva acima da experiência cotidiana das pessoas comuns.

Outro aspecto recorrente é a ideia de graça. Wallace sugere que atletas como Federer desfrutam de momentos de graça no sentido quase teológico: instantes de performance perfeita que parecem guiados por uma força além do consciente. Ele cunha a expressão “Momentos Federer” precisamente para esses lampejos de milagre esportivo – pontos “impossíveis” que deixam plateias em pasmo silencioso, uma espécie de êxtase coletivo.²³ A escolha da palavra *êxtase* não é casual: etimologicamente, denota “ficar fora de si”, um arrebatamento. Nessas

²⁰ WALLACE. Roger Federer as religious experience, p. 63.

²¹ WALLACE. Tennis player Michael Joyce's professional artistry [...], p. 50.

²² KING. The spirituality of sport and the role of the athlete [...].

²³ WALLACE. Roger Federer as religious experience.

ocasiões, o atleta age como se estivesse fora de si mesmo, canalizando habilidade sobre-humana; e os espectadores, por sua vez, são transportados de suas vidas ordinárias ao presenciarem o fato consumado.²⁴ Em linguagem religiosa, poder-se-ia falar de epifanias ou milagres. O próprio Wallace, no fechamento de seu texto sobre Federer, aproxima explicitamente aquele jogo de Wimbledon a uma experiência de graça divina: afirma que foi “uma experiência religiosa, uma espécie de graça, a visão de um outro mundo melhor”.²⁵

Esporte, secularização e o “fator sagrado”

É antigo o comentário de que o esporte assume na cultura contemporânea papel similar ao da religião – fala-se em “religião civil” do esporte, em ídolos esportivos, templos (estádios) e rituais (hinos, cerimônias). Wallace, porém, dá um passo além dessas análises sociológicas ao focalizar a vivência individual do espectador. Como aponta Kyle R. King (2018),²⁶ Wallace desafia a visão de que o esporte moderno é meramente uma versão secularizada da religião. Ao contrário, ele sugere que algo de sagrado ainda pode emergir na experiência esportiva, mesmo num contexto laico. Wallace eleva a busca da beleza cinética “ao nível do sagrado”, configurando uma alternativa ao modelo tradicional de “cristianismo muscular” associado a esportes de equipe.²⁷ Nesse novo modelo, o grande atleta se converte, em certo sentido, em símbolo sacramental, e ao público oferece uma experiência que remete à graça terrena.

O ESPECTADOR COMO INTÉRPRETE: TRADUZINDO A EXPERIÊNCIA ESPORTIVA

No universo de Wallace, o espectador – seja ele o fã anônimo nas arquibancadas ou o próprio ensaísta reflexivo – possui um papel crucial: o de intérprete da experiência esportiva. Esse entendimento origina-se de um paradoxo que Wallace

²⁴ QUEIROZ. Corpo, mídia e esporte.

²⁵ STRONG. Those Federer moments, n. p.

²⁶ KING. The spirituality of sport and the role of the athlete [...], p. 234.

²⁷ KING. The spirituality of sport and the role of the athlete [...], p. 234.

identifica: os grandes atletas, gênios do movimento, frequentemente são incapazes de articular em palavras a natureza de seu feito, focados que estão no fazer. Ele explora essa ideia de forma contundente em “How Tracy Austin Broke My Heart” (1994),²⁸ sua resenha da autobiografia da tenista Tracy Austin. Wallace expressa decepção ao constatar que a campeã, tão brilhante em quadra, produz apenas clichês vazios fora dela: “grandes atletas geralmente revelam-se atordoadamente inarticulados sobre as qualidades e experiências que constituem sua fascinação”.²⁹ Sua conclusão é que, talvez, “para os atletas de alto nível, os clichês não se apresentam como lugar-comum, mas simplesmente como verdade” – isto é, para eles, dizer “jogar um ponto de cada vez” ou “dar 100%” não é frase feita, mas sabedoria prática.³⁰

Se o atleta vive no fazer e não no refletir, isso abre espaço para a figura do espectador-intérprete. O próprio Wallace, ex-tenista mediano, porém intelectual prolífico, encarna esse papel. Ele afirma que “pode muito bem ser que nós, espectadores, que não fomos dotados divinamente como atletas, sejamos os únicos verdadeiramente capazes de ver, articular e animar a experiência do dom que nos é negado”.³¹ Essa citação sintetiza a ideia de que há uma compensação irônica em jogo: por não termos o “dom” atlético, ganhamos a perspectiva necessária para apreciá-lo em toda sua plenitude.³² O tenista genial vive o momento plenamente, mas talvez sem consciência de sua singularidade; já o espectador, consciente da própria falta daquele talento, pode contemplá-lo com admiração e extrair dele significados.

Wallace como “tradutor” entre o fazer e o ser

James Chesbro (2018) qualificou Wallace como um “tradutor talentoso entre o fazer e o ser”.³³ Essa expressão ilumina o duplo domínio que Wallace habitava:

²⁸ WALLACE. *Consider the lobster and other essays*.

²⁹ WALLACE. *Consider the lobster and other essays*, p. 462.

³⁰ WALLACE. *Consider the lobster and other essays*, p. 462.

³¹ WALLACE. Tennis player Michael Joyce’s professional artistry [...], p. 191.

³² KING. The spirituality of sport and the role of the athlete [...]; WALLACE. Tennis player Michael Joyce’s professional artistry [...].

³³ CHESBRO. Beauty, love, and reconciliation for the gift we are denied: David Foster Wallace

ele tinha a vivência prática do esporte (o *fazer*, por ter competido e conhecido por dentro a técnica, a pressão, as manias dos jogadores) e a capacidade literária de análise e expressão (o *ser*, no sentido de pensar sobre o ser). Assim, Wallace funciona como uma ponte entre o mundo dos atletas – frequentemente lacônicos ou “silenciosos” fora de suas performances – e o mundo dos espectadores/leitores, ávidos por entender o que torna aquele jogo ou jogador especial. Em seus ensaios, ele assume explicitamente essa função pedagógico-interpretativa. Por exemplo, em “A arte profissional de Michael Joyce”, Wallace dedica-se a explicar ao leitor leigo por que um jogador apenas ranqueado em torno do 80º lugar do mundo (Joyce) pode, ainda assim, ser um artista e um obcecado notável, cujo nível de jogo está a anos-luz do amador – desvelando “os bastidores mentais e técnicos” do circuito profissional que o espectador comum não vê.³⁴ Já em “Federer, de carne e não só”,³⁵ Wallace muitas vezes interrompe a narração do jogo para inserir esclarecimentos históricos (como a evolução das raquetes) ou reflexões filosóficas sobre o porquê assistimos ao esporte.³⁶ Em ambos os casos, ele atua como intérprete cultural, contextualizando e conferindo sentido maior ao que, na mera transmissão esportiva, seria apenas entretenimento efêmero.

Wallace também reconhece a dimensão hermenêutica do ato de torcer e assistir. Em suas descrições do público, frequentemente destaca o investimento emocional e interpretativo dos espectadores. Por exemplo, no ensaio “Democracy and Commerce at the U.S. Open”, ele descreve como “cada segundo de ação contém em si um pagamento potencial, na forma de intensidade” para o torcedor, cujo “investimento emocional gruda-o à arquibancada ou à poltrona em frente à TV”.³⁷ Ou seja, o espectador assiste buscando significado – seja na forma de um clímax esportivo (um ponto decisivo, uma virada heróica) ou de uma espécie de catarse pessoal. Wallace valida essa busca: ele afirma que se emocionar, se extasiar ou ficar boquiaberto diante de um jogo magnífico não é frivolidade, mas

on tennis, n. p.

³⁴ WALLACE. Tennis player Michael Joyce's professional artistry [...].

³⁵ WALLACE. Roger Federer as religious experience.

³⁶ CHASE. David Foster Wallace and the aesthetics of athletics, n. p.

³⁷ QUEIROZ. Corpo, mídia e esporte, p. 345.

parte de uma necessidade humana de extrair sentido e beleza dos feitos alheios.³⁸ Ele mesmo, como narrador, não esconde suas reações – confessa ter derrubado pipoca no sofá e caído de joelhos após um Momento Federer.³⁹ Com isso, ele se coloca no mesmo plano do leitor: fãs-intérpretes que tentam compreender juntos aquele fenômeno.

Ver ao vivo, pensar após: a dualidade da recepção

Um tema implícito na figura do espectador-intérprete é a diferença entre a experiência imediata e a reflexão posterior. Wallace valoriza imensamente a experiência ao vivo do esporte – conforme já discutido, o tênis presencial é sempre superior ao televisivo no impacto sensorial. Porém, ele reconhece que, durante o momento ao vivo, o espectador está entregue à emoção, não à análise. É apenas depois, rememorando ou narrando, que se constrói a interpretação – e é aí que entra o papel do escritor. Wallace modela esse processo em “Federer, de carne e não só”: ele nos conta que durante a final de Wimbledon que assistiu teve seus “Momentos Federer” de pasmo, e somente posteriormente, escrevendo o ensaio, pôde dissecar e meditar sobre o que testemunhou.⁴⁰ Esse relato reforça a ideia de que o ensaísta deve traduzir o esplendor real do jogo em compreensão reflexiva, completando a experiência esportiva com análise e sentido.

CONCLUSÃO

David Foster Wallace transformou o tênis – e, por extensão, o esporte competitivo – em matéria literária de primeira grandeza, sem abdicar da emoção de torcedor nem da acuidade de crítico cultural. Ao longo deste ensaio, vimos como Wallace aborda o tênis em três níveis interconectados. Primeiro, na dimensão estética, celebra a “beleza cinética” do esporte, defendendo que um rali bem jogado ou um saque impecável podem ser tão belos quanto uma pincelada em tela

³⁸ STRONG. Those Federer moments, n. p.

³⁹ WALLACE. Roger Federer as religious experience.

⁴⁰ CHASE. David Foster Wallace and the aesthetics of athletics, n. p.

ou um verso bem composto. Introduziu ao léxico esportivo termos e metáforas que enfatizam a graça, a elegância e o deleite visual do tênis – recolocando conceitos como beleza e arte no centro da conversa esportiva.⁴¹ Segundo, na dimensão espiritual, Wallace interpretou os grandes momentos do tênis como algo próximo do sagrado em meio secular. Sem recorrer a misticismos vazios, ele argumentou (e ilustrou) que performances atléticas de altíssimo nível podem fornecer vislumbres de transcendência, seja na figura quase sobre-humana do atleta de elite, seja no êxtase coletivo dos espectadores boquiabertos sentindo uma espécie de “graça” terrena.⁴² Terceiro, na dimensão cultural e interpretativa, vimos que Wallace atribui ao espectador – especialmente ao espectador-reflexivo, frequentemente encarnado pelo próprio ensaísta – o papel de mediador de sentidos. Ele reconhece que, para que a beleza e a transcendência esportiva não se dissipem no ar fugaz do estádio, é preciso narrá-las, comentá-las, traduzi-las em linguagem reflexiva. Desse modo, Wallace eleva a crônica esportiva ao patamar do ensaio literário, fundindo vivência pessoal, análise técnica e digressão filosófica.

Pode-se concluir que, na obra de Wallace, o tênis serve de microcosmo para questões humanas universais. Ao dissecar a dinâmica de um jogo, ele está também explorando a relação entre corpo e mente, entre prática e teoria, entre o indivíduo e a coletividade, entre a realidade material e os anseios metafísicos. Essa capacidade de articular o esporte com a condição humana é o que torna seus ensaios sobre tênis tão relevantes para pesquisadores de diversas áreas – da literatura comparada à filosofia do esporte, da retórica à sociologia cultural. Wallace mostra que falar de esportes não precisa restringir-se a comentar jogadas ou perfis de celebridades atléticas; é possível pensar o esporte de maneira rigorosa e criativa, revelando nele camadas inesperadas de significado.

Por fim, cabe ressaltar que o legado de Wallace inaugurou uma espécie de pequena tradição de “escrita literária sobre esportes” que inspira outros autores e jornalistas a abordarem modalidades esportivas com semelhante profundidade.

⁴¹ WALLACE. Roger Federer as religious experience; CHASE. David Foster Wallace and the aesthetics of athletics, n. p.

⁴² WALLACE. Roger Federer as religious experience; KING. The spirituality of sport and the role of the athlete [...].

Seu olhar apaixonado, porém, crítico convida-nos, enquanto leitores-espectadores, a apreciar um jogo de tênis não apenas pelo placar, mas sobretudo pela experiência estética que ele proporciona, pela reflexão espiritual-existencial que pode evocar e pelos significados culturais que dele extraímos. Em um mundo saturado de entretenimento fugaz, a mensagem de Wallace talvez seja a de que podemos – e precisamos – olhar com mais atenção e alma para aquilo que nos entretém, pois ali também residem verdades e belezas sobre quem somos.

* * *

REFERÊNCIAS

- CHASE, Greg. David Foster Wallace and the aesthetics of athletics. **Guernica Magazine**, 19 maio 2016. Disponível em: <https://abrir.link/hGwSs>.
- CHESBRO, James M. Beauty, love, and reconciliation for the gift we are denied: David Foster Wallace on tennis. **Essay Daily**, 2018. Disponível em: <https://abrir.link/MyeWG>.
- GUMBRECHT, Hans Ulrich. **In praise of athletic beauty**. Cambridge: The Belknap Press of Harvard University Press, 2006.
- GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Corpo e forma**: ensaios para uma crítica não-hermenêutica. Organização de João Cezar de Castro Rocha. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.
- GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Crowds**: the stadium as a ritual of intensity. Trad.: Emily Goodling. Stanford: Stanford University Press, 2021.
- KING, Kyle R. The spirituality of sport and the role of the athlete in the tennis essays of David Foster Wallace. **Communication & Sport**, v. 6, n. 2, p. 219-38, 2018.
- QUEIROZ, Luciana Molina. Corpo, mídia e esporte: uma leitura de Hans Ulrich Gumbrecht e David Foster Wallace. **Revista Artefilosofia**, edição especial, 2020: 336-49. Disponível em: <http://www.artefilosofia.ufop.br/>. Acesso em: 10 jul. 2025.
- SILVA, José Mário. A beleza cinética por David Foster Wallace. **Expresso** (Lisboa), 17 jan. 2021. Disponível em: <https://abrir.link/bKUtl>.
- STRONG, Franklin. Those Federer moments: sports, sex, and the gender of grace. **Religion Dispatches**, 31 ago. 2015. Disponível em: <https://abrir.link/OZEpx>.
- WALLACE, David Foster. Derivative sport in Tornado Alley. **Harper's Magazine**, v. 282, n. 1691, p. 20-5, 1991.

WALLACE, David Foster. How Tracy Austin broke my heart. In: WALLACE, David Foster. **Consider the lobster and other essays**. Boston: Little, Brown and Company, 2005 [1994]. p. 141-55.

WALLACE, David Foster. Tennis player Michael Joyce's professional artistry as a paradigm of certain stuff about choice, freedom, limitations, joy, grotesquerie, and human completeness. **Esquire**, jul. 1996, p. 78-85. (Incluído em *A supposedly fun thing i'll never do again*, Boston: Little, Brown, 1997).

WALLACE, David Foster. Democracy and commerce at the U.S. Open. **Tennis Magazine**, out. 1996, p. 42-7. (Incluído em *Both flesh and not: essays*, New York: Little, Brown, 2012).

WALLACE, David Foster. Roger Federer as religious experience. **The New York Times**, 20 ago. 2006, seção Esportes. (Publicado em português como "Federer, de carne e não só" em *Ficando longe do fato de já estar meio que longe de tudo*. Trad.: Caetano W. Galindo, São Paulo: Companhia das Letras, 2012).

* * *

Recebido em: 1º ago. 2025.
Aprovado em: 18 ago. 2025.

FuLiA/UFMG - revista sobre Futebol, Linguagem, Artes e outros Esportes
Núcleo de Estudos sobre Futebol Linguagem e Artes da
Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais



Colaboração



UNIVERSIDADE DE
COIMBRA



CENTRO DE
ESTUDOS INTERDISCIPLINARES
CEIS20

fct Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia
UIDB/00460/2025